



**Maurício Jaccoud da Costa**

**O rosto do jovem universitário evangélico**

**A vivência da fé e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Teologia.

Orientador: Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2019



**Maurício Jaccoud da Costa**

**O rosto do jovem universitário evangélico**

**A vivência da fé e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Abimar Oliveira de Moraes**

Orientador e presidente da banca  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Profa. Maria Teresa de Freitas Cardoso**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Joel Portella Amado**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Aloisio Said Bacelar**

FACITE

**Prof. Rainerson Israel Estevam de Luiz**

Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Todos os direitos reservados. É proibido a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

## Maurício Jaccoud da Costa

Graduou-se em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil em 2006. Concluiu o mestrado pela Escola Superior de Teologia em 2013. Pastor e missionário entre universitários na Cru Brasil.

### Ficha Catalográfica

Costa, Maurício Jaccoud da

O rosto do jovem universitário evangélico : a vivência da fé e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo / Maurício Jaccoud da Costa ; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2019.  
266 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.  
Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Juventude. 3. Universitário. 4. Evangélico. 5. Fé. 6. Movimentos estudantis. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

## Agradecimentos

A Deus, pela salvação em Cristo Jesus e por me tratar sempre com tanta graça e amor. Agradeço pela sabedoria, saúde e condição financeira que me concedeu durante este tempo de estudos.

À minha esposa, Caroline, Carol, minha linda, por participar junto comigo de todo este processo. Obrigado pelo tanto que você abriu mão para eu chegar até aqui.

Aos meus pais que sempre me deram condições de estudar e meus irmãos que tanto me ensinaram e me ajudaram a desenvolver meu senso crítico.

À Cru Brasil pelos 16 anos de oportunidade que me concede o privilégio de atuar como missionário.

Aos meus amigos e mantenedores por acreditarem e me apoiarem durante todo este tempo.

Agradeço ao Dr. Jimmy Sudário Cabral pelas suas palavras de encorajamento e preciosas orientações.

Ao meu orientador Professor Abimar Oliveira de Moraes pela sua preciosa ajuda.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos membros da banca examinadora.

A todos os professores e funcionários da PUC-Rio pelos ensinamentos e pela sempre disposição em ajudar.

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

## Resumo

Costa, Maurício Jaccoud da; Moraes, Abimar Oliveira de. **O rosto do jovem universitário evangélico. A vivência da fé e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo**, 2018. 266p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem como objetivo investigar as especificidades do jovem universitário evangélico brasileiro, a vivência da fé por parte deste jovem, e a sua relação com a Igreja. A tese é predominantemente pastoral e neste estudo foi realizado uma pesquisa bibliográfica aliada a uma pesquisa qualitativa, através de uma pesquisa de campo, considerando que o que se pretende é interpretar a realidade vivencial do jovem universitário evangélico. O método qualitativo permite atingir o segmento identificado, o jovem universitário evangélico, e investigar em profundidade a vivência da fé deste jovem. Inicialmente busca-se conhecer o rosto do jovem universitário evangélico, identificando suas principais características, suas potencialidades e deficiências, sua religiosidade, seus gostos, sua estrutura familiar e suas relações na sociedade. No segundo capítulo busca-se observar a vivência da fé do jovem universitário evangélico. No terceiro capítulo é enfocado a relação do jovem universitário evangélico com a Igreja no serviço ao mundo. Por último, o objetivo é apontar caminhos para as igrejas locais e movimentos estudantis, pastores e missionários, líderes de juventude e adultos, e a todos que desejam atuar junto aos universitários evangélicos para que estes possam vivenciar sua fé de maneira sadia e relevante na sociedade.

## Palavras-chaves

Juventude; Universitário; Evangélico; Fé; Movimentos Estudantis; Igreja.

## Abstract

Costa, Maurício Jaccoud da; Moraes, Abimar Oliveira de. **The face of the young evangelical university student. The experience of faith and its relationship with the Church in the service for the world.** 2018. 266p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work aims to investigate the specificities of the Brazilian young evangelical university student, his experience of faith, and relationship with the Church. The thesis is predominantly pastoral, and in this study it was made bibliographical research carried out together with a qualitative one, through research in the field, considering that what is intended is to interpret the experiential reality of the young evangelical university student. The qualitative method allows us to reach the identified segment, the young evangelical university student, and to investigate in depth the experience of this young man's faith. Initially, it seeks to know the face of the young evangelical university student, identifying his main characteristics, potentialities and deficiencies, his religiosity, tastes, family structure and his relations in society. The second chapter seeks to observe the experience of the faith of the evangelical university student. The third chapter focuses on the relationship of the young evangelical university with the Church in the service of the world. Finally, the goal is to point out ways for local churches and student movements, pastors and missionaries, youth leaders and adults, and all those who wish to work with evangelical university students, so that they can live their faith healthily and relevantly in society.

## Keywords

Youth; University; Evangelical; Faith; Student Movements; Church.

## Sumário

Introdução .....	11
2. Desvendando o rosto do jovem universitário evangélico.....	17
2.1. Pesquisa de campo .....	18
2.2. Juventude, modernidade, religião e secularização .....	23
2.3. O conceito de juventude na cultura ocidental.....	25
2.4. Jovens no Brasil .....	27
2.5. Juventude universitária brasileira: uma visão abrangente .....	29
2.6. O jovem de acordo com o próprio jovem.....	32
2.7. O jovem e a política .....	33
2.8. A importância e a participação da família.....	35
2.9. O jovem e a importância da amizade .....	39
2.10. O jovem e a participação em grupos sociais.....	48
2.11. O privilégio de ser um jovem universitário evangélico no Brasil .....	48
2.12. A religiosidade do jovem universitário evangélico.....	50
Conclusão .....	52
3. A vivência da fé do jovem universitário evangélico.....	53
3.1. Escolha do curso .....	53
3.2. Trânsito religioso .....	56
3.3. Medo de entrar na universidade por causa da fé?.....	63
3.4. A importância da amizade para o jovem universitário evangélico .....	65
3.5. A importância da espiritualidade para a vivência da fé do jovem universitário evangélico .....	65
3.6. Quem é Jesus para o jovem universitário evangélico?.....	68
3.7. Drogas, aborto e sexualidade.....	71
3.8. Casa universitária: um espaço físico para a vivência da fé do universitário evangélico.....	75
3.8.1. Aconselhamento pastoral <i>in loco</i> aos universitários .....	77
3.8.2. Estudos bíblicos .....	77
3.8.3. Reuniões de orações .....	78
3.8.4. Pequenos grupos de discipulado .....	80
3.8.5. Treinamento de evangelismo .....	81
3.8.6. Espaço de lazer .....	82

3.8.7. Apoio para conseguir uma boa moradia.....	82
3.8.8. Apoio psicológico .....	83
3.8.9. Assistência social .....	84
Conclusão .....	84
4. A relação do jovem universitário evangélico com a Igreja .....	87
4.1. A corresponsabilidade dos pastores/líderes e do jovem universitário evangélico.....	92
4.2. Conflitos de geração.....	103
4.3. Forte sentido de missão .....	107
4.4. Os movimentos estudantis cristãos .....	110
4.5. A importância das parcerias .....	116
Conclusão .....	119
5. Reflexões teológico-práticas .....	121
5.1. O uso das estratégias digitais para a vivência da fé do jovem universitário evangélico e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo.....	121
5.1.1. As redes sociais e as relações entre os universitários evangélicos pelo Brasil e mundo .....	122
5.1.2 A prática da hospitalidade .....	123
5.1.3. Sites: um lugar para explorar quem Deus é .....	124
5.1.4. Aplicativos .....	125
5.2. A importância da celebração semanal.....	126
5.2.1. A importância de se expressar através dos louvores.....	128
5.2.2. O abraço e a importância dos relacionamentos entre os irmãos da mesma comunidade de fé .....	129
5.2.3. A importância de ouvir a Palavra de Deus .....	130
5.2.4. A importância da oração pública .....	132
5.3. Realidade que não se pode ignorar - suicídio .....	137
5.4. As disciplinas espirituais e o universitário evangélico .....	143
5.4.1. Meditação .....	146
5.4.2. Jejum .....	147
5.4.3. Oração intercessória .....	148
5.4.4. Estudo .....	149
5.4.5. Simplicidade .....	150
5.4.6. Solitude.....	152
5.4.7. Submissão.....	153
5.4.8. Confissão .....	154



5.5 Vocação .....	156
Conclusão .....	157
6. Conclusão geral.....	159
7. Referências bibliográficas .....	165
8. Anexo .....	171

*E Ele morreu por todos para aqueles que vivem  
já não vivam mais para si mesmos, mas para  
aquele que por eles morreu e ressuscitou.  
II Coríntios 5.15*

# 1 Introdução

O caminho percorrido por esta tese começou antes de ser aceito como aluno do programa de pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. O interesse pela temática desta tese surge pelo fato de atuar de tempo integral há 16 anos junto aos universitários, especialmente com os evangélicos. Desde dezembro de 2002 tenho atuado como missionário na Cru Campus, um Movimento Estudantil cristão que faz parte de uma organização internacional e interdenominacional de origem evangélica<sup>1</sup>. Sendo que em junho de 2008 também fui ordenado ao ministério pastoral para dar continuidade a este trabalho junto aos universitários evangélicos.

Em 2003, tive a experiência de passar um ano em Porto Alegre – RS, atuando na PUC-RS, em parceria com a pastoral universitária. Através de projetos realizados pelo Movimento da Cru Campus pude estar em inúmeras universidades no Brasil e no mundo, especialmente nos países de língua portuguesa da África, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau, o que muito tem contribuído nesta pesquisa. Atualmente minha prática pastoral e missionária tem se realizado na cidade de Maringá – PR.

A Cru Campus atua entre universitários ajudando-os na vivência e transmissão de sua fé, sem caráter proselitista, mas sim com o propósito de que esses universitários sejam protagonistas na Igreja, na sociedade e no mundo. Desde sempre foram os jovens os grandes responsáveis por importantes mudanças em nossa sociedade e o jovem universitário tem legitimado pela sociedade um período de pelo menos 4 anos para preparação ou formação, podendo e devendo assim desempenhar um importante papel na Igreja, na sociedade e no mundo.

Por estar inserido há tantos anos entre os jovens universitários desenvolvi a paixão por esta parcela da juventude desejando ardentemente que estes jovens andem na verdade. Parafraseando o apóstolo João, não tenho alegria maior do que ver que os universitários estão andando na verdade (3 João 4). Com isso, ingressei no mestrado na Escola Superior de Teologia, na linha de pesquisa Ética e Gestão, e

---

<sup>1</sup> Cf. <http://cru.org.br>. A Cru Campus é um dos ministérios da Cru Brasil. A Cru nasceu em 1951, através da liderança de Bill Bright que entendendo que nas universidades estão os futuros líderes das nações e que estes podem causar um grande impacto para a transformação da sociedade, começou a evangelizar estudantes da Universidade da Califórnia – EUA. Este ministério cresceu ao longo dos anos e hoje a Cru está presente em mais de 170 países, atuando não somente nas universidades, mas também em várias outras esferas da sociedade.

desenvolvi a dissertação, “A participação do universitário evangélico na *missio Dei*. A propagação do evangelho para a transformação da sociedade”<sup>2</sup>.

Após o término do mestrado, residindo em Belém do Pará, além de continuar atuando como missionário entre universitários, atuei também como professor na Faculdade Teológica Batista Equatorial<sup>3</sup>, onde percebi que precisava me aprofundar mais neste assunto, tendo assim que dar continuidade aos estudos. Por isso, deixei a cidade de Belém e retornei ao Rio para o doutorado em Teologia na PUC-Rio, desejando desta forma contribuir para um maior conhecimento desta que é uma das muitas juventudes existentes em nosso país.

Esta tese tem como objetivo proporcionar uma reflexão sobre a vivência da fé destes universitários evangélicos e trazer à luz o rosto desta juventude. O universitário evangélico brasileiro com toda formação que vem recebendo através de seus cursos pode e deve vir a desempenhar um importante papel na sociedade, levando a Igreja a cumprir seu papel no mundo.

Entretanto, o jovem universitário evangélico brasileiro, em relação a sua igreja, tende a rebelar-se contra a estrutura e seus líderes, afastando-se do convívio eclesiástico. Com sua formação o universitário evangélico torna-se mais preparado para criticar os desvios e os abusos da fé por parte de alguns líderes eclesiásticos. Estes líderes criticados algumas vezes para livrarem-se do problema permitem que estes saiam, até mesmo para não contaminar outros. Perde-se o papel profético dentro das igrejas. Com isso, o pecado se enraíza.

Estes líderes preferem jovens que não questionam, que se acomodam, que sejam dependentes deles. Mas, deve haver por parte dos líderes eclesiásticos uma maior valorização do universitário evangélico brasileiro devido a potencialidade que este tem para atuar na missão de Deus. Os pastores precisam promover a responsabilidade do universitário evangélico brasileiro na Igreja. E os movimentos estudantis cristãos podem servir de grande ajuda para a vivência da fé deste universitário atuando em parcerias com as igrejas locais.

Os dados disponíveis mostram o crescimento da população jovem brasileira, o crescimento da população universitária e o grande crescimento dos evangélicos,

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/391/costa\\_mj\\_tmp298.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/391/costa_mj_tmp298.pdf?sequence=1&isAllowed=y) . Acesso em 06 dez 2018.

<sup>3</sup> A FATEBE é mantida pelo Seminário Teológico Batista Equatorial que, por sua vez, é uma tradicional instituição de ensino que tem desenvolvido atividades de formação teológica há 60 anos na cidade de Belém do Pará. <http://www.fatebe.edu.br/>

os quais têm uma penetração maior entre os jovens da população. Percebe-se que há hoje uma grande quantidade destes nas universidades brasileiras chegando até mesmo, como registrado na pesquisa entre universitários na PUC-SP, a uma proporção maior do que o encontrado na população brasileira<sup>4</sup>.

No entanto, esta parcela da juventude ainda tem recebido pouca atenção e poucas pesquisas têm sido feitas com este público, principalmente na área teológica, levando as igrejas e as pessoas que trabalham com esses jovens a enfrentarem dificuldades em entender e atuar de maneira mais significativa com esse público em uma fase crucial para suas vidas.

Desta forma a tese tem um caráter inédito e a intenção é que este trabalho ajude no conhecimento, entendimento, diálogo e aceitação desta juventude, tornando-a relevante para o próprio universitário e para todos aqueles que desejam ver e ajudar os universitários evangélicos a vivenciarem sua fé de maneira sadia durante este período tão importante de suas vidas.

O universitário evangélico brasileiro com seu serviço pode ser a força e a esperança da Igreja evangélica brasileira em seu papel transformador da sociedade. Este conhecimento adquirido pode e deve ser muito útil no serviço da Igreja no mundo.

A tese assume uma ótica predominantemente pastoral. Quanto à metodologia utilizada na tese, seguimos o procedimento da pesquisa bibliográfica aliada a uma pesquisa de campo. Através da aproximação e observação deste grupo de estudantes evangélicos da Universidade Estadual de Maringá (UEM) foram realizadas individualmente entrevistas com cerca de uma hora de duração com perguntas abertas e respondidas de maneira voluntária por estes universitários evangélicos. Através desta pesquisa qualitativa o objetivo foi interpretar a realidade vivencial do jovem universitário evangélico. O método qualitativo permitiu-nos atingir o segmento identificado, o jovem universitário evangélico, e investigar em maior profundidade a vivência da fé deste jovem.

A tese está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo busca-se apresentar o objeto material da tese: o jovem universitário evangélico. O objetivo é desvendar o rosto deste jovem universitário evangélico. Para tanto, apresenta-se o conceito de juventude, mostrando que há elementos comuns a todos os jovens,

---

<sup>4</sup> RIBEIRO, C., *Religiosidade jovem*, p. 126.

apesar de haverem diferentes tipos de juventudes e também em que tipo de sociedade estes jovens estão inseridos.

A questão da juventude ganhou força no Brasil a partir dos anos 2000 quando o número de jovens teve um grande crescimento, atingindo um quarto da população brasileira, sendo este fenômeno categorizado como uma “Onda Jovem”. Nesta parte do trabalho é apresentado como se deu a pesquisa de campo junto aos universitários evangélicos da Universidade Estadual de Maringá, com sua metodologia e os critérios utilizados. Outras importantes pesquisas são apresentadas para mostrar o retrato desta juventude brasileira, como, por exemplo, a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”.

O olhar do jovem a partir do próprio jovem, a importância da família, da amizade, a participação política e em grupos sociais, e o privilégio de ser um universitário são temas abordados. Também é apresentada a questão da religiosidade do jovem universitário brasileiro. A partir do conhecimento dos elementos comuns a esta juventude brasileira e o olhar sobre estas realidades juvenis começa-se a desvendar o rosto do jovem universitário evangélico.

No segundo capítulo iniciamos a apresentação do objeto formal da tese, isto é, o enfoque pelo qual se estuda o jovem universitário evangélico. No caso, pensa-se a respeito da vivência da fé, sendo analisadas as respostas dos entrevistados através de uma pesquisa qualitativa. A relação entre a vivência da fé e a escolha do curso é apresentada. Percebe-se que não há medo dos universitários de ingressarem em uma faculdade, por causa da fé. O mesmo não acontece por parte de seus familiares e adultos próximos.

É reforçado nesta parte do trabalho a questão da amizade para esta juventude e a importância da espiritualidade para a vivência da fé do jovem universitário evangélico. Também se verifica o pouco conhecimento Cristológico destes universitários, o que dificulta sua vivência da fé. Neste ponto se propõe a criação de uma casa universitária como um espaço de ajuda a este jovem na vivência de sua fé, enquanto se está na universidade.

No terceiro capítulo continua-se observando o objeto formal da tese, mas agora com o enfoque da relação entre o jovem universitário evangélico e a Igreja no serviço ao mundo. Afirma-se que há uma corresponsabilidade entre os pastores/líderes com a juventude universitária evangélica e mostra os conflitos no relacionamento dos universitários com seus pastores, muitas vezes devido

simplesmente ao conflito de gerações. Também se observa que há um forte sentido de missão por parte deste jovem e em seguida vê-se a importância dos movimentos estudantis cristãos e das igrejas fazerem parcerias entre si e também com estes movimentos para ajudar o jovem universitário evangélico em sua vivência da fé.

No quarto e último capítulo são propostas algumas reflexões teológico-práticas com o objetivo de apontar caminhos para todos aqueles que atuam junto aos universitários evangélicos desejando vê-los vivenciarem a fé de maneira sadia, se relacionando bem com a Igreja no serviço ao mundo. Com uma juventude altamente tecnológica, é necessário pensar o uso das estratégias digitais. Considerando também a tendência desta juventude de não assumir compromissos vinculantes e ser a mesma tão desacreditada nas instituições, esta parte do trabalho mostra a importância e os benefícios da participação nas celebrações semanais nas comunidades de fé. Em seguida chama a atenção para uma realidade que não pode ser ignorada, o suicídio, e termina mostrando a importância da prática das disciplinas espirituais para a vivência da fé do jovem universitário evangélico em sua relação com a Igreja no serviço ao mundo.

Entendendo que este tema é atual, urgente e relevante, a expectativa é de que o resultado da pesquisa aqui apresentado contribua para o aprofundamento do conhecimento desta parcela da juventude, trazendo contribuições para todos aqueles que desejam caminhar ao lado destes jovens que tanto podem contribuir para a Igreja, para a sociedade e para o mundo.





## 2

### **Desvendando o rosto do jovem universitário evangélico**

Neste estudo busca-se investigar as especificidades do jovem universitário evangélico brasileiro, a vivência da fé por parte deste jovem, e a sua relação com a Igreja. Compreendendo este jovem universitário, poderá se buscar alternativas que o ajudem na vivência de sua fé e também em sua relação com a Igreja. Uma pastoral específica ao jovem universitário evangélico brasileiro trará importantes contribuições a este jovem, a Igreja e ao mundo.

Neste primeiro capítulo procura-se apresentar um perfil do jovem universitário evangélico brasileiro. O objetivo é investigar os hábitos deste jovem, identificando suas principais características, suas potencialidades e deficiências, sua religiosidade, seus gostos, sua estrutura familiar, suas relações na sociedade. Com o aumento do número de jovens e de evangélicos na sociedade brasileira, vem crescendo também o número de jovens universitários evangélicos, principalmente dos pentecostais, sendo estes muitas vezes os primeiros de sua família de origem a ingressarem em uma universidade. Esta é uma das juventudes, dentre muitas, que existe no Brasil e, como tal, precisa ser entendida e estudada para que as Igrejas e suas lideranças saibam lidar com esta importante parcela da sociedade.

Para esboçar este perfil do jovem universitário evangélico, buscou-se compreender as características desta atual geração utilizando importantes pesquisas sobre a juventude brasileira e realizando uma pesquisa de campo com um grupo de estudantes da Universidade Estadual de Maringá. Existe muito pouca informação e pesquisas que abordam a juventude universitária, especialmente a evangélica, mas a análise das pesquisas disponíveis sobre a juventude brasileira e universitária nos ajuda nesta compreensão e parece apontar para o seguinte: não há dúvidas de que o jovem universitário esteja sendo envolvido por essa cultura religiosa, apesar de todo o seu preparo intelectual e da diversidade de alternativas que se lhe apresentam.

O jovem universitário evangélico possui um grande potencial para causar grandes e profundas transformações em nossa sociedade. Espera-se que este estudo, ao traçar um perfil da juventude universitária evangélica brasileira, ajude a compreender este jovem com suas potencialidades e deficiências, pois busca-se um protagonismo deste na sociedade brasileira com uma atitude de serviço e diálogo, sem imposição de sua fé.

A pesquisa assume a óptica da pastoral. O objetivo é perceber aspectos fundamentais da juventude universitária evangélica em sua vivência da fé e sua relação com a Igreja e seus líderes. Esta pesquisa busca contribuir para o conhecimento do jovem universitário evangélico na atualidade e também busca levantar questões relevantes para a compreensão deste segmento social.

## 2.1 Pesquisa de campo

Conforme foi dito, o estudo foi feito a partir de uma pesquisa de campo com universitários evangélicos da Universidade Estadual de Maringá (UEM), localizada na cidade de Maringá – PR. Maringá é uma cidade relativamente nova, fundada em 1947, tem apenas 71 anos de existência. A cidade foi fundada pela Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná. O objetivo era estabelecer cidades nesta região para produção de café. Como foi fundada por esta Companhia, a cidade obedecia a um projeto ordenado. A cada cem quilômetros foram criadas cidades para serem núcleos regionais (Maringá, Londrina, Cianorte e Umuarama). Entre essas cidades foram fundadas, a cada quinze quilômetros, pequenas cidades para servir como um centro intermediário de abastecimento.

Os pioneiros desta cidade foram chegando de vários lugares do país, mas especialmente de São Paulo e Minas Gerais, em busca de novas terras para o plantio do café. Dentre esses pioneiros havia os protestantes que vinham trabalhar na agricultura ou no comércio e também implantavam sua fé. Desde o início da cidade havia membros das Igrejas Batistas, Igrejas Presbiteriana Independente, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Metodista, Presbiteriana do Brasil, Igreja Luterana, ou seja, vários ramos do protestantismo já estavam presentes no início da cidade de Maringá<sup>5</sup>.

Atualmente com pouco mais de 400 mil habitantes, a cidade de Maringá foi eleita a primeira na lista das melhores grandes cidades do Brasil, segundo estudo da

---

<sup>5</sup> Cf. CAETANO, L. **Semeando café e disseminando a fé**. Maringá: Caiuás, 2014. Loide Caetano é uma historiada formada pela Universidade Estadual de Maringá, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e atualmente é diretora do Museu Histórico Unicesumar. Em seu livro ela escreve sobre a origem das Igrejas Presbiterianas Independentes na cidade de Maringá e mostra com riquezas de detalhes como os evangélicos estavam entre os pioneiros que fundaram a cidade e como ao semearem o café estes também disseminaram a fé.

consultoria Macroplan<sup>6</sup>. A população evangélica compreende cerca de 27,9%, segundo dados do IBGE, maior que a média nacional de 22,2%. Ao longo dos anos, Maringá tornou-se um grande polo universitário, atraindo grande número de estudantes. Maringá tem mais de 45 mil universitários estudando em universidade pública ou privada. A UEM possui cerca de quinze mil alunos e está em vigésimo quarto no ranking de universidades da Folha (RUF)<sup>7</sup>. O RUF é uma avaliação anual do ensino superior do Brasil feita pela *Folha* desde 2012.

Neste estudo foi realizado uma pesquisa qualitativa, considerando que o que se pretende é interpretar a realidade vivencial do jovem universitário evangélico. O método qualitativo permite atingir o segmento identificado, o jovem universitário evangélico, e investigar em profundidade a vivência da fé deste jovem. Gaskell afirma que a entrevista qualitativa tem como objetivo “a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos específicos”<sup>8</sup>. Justifica-se essa escolha não segundo critérios estatísticos, mas sim segundo critérios qualitativos, de observação e aproximação com o grupo. No método utilizado foram realizadas entrevistas com cerca de uma hora de duração com perguntas abertas e respondidas de maneira voluntária pelos universitários evangélicos.

Os entrevistados foram avisados de que a entrevista seria gravada com o auxílio de um celular e houve o cuidado no início de estabelecer um bom *rapport*, isto é, por o entrevistado à vontade para que ele pudesse falar livremente sobre os seus pontos de vistas. É importante estabelecer um clima de confiança, onde o entrevistado possa expressar com liberdade o que pensa e sente e que o pesquisador possa entender seu ponto de vista. Boas perguntas são importantes nesta pesquisa e incluem perguntas que sejam abertas, neutras, sensíveis e claras para o jovem entrevistado. Para a análise dos dados e sua interpretação utilizamos a técnica de interpretação do conteúdo. A análise dos dados corresponde à interpretação dos eventos investigados na pesquisa. Na análise do conteúdo é possível compreender

<sup>6</sup> BRETAS, V. As melhores e piores 100 cidades do Brasil. **Exame.com**, 16 mar. 2017. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/o-ranking-do-servico-publico-nas-100-maiores-cidades-do-brasil/>. Acesso em: 27 abr. 2017.

<sup>7</sup> **Ranking Universitário Folha**. Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2016/perfil/universidade-estadual-de-maringa-uem-57.shtml> . Acesso em: 27 abr. 2017.

<sup>8</sup> GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som, p. 65.

melhor um discurso, aprofundar suas características e extrair os momentos mais importantes. De acordo com Bardin, é possível conhecer aquilo que está por trás das palavras pela análise do conteúdo<sup>9</sup>.

Os critérios escolhidos para selecionar os entrevistados foram: 1) universitários da faixa etária dos 18 aos 25 anos, faixa esta que compreende a maior parte dos universitários no Brasil e também a fase da juventude. Por exemplo, na pesquisa sobre o perfil da juventude na PUC-Rio os jovens pesquisados estavam majoritariamente na classe de idade entre 18 e 25 anos, esta classe englobava 91% dos alunos<sup>10</sup>. 2) alunos de diversos cursos e diferentes áreas de conhecimento com o objetivo de entender se os problemas apresentados eram comuns a todas as áreas de conhecimento ou se era particular de uma área. 3) alunos tanto no início da faculdade quanto do final de seus cursos de graduação. Na pesquisa para traçar o perfil do universitário da PUC-Rio observou-se que os alunos que possuíam apenas um semestre de vida universitário tinham valores, percepções e opiniões muito diferentes dos veteranos, “A maior parte de informantes é recém-chegada ao ambiente universitário, fato que suaviza contaminações entre veteranos e calouros no que tange a valores, percepções e opiniões nas respostas aqui analisadas, sobretudo se considerarmos que, no período da coleta de dados, esse percentual de alunos possuía apenas um semestre de vida universitária”<sup>11</sup>. 4) alunos que se declaram como evangélicos, independentemente de seu envolvimento eclesial, sendo praticantes ou não de sua fé religiosa. Assim como já acontecia com a religião católica, o IBGE tem categorizado também os evangélicos não praticantes. 5) alunos do turno da manhã ou de período integral. Em relação aos jovens que estudam à noite, Pe. Enzo diz, “Nas poucas, apressadas e cansadas horas do período noturno. O estudante não tem folga nem disposição psicológica para apreciar e fruir o contato e o convívio com os colegas. A Universidade se lhe tornou o último esforço de um dia pesado”. Portanto, os jovens pesquisados foram todos de cursos diurnos ou de período integral.

Em pesquisas qualitativas não se deve definir *a priori* o número de sujeitos a serem entrevistados. De acordo com Turato, “somente [...] estando ao final da coleta de dados, é que o pesquisador poderá saber quantos acabaram por serem

<sup>9</sup> BARDIN, L., Análise de conteúdo, p. 41-44.

<sup>10</sup> PEDROSA-PÁDUA, L.; MELLO, Z. (org.), Juventude, religião e ética, p.18.

<sup>11</sup> PEDROSA-PÁDUA, L.; MELLO, Z. (org.), Juventude, religião e ética, p.20.

incluídos”<sup>12</sup>. O número de entrevistados poderá ir aumentando enquanto continuarem aparecendo novos elementos. Buscando que a coleta de dados estivesse conforme os objetivos do estudo e restrita a um número manejável e possível dentro das condições de tempo disponível foi estipulado um número mínimo de 8 pessoas e um número máximo de 12 pessoas. No final foram entrevistados nove universitários evangélicos da UEM: 8 mulheres e 1 homem, sendo todos evangélicos praticantes.

A coleta de dados foi feita através de entrevista individual semiestruturada. A entrevista é uma técnica de interação que possibilita uma estreita relação entre duas pessoas<sup>13</sup>. Para a coleta de dados, os elementos principais do roteiro que foram pesquisados através das entrevistas semiestruturadas estão delineados conforme um tópico guia, que possibilita cobrir os temas e os problemas centrais. Visto que o objetivo desta pesquisa é observar a vivência da fé do universitário evangélico e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo, na juventude universitária dos 18 aos 25 anos da UEM, foram estudados os elementos principais do roteiro: 1) como tem sido a vivência da fé deste jovem, enquanto universitário. 2) pessoas e/ou grupos que foram mais significativos para ajudá-lo nesta vivência. 3) crenças, vivências ou práticas que o ajudam nesta vivência da fé, enquanto universitário. 4) elementos que atrapalham este jovem na vivência de sua fé.

Entrevista individual semiestruturada.

Tópico guia buscando cobrir os temas e os problemas centrais.

- Nome, idade, estado civil, curso, período, igreja.
- a. Vivência da fé
  - É original de Maringá ou veio de outra cidade para estudar?
  - Quais foram as razões que o levaram a escolher seu curso?
  - Por que escolheu a UEM?
  - Como e quando você se tornou um cristão?
  - Além de estudar, você também trabalha? (Esta pergunta é importante, porque se a pessoa trabalha, além de estudar, ela gasta menos tempo na universidade).

<sup>12</sup> TURATO, E. R., Tratado de metodologia da pesquisa clínica-qualitativa, p. 359-361.

<sup>13</sup> Bauer, M. W.; GASKELL, G., Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som, p. 65.

- Quanto tempo você passa em média na UEM?
  - Quem é Jesus?
  - Participa de algum grupo religioso na universidade?
  - Viveu ou está vivendo algum conflito na fé neste período?
  - Existia algum medo de entrar na universidade, por causa de sua fé?
- b. Relação com a igreja
- Como é seu vínculo com a igreja local?
  - Em sua igreja local há algum trabalho específico de preparação do jovem universitário para o ingresso ou vivência deste na universidade?
  - Como você descreve sua relação com o pastor de sua igreja?
  - Você frequenta culto de outras igrejas?
- c. Outras questões
- O que você pensa sobre drogas, sexo, homossexualidade e aborto.

É importante ressaltar como afirma ROCCA que,

A pesquisa realizada, por ser de tipo qualitativo, não tem a intenção de universalizar os resultados alcançados; apenas possibilitar analogias com os indivíduos que pertencem ao mesmo universo cultural, possibilitando uma reflexão que ilumine a prática pastoral com a juventude<sup>14</sup>.

E como diz Libânio,

Toda análise supõe um olhar. Varia conforme essa mirada. Se os jovens descrevessem as próprias tendências, diriam coisas bem diferentes daquelas que o olhar adulto percebe. Por isso, é muito proveitoso discutir com eles essas mesmas tendências e ouvir o que eles dizem a respeito delas. A circularidade dos olhares enriquece. Interessa captar os pontos da análise feita com os quais eles se identificam, dos quais divergem ou os quais analisam valorativamente de modo diferente<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> ROCCA, S. M., Resiliência, espiritualidade e juventude, p. 143.

<sup>15</sup> LIBÂNIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p. 6.

Após a pesquisa bibliográfica, foi constatado que a juventude universitária evangélica é uma temática nova dentro da Teologia Prática ou Sistemático-Pastoral. Em relação à juventude brasileira há um farto material que foi desenvolvido, principalmente, nos últimos 13 anos, após a criação do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE).

Na área da Pastoral Católica há vários escritos. Destaca-se, principalmente, na atualidade, os estudos e escritos que o padre João Batista Libânio deixou. Mas, em relação à realidade da juventude universitária evangélica, muito pouco é possível encontrar. Contudo, o número de evangélicos, o número de universitários e a população jovem no Brasil vêm crescendo paralelamente ao longo dos anos e a tendência é termos cada vez mais jovens universitários evangélicos adentrando nas faculdades. Portanto, faz-se necessário mais estudos sobre esta que é uma das muitas juventudes existentes em nosso país.

Espera-se que esta pesquisa qualitativa, através das entrevistas com universitários evangélicos, e suas análises de conteúdo, ajude a despertar o interesse por esta temática, traga luz sobre a realidade vivenciada pelos universitários evangélicos, e ajude demais pesquisadores a conhecerem mais desta juventude, estimulando a produção de mais estudos, podendo haver assim mais conhecimento desta juventude, principalmente para se proporem novas metodologias e atuações pastorais dentre esta importante parcela da juventude brasileira.

## 2.2

### **Juventude, modernidade, religião e secularização**

Os desafios que a Igreja enfrenta hoje são diferentes dos desafios da primeira modernidade. Vivemos hoje no que Charles Taylor chamou de uma era secular<sup>16</sup>. A igreja não é mais o ponto de referência da comunidade e a religião não está mais no centro do cotidiano das pessoas. A religião é considerada um assunto privado.

A secularização atinge em cheio a juventude brasileira, e, especialmente nas universidades, o fenômeno da secularização parece estar mais evidente e é onde mais influência tem sobre esta geração. A universidade reflete de maneira mais aguda aquilo que se passa em nossa sociedade. De acordo com o teólogo Walter

---

<sup>16</sup> Cf. TAYLOR, C. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

Kasper, “o secularismo quer privatizar, marginalizar e, em última análise, eliminar tudo o que é religioso”<sup>17</sup>. Para Danièle Hervieu-Léger:

O que é especificamente “moderno” não é o fato de os homens ora se aterem ora abandonarem a religião. Mas é o fato de que a pretensão que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo foi se tornando ilegítimo, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis. Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são “assunto de opção pessoal”: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja<sup>18</sup>.

O panorama religioso da modernidade se caracteriza por um movimento de individualização e de subjetivação das crenças e das práticas. A tendência é uma individualização e uma subjetividade das crenças religiosas. Os indivíduos, em especial os jovens universitários desta geração, retém para si as crenças e as práticas que lhes convém, sobressaindo sempre sua liberdade de escolha.

Na pesquisa entre os universitários da PUC-Rio, 22,9% dos entrevistados se declararam sem religião. Um número alto em comparação com a média nacional de 8% nesta classe de idade dos entrevistados<sup>19</sup>. Já a pesquisa da UNESCO “Juventude, Juventudes: o que une e o que separa” mostra que cerca de 96% dos jovens brasileiros possuem algum tipo de religião<sup>20</sup>. Esperava-se que à medida que aumentasse o fenômeno da secularização as religiões iriam diminuir, mas o que se percebe é que houve uma reconfiguração e uma ressignificação das religiões, e este dado do número de jovens universitários se declarando como sem religião é uma amostra disso. Além desses, 50,3% se declararam católicos, mas apenas 12,6% se declaram como praticantes. 7,6% de jovens se declararam como evangélicos. Ainda nesta pesquisa, 81,7% afirmaram crer em Deus, mas quase 20% declararam não crer em Deus, um número bem superior do que se observa no contexto brasileiro.

Os efeitos da secularização nos jovens universitários fazem surgir novos desafios para a Igreja brasileira. Como diz o documento 93 dos estudos da Conferência Nacional de Bispos no Brasil com o tema “Evangelização da juventude. Desafios e perspectivas pastorais”:

<sup>17</sup> KASPER, W., A Igreja católica, p. 423.

<sup>18</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.34.

<sup>19</sup> PEDROSA-PÁDUA, L.; MELLO, Z. (org.), Juventude, religião e ética, p. 23.

<sup>20</sup> Cf. ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006.



Os jovens de hoje e a Igreja em que vivem são influenciados pelos impactos da modernidade e da pós-modernidade. Alguns elementos deste momento histórico exercem grande influência na mentalidade, nos valores e no comportamento das pessoas. Ignorar estas mudanças é dificultar o processo de evangelização da juventude – o grupo social que assimila esses valores e mentalidade com mais rapidez. Uma evangelização que não dialoga com os sistemas culturais é uma evangelização de verniz, que não resiste aos ventos contrários<sup>21</sup>.

### 2.3

#### O conceito de juventude na cultura ocidental

A condição do ser jovem situa-se entre a etapa da infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização, fase esta de quase total dependência e necessidade de proteção, e a idade adulta quando se espera que aconteça o ápice do desenvolvimento e da cidadania plena.

A juventude é vista, então, como uma etapa de transição para a vida adulta, um processo que prepara o jovem para assumir o papel de adulto na sociedade. Este período que compreende a juventude é legitimado pela sociedade como um tempo para a sua exclusiva formação com vistas ao exercício futuro das responsabilidades atribuídas ao adulto. Porém, a juventude é vista também como uma etapa de vida que tem suas próprias oportunidades e limitações.

Essas fases da vida são culturais e históricas. O próprio conceito de juventude é uma construção histórica e social. Oscar Dávila León afirma que “os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através de diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes”<sup>22</sup>.

Hoje percebe-se um alargamento desta fase da vida. Este período da vida começa mais cedo e termina mais tarde. O conceito de juventude é fruto da sociedade moderna ocidental, uma vez que:

A juventude “nasce” na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe”, não aparecendo desde sempre como uma etapa singularmente demarcada<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> CNBB, doc. 93, **Evangelização da juventude**. Desafio e perspectivas pastorais. Editora Paulus: São Paulo, 2007, p.12.

<sup>22</sup> FREITAS, M. V. ABRAMO, H. W. LEÓN, O. D., Juventude e adolescência no Brasil, p.10.

<sup>23</sup> ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M., Retratos da juventude brasileira, p. 41.

Porém, de acordo com o Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM),

A juventude é uma época que exige respostas e decisões; não é somente tempo de preparação, já é tempo de realização, tem que ser vivido intensamente. É tempo de salvação em que Deus chama e deve receber resposta. Deus chama os jovens, não por seu mérito ou qualidades especiais, que eles mal tiveram tempo de manifestar, mas por sua própria e soberana iniciativa, por seu amor que é sempre “primeiro” (I Jo 4,19). Com frequência, os jovens experimentam e interpretam sua juventude como fraqueza, fragilidade, como simples etapa de preparação para responsabilidades posteriores na idade adulta. Convertem sua juventude em desculpa para adiamento, deixando para mais tarde as decisões importantes (cf. Jr 1,6). Mas, Deus quer contar com os jovens, ele transforma sua juventude – que, aparentemente, para eles é fragilidade – em fortaleza, e chama-os para assumir uma missão<sup>24</sup>.

A juventude pode ser abordada por diferentes aspectos. A visão biocronológica que define a juventude em termos de idade, a partir da qual a juventude é entendida como etapa de transição. A visão psicológica que vê a juventude como uma etapa de construção da identidade, durante a qual o jovem tem muitas opções e define sua vocação. Já a visão sociológica vê a juventude como um grupo social diferenciando vários setores: estudantes, universitários, jovens em situações críticas, indígenas, operários/trabalhadores, e outros grupos. A visão cultural-simbólica vê a juventude em seu universo cultural a partir do qual constrói símbolos identitários; pode-se ainda mencionar uma visão jurídica ou legal de juventude<sup>25</sup>.

Essas visões não são excludentes. Maria Virgínia de Freitas afirma: “A definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração...”<sup>26</sup>. Para Libânio:

O fim da adolescência e da juventude é mais social que psicobiológico. Faz-se pela mudança na situação social: entrada estável no mundo do trabalho, constituição de uma família própria, encargos cívicos. A dificuldade de inserir-se nessa nova condição social tem prolongado o tempo da juventude, retendo os jovens na própria casa com sérias consequências psicológicas. É e não é adulto. A maturidade biológica e, em parte, psicológica pede autonomia, e a impossibilidade de entrar no universo adulto o retém submisso na própria família, prolongando indefinidamente os estudos com cursos de mestrado, doutorado ou pós-doutorado<sup>27</sup>.

<sup>24</sup> Conselho Episcopal Latino Americano. **Pastoral da juventude**: sim à civilização do amor. São Paulo: Paulinas, 1987, p.118.

<sup>25</sup> DICK, H., Gritos silenciados, mas evidentes, p. 15.

<sup>26</sup> FREITAS, M. V. ABRAMO, H. W. LEÓN, O. D., Juventude e adolescência no Brasil, p.6.

<sup>27</sup> LIBANIO, J. B., Jovens em tempos de modernidade, p.15.

Existem elementos que são comuns a todos os jovens e não se pode ter uma visão fragmentada da juventude. Mas é importante salientar que não existe necessariamente somente uma juventude, mas várias. Não existe um único tipo de jovem. O que se pretende analisar aqui é a juventude universitária e como a Igreja precisa estar preparada para lidar com ela. “Diferentemente daquilo que nos dizem, não é a indiferença com relação à crença que caracteriza nossas sociedades. É o fato de que a crença escapa totalmente ao controle das grandes igrejas e das instituições religiosas”<sup>28</sup>.

Na juventude universitária isto é ainda mais intenso. Esta é uma das juventudes, dentre muitas, que existe no Brasil. Vários estudos recentes têm focado esta questão das diversas juventudes existentes para que não se esqueça das diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. “É comum o alerta de que não há propriamente uma juventude, mas várias, definidas e caracterizadas segundo diferentes situações, vivências e identidades sociais”<sup>29</sup>.

A intenção é considerar esta juventude com suas potencialidades, pois esta tem um grande potencial para renovar a sociedade e a própria Igreja cristã. Também é intenção observar as fraquezas desta juventude na tentativa de buscar alternativas para se lidar com elas. A fase da juventude é uma etapa de aquisição das habilidades sociais, atribuição de deveres e responsabilidades e afirmação da identidade. As escolhas realizadas nessa fase de vida têm forte influência no futuro, como fator de ampliação ou limitação da vida adulta.

Nesta fase da juventude se encontram grandes problemas e desafios, mas ao mesmo tempo, é uma fase de grande generosidade, de potencial para engajamento, energia e criatividade, e estes serão os futuros líderes e responsáveis de nossa sociedade.

## **2.4**

### **Jovens no Brasil**

De acordo com Helena Wendel Abramo, no Brasil vem se tornando convenção abordar juventude como o grupo de idade na faixa dos 15 aos 24 anos<sup>30</sup>. A Assembleia Geral das Nações Unidas define “jovem” como sendo o grupo de

---

<sup>28</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.42.

<sup>29</sup> ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G., Juventude, juventudes, p. 9.

<sup>30</sup> ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M., Retratos da juventude brasileira, p. 45.

peças com esta idade. Essa definição data de 1985, Ano Internacional da Juventude. Já para Paul Singer, falar de juventude é falar de pessoas que estão na faixa etária dos 16 aos 24 anos<sup>31</sup>. Em outros países se fala em juventude indo até os 29 anos ou mesmo 35 anos, e algumas instituições consideram como referência para a juventude uma idade inferior aos 15 anos.

A Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Secretaria Geral da Presidência da República, e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE)<sup>32</sup>, ambos criados em 2005, consideram jovens os cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre 15 e 29 anos. Para o CONJUVE, as pessoas entre 15 e 17 anos seriam os adolescentes jovens, os de 18 a 24 anos seriam os jovens-jovens, e os de 25 a 29 anos são os chamados jovens-adultos<sup>33</sup>. Como Helena Wendel Abramo considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 24 anos, o primeiro momento, segundo ela, seria chamado de adolescência (dos 15 aos 17 anos), o segundo entre 18 e 20 anos, e o terceiro entre 21 a 24 anos. O público universitário consiste em sua grande maioria na segunda fase da juventude.

Percebe-se que a definição etária de juventude pode variar de país para país. No Brasil costumeiramente vinha se utilizando a definição das Nações Unidas. Dos países membros da ONU, tomando-se como referência apenas o grupo de 15 a 24 anos de idade, o Brasil é o 5º do mundo com maior percentual de “juventude” na sua população, atrás de China, Índia, EUA e Indonésia. Em agosto de 2013 esta questão etária da juventude foi definida no Brasil ao ser aprovada a lei número 12.852, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens. Já em seu primeiro artigo e parágrafo estabelece que são considerados jovens as pessoas entre 15 e 29 anos.

Assim como ocorre com a população brasileira, o número de jovens durante muito tempo esteve aumentando gradativamente. “Quando se trata especificamente da população de jovens com idade compreendida entre 15 e 29 anos, tem-se que, em 1970, havia no Brasil 25.043.157 jovens, subindo para 41.220.428 jovens em

---

<sup>31</sup> ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M., Retratos da juventude brasileira, p. 24.

<sup>32</sup> As atribuições do Conselho são a de formular e propor diretrizes voltadas para as políticas públicas de juventude, desenvolver estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica dos jovens e promover o intercâmbio entre as organizações juvenis nacionais e internacionais. O CONJUVE é composto por 1/3 de representantes do poder público e 2/3 da sociedade civil, contando, ao todo, com 60 membros, sendo 20 do governo federal e 40 da sociedade civil. Mais informações em <http://www.juventude.gov.br/conjuve>.

<sup>33</sup> CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; LEON, A., Juventude: tempo presente ou futuro?, p. 28.

1991 e ultrapassando os 47 milhões em 2004”<sup>34</sup>. Hoje, já são mais de cinquenta milhões de brasileiros e brasileiras com idade entre 15 e 29 anos.

O período entre 2000 e 2011 ficou conhecido como o fenômeno chamado “Onda Jovem”, quando foi atingido um pico no número de jovens em proporção às demais faixas etárias, chegando a um quarto da população brasileira. Este aumento foi propiciado, dentre outros fatores, pela ampliação das taxas de natalidade nas décadas de 1980 e 1990. Porém, percebe-se atualmente que houve uma pequena diminuição no número de jovens no Brasil, fenômeno que tem a ver com a sensível mudança da demografia brasileira, com a franca diminuição da taxa de nascimentos e o aumento gradativo da população da terceira idade. Parece que a “Onda Jovem” passou, mas o número de jovens na sociedade brasileira continua sendo significativo e a Igreja precisa estar preparada para lidar com este segmento da sociedade. De acordo com a Organização das Nações Unidas, em 2015, são cerca de 1,8 bilhão de jovens no mundo, a maior geração deste segmento na história da humanidade.

É necessário constatar que existem grandes diferenças entre as juventudes. E não se pode cair no simplismo de medir a juventude somente pelo seu enquadramento etário, mas é preciso caracterizá-la também segundo outros critérios mais expressivos. O jovem que tem o privilégio de ter acesso à universidade é bem diferente daquele que se sacrifica, por exemplo, para sobreviver diante da falta de estudo, emprego, pão, etc.

## 2.5

### **Juventude universitária brasileira: uma visão abrangente**

O número de universitários no Brasil tem crescido bastante nos últimos anos, principalmente devido às políticas de abertura da Universidade para setores que antes dificilmente tinham acesso a ela (PROUNI, ENEM, e outros programas oficiais do governo federal). O PROUNI, por exemplo, tem por objetivo democratizar o acesso à educação superior, ampliar vagas, estimular o processo de inclusão social e gerar trabalho e renda aos jovens brasileiros e é dirigido a estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular em condição de bolsista integral. Com isso, entre 2003 e 2014, a matrícula na educação

---

<sup>34</sup> ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G., Juventude, juventudes, p. 19.

superior aumentou 96,5%. Os dados do Censo da Educação Superior de 2014 mostram 7.839.765 de matrículas na educação superior<sup>35</sup>. Já o Censo da Educação Superior de 2015 mostra que passou de oito milhões o número de matrículas nessa etapa do ensino<sup>36</sup>.

Esse grande crescimento da população universitária foi proporcionado pela ampliação de vagas públicas, além da criação, em 2006, do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni); pelo processo de interiorização que levou as instituições de ensino superior para muitos municípios do interior; pelo fortalecimento da educação tecnológica; pela ampliação do financiamento aos estudantes via novas políticas de financiamento com a criação do Programa Universidade para Todos (PROUNI) e reedição do Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior (FIES); pelo estímulo à modalidade de estudo a distância gerando um enorme crescimento dos cursos a distância; pelo fomento às políticas e aos programas de inclusão e de ações afirmativas que gerou possibilidades dos estudantes de baixa renda frequentarem e avançarem nos estudos de nível superior.

Nesse sentido, destaca-se a política de cotas, adotada por muitas universidades públicas em todo o país; e compromisso com a formação de professores de educação básica<sup>37</sup>. De acordo com a pesquisa promovida pelo CERIS na tentativa de traçar um perfil da juventude na PUC Rio, “nos últimos anos, a parceria de universidades com os pré-vestibulares comunitários tem facilitado o ingresso de jovens de baixa renda, tanto em Universidades públicas quanto nas Pontifícias”<sup>38</sup>.

Em relação aos universitários evangélicos, cabe ressaltar que o aumento da população de baixa renda no acesso e permanência na educação superior pode levar a um aumento da população evangélica universitária, pois a população evangélica, devido ao grande percentual de evangélicos pentecostais, está em maior parte

---

<sup>35</sup> Censo da Educação Superior 2014. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/centso\\_superior/documentos/2015/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2014.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/centso_superior/documentos/2015/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2014.pdf). Acesso em: 06 jul. 2016.

<sup>36</sup> É possível baixar os dados do Censo da Educação Superior de 2015 no site do INEP. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 10 abr. 2017.

<sup>37</sup> SPELLER, P.; ROBL, F.; MENEGHEL, S. M., Desafios e perspectivas da Educação Superior Brasileira para a próxima década, p. 19.

<sup>38</sup> PEDROSA-PÁDUA, L.; MELLO, Z. (org.), Juventude, religião e ética, p.22.

inserida nas classes C e D. Segundo uma outra pesquisa, é possível afirmar que “o perfil socioeconômico dos jovens pentecostais entrevistados é condizente com o que vem sendo analisado na literatura especializada: o pentecostalismo cresce mais entre os mais pobres”<sup>39</sup>.

Havendo um crescimento dos jovens dessa classe social nas universidades, é provável que aumente a porcentagem dos evangélicos na educação superior. Porém, somente uma pesquisa mais apurada pode confirmar isso. Entretanto, percebe-se que muitos universitários, oriundos de famílias de baixa renda, são os primeiros de sua geração a alcançar o mundo da universidade. Esses jovens estão inseridos em um contexto onde seus pais nunca tiveram e estão vivendo dilemas que seus pais não viveram.

Na verdade, não há como verificar exatamente a quantidade de jovens universitários evangélicos no Brasil devido à falta de pesquisas neste sentido. Ainda assim, na pesquisa “Perfil da religiosidade do universitário – um estudo de caso na PUC-SP”, verificou-se que para o ano de 2003 o número de universitários que se declararam evangélicos foi de 20% (5% históricos e 15% pentecostais), enquanto que na população brasileira registrada no Censo 2000 o número de evangélicos foi de 14,1%. É importante observar este fato, pois o percentual de evangélicos dentro da PUC-SP era maior do que o registrado na população brasileira.

De maneira geral, os evangélicos são vistos, principalmente os pentecostais, por pertencerem às camadas mais baixas da população brasileira. Entretanto, com frequência associa-se universitários a pessoas agnósticas, ateias ou que não estão ligadas a alguma religião. A própria pesquisa procurava “decifrar a experiência religiosa de um tipo de juventude em geral apontado como desprovido de crenças, pouco assíduo a práticas religiosas e que flerta com o niilismo, o consumismo e o individualismo”<sup>40</sup>. Esta pesquisa mostra que isso não é uma realidade, ao mesmo tempo em que demonstra a força dos evangélicos ao terem 20% de universitários em uma das mais importantes instituições católicas de ensino superior do país<sup>41</sup>. Chama a atenção também o fato de que desta população universitária, 5% eram de evangélicos históricos e 15% pentecostais, pois sendo a PUC-SP, uma instituição onde a maioria das pessoas possui um poder aquisitivo alto, esperava-se que o

---

<sup>39</sup> ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M., Retratos da juventude brasileira, p. 269.

<sup>40</sup> RIBEIRO, C., Religiosidade jovem, p. 137.

<sup>41</sup> RIBEIRO, C., Religiosidade jovem, p. 126.

número de evangélicos históricos fosse maior do que a dos evangélicos pentecostais.

Nesta pesquisa verificou-se também que, para os entrevistados, o temor a Deus era o valor mais importante para uma sociedade ideal. Todos os evangélicos entrevistados nesta pesquisa afirmaram que comparecem apenas aos cultos de suas igrejas valorizando sua adesão religiosa<sup>42</sup>.

## 2.6 O jovem de acordo com o próprio jovem

A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”<sup>43</sup>, de grande amplitude temática e representatividade em nosso país, iniciativa do Projeto Juventude/Instituto Cidadania, com a parceria do Instituto de Hospitalidade e do Sebrae, nos ajuda a entender melhor quem é o jovem brasileiro dos dias atuais.

Falar do jovem brasileiro é falar de pessoas que enxergam potencial no fato de serem jovens. Eles entendem esta fase como uma fase boa de estar vivendo, pois devido ao fato de ainda não serem adultos não carregam tantas preocupações e responsabilidades. No caso do jovem universitário, ao poder estudar durante cerca de quatro anos ele tem essa fase legitimada pela sociedade.

De acordo com esta pesquisa, os próprios jovens afirmam que a melhor coisa de ser jovem é não ter preocupações ou responsabilidades (45%), seguido de aproveitar a vida/viver com alegria com 40%, em resposta espontânea e múltipla. Apenas 1% afirma que não há nada de bom em ser jovem. Quando é perguntado sobre as piores coisas que podem acontecer por ser jovem, a resposta mais alta com 26% é não tem nada de ruim, seguido de conviver com riscos (23%), falta de trabalho/renda com 20% e drogas 17%, também respostas espontâneas e múltiplas.

No *Dossiê Universo Jovem 4*, uma pesquisa realizada pela MTV para conhecer os valores, atitudes e o comportamento do jovem brasileiro, os jovens afirmam que o maior problema que veem entre eles são as drogas. Nesta mesma pesquisa, 61% dos jovens acima de 15 anos disseram que já experimentaram algum tipo de droga. Em Porto Alegre, esse índice sobe para 80%<sup>44</sup>.

<sup>42</sup> RIBEIRO, C., *Religiosidade jovem*, p. 127.

<sup>43</sup> Disponível em: [http://www.fpabramo.org.br/uploads/perfil\\_juventude\\_brasileira.pdf](http://www.fpabramo.org.br/uploads/perfil_juventude_brasileira.pdf). Acesso em 09/01/2013.

<sup>44</sup> **Dossiê Universo Jovem 4.** Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf). Acesso em: 06 jul. 2016, p. 13.



## 2.7 O jovem e a política

O documento do Banco Mundial, no seu relatório sobre o desenvolvimento mundial de 2007, o desenvolvimento e a próxima geração, afirma que os jovens de hoje não se interessam tanto por política<sup>45</sup>. Porém, para Helena Abramo, os jovens de hoje não são menos politizados do que os de antigamente. Ocorre que a participação da juventude de hoje é diferente. A própria continuação do documento do Banco Mundial concorda que vem crescendo outro tipo de participação, como em ativismo ecológico e em protestos. Mas, chama a atenção que esta participação social tem se dado mais entre os jovens da periferia do que entre os universitários da classe média<sup>46</sup>.

Existe uma apatia da juventude em relação às instituições políticas, mas tem surgido uma nova forma de articulação das juventudes e na maneira de como estes jovens se posicionam na sociedade. As novas tecnologias e ferramentas de comunicação, sobretudo a internet, ampliam a forma de o jovem tornar-se um agente político na sociedade. Libânio diz, “Que falta a essa juventude? Uma pitada de idealismo, de compromisso com o outro, de saída de si e de seu mundo. Temas como solidariedade, responsabilidade pelo bem comum, engajamento político e social necessitam entrar na agenda de discussão”<sup>47</sup>.

A popularização da internet e do computador pessoal alterou profundamente esta geração. Pensando na realidade dos estudantes universitários, quase a totalidade deles acessa diariamente a internet. Os jovens possuem total intimidade com as novas tecnologias. Esta geração possui um perfil de jovens altamente tecnológicos. Esta talvez seja a principal característica que pode em muito contribuir para uma significativa participação do jovem universitário evangélico na *missio Dei*. Todo universitário acessa frequentemente a internet, possui uma conta de e-mail, um número de WhatsApp, e é quase impossível encontrar um estudante que não tenha uma conta em alguma rede social. A tecnologia encurtou as distâncias e diminuiu o tempo, fazendo com que o jovem consiga mobilizar milhares de pessoas sem nenhuma repressão através da internet.

---

<sup>45</sup> CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; LEON, A., Juventude: tempo presente ou futuro?, p. 134.

<sup>46</sup> DICK, H., Gritos silenciados, mas evidentes, p. 255.

<sup>47</sup> LIBANIO, J. B., Jovens em tempos de modernidade, p.74.

Porém, existe uma discussão se realmente a internet possibilita a participação da juventude nas questões políticas. Os que não acreditam que esta participação da juventude por meio da internet seja eficaz afirmam que esse ativismo virtual é preguiçoso e negligente. Pedro Abramovay discorda:

A política pela internet é menos política? Claro que não. As pessoas passam um tempo na rede tão grande, no Brasil mais do que em outros países, que dizer que ela não é um espaço válido para fazer política desvaloriza parte da vida delas. A internet transformou a cultura e a economia e está transformando a política<sup>48</sup>.

Um importante exemplo a se destacar foi a mobilização dos jovens no final de 2010 até o ano de 2012 pela internet que ficou conhecido como *Primavera Árabe*, um movimento de protestos contra os ditadores do mundo árabe iniciado e organizado pela juventude através da internet. Ocorreram revoluções na Tunísia e no Egito, grandes protestos na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã e Iémen, além de outros protestos menores no Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental. As grandes passeatas, comícios, greves e manifestações foram ganhando força através da internet, por meio da qual a juventude sensibilizou a muitos usando as mídias sociais, como Facebook, Instagram, Youtube e Twitter.

Outro importante exemplo aconteceu em nosso país, nas manifestações em junho de 2013. O que começou como um pequeno protesto no dia 3 de junho em São Paulo em relação ao aumento de vinte centavos na tarifa de ônibus desencadeou diversas e difusas manifestações por todo o país, ocorrendo um aumento exponencial do número de participantes e a multiplicação, em vários territórios urbanos, de manifestações autônomas, todas elas tendo como protagonista a juventude e o uso da internet.

A estrutura organizacional e política diferiu bastante de outras manifestações ocorridas, mas esta tem sido uma das formas desta juventude participar das questões políticas de nosso país. Já existem hoje até *sites* especializados em promover campanhas<sup>49</sup>. Há *sites* de mobilização *online* que procuram levar as preocupações da sociedade civil para a política global. Nestes *sites* é possível criar uma petição e espalhar seu protesto através das redes sociais.

---

<sup>48</sup> MENEZES, M.. **Ativismo na internet**. O GLOBO, 03 de Março de 2013. Disponível em <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/ong-que-turbinou-fora-renan-desperta-discussao-sobre-ativismo-na-internet-7729363> . Acesso em: 17 de março de 2015.

<sup>49</sup> Cf. [www.avaaz.org](http://www.avaaz.org).

Assim como a juventude no Brasil e em outras partes do mundo tem se utilizado da internet para protestar contra as injustiças na sociedade, os cristãos universitários devem fazer o uso da internet na propagação do Evangelho participando de maneira mais relevante e contextualizada na *missio Dei*. Porém, cabe o alerta de Libânio quando diz que “o princípio hedonista, predominante na atual sociedade, rege o uso da internet”<sup>50</sup>. A internet é uma ótima ferramenta que pode e deve ser usada na *missio Dei*, mas esta por si só não fará bem algum se não for utilizada criteriosamente, além do fato de que não pode ser a única forma de participação.

## 2.8 A importância e a participação da família

A dificuldade de aceitar as responsabilidades se acentua com a demora que estes jovens têm para buscarem a independência de suas famílias de origem ao não deixarem a casa dos pais. “Prezam a liberdade e a autonomia, mas permanecem dentro de casa... Dependência utilitarista, financeira. Pura comodidade... Nascem jovens sem responsabilidade em face de qualquer vínculo além do próprio interesse”<sup>51</sup>. O fato desses jovens terem cada vez mais dificuldades em se distanciar de sua família de origem, evitando responsabilidades da vida adulta, pode prejudicar o envolvimento do jovem universitário na *missio Dei* e conseqüentemente a vivência de sua fé.

Ao mesmo tempo, a família continua sendo um fator de extrema importância para esta juventude. Com isso, para aqueles que possuem pais da mesma fé, um maior estímulo por parte deles pode levá-los a vivenciarem melhor sua participação na *missio Dei*, desde que esses pais assumam sua própria função de autoridade sobre os filhos, ao invés de assumirem simplesmente o papel de amigos.

Libânio adverte que os “pais se demitem da própria função de autoridade, de referência fundamental para os filhos, para assumirem a atitude bonachona de amigos, de vestir, de falar e comportarem-se como eles, até mesmo de fazerem-se coniventes com defeitos e falhas dos filhos”<sup>52</sup>. Dom Hélder Câmara em um aviso aos pais diz, “já que os homens te dão o nome divino de pai, imita o Pai Celeste e

---

<sup>50</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p. 134.

<sup>51</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p. 110.

<sup>52</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p. 104.

age sempre de tal maneira que os teus filhos possam agir à tua imagem e semelhança”<sup>53</sup>.

A juventude desta geração ainda vê a família como o eixo central para sua vivência e possui o desejo de conversar com seus pais sobre religião. O jovem tem em sua família referência afetiva, ética e comportamental levando-o ao processo de amadurecimento. Cabe aos pais se valerem de tal influência com autoridade, mas também, com inteligência, o que exige sensibilidade e preparo constantes, pois “não raro eles se envergonham dos pais que se mostram tão infantis e adolescentes como eles”<sup>54</sup>. Ora, como a realidade dessas relações nem sempre é a ideal, torna-se com frequência motivo de tensões e, às vezes, rupturas. Por isto também, cabe aqui pensar em como trabalhar desentendimentos, crises de relacionamento entre gerações e, em casos extremos, de rupturas violentas. Este é o campo do aconselhamento pastoral, outra demanda importante para os jovens desta geração.

A insatisfação consigo mesmo é um dos problemas que esta geração de jovens universitários vive. O ensinamento de Jesus é amar o próximo como a ti mesmo. Visto a dificuldade de sentirem bem consigo mesmos, também será muito difícil demonstrar amor ao outro. Uma das razões que podem ser consideradas é a tentativa de satisfazer as expectativas dos pais. Talvez nenhuma outra geração tenha recebido tantos estímulos por parte dos pais quanto esta geração.

Os filhos desde cedo são educados para “vencer na vida”. Muitas vezes os pais na tentativa de compensar sua ausência acabam dando tudo o que os filhos querem e os pais tendem a querer e investem nos filhos para isso para que eles sejam melhores do que os próprios pais. Os filhos carregam essa carga e buscam conquistar mais que seus pais conquistaram, mas isso nem sempre acontece. A culpa por não conseguirem tamanho sucesso leva a muita frustração e em alguns casos à depressão com danos às vezes irreversíveis.

Esse sentimento de inadequação pode levar os jovens à imoralidade sexual, bebedeiras, uso de drogas, o que só aumenta esse sentimento. A sensação de fracasso pode provocar depressão. Alguns jovens têm alimentado ideias suicidas. A ausência dos pais pode levar o jovem a nutrir um sentimento de não ser desejado nem de ter alguém que se importe com ele. Transtornos emocionais, depressão e

---

<sup>53</sup> CAMARA, H., Família, p.26.

<sup>54</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p. 105.

suicídio têm sido fatores de problemas nesta juventude e as famílias precisam estar alertas a esta questão. Cruz em sua pesquisa com jovens desta geração, mostra que os próprios jovens concordam com esta realidade.

Os grupos concordaram que vivem sob ansiedade em algum aspecto da vida. Também foi citada uma projeção vinda dos pais, para que consigam alcançar determinados objetivos e de maneira muito rápida. Sentem essa pressão social e também de si mesmos, sobre suas conquistas e frustrações<sup>55</sup>.

Desta forma, a família, que tanto poder exerce no jovem universitário evangélico, pode prejudicar a vivência da fé do jovem universitário evangélico e a sua relação com a Igreja no serviço ao mundo. Todo o esforço e investimento dos pais nesses jovens para muitas vezes compensar sua ausência, gera sobre esta juventude uma enorme responsabilidade de devolver, retribuir ou compensar tamanho benefício que tiveram. Estes jovens carregam muitas vezes sobre eles a responsabilidade não somente de sua auto realização, mas da realização de seus familiares, principalmente nos estudantes de menor poder aquisitivo.

Muitos desses universitários são os primeiros da família a alcançarem formação superior, e seus familiares esperam muitas vezes receber, após anos de sacrifícios com seus filhos, algum benefício desse esforço. Por experiência, sabemos como galgar esta posição na sociedade brasileira mexe com o imaginário das famílias. Essa pressão por parte dos pais, uma vez aceita pelos filhos, pode exercer um distanciamento do envolvimento na *missio Dei*, prejudicando a vivência da fé deste jovem universitário evangélico.

Os universitários desta geração possuem uma estrutura familiar bastante diferente das outras gerações. Desde cedo muitos desses jovens tiveram que aprender a conviver com pessoas até então estranhas em suas casas. Pais e mães separados que casam ou passam a viver juntos de outras pessoas que também possuíam filhos levaram muitos desses jovens, em certos casos ainda crianças, a terem de conviver com novos “irmãos” e “irmãs” ou novos “pais” ou “mães”.

Essa estrutura bastante diversificada pode ajudar esses jovens universitários evangélicos a conviverem melhor com as diferenças, ajudando-os no diálogo com representantes de outras religiões, até mesmo facilitando a pregação do Evangelho

---

<sup>55</sup> CRUZ, E. C. P. **A nova velha juventude:** modernidade, mudança social e questões geracionais nas representações dos *Millenials*. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018, p. 104.

ou o envolvimento destes em organizações que buscam uma melhora social. Ao mesmo tempo, essa superproteção por parte da família levou esses jovens universitários a serem ainda mais individualistas. É de se perguntar como trabalhar esta característica geracional em uma proposta de evangelização encarnada na realidade da juventude atual, uma vez que o evangelho é eminentemente uma mensagem que descentraliza a pessoa em função da vivência do amor, do serviço ao outro, da solidariedade radical, especialmente com as pessoas mais vulneráveis.

Na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” foi perguntado ao jovem: “dos seguintes temas ou assuntos, quais os três que você mais gostaria de discutir com seus amigos(as)?”. Relacionamentos amorosos e violência foram os mais altos com 51% e 50% respectivamente. Religião teve 24% das respostas. Mas, significativamente, ao ser perguntado: “dos seguintes temas ou assuntos, quais os três que você mais gostaria de discutir com seus pais ou responsáveis?”, a religião aparece com 43% das respostas.

Percebe-se que há um desejo dos filhos de conversarem com seus pais a respeito de religião, ainda que o tema emergja de forma difusa e sem especificações. Em “Juventude – o que une ou separa”, a religião é um dos temas mais conversados pelos jovens com seus pais<sup>56</sup>. Na pesquisa entre universitários “a referência à família, de longe a mais usada, teve confirmação de sua importância para nossos universitários”<sup>57</sup>. Porém, em relação à transmissão da fé o papel da família vem perdendo sua importância, ou vem se tornando precária, apesar do grande desejo dos filhos de conversarem com seus pais sobre o assunto. De acordo com Danièle Hervieu-Léger:

Isto não quer dizer que os pais em questão sejam pessoalmente distantes de qualquer crença ou, pelo menos, a todo questionamento espiritual ou metafísico. Mas, a crença pessoal, vivida como afazer de cada um, não é necessariamente associada à fervorosa obrigação de transmitir. O tema da “escolha deixada aos filhos” permite, em certo número de casos, justificar a rejeição, explícita ou implícita, dos pais em transmitir, eles mesmos, uma fé religiosa<sup>58</sup>.

Libânio ainda alerta afirmando que:

Na pós-modernidade, a falta de modelos e herói tem baixado o nível de tensão interior dos jovens. Além disso, o modelo paterno, que sempre exerceu função paradigmática, tem perdido a força por demissão de sua função e por decadência da

<sup>56</sup> ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G., Juventude, juventudes, p.20.

<sup>57</sup> RIBEIRO, C., Religiosidade jovem, p.179.

<sup>58</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.60.

família. Cresce a quantidade de pais, que se separam ou dão mau exemplo de conduta moral, deixando a criança e o jovem na dúvida e no dilema da verdade de vida dos pais<sup>59</sup>.

## 2.9 O jovem e a importância da amizade

Diante desta falta de atuação e de modelos familiares, os amigos crescem ainda mais em sua importância, e acabam representando um importante modelo paradigmático para os universitários. “Mais que em outras fases, é na juventude que a sociabilidade entre amigos se manifesta. Também em nossos universitários ela se verifica: depois da família, a amizade é a realidade mais importante para eles”<sup>60</sup>. Percebe-se que o povo brasileiro é um povo com características relacionais.

No *Dossiê Universo Jovem 5*, afirma-se que os amigos são formadores de opinião muito importantes, talvez até os mais importantes<sup>61</sup>, e que esta geração está aberta para conversar sobre qualquer tipo de assunto, seja dinheiro, sexo, política ou drogas. Esta é uma abertura que precisa ser aproveitada pela Igreja e por quem deseja trabalhar e acompanhar a juventude atual. Para se difundir a mensagem do Pai, “a convivência na amizade, no contato constante e fraterno é pressuposto indispensável”<sup>62</sup>.

A busca juvenil de “modelos” e “referências” é uma porta que se abre para o processo de evangelização. Aqui está a grande oportunidade de ação evangelizadora de colocar os jovens em contato com modelos autênticos. Trata-se de uma oportunidade de apresentar, de modo especial, Jesus Cristo como o grande modelo de sua vida, para que se possa dizer como São Paulo: “Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim”<sup>63</sup>.

O povo brasileiro é reconhecido como um povo alegre, hospitaleiro, festeiro, e, principalmente, por fazer amizades de maneira fácil. Para a juventude atual os amigos são muito importantes na formação de valores e opiniões e eles estão abertos a conversar sobre qualquer assunto. Para os universitários os amigos são, em certas circunstâncias, mais importantes até mesmo do que a própria universidade ou o trabalho.

<sup>59</sup> LIBANIO, J. B., *Jovens em tempos de modernidade*, p.28.

<sup>60</sup> RIBEIRO, C., *Religiosidade jovem*, p.184.

<sup>61</sup> **Dossiê Universo Jovem 5**. Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5_Mtv.pdf). Acesso em: 06 jul. 2016, p. 76.

<sup>62</sup> GUSSO, Pe. E. C., *Pastoral Universitária*, p.16.

<sup>63</sup> CNBB, doc. 93, **Evangelização da juventude**. Desafio e perspectivas pastorais. Editora Paulus: São Paulo, 2007, p.26.

Jesus ficou conhecido como amigo de publicanos e pecadores (Mt 11.19) e cabe aos universitários cristãos terem Jesus Cristo como um grande amigo buscando conhecê-lo e obedecê-lo (João 15.14), também cabe aos universitários cristãos fazerem amizades dentro das universidades para assim pregar o Evangelho a tantos jovens que estão perdidos sem Cristo no meio acadêmico (I Pedro 2.9).

O jovem universitário desta geração está aberto a conversar sobre tudo. Lancaster e Stillman em uma importante pesquisa com jovens no mercado de trabalho afirmam:

Podemos falar com um jovem da Geração Y praticamente sobre qualquer coisa. Dinheiro? Sexo? Política? Drogas? Terrorismo? Seja o que for, temos uma forma de conversar sobre o assunto, criando um diálogo aberto que é muito valioso no trabalho<sup>64</sup>.

Esta mesma disposição de conversar sobre diferentes e importantes assuntos com os amigos é encontrada no ambiente universitário, mesmo quando o assunto é sobre Deus. Os universitários cristãos, se demonstrarem respeito aos que pensam diferente ou praticam outra fé, podem propagar o Evangelho livremente dentro das universidades. “Entende-se que o estudante é o melhor missionário, posto que é ele quem conhece bem a realidade do meio estudantil, compreendendo seus dilemas e falando a mesma linguagem”<sup>65</sup>. Para isso, é necessário que os universitários evangélicos façam amizades significativas com os não cristãos imitando a Jesus, o grande amigo de publicanos e pecadores.

Jesus é o nosso modelo para interagirmos com os não cristãos ou com pessoas que não têm clareza sobre sua fé, que se encontram confusas ou distanciadas de uma vivência comunitária religiosa. A igreja primitiva, simbolizada na pessoa de Pedro, teve grandes dificuldades em interagir com os não cristãos, não adotando ou seguindo o modelo de Jesus. A igreja evangélica, em especial os universitários evangélicos dentro das universidades, tem adotado a mesma postura de Pedro encontrando muita dificuldade em interagir com os não cristãos ou fazer amizades com eles e isso dificulta a propagação do Evangelho e a participação na *missio Dei*.

Durante seu ministério, Jesus demonstrou aos seus discípulos e a quem o quisesse seguir que testemunhar o evangelho estava intimamente ligado a interagir

---

<sup>64</sup> LANCASTER, L. C.; STILLMAN, D., O Y da questão, p. 55.

<sup>65</sup> MENEZES, J. Missão no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no campus, in KOHL, M. W.; BARRO, A. C. **Missão integral transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005, p. 240.



com as pessoas. O público alvo de Jesus não foram os religiosos, mas aqueles que eram indesejados por esses religiosos. Ele foi chamado de amigo de publicanos e “pecadores”, como assinalado acima. Jesus foi rejeitado porque se deixou ser tocado por mulher pecadora (Lucas 7.36-39), por comer com pessoas de má fama, e chegou até a chamar um desses “pecadores” para ser seu discípulo (Mateus 9.9s). Ainda se convidou para dormir na casa de um pecador, tendo os judeus se queixado muito disso (Lucas 19.5-7). Tocou em um leproso e deixou uma mulher com hemorragia tocar nele, atitudes que – de acordo com a Lei judaica – deveriam ser consideradas como impuras. Na ótica de Jesus e de sua prática de fé, entretanto, foram o leproso e a mulher que se tornaram puros (Mateus 8.1-3; 9.20-22). Jesus defendeu seus discípulos quando estes transgrediram a tradição dos líderes religiosos (Mateus 15.1-20). Conversou com uma mulher samaritana e ficou dois dias em um povoado samaritano (João 4), quando para um judeu o samaritano era tão desprezível quanto um endemoninhado (João 8.48).

João Batista, que havia visto a pomba descer sobre Jesus quando o batizava e ouviu a voz dos céus dizendo, “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado”, diante de tantas atitudes “estranhas” de Jesus, pediu para seus discípulos perguntarem novamente a Jesus se ele realmente era aquele que devia vir ou se devia esperar outro, tamanha foi a confusão na cabeça de João Batista por Jesus agir tão diferentemente do que se esperava de um profeta e Messias (Mateus 11.1-6). João Batista ficou escandalizado ao ver o Messias andando com tantas pessoas de má fama, pois ele era aquele que viera pregando arrependimento como forma de consertar a vida do seu povo.

Durante todo o seu ministério, Jesus interagiu com pessoas de má fama para que estes pudessem se relacionar com Deus e ordenou aos seus discípulos que fizessem o mesmo (Mateus 28.18-20). Jesus ensinou – assim – a superar preconceitos e qualquer forma de discriminação. A saúde/salvação de uma pessoa vale mais do que cumprir a lei do sábado! Porém, seus discípulos, que eram rejeitados pelos fariseus nos dias de Jesus, começaram a agir mais como os fariseus do que como o próprio Jesus. Eles pregavam o Evangelho de Jesus, mas estavam fazendo isso somente aos judeus em Jerusalém. Foi com a perseguição que se desencadeou contra a igreja de Jerusalém que finalmente o evangelho começou a ser pregado em Samaria. E é interessante que todos vão pregar na Judéia e Samaria,

exceto os apóstolos (Atos 8.1). Somente quando veem que Deus está operando também em outras terras é que Pedro e João vão até lá (Atos 8.14).

Os discípulos relutaram enquanto podiam para pregar aos não judeus. E quando o fizeram tiveram uma enorme dificuldade em interagir com eles, por causa de seu apego à religiosidade e às leis judaicas. Deus teve que falar em sonhos a Pedro para que este fosse até a casa de Cornélio, e foi somente porque Deus falou em sonho também a Cornélio, que mandou buscar Pedro em casa, que este se dispôs a ir ao encontro do militar romano (Atos 10).

A ordem de ir e pregar o Evangelho a toda a criatura foi negligenciada por Pedro e pela igreja primitiva, que chegou a cobrar explicações do apóstolo por ter ido até a casa de Cornélio e comido com ele (Atos 11.1.18). Mesmo após ter sonhado e visto o que Deus fez na casa de Cornélio, Pedro continuou tendo problemas em se relacionar com os não judeus, pois chegou a ser advertido por Paulo por essa atitude (Gálatas 2.11-14).

Considerando esta veia da tradição evangélica que remonta à ação do próprio Jesus, pode-se afirmar que a igreja evangélica brasileira, seus líderes e seus seguidores, têm se parecido mais com a igreja primitiva e seus líderes, nesse caso, do que com Jesus no que tange à interação com não cristãos. Por isso os jovens universitários evangélicos têm tido muitas dificuldades em fazer amizades com não cristãos ou pessoas de pouca fé em suas universidades. Apoiam-se em regras supostamente vindas de Deus, como os judeus fizeram com a tradição de não comerem sem lavar as mãos. Regras em relação às quais o apóstolo Paulo escreveu para não nos submetermos, pois “tem aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne” (Colossenses 2.23). Com a desculpa de não escandalizar o próximo, esses jovens deixam de ir a certos lugares e ao encontro de pessoas, quando o próprio Jesus escandalizou a muitos (Mateus 13.57) por causa do seu amor aos “perdidos”.

A Igreja – que deveria ser amiga de “publicanos e pecadores” de nossa época – rejeita os marginalizados e os de má fama e com isso perde a oportunidade de anunciar o reino de Deus. Ao invés de ir até essas pessoas, esperam que elas venham

até seus templos, e, infelizmente, os poucos que têm coragem de ir muitas vezes são rejeitados e postos para fora se não se encaixarem no perfil<sup>66</sup>.

Os jovens universitários evangélicos precisam aprender a se relacionar com não cristãos ou pessoas de pouca fé em suas universidades desenvolvendo amizades profundas com estes. Menezes afirma que “não há nada mais ‘infernai’, em certo sentido, do que a ideia de isolamento do mundo no qual Deus nos colocou para servi-lo, amá-lo e influenciar outras pessoas a fim de que façam o mesmo”.<sup>67</sup> É preciso que os jovens universitários evangélicos deixem seus guetos eclesiais e penetrem na sociedade atual com um testemunho vibrante e convincente. O Pacto de Lausanne<sup>68</sup> (1974) afirma em seu artigo 6: “na missão de serviço sacrificial da igreja a evangelização é primordial”. Trata-se de discernir as formas dessa evangelização e agir de acordo com os novos contextos e desafios.

A mulher samaritana somente se relacionou com Deus porque Jesus insistiu em passar por Samaria e tomar a iniciativa de conversar com ela, contra o que previa a lei judaica. O povoado onde aquela mulher morava somente se relacionou com Deus porque Jesus ficou dois dias dormindo, bebendo e conversando com eles. O leproso e a mulher com hemorragia só foram curados porque Jesus deixou ser tocado por eles. O rico Zaqueu somente se relacionou com Deus porque Jesus tomou a iniciativa de se hospedar em sua casa, arriscando-se de ser considerado conivente com a corrupção. Se Jesus desse ouvido às pessoas que o criticavam por agir dessa maneira, muitas pessoas continuariam não tendo a oportunidade de se relacionarem com Deus, deixando de experimentar a vida plena que é conhecer a Deus e a ele mesmo, o enviado de Deus (João 17.3).

Os jovens universitários evangélicos não podem ter medo de se relacionarem com não cristãos ou pessoas de pouca fé. Não podem ter medo de se sentarem onde não cristãos sentam. Não podem ter medo de ir aonde se encontram pessoas

<sup>66</sup> Apesar disso existem muitas iniciativas no meio evangélico que merecem destaque como, por exemplo, o projeto Cristolândia de iniciativa do pastor batista Humberto Machado, ex-viciado em drogas e liberto a 28 anos. A Cristolândia iniciou em São Paulo, atendendo 24 horas por dia aos usuários de drogas na Cracolândia com uma grande equipe de voluntários. Hoje este projeto foi adotado pela Junta de Missões Nacionais e expandido para o RJ, MG, ES, PE e DF.

<sup>67</sup> MENEZES, J. Missão no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no campus, in KOHL, M. W.; BARRO, A. C. **Missão integral transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005, p. 242.

<sup>68</sup> O Pacto de Lausanne é o resultado do encontro de cerca de 4000 pessoas de 150 países para o Congresso Mundial de Evangelização realizado em Lausanne, Suíça, em 1974. Em Lausanne ficou claro que evangelização e ação social são aspectos essenciais da missão da igreja. Lausanne marcou profundamente a história do movimento evangélico recuperando o conceito integral da missão cristã.

diferentes e com outras opções de vida e de fé. Os jovens universitários evangélicos – para propagarem o Evangelho e participarem da *missio Dei* – precisam fazer amizades com quem quer que seja sabendo que este anúncio da fé fortalece a própria fé.

Para construir essas amizades com pessoas de pensamentos, valores e comportamentos tão diferentes, o jovem universitário evangélico precisa assumir o risco de se envolver com as pessoas não cristãs ou de pouca fé, pois a evangelização requer isto. Menezes afirma,

não tem como querer evangelizar sem assumir os riscos que a evangelização requer, riscos esses inerentes ao envolvimento com as pessoas deste mundo, imersas em um estilo de vida que desconsidera quaisquer princípios bíblicos e até mesmo éticos e que questiona muitas vezes os ‘valores’ que professamos”<sup>69</sup>.

De acordo com Robson Ramos,

O que muitas vezes constatamos na experiência de muitos moços e moças de nossas igrejas é uma preocupação em passar os anos de curso universitário sem que sua fé seja abalada. Mas também não passam disso. Acham que estão fazendo grande coisa ao convidar um colega para ir à igreja. Mas, não são capazes de abrir mão de sua agenda de crente bem comportado, “louvorzões”, acampamentos, ensaio do conjunto de jovens, namoro com o seu “gato” da igreja – para investir numa melhor estrutura e aperfeiçoamento da sua fé, e muito menos na vida daqueles que ainda não conhecem a Cristo<sup>70</sup>.

A dificuldade que o jovem universitário evangélico tem para fazer amizades com não cristãos ou pessoas de pouca fé não é somente pela timidez ou hesitação em interagir com as pessoas. É certo que o universitário evangélico sofre com preconceitos por parte daqueles que não professam a mesma fé e isso pode também ser uma dificuldade para este jovem conseguir uma aproximação com não cristãos ou pessoas diferentes. Porém, uma maneira de superar esse obstáculo é vivenciar as oportunidades cotidianas da rotina universitária.

Robson Ramos mostra o exemplo bíblico do profeta Daniel e seus amigos que aprenderam o alfabeto e a língua dos caldeus e interagiram com outras áreas de conhecimento. Ramos entende que os universitários precisam se engajar na vida acadêmica para serem formadores de opinião. Este autor utiliza-se do exemplo do holandês Abraham Kuyper que procurou pensar de maneira cristã e fundou um

<sup>69</sup> MENEZES, J. Missão no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no campus, in KOHL, M. W.; BARRO, A. C. **Missão integral transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005, p. 243.

<sup>70</sup> RAMOS, R. L., Lições aprendidas na Universidade da Babilônia, p. 93-98.

partido político, uma universidade e um jornal. Ramos ainda mostra dez características do tipo de estudante que queremos ter em nossas igrejas e que, dentre outras atividades, trabalha em prol da mobilização da população para reivindicações humanizadoras visando à devida valorização da vida humana, particularmente no contexto das necessidades daqueles que se encontram alijados do acesso à educação e melhores condições de vida.

O teólogo Timóteo Carriker se utiliza da Primeira Carta de Pedro como referencial bíblico para falar do envolvimento da igreja na sociedade. Para ele, “o cristão não deve se separar do mundo nem o condenar. A comunidade cristã deve oferecer ao mundo um testemunho vivo da esperança que eventualmente levará o mundo a dar glória a Deus”<sup>71</sup>. Carriker mostra que os cristãos devem fazer isso de duas maneiras. A primeira é através da pureza moral e a segunda é através do envolvimento na sociedade praticando o bem e fazendo boas obras (1 Pedro 2.12,14,15; 4.19).

A pureza moral afasta o cristão da sociedade, mas a prática do bem faz com que o cristão se envolva na sociedade e ganhe o respeito dela. A primeira parte desse conselho a igreja evangélica tem enfatizado bastante ao longo de sua trajetória na sociedade brasileira, mas o envolvimento na sociedade a igreja evangélica tem negligenciado. Estas caracterizações, no entanto, vêm passando por uma mudança significativa, especialmente com o aumento de parlamentares evangélicos no Congresso Nacional e nas instâncias estaduais e municipais. E isto tanto positiva como negativamente. Também estes fatos novos devem ser considerados nesta avaliação. Ainda assim,

Por causa de sua boa conduta, a igreja sofre o afastamento da sociedade, e este sofrimento tem um impacto missionário na sociedade. A igreja acaba tendo uma vida distinta na sociedade em geral. Por outro lado, pelo seu envolvimento e participação na sociedade, a igreja também tem um impacto missionário na sociedade, uma penetração evangelística”<sup>72</sup>.

Para Carriker, essas duas atitudes são complementadas pela pregação verbal dando razão da esperança que cremos e proclamando as virtudes daquele que nos tirou das trevas para sua maravilhosa luz, pois na primeira carta de Pedro compreende-se que o testemunho missionário não era apenas verbal, mas também

---

<sup>71</sup> CARRIKER, T., Missão integral, p. 241.

<sup>72</sup> CARRIKER, T., Missão integral, p. 242.

através da prática do bem, da prática das boas obras. Ou como afirma Valdir Steuernagel, ao refletir sobre a missão da igreja,

Ao recebermos a Cristo começamos a ser ‘bênção às nações’. Assim como Jesus, que andava por todas as partes fazendo o bem (At. 10.38), ser cristão significa agora andar como Ele andou. Ser cristão, redimido pela graça do Senhor, significa nunca se cansar de fazer o bem (Gl 6.9)<sup>73</sup>.

Nas cartas de Paulo fica nítido a ênfase que ele dá à prática das boas obras, mostrando que esse assunto fazia parte dos temas básicos de sua pregação. Paulo entende a palavra da justificação de uma forma mais complexa, portanto, do que normalmente se atribui a ela no evangelismo contemporâneo.

Paulo em sua carta à igreja de Éfeso, por exemplo, afirma que a salvação é pela graça, por meio da fé, e não por obras. Mas ao sermos salvos somos chamados a praticar as boas obras que Deus mesmo preparou para que andássemos nelas (Efésios 2.8-10). Para Tito, seu verdadeiro filho na fé, ele o ensina a ser um exemplo, fazendo boas obras (Tito 2.7). Na mesma carta ele deixa claro que Jesus se entregou por nós para nos remir de toda a maldade, e purificar um povo para si mesmo dedicado à prática de boas obras (Tito 2.14). Ordena que Tito afirme categoricamente que os que creem em Deus devem se empenhar na prática de boas obras (Tito 3.8). E por último ele diz quanto aos nossos que devem aprender a dedicar-se à prática de boas obras (Tito 3.14).

Ao escrever para seu filho na fé Timóteo, Paulo ordena que as mulheres se vistam modestamente, não com tranças, ouros ou pérolas, mas se vistam com boas obras, como convêm às mulheres que professam adorar a Deus. (I Timóteo 2.9,10). Depois ele diz que as viúvas devem ser reconhecidas pela prática de boas obras e cita ainda alguns exemplos dessa prática. (I Timóteo 5.10). Ordena aos ricos que pratiquem o bem e sejam ricos em boas obras (I Timóteo 6.18). Em sua segunda carta a Timóteo ele lembra a importância da Palavra para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda a boa obra (II Timóteo 3.16,17). E fala também da importância da santificação para a prática das boas obras (II Timóteo 2.21).

A preocupação de Paulo com os pobres em Jerusalém também mostra que a proclamação do Evangelho por parte dele era caracterizada pela prática de boas

---

<sup>73</sup> STEUERNAGEL, V., A missão da igreja, p. 26.

obras. Paulo arrisca sua vida e liberdade voltando a Jerusalém para levar as ofertas recolhidas nas igrejas gentílicas em favor dos pobres das igrejas em Jerusalém, concretizando uma promessa que fizera no Concílio dos Apóstolos (Atos 15; Gálatas 2.10).

Para Paulo, é um ato de justiça distribuir os bens aos necessitados (II Coríntio 9.9). “Paulo viu sua diakonia aos pobres de Jerusalém como uma parte integral de seu ministério e do cumprimento do evangelho”<sup>74</sup>. Samuel Escobar chama a atenção que “as contribuições dos cristãos para ajudar os pobres, e até para eliminar as causas da pobreza, deveriam ser canalizadas no quadro de reciprocidade e mutualidade que só pode brotar de um compromisso comum de crer em Cristo”<sup>75</sup>.

Paulo fala ainda sobre praticar a hospitalidade e prestar ajuda (Romanos 12.13), servir ao outro (Gálatas 5.13), levar as cargas uns dos outros (Gálatas 6.2), cuidar dos pobres (Gálatas 2.10), contribuir generosamente (Romanos 12.8). Além disso, os cristãos devem amar uns aos outros e também os de fora (I Tessalonicenses 3.12). Para Paulo, viver a fé em Cristo sem praticar as boas obras que Deus preparou para nós, como cristãos e gente de seu povo, seria total contradição com tudo o que está envolvido no cristianismo. Segundo Bosch:

As pequenas igrejas paulinas constituem múltiplos bolsões de um estilo de vida alternativo que permeia os costumes e práticas da sociedade em torno delas. No meio de uma geração pervertida e corrupta, os cristãos devem ser irrepreensíveis e resplandecer como luzeiros no mundo (Fp 2.15) – sóbrios no julgamento, alegres na prática de atos de misericórdia, pacientes na tribulação, constantes na oração, praticando a hospitalidade, vivendo harmoniosamente com todas as pessoas, sem presunção, servindo aos necessitados (Rm 12). A paixão pela vinda do reinado de Deus anda de mãos dadas com a compaixão por um mundo em necessidade<sup>76</sup>.

Através de um bom desempenho acadêmico e da prática de boas obras no dia a dia da rotina universitária, o jovem evangélico poderá diminuir ou mesmo eliminar o preconceito que paira sobre ele. Por meio de suas ações a juventude universitária evangélica pode ser considerada parceira ativa na sociedade com seu serviço ao mundo e pode ser reconhecida como fonte de solução para muitos dos problemas. O jovem universitário evangélico para fazer amizades com não cristãos ou pessoas das mais diversas opções de vida precisará viver de maneira exemplar

<sup>74</sup> STEUERNAGEL, V., A missão da igreja, p. 26, p. 31.

<sup>75</sup> ESCOBAR, S., Desafios da Igreja na América Latina, p. 99.

<sup>76</sup> BOSCH, D. J., Missão transformadora, p.190.

para que essas pessoas possam ver suas boas obras e não tenham do que acusá-los (1 Pedro 2.12).

## 2.10

### O jovem e a participação em grupos sociais

Em relação à participação em grupos de jovens, apenas 15% participam e 85% não participam. Dos que participam, os grupos da igreja são os mais frequentados<sup>77</sup>. Na pesquisa da UNESCO, 13 milhões de jovens participam ou já participaram de organizações sociais (27,3% da juventude brasileira). Destes, cerca de 10 milhões já fizeram ou fazem parte de grupos de cunho religioso (81,1%). Opções como de caráter esportivo, cultural, artístico e assistencial, juntas, somaram 23,6%. As de caráter corporativo, como organizações trabalhista e estudantil somaram 18,7% e as de cunho partidário, apenas 3,3%<sup>78</sup>. Isto mostra que o percentual dos que já fizeram parte ou fazem parte de grupos de cunho religioso é muito maior do que as outras opções.

Os grupos religiosos podem servir como importantes instrumentos de envolvimento dos jovens nas lutas por transformações sociais. “A participação em grupos religiosos, portanto, pode ser analisada como um importante vetor para a construção de identidades juvenis, representando espaço importante de agregação social nessa fase de vida”<sup>79</sup>. Verificando a relação entre participação em organizações sociais e grau de instrução, percebe-se que dos 27,3% da juventude brasileira que afirma participar de organizações sociais, a porcentagem mais alta com 39,8% é dos jovens que têm o ensino superior. Aqueles com mais alto nível de escolaridade tendem a participar mais das organizações sociais<sup>80</sup>.

## 2.11

### O privilégio de ser um universitário evangélico no Brasil

O número de universitários em nosso país já passa de oito milhões de estudantes. Um número que impressiona, pensando que no início deste século eram

<sup>77</sup> ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M., Retratos da juventude brasileira, p. 400.

<sup>78</sup> FONSECA, A. B. e NOVAES, R. **Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade**: uma primeira aproximação. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2007, p.90.

<sup>79</sup> FONSECA, A. B. e NOVAES, R., **Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade**, p. 147.

<sup>80</sup> FONSECA, A. B. e NOVAES, R., **Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade**, p. 93.



apenas cerca de 2,7 milhões. Mas, diante de mais de 200 milhões de habitantes no Brasil, a população universitária é de apenas 4%. Por isso, estar dentro de uma universidade diante desta realidade é um privilégio. Neste mesmo período de crescimento de universitários, o número de evangélicos também cresceu bastante. Já são hoje cerca de 60 milhões de pessoas ou 29% da população que se declara evangélica. Em dez anos, o número de evangélicos cresceu mais de 60%. Este número também impressiona, mas sabemos que dentro deste contingente há pessoas que se declaram evangélicos praticantes e outros que se declaram evangélicos não praticantes. E mesmo os declarados praticantes, sabemos que muitas de suas práticas não são verdadeiramente evangélicas.

Não há pesquisas que mostrem a quantidade de evangélicos universitários no Brasil, mas dá para se imaginar, diante deste quadro, que não são muitos. Por isso, é um grande privilégio ser um universitário evangélico em nosso país. Além do mais, se sabe que só é possível conhecer a Cristo, porque Ele tomou a iniciativa de salvar o ser humano de seus pecados, mediante sua própria graça (Efésios 2.8,9). Não há nenhum mérito do ser humano em relação à sua salvação em Cristo Jesus. Para o homem é impossível ser salvo, mas para Deus todas as coisas são possíveis. *“Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: que fôssemos chamados filhos de Deus, o que de fato somos!”* (1 João 3:1).

Percebe-se também o grande privilégio de ser um universitário no Brasil quando se analisa que o número de universitários é somente um pouco maior do que os 7 milhões que passam fome hoje no Brasil. Ou, pasmem, o número de universitários é um pouco menor dos 8,5 milhões de pessoas extremamente pobres que existem hoje no Brasil. 8,5 milhões de pessoas com uma renda familiar *per capita* de míseros 70 reais por mês. Já os que vivem com cerca de 140 reais por mês, os moderadamente pobres, são 19,8 milhões de pessoas, mais do que o dobro da população universitária.

Muitos universitários recebem bolsas de iniciação à pesquisa e recebem 400 reais mensais, valor quase seis vezes a mais do que os 70 reais que as pessoas que estão abaixo da linha da pobreza têm para comer, se vestir, se locomover, etc. Além de tudo isso, o universitário tem um período de 4 ou 5 anos legitimado pela sociedade como um tempo para a sua exclusiva formação.

Em um país como o Brasil, com tantas desigualdades e anomalias, ter este tempo de formação universitária é um grande privilégio. Sem contar os muitos que

têm ingressado em mestrado e doutorado e prolongam muito mais ainda este tempo. Diante deste quadro é possível perceber o grande privilégio de ser um universitário evangélico no Brasil.

## 2.12

### A religiosidade do jovem universitário brasileiro

Quando se perguntou: “O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre, mesmo que você só faça de vez em quando? ”, chamou a atenção o fato de “ir à missa/igreja/culto” ser a resposta mais alta junto com “ir à praia” e “ir dançar/baile”, ficando à frente de “ir ao shopping” (16%) ou “ir a festa na casa de amigos” (15%)<sup>81</sup>. Percebe-se que o jovem gosta de participar das atividades no templo. Cabe às igrejas proporcionarem a este jovem uma programação que o atraia. De acordo com Jorge Claudio Ribeiro:

Uma motivação para os jovens aderirem a alguma igreja é a intensa necessidade de sociabilidade que estimula rapazes e moças da mesma religião a formar grupos, participar juntos de cultos e de lazer. Neste ambiente, a música é elemento importante na experiência religiosa, atraindo os jovens para shows e cultos evangélicos<sup>82</sup>.

Na pesquisa entre universitários da PUC-SP, ao comparar os grupos com religião e os sem-religião chama a atenção o fato que o segmento dos sem-religião “está mais disposto a se engajar numa causa social, humanitária e política e se diz bem mais indignado ante a maldade e pobreza, que os induzem a duvidar da existência de Deus”<sup>83</sup>. É possível supor que os “sem-religião estivessem dispostos a se engajar na luta por transformações sociais ou por buscarem algum tipo de recompensa, mas estes não se mostram convencidos de que haverá uma recompensa para as boas ações”<sup>84</sup>.

Da mesma forma ao comparar o grupo dos com-Deus e sem-Deus, o segundo grupo também “mostra-se mais disposto a se engajar numa causa social mesmo que a fé não as motive a tanto”<sup>85</sup>. A vivência da fé do jovem universitário evangélico não pode aliená-lo dos problemas sociais, mas sim deve levá-lo ao engajamento nas causas sociais, humanitárias e políticas.

<sup>81</sup> ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M., Retratos da juventude brasileira, p. 418.

<sup>82</sup> RIBEIRO, C., Religiosidade jovem, p. 128.

<sup>83</sup> RIBEIRO, C., Religiosidade jovem, p. 160.

<sup>84</sup> RIBEIRO, C., Religiosidade jovem, p. 160.

<sup>85</sup> RIBEIRO, C., Religiosidade jovem, p. 161.

Ainda em relação à religiosidade do jovem brasileiro é possível verificar algumas tendências.

Podemos identificar o entrelaçamento de três tendências que se fazem presentes na experiência desta geração, a saber: a) forte disposição para o trânsito religioso e para novas combinações sincréticas; b) diminuição da transferência religiosa intergeracional e ênfase na escolha individual (seja para declarar-se ateu ou agnóstico; seja para mudar de religião e seja, até, para permanecer na religião dos pais); c) ampliação das possibilidades para o desenvolvimento da religiosidade sem vínculos institucionais<sup>86</sup>.

No ambiente universitário, percebe-se que os jovens evangélicos estão abandonando suas igrejas de origem, mas continuam seu desenvolvimento religioso sem os vínculos institucionais, característica do efeito da secularização na atual modernidade. Porém, uma das características encontrada no jovem evangélico é a adesão exclusiva a sua pertença religiosa. Os jovens universitários evangélicos vão cada qual para suas próprias igrejas locais. Regina Novaes ao analisar os jovens evangélicos afirma:

Frequentando assiduamente suas igrejas, os “crentes” ou “evangélicos” – como se autodenominam e são denominados atualmente -, reafirmam seu pertencimento à “comunidade de irmãos”. Estes últimos aspectos refletem na adesão e na influência o que o “ser evangélico”, sobretudo pentecostal, tem para os jovens. Na pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, 100% dos jovens evangélicos – pentecostais e não pentecostais – afirmam só frequentar atos religiosos de sua própria religião<sup>87</sup>.

Porém, a igreja evangélica brasileira tem se tornado cada vez mais secularizada e tem sido caracterizada por uma religiosidade emocional e espetacular marcada pela lógica do mercado alavancada pelo uso massivo da mídia. “Ivone Gebara deplora essa pseudoreligião do mercado e da mídia cuja principal lógica não é a compaixão e a justiça, mas a catarse”<sup>88</sup>.

Também é importante ressaltar uma nova categoria religiosa que surge e que vem crescendo dentro da igreja evangélica que são os denominados “evangélicos não praticantes”. Com o crescimento do número de evangélicos no Brasil esta nova categoria surgiu e começou a ser contabilizada pelo IBGE. Estes são geralmente nascidos em berço evangélico, mas não praticam sua fé, assim como ocorre há muitos anos dentro do catolicismo. Também esta nova categoria religiosa é

<sup>86</sup> TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Org.). **As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 145.

<sup>87</sup> FONSECA, A. B. e NOVAES, R., *Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade*, p. 146.

<sup>88</sup> RIBEIRO, C., *Religiosidade jovem*, p. 83.

composta de pessoas, principalmente de jovens que se desiludiram com a religião institucionalizada. Confirma o que Danièle Hervieu-Léger diz, “existem, em todas as religiões, os “crentes não praticantes””<sup>89</sup>.

## **Conclusão**

Percorrendo o caminho de conhecer a juventude universitária evangélica verifica-se que esta carrega muitos traços que são próprios da juventude brasileira. A juventude universitária evangélica é uma juventude que está inserida na juventude brasileira. Conhecer os elementos comuns que existem a todos os jovens ajuda no processo de conhecer a juventude universitária evangélica, ou como afirmamos, de desvendar o rosto deste jovem. Em se tratando especificamente dos evangélicos, o rosto do jovem universitário evangélico será mais facilmente visto na medida em que se perceba a maneira como este vivencia sua fé durante este período de geralmente 4 ou 5 anos. As respostas dos entrevistados às perguntas que foram feitas ajudarão na compreensão desta vivência e trará mais luz para se perceber este rosto do jovem universitário evangélico.

---

<sup>89</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.42.

### 3

## A vivência da fé do jovem universitário evangélico

Neste capítulo será analisado a questão da vivência da fé da juventude universitária evangélica através principalmente das respostas dos entrevistados às perguntas feitas na pesquisa de campo com estudantes evangélicos da Universidade Estadual de Maringá. Para Paul Tilich, “fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”<sup>90</sup>. Desta forma, espera-se que a fé que o jovem universitário evangélico possui o leve a assumir seriamente sua responsabilidade como cristão, assim a vivência da fé deste jovem vai perpassar tudo aquilo que ele vive, enquanto universitário. A fé como aquilo que o toca incondicionalmente é o fundamento e a capacitação para que ele atue como agente de transformação da sociedade. Estar possuído por aquilo que o toca incondicionalmente faz com que o universitário vivencie de maneira sadia sua fé.

### 3.1

#### Escolha do curso

Na pesquisa entre universitários da PUC-Rio, “Os jovens declararam que a escolha do curso foi motivada principalmente por seus próprios interesses, além do mercado de trabalho e, por fim, da família... Nota-se, portanto, baixa menção à família como instituição norteadora do futuro profissional do jovem universitário na PUC-Rio”<sup>91</sup>. Da mesma forma acontece na pesquisa com os jovens universitários evangélicos da Universidade Estadual de Maringá. Apenas três jovens mencionaram esta questão familiar no momento da escolha de seus cursos. No caso desta pesquisa com jovens universitários evangélicos chama também a atenção a pouca menção à espiritualidade na escolha de seus cursos. Trabalhar com esta juventude a prática das disciplinas espirituais pode ajudá-los neste sentido.

Sabe-se que a escolha de um curso universitário não é tarefa fácil para um jovem. Um curso universitário pode afetar aquilo que ele vai ser por muitos anos de sua vida. Em geral, esta importante decisão é feita aos dezessete anos e isso não é tarefa fácil para estes jovens e chama a atenção o fato de que para metade dos entrevistados a espiritualidade não entrou na resposta do porquê escolheu seu curso.

---

<sup>90</sup> TILICH, P., Dinâmica da fé, p. 5.

<sup>91</sup> PEDROSA-PÁDUA, L.; MELLO, Z. (org.), Juventude, religião e ética, p.21.

Todos eles tiveram dúvidas e vários questionamentos na escolha de seus cursos, alguns buscaram até testes vocacionais, mas somente a metade dos entrevistados mencionaram que buscaram a Deus para tomarem esta decisão.

Isso não significa que estes jovens universitários evangélicos que não mencionaram qualquer coisa a respeito da espiritualidade em sua resposta sobre o porquê escolherem seu curso não estejam em um relacionamento íntimo e pessoal com Deus, que não buscaram entender a vontade de Deus para suas vidas ou não se importem ou não acreditem que Deus pudesse direcionar eles a uma escolha mais segura em relação ao curso que faria na universidade. A pergunta que foi feita a eles foi “por que você escolheu seu curso?” As respostas passaram principalmente por seus próprios interesses se assemelhando às respostas dos universitários de todos os tipos de religião da pesquisa da PUC-Rio.

Veja algumas das respostas dos entrevistados. Não serão informados nomes, nem o curso, para preservar a identidade dos entrevistados. Assim será feito ao longo de todo o capítulo. As respostas estão sempre em itálico.

*E1: Tantas coisas... Mas, bom, mais foi por vivência com minha família... Minha avó sempre falava que eu seria enfermeira... Uma coisa também muito legal foi quando descobri como a Enfermagem moderna foi fundada, através de Florence Nightingale, foi um chamado de Deus para ela. E quando eu vi isso, daí eu falei “ah meu Deus, acho que é isso mesmo que o Senhor quer, eu vou, eu vou tentar”, e estou gostando, graças a Deus.*

*E2: Me pergunto todos os dias isso. Bom, na verdade eu tive muita dificuldade, porque gosto de muita coisa, muitas mesmo... eu estava em um propósito com Deus e perguntei se realmente era o curso que Deus queria que eu fizesse... E Deus me mostrou este curso e eu comecei a pesquisar sobre ele. Eu prestei o vestibular, eu passei e foi quando vi que seria o propósito de Deus para a minha vida.*

*E3: Desde pequeno eu imaginei fazendo engenharia. Eu ia muito para a fazenda do meu avô e meu avô não era engenheiro nem nada..., mas sempre vi ele construindo casa, seja para os caseiros, construindo lá as estruturas que ele tinha que construir, seja casa de madeira ou estrutura para tirar leite da vaca e sempre achei muito da hora. Meu pai construiu uma vez uma casinha na árvore para a gente e eu sempre curti muito ver essas coisas, o cara começando do nada,*

*quebrando a madeira ali, cortando, e ver a estrutura sendo feita, então eu não sei, eu sempre falei que ia fazer isso e nunca pensei em fazer nada diferente...*

*E7: Eu levo tudo para o lado bem espiritual. Eu dou aula de ballet, sou formada em ballet, dou aula de dança... Eu comecei a orar e perguntar o que Deus queria para mim, porque eu não tinha passado no vestibular anterior. Eu queria fazer algo em que meus dons pudessem ser utilizados... Eu queria uma coisa que eu pudesse usar para transmitir aquilo que Deus queria tanto pelas artes quanto pela licenciatura mesmo para dar aula que é uma coisa que eu gosto.*

*E8: Minha mãe tem duas amigas que são enfermeiras e ela sempre gostou, ela me falou “filha, por que você não pensa em enfermagem?” Eu não sabia a diferença entre enfermagem e o técnico. Ela me falou a diferença, eu comecei a pesquisar no final do segundo ano, e no terceiro ano eu já tinha decidido a fazer enfermagem.*

Foi perguntado também para eles sobre o porquê escolheram a Universidade Estadual de Maringá. As respostas passam basicamente pelo fato da UEM ser uma universidade pública, gratuita e por ser uma referência na região. Três dos entrevistados eram da própria cidade de Maringá, outros três de Nova Esperança, distante cerca de 40 quilômetros da UEM, dois da cidade de Paiçandu, distante cerca de 14 quilômetros, e uma de Sarandi, cerca de oito quilômetros de distância. Cidades próximas que possibilita o deslocamento diário para a universidade, mas quando possível estes estudantes resolvem morar próximo da UEM para facilitar nos estudos, tamanha é a facilidade de conseguir uma boa moradia a um preço baixo ao lado da universidade.

Como já foi abordado no primeiro capítulo, com o aumento do número de jovens e de evangélicos na sociedade brasileira vem crescendo também o número de jovens universitários evangélicos, principalmente dos pentecostais que muitas vezes são os primeiros de sua família de origem a ingressarem em uma universidade. Diante da dificuldade que se é adentrar numa universidade em nosso país, ter uma universidade pública, gratuita, com uma ótima qualidade de ensino e próximo de suas casas é fundamental para esses jovens.

*E1: Ahh, primeiro porque quanto a facilidade de não ter que pagar, né. Seria muito difícil se tivesse que pagar a faculdade, trabalhar e estudar.... Segundo,*

*porque é uma universidade que tem um certo nome, tem um certo valor no currículo as pessoas, por ser estadual.*

*E2: Acho que a UEM tem um nome bom, acrescenta muito no currículo só pelo nome, não queria pagar uma particular. O pessoal da região estima bastante a UEM.*

*E3: Ahh, não sei, mas acho que escolhi a UEM, por causa da importância que ela tem.*

*E4: A UEM é referência na região.... Sabia que a UEM era uma boa universidade, pela tradição, por todo mundo falar, meu pai se formou aqui...*

*E5: A UEM é uma universidade pública que tem bastante destaque no currículo. É uma universidade pública com qualidade no ensino, qualidade nas pesquisas que são feitas, a UEM está sempre lá em cima.*

*E7: Porque é gratuita, principalmente. É pública. E também pela formação das pessoas. É muito bom os professores.*

*E8: Meus pais desde pequenininha pagaram colégio particular para mim e o intuito deles era que eu pudesse escolher uma universidade pública, também pela qualidade excelente do ensino e por não precisarem bancar mais quatro anos.*

*E9: Primeiramente pelo fato de ser pública... porque é uma universidade boa, é uma das melhores do Brasil, é o que dizem.*

### **3.2 Trânsito religioso**

Foi perguntado aos jovens na entrevista, como e quando ele se tornou um cristão? Suas respostas mostraram que alguns deles vinham de família evangélica e em algum momento de suas vidas optaram voluntariamente por confirmar a religião herdada de seus pais. Já outros transitaram da fé católica para a fé evangélica.

De acordo com o Censo de 2010, a realidade brasileira mostra que os católicos anualmente perdem 1% dos seus fiéis, enquanto os evangélicos ganham 0,7%. Esta transição tem se acelerado e atualmente deixam de ser católicos mais de 1% anualmente, ao mesmo tempo que ocorre o crescimento dos evangélicos. Também tem se acelerado o crescimento dos grupos sem religião, não necessariamente ateus, mas sim aqueles que vivem uma experiência religiosa, embora não estejam vinculados a uma instituição religiosa em particular.



A previsão é a de que em cerca de 10 a 15 anos os católicos deixem de ser maioria no Brasil. E esta transição da religião católica para a fé evangélica foi muito perceptível nas entrevistas com os jovens universitários evangélicos, não necessariamente por estes transitarem da fé católica para a fé evangélica, mas porque muitos mencionaram este trânsito em relação aos seus pais ou avós. A população jovem busca continuamente por uma expressão de fé que dê sentido à sua existência, o que pode levar a um aceleração do trânsito religioso ou, como diz Danièle Hervieu-Léger, a uma tríplice figura do indivíduo que muda de religião, daquele que abraça de maneira voluntária uma religião ou daquele que (re)descobre sua religião de origem<sup>92</sup>.

No caso dos universitários entrevistados chama a atenção o fato de muitos terem ou experimentado ou presenciado esta transição da fé católica para a fé evangélica e como estes universitários têm dificuldade de um diálogo ecumênico. Ecumenismo aqui é entendido como o diálogo entre aqueles que se declaram como cristãos.

Uma das entrevistadas afirmou que era católica quando criança, mas contou que aos 9 ou 10 anos sua avó a levou para a igreja evangélica e com 12 anos decidiu se batizar na igreja evangélica. Outra estudante disse que seu pai é evangélico e sua mãe é católica. Quando criança o pai a levava na igreja evangélica e sua mãe na igreja católica. Ela relatou que gostou mais da igreja evangélica e escolheu ficar por lá. Em 2015, aos 17 anos de idade, afirmou ter uma experiência com Jesus em um evento de final de semana chamado de “Encontro” e foi neste momento que, segundo ela, se tornou cristã de verdade. De acordo com suas palavras, “*foi ali onde Jesus me encontrou*”. Percebe-se neste caso essa redescoberta de sua religião de origem.

Ainda uma outra universitária entrevistada disse que se converteu há dois anos. Ela era católica e passou para a fé evangélica. E por último, um jovem universitário mencionou que sua família era católica, mas um dia, de acordo com suas palavras, seus pais “*se converteram*” e ele então desde pequeno começou a frequentar a igreja evangélica, afirmando que sempre se sentiu parte da igreja e um seguidor de Jesus. Porém, no final de sua adolescência ele descreve uma

---

<sup>92</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.108.

“experiência mais profunda de um relacionamento íntimo e particular com Jesus”, de acordo com suas palavras.

Nos relatos dos entrevistados chama a atenção a participação dos avós na espiritualidade dos jovens universitários evangélicos. Foi mencionado algumas vezes que eram os avós que levavam esses jovens, quando ainda eram crianças, para a igreja evangélica. E também se destaca a importância de eventos como retiros e congressos para uma afirmação da experiência religiosa destes jovens universitários evangélicos. O documento da CNBB sobre evangelização da juventude afirma:

Nossa tradição eclesial comprova o valor perene de momentos especiais para os jovens e com os jovens, cuja finalidade é a formação e a espiritualidade. Encontros, jornadas e manhãs de formação são capazes de congregar muitos jovens interessados em algo mais profundo, desafiador, envolvente. Palestras bem ministradas e o clima de amizade são capazes de mexer com a vida dos jovens dando-lhes rumo, segurança, serenidade. Os diversos tipos de retiros, vigílias, celebrações provocam nos jovens grandes questionamentos e desejo de mudança de vida, principalmente quando são confrontados com a pessoa e a proposta de Jesus Cristo<sup>93</sup>.

Hervieu-Léger aborda que um dos pontos de partida para uma integração em um grupo, dentro do qual este indivíduo adquire de maneira progressiva uma cultura religiosa, é a participação fortuita em uma concentração de jovens<sup>94</sup>. Danièle se referindo à Igreja Romana, mas que também pode ser observado dentro do ambiente protestante, afirma:

Note-se que a Igreja Romana pode igualmente ostentar uma longa experiência histórica de mobilização religiosa de massa através de peregrinações, procissões, missões paroquiais, congressos eucarísticos, celebrações do Ano Santo, etc. Os movimentos de juventude católica sempre trabalharam no sentido de reforçar emocionalmente a adesão de seus membros, suscitando experiências coletivas em que o envolvimento dos corpos promove a comunhão do espírito<sup>95</sup>.

Para Danièle a forma é atrativa, porque oferece a possibilidade de uma participação flexível, cuja intensidade é fixada pelo próprio indivíduo. Isso foi confirmado nas experiências dos jovens universitários evangélicos entrevistados em seu envolvimento com movimentos evangélicos nas universidades.

Outro ponto de destaque nos relatos dos entrevistados é a maneira exclusivista que os evangélicos se declaram como cristãos. Ao responderem à pergunta “*como*

<sup>93</sup> CNBB, doc. 93, **Evangelização da juventude**. Desafio e perspectivas pastorais. Editora Paulus: São Paulo, 2007, p.49.

<sup>94</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.73.

<sup>95</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.101.

*e quando se tornou cristão?”*, fazem afirmações tais como, eu era católico e agora sou um cristão de verdade, referindo-se ao fato de agora pertencerem à fé evangélica. Como já afirmamos, os evangélicos têm uma adesão e uma pertença religiosa exclusiva. Esta postura dificulta o diálogo dos evangélicos com os demais cristãos, principalmente com os católicos.

Historicamente, a relação entre católicos e evangélicos no Brasil tem sido de oposição. Por exemplo, podemos citar a relação entre os batistas que representam a maior “igreja de missão” do Brasil e os católicos<sup>96</sup>. Os batistas chegaram ao Brasil no final do século XIX através de missionários norte-americanos, que para se firmarem em solo brasileiro adotaram uma forte oposição anticatólica.

Os católicos, que possuíam uma total hegemonia desde o século XVI, com a chegada dos portugueses e a catequização dos índios, não aceitaram a implantação dos batistas em terras tupiniquins. Muitos foram os casos de violência física e verbal contra os batistas. Estes, por possuírem um forte caráter proselitista, sempre viram os católicos como pessoas que necessitavam de conversão.

Padres que se converteram em batistas sempre foram muito bem recebidos e admirados nesta denominação. A Bíblia adotada pelos batistas no Brasil foi traduzida para o português por João Ferreira de Almeida, um ex-padre. E o primeiro brasileiro batizado pelos batistas foi um padre católico romano de Maceió, Antônio Teixeira de Albuquerque. Aníbal Pereira dos Reis (1924-1991), também um ex-padre que se tornou pastor batista, ajudou bastante na polarização entre católicos e batistas.

Reverenciado no meio batista, Aníbal escreveu muitos livros onde criticava, principalmente, o catolicismo e o ecumenismo. Seu livro, “O Ecumenismo e os batistas. Um brado de alerta contra o perigo”, ganhou bastante destaque entre os batistas. Junto a isso, houve a polêmica de uma suposta carta<sup>97</sup> enviada pelo Cardeal D. Agnelo Rossi, prefeito da S. Congregação para a Evangelização dos Povos em Roma, ao cardeal brasileiro D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo contra o pastor Aníbal Pereira Reis, que foi publicada pelo Jornal Batista em janeiro de

<sup>96</sup> CALDAS, C. As ondas estrangeiras no Brasil in WINTER, R. D. (Ed.), HAWTHORNE, S. C. (Ed.), BRADFORD, K. D. (Ed.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**: coletânea de textos de autores nacionais e estrangeiros explorando as perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégia no movimento de evangelização mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 361.

<sup>97</sup> Jornal Batista, Edição 4, janeiro de 1972. Disponível em: <http://acervo.batistas.com/visualizar.html>. Acesso em 24/06/2016.

1972, onde acirrou ainda mais os ânimos. Ao tomar conhecimento do artigo do jornal Batista, D. Agnelo Rossi, de Roma, escreveu para o Jornal Batista um artigo em que denunciava a falsidade da carta. Este artigo foi publicado pelo Jornal Batista em 5 de março de 1972<sup>98</sup>. Nesta época, várias eram as referências no jornal sobre o perigo do ecumenismo e a aproximação com os católicos.

Este é somente um dos exemplos da difícil relação entre evangélicos e católicos no Brasil. Fora do Brasil, ao longo do século XX, houve um grande avanço na relação de unidade entre os cristãos devido, principalmente, ao movimento ecumênico. Este movimento teve origem em 1910, na conferência de Edimburgo, e os católicos aderiram ao movimento, principalmente, no Concílio Vaticano II, em 1965, tendo, inclusive, sido realizado um importante documento, o decreto *Unitatis Redintegratio*<sup>99</sup> sobre o ecumenismo. Este decreto foi escrito para os católicos para que estes adotassem uma postura mais ecumênica, ou seja, de abertura e compreensão dos demais cristãos para que houvesse mais unidade, conforme o desejo de Jesus Cristo, expresso em sua oração ao Pai no final de seu ministério terreno (João 17).

Têm avançado a nível mundial o diálogo entre católicos e batistas, exemplo disto foram as conversas que aconteceram entre 2006 a 2010 entre eles, resultando no relatório, “A Palavra de Deus na vida da Igreja”<sup>100</sup>, um relatório internacional de conversas entre a Igreja Católica e a Aliança Batista Mundial. Nestas conversas, ficou claro que há muitos pontos de convergência entre batistas e católicos, principalmente, em questões essenciais da fé, como a pessoa e a obra de Cristo.

Estas conversas geraram um maior conhecimento e compreensão de ambos os lados. Os católicos adquiriram um melhor conhecimento da doutrina e história dos batistas, da vida espiritual e litúrgica, da psicologia religiosa e da cultura própria dos batistas, assim como era esperado e desejado pela *Unitatis Redintegratio*. Da mesma forma aconteceu com os batistas em relação aos católicos.

Isso é extremamente importante, pois o desconhecimento sempre gera afirmações errôneas e desconfiança. Além de um conhecimento mútuo e de uma

<sup>98</sup> Jornal Batista, março de 1972, Edição 1. Disponível em: <http://acervo.batistas.com/visualizar.html>. Acesso em 24/06/2016.

<sup>99</sup> Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html). Acesso em 22/06/2016.

<sup>100</sup> Disponível em [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/Bapstist%20alliance/rc\\_pc\\_chrstuni\\_doc\\_20101213\\_report-2006-2010\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/Bapstist%20alliance/rc_pc_chrstuni_doc_20101213_report-2006-2010_en.html). Acesso em 22/06/2016.

melhor compreensão dos posicionamentos adotados, as conversas durante cinco anos serviram para gerar um clima de amizade e respeito de ambas as partes. O relatório, em seu prefácio, ressalta a apreciação da amizade entre católicos e batistas que cresceu ao longo das conversas. A partilha pela manhã e a oração à noite uniu os participantes batistas e católicos na comunhão.

Na busca da unidade desejada por Jesus Cristo é preciso se focar no que há em comum entre os evangélicos e católicos e não naquilo que os difere, e quantos pontos de comum há! Por exemplo, a crença em único Deus, a confiança em Deus Pai criador dos céus e da terra, em Jesus Cristo como Senhor e salvador dos homens, 100% homem e 100% divino, único caminho de salvação a Deus, e no Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade, Conselheiro e Consolador. Como afirma o relatório “A Palavra de Deus na vida da Igreja”, os leitores do relatório vão se surpreender com a extensão da mente em comum que tem sido revelado.

Porém, no Brasil, ainda há um grande caminho a percorrer. Após oito anos de conclusão deste relatório, o documento sequer foi traduzido para o português, dificultando o acesso e o conhecimento dos batistas brasileiros e dos demais evangélicos a este relatório. As igrejas batistas brasileiras, filiadas à Convenção Batista Brasileira, órgão filiado à Aliança Batista Mundial, pouco ou nada conhecem deste relatório, muito menos os demais evangélicos.

Ainda hoje a Convenção Batista Brasileira demonstra uma posição anticatólica e vê o ecumenismo como algo que não deve sequer ser mencionado. No jornal Batista, publicação periódica, enviado às igrejas batistas no Brasil, este tema não é abordado. Nas Convenções nacionais realizadas anualmente, acontece da mesma forma. Na matriz curricular dos seminários adotados pela Convenção também não há uma matéria sobre este assunto. E nas igrejas locais, continua-se celebrando quando um católico se torna batista, buscando-se a “conversão” dos católicos. Sabe-se que o mesmo acontece em outras denominações evangélicas. Sem contar os casos extremos de insultos e vandalismo a objetos religiosos católicos por parte de pastores evangélicos e de agressões verbais muitas vezes em programa de TV exibidos nacionalmente.

Os evangélicos no Brasil possuem um forte caráter missionário. Este forte caráter missionário não pode ser confundido com proselitismo. A forte ênfase na pregação do Evangelho, o zelo demonstrado por anunciar a Cristo, poderia levar os evangélicos à uma posição de maior abertura e compreensão dos católicos. Jesus

Cristo orou para que seus discípulos fossem um, assim como ele e o pai eram um, e assim o mundo viria a crer que o pai enviou Jesus (João 17,20 e 21). “Esta divisão, porém, contradiz, abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima pregação do Evangelho a toda a criatura”, conforme afirma em seu proêmio a *Unitatis Redintegratio*.

Da parte dos católicos, desde o Concílio Vaticano II, já há o reconhecimento de que os católicos e evangélicos são irmãos. O termo “irmão separado”, utilizado na *Unitatis Redintegratio*, criticado por Karl Barth na época, já foi revisto e não é utilizado mais, e é preciso reconhecer que naquele momento histórico, ao se utilizar do termo “irmão separado”, isto já significou um grande avanço, pois, até então, os católicos afirmavam que só havia salvação dentro da Igreja Católica Romana e os demais eram considerados hereges.

Também já houve um pedido humilde de perdão e reconhecimento de culpa por parte dos católicos para esta separação. Mas, para que esta unidade aconteça, os evangélicos brasileiros precisam estar abertos e sensíveis ao outro também. Mediante o sopro da graça do Espírito Santo, pela oração, pela palavra e pela ação, espera-se que os evangélicos empreendem tentativas de aproximação da plenitude de unidade que Jesus Cristo quis. E os jovens universitários evangélicos poderiam ser exemplos nisto.

Os 500 anos da Reforma foi um grande momento de os cristãos mostrarem ao mundo que, como humanos comete-se erros, divisões, quebra-se a comunhão, mas que pela misericórdia de Deus, pela graça de Jesus Cristo, e pela força do Espírito Santo, é dado o perdão mútuo e os cristãos podem voltar a caminharem juntos. Onde abundou o pecado, superabundou a graça (Romanos 5,20). Os luteranos e os católicos deram um ótimo exemplo e se mostraram abertos a esta graça. O papa esteve presente na celebração dos 500 anos da Reforma.

É preciso que os demais evangélicos estejam também abertos a esta graça. Como afirma mais uma vez a *Unitatis Redintegratio* em seu proêmio,

O Senhor dos séculos, porém, prossegue sábia e pacientemente o plano de sua graça a favor de nós pecadores. Começou ultimamente a infundir de modo mais abundante nos cristãos separados entre si a compunção de coração e o desejo de união. Por toda a parte, muitos homens sentiram o impulso desta graça<sup>101</sup>.

<sup>101</sup> Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html). Acesso em 16 maio de 2018.

### 3.3

#### Medo de entrar na universidade por causa da fé?

Nas entrevistas com os jovens universitários evangélicos foi perguntado também se eles tinham algum medo de entrar na faculdade, por causa de sua fé. Quase todos declararam que não possuíam nenhum tipo de medo de entrar na faculdade, por causa de sua fé. Apenas duas universitárias declararam que possuíam medo de entrar na universidade.

Uma delas declarou que teve medo de entrar na universidade, principalmente pelo fato de achar que os professores pudessem mudar seu pensamento a respeito de Deus. Uma outra universitária disse que ouvia muito as pessoas dizendo que quando ela entrasse na universidade, ela perderia a fé. Dois outros universitários afirmaram ter apenas um receio, mas não medo de entrar na universidade, por causa de sua fé. Receio de não terem amigos na universidade ou de alguém perguntar algo e eles não souberem responder.

De maneira geral o jovem universitário evangélico não teme entrar na faculdade, por causa de sua fé. Faz parte de sua vida e muitos de seus amigos também estão na universidade, o que ajuda neste processo. Mas o que chama a atenção é o discurso de seus familiares, pastores e pessoas próximas do medo que eles têm destes jovens universitários evangélicos perderem sua fé dentro do contexto universitário. Todos estes entrevistados citaram que ouviram em algum momento do risco deles se envolverem com algo que não estava de acordo com sua fé ou que eles poderiam sofrer algum tipo de má influência levando posteriormente ao abandono de sua fé.

*E1: Não, nunca tive, mas minha família tinha muito.... Eles achavam que eu ia entrar aqui e ia mudar minha mente, mudar minha atitude, mas eu mesmo nunca tive medo. Minha tia ainda falava, eu não sei se fico feliz ou com medo de você ter passado.*

*E6: Eu tive bastante, porque quando eu desisti de algumas coisas da igreja para entrar no técnico algumas pessoas que eu considerava como líderes em minha vida, chegaram a falar que Deus pesaria sua mão sobre mim, porque eu estava deixando de fazer a obra Dele por estudar e isso era absurdo. Aquilo me incomodou. Aí quando entrei no técnico isso não aconteceu, mas quando entrei aqui, minha mãe ficou muito receosa, ela ficou com muito medo, porque até então*

*eu tinha acabado de voltar para a igreja e minha mãe ficou muito temerosa, porque minha família já tinha tido esta experiência com minha prima que tinha entrado na faculdade e se desviou. E minha mãe tinha um pouco de medo. E eu tive medo dos professores conseguirem mudar meu pensamento, medo de ter que enfrentar um professor, mas isso nunca aconteceu.*

*E7: Não, verdade, de boa, eu não tinha nenhum temor. Os outros, da minha igreja, é que estavam preocupados.*

*E8: Não, não tinha medo, só um pouco insegura. Preocupada se alguém perguntasse alguma coisa para mim e eu não soubesse responder. Mas medo mesmo não, nunca tive não.*

Veremos isso mais adiante na relação dos pastores com os jovens universitários, mas é interessante este dado, pois mostra que os adultos, especialmente os pastores, na tentativa de protegerem esses jovens, buscam alertar sobre os “perigos” da vivência da fé na universidade, mas pouco estão fazendo para ajudá-los nesta caminhada, provavelmente, por não saberem o que fazer.

Todos os jovens entrevistados ao serem perguntados se havia algum tipo de trabalho específico de preparação em sua igreja para a entrada ou vivência da fé na universidade afirmaram que suas igrejas não possuíam nenhum tipo de trabalho específico neste sentido. Eles declararam também que isso seria bem interessante, caso tivessem recebido este tipo de apoio. Como uma das entrevistadas, que relatou que seus pais e, principalmente, seu pastor, falava muito do medo dela perder a fé na universidade. O entrevistador perguntou então o que ela gostaria que seu pastor fizesse por ela. O entrevistador esperava uma resposta complexa, mas ela simplesmente disse que gostaria de escutar de seu pastor que ele estava orando por ela. Por muitas vezes, esta jovem escutou do púlpito ou em conversas com seu pastor dos problemas que poderia enfrentar na universidade por causa de sua fé, mas em nenhum momento a mesma escutou que seu pastor estava orando por ela.

Isso demonstra que não necessariamente é preciso fazer um grande evento ou elaborar um grande projeto para apoiar estes jovens universitários em sua vivência da fé, mas simples atitudes já podem ajudar de maneira significativa esses jovens universitários evangélicos.



### 3.4

#### **A importância da amizade para o jovem universitário evangélico**

O tema que mais aparece nas entrevistas é a amizade. Muitos ao responderem sobre quem é Jesus afirmaram que Jesus é seu amigo e buscaram ter esta relação de amizade com Jesus. Quando questionados sobre se viviam alguma dificuldade por causa de sua fé na universidade, muitos tocaram na questão da amizade, relatando dificuldades de terem amigos não cristãos ou de se relacionarem com outras pessoas.

Ao serem perguntados se tinham algum medo de entrar na universidade, por causa de sua fé, mais uma vez a amizade apareceu nas respostas. Medo de não terem amizades, medo de que se seus amigos iriam respeitar sua fé, e mencionaram que vários amigos alertaram sobre os perigos que poderiam enfrentar na universidade.

Ao serem perguntados do porquê participavam de algum grupo religioso na universidade respondiam sobre a importância da amizade com outros cristãos para fortalecerem sua fé, pois não queriam ficar sozinhos, já que tinham dificuldades de terem amizades com não cristãos, e, também procuravam esses grupos religiosos para dar tempo para Deus, com quem afirmam ter um relacionamento de amizade.

Ao refletirem sobre a vivência da fé na universidade, alguns lembraram de amigos que perderam a fé dentro do ambiente universitário. Quando questionados sobre o que pensavam sobre a prática homossexual, praticamente todos enfatizavam que tinham amigos homossexuais ou falavam da importância de terem amizades com os homossexuais.

A questão da amizade perpassa praticamente quase toda a entrevista e mostra o quanto esta questão é importante para esta juventude. Confirma assim o que foi abordado no primeiro capítulo sobre o jovem e a importância da amizade.

### 3.5

#### **A importância da espiritualidade para a vivência da fé do jovem universitário evangélico**

De acordo com o que foi relatado nas entrevistas, a espiritualidade é importante para a vivência do jovem universitário evangélico, principalmente no primeiro ano de seus cursos quando têm mais dificuldades na adaptação ao novo estilo de vida. Muitos saem pela primeira vez da casa dos pais, vão morar em

repúblicas com outras pessoas e, geralmente, têm uma liberdade maior que antes não tinham, assumindo ou começando a assumir as responsabilidades da vida adulta.

A exigência com os estudos é maior e se sentem isolados neste período inicial onde precisam ser proativos para fazerem novas amizades. É justamente neste momento que os jovens universitários, em sua grande maioria, têm buscado a participação em algum grupo religioso na universidade já que durante a semana, ou estão longe de suas igrejas de origem ou mesmo não têm tempo de participar, devido à intensa rotina universitária.

Uma das entrevistadas que estava no último ano de seu curso, ao relatar que procurou um grupo religioso na universidade, porque de acordo com ela a igreja era uma coisa que iniciava no sábado e acaba no domingo à noite e não tinha pessoas que a auxiliassem durante a semana, enquanto estava na faculdade, disse que precisava de alguém a auxiliando ali no dia a dia, e a Comunidade Evangélica Universitária (CEU), grupo religioso evangélico presente na UEM, tinha cultos nos intervalos das aulas. Então todos os momentos que podia, ela procurava estar neste ambiente, pois isso a ajudava a lidar com a rotina universitária.

De acordo com esta universitária evangélica, agora sua igreja tem algumas tarefas durante a semana e isso a ajuda a se relacionar com os cristãos de sua igreja e já não vê a CEU como tão necessária. Após isso, ela foi questionada sobre quando ela mais precisou de ajuda, e ela respondeu que foi principalmente no primeiro ano, justamente por ser um tempo ainda de adaptação ao mundo universitário.

Apenas dois universitários evangélicos entrevistados nunca haviam participado de algum grupo religioso na faculdade. De acordo com uma delas, ela não participa de nenhum grupo religioso, apesar de já ter sido convidada por uma amiga cristã a ir num grupo de universitários evangélicos, pois realmente não teve interesse, já que tinha muitas atividades na faculdade e tinha pouco tempo. A outra disse que sabe que existe um grupo religioso, mas não participa, pois não tem vontade mesmo de participar.

Entretanto, há outros que participam até mesmo de dois grupos evangélicos na UEM, como por exemplo o Dunamis Pockets, a CEU e ou o grupo denominado de 40 minutos. Uma das entrevistadas que participa de dois destes grupos afirmou que o foco destes grupos é o fortalecimento dos próprios jovens que estão na universidade. Na entrevista ela menciona a dificuldade de ser evangélica e estar

num ambiente acadêmico. Também diz que entrou na CEU no primeiro ano, justamente porque precisava de algum cristão dentro da universidade. Entrou nos dois grupos para buscar auxílio na relação entre sua própria fé e a universidade.

Ela conta que logo no primeiro ano já sentiu esta dificuldade em uma matéria de literatura onde o professor começou a citar a Bíblia, livro que ele via como apenas literário. De acordo com ela, o professor começou a contar algumas histórias registradas na Bíblia, citou Moisés, Arca de Noé, falou tudo com muitos detalhes. Ela estava entusiasmada com aquilo. Depois este professor trouxe outros livros mais antigos e, segundo o professor, livros que contavam as mesmas histórias da Bíblia. A partir deste momento, o professor começou a falar para eles sobre plágio, utilizando a Bíblia como um livro que plagiou outros livros.

Neste momento, ela disse que começou a ter problemas com sua fé, pois frequentemente o professor se utilizava de exemplos bíblicos para mostrar que a Bíblia era somente um livro literário e não sagrado. A aula deste professor era na terça à noite e no mesmo dia a tarde ela ia para a reunião da CEU. De acordo com ela, isso era muito bom, pois a ajudava em sua fé para assistir esta aula depois. Ela finaliza dizendo que os amigos cristãos na universidade ajudam bastante em sua caminhada de fé e que sua família e a igreja também ajudam.

Porém, não há nenhuma menção à prática das disciplinas espirituais para o fortalecimento da fé destes universitários. A busca para fortalecer a fé é sempre participar de algum grupo evangélico presente na universidade. Como afirma Machado,

Uma espiritualidade sólida e comprometida dá lugar a algo explosivo e de curto prazo. Sacia a afetividade, mas não alimenta para o crescimento na fé. A consciência de culpa e de pecado se torna cada vez mais efêmera e marca cada vez menos as juventudes. Vive-se uma época de um quase “vale-tudo” religioso<sup>102</sup>.

*E9: Na CEU eu entrei no primeiro ano, e entrei justamente porque eu precisava de alguma coisa cristã dentro da universidade, já o Pockets eu entrei já esse ano... os dois foram para me ajudar mesmo, para me auxiliar na minha relação entre toda a minha fé e a universidade, que são coisas que se chocam bastante diversas vezes dentro do meu curso.*

---

<sup>102</sup> MACHADO, J. V. V. **Juventude Batista Brasileira**: a mobilização e o preparo de líderes de ministério de juventudes batistas no Brasil. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p.36.

*E6: Para mim na universidade fazia falta (participar de um grupo evangélico), principalmente no primeiro ano, era bem puxado a faculdade, ainda é, até por ser um curso integral, e quase toda a sexta-feira era o meu alívio. Depois das férias eu tive que parar de ir para o 40 minutos, por causa do meu estágio com minha orientadora e eu senti falta, porque era o meu gás da semana.*

### 3.6

#### **Quem é Jesus para o jovem universitário evangélico?**

Na entrevista foi feita a seguinte pergunta para os jovens universitários evangélicos: quem é Jesus? Uma pergunta curta, mas extremamente importante, feita até mesmo pelo próprio Jesus aos seus discípulos e registrada pelos Evangelhos sinóticos (Lucas 9:18; Marcos 8:27; Mateus 16:13). Esta pergunta foi motivo de grandes disputas ao longo da história, principalmente nos primeiros séculos. Jesus é Deus? Jesus é um ser humano? Como conciliar a natureza humana com a natureza divina de Jesus? Muitas heresias surgiram por causa desta simples pergunta sobre quem é Jesus.

O concílio de Calcedônia, no século IV, no ano de 345 d.C., buscou esclarecer esses pontos e afirmou cinco verdades, (1) Jesus possui duas naturezas, Ele é Deus e ser humano; (2) Cada natureza é absolutamente completa, Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente Homem; (3) Cada natureza permanece distinta; (4) Cristo é uma só pessoa e (5) As coisas que são verdadeiras a uma só natureza são, contudo, verdadeiras na Pessoa de Cristo.

Mas, esta questão não parece preocupar ou interessar o jovem universitário evangélico. Para eles, Jesus é aquele com quem podem se relacionar, é um amigo, um companheiro, ou o “cara” que está sempre presente. Nas respostas dos universitários evangélicos foi enfatizado muito o lado humano de Jesus, porém, quase nada foi abordado do lado divino de Jesus. Não houve sequer uma resposta que afirmasse a clássica definição do Concílio de Calcedônia de que Jesus é plenamente humano e plenamente divino.

Historicamente sabemos que muitos erros e problemas na fé podem surgir de uma ênfase demasiada somente em uma destas verdades. Chama a atenção o fato que as respostas foram muito similares, independentemente do tempo de conversão

e da denominação a qual pertencem, seja ela de origem pentecostal, neopentecostal ou do protestantismo histórico.

Alguns se emocionaram e chegaram até a chorar com a pergunta. O choro e a emoção com que alguns responderam mostra que há um desejo forte de relacionamento com a segunda pessoa da Trindade. Porém, uma má compreensão da pessoa de Jesus e uma ênfase numa experiência pode levar esses jovens universitários a futuramente abandonarem sua fé em Cristo. Libânio diz que “a figura de Jesus lhes toca preferencialmente afetividade, provoca emoção, admiração até paixão, mas não seguimento”<sup>103</sup>.

Sabemos que todas as pessoas passam por dificuldades, crises existenciais, problemas emocionais, ou mesmo na caminhada cristã é comum acontecer um silêncio de Deus que pode ser percebido como um abandono de Deus. Moltmann diz, “Os maiores cristãos viveram na pele o mais profundo abandono de Deus”<sup>104</sup>. A fé é fortalecida quando se passa por esses momentos (Tiago 1.2-4).

Jesus enfatiza esse relacionamento com Ele mesmo e chama seus discípulos de amigos (João 15.15). O papa Bento XVI, no encerramento da XX Jornada Mundial da Juventude, saudou os jovens de língua portuguesa fazendo votos de que eles vivessem sempre na amizade com Jesus para experimentarem a verdadeira alegria e para comunicarem a todos, de forma especial aos seus coetâneos em maior necessidade. Isto é muito saudável e todos esperam que os jovens universitários desenvolvam essa amizade com Jesus.

Porém, nestes momentos de dificuldades, de solidão, de um sentimento de abandono, não se experimenta Jesus como um amigo, não se tem experiências emocionais com ele. Uma visão de Jesus sendo somente um amigo, baseando-se em suas próprias experiências pode levar a um distanciamento e possível rompimento nessa relação com Deus quando estes momentos difíceis acontecerem na vida destes jovens.

As respostas dos jovens universitários evangélicos à pergunta “*Quem é Jesus para você?*” demonstra uma certa ausência de conhecimentos doutrinários ao mesmo tempo que revela uma vivência cristã autêntica. Jesus é aquele que está próximo, é o amigo, aquele que caminha ao nosso lado, aquele que está sempre

---

<sup>103</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p.209.

<sup>104</sup> MOLTMANN, J., O Deus crucificado, p.80.

conosco. A amizade é um valor muito importante para o jovem e deve-se aproveitar este valor para levar o jovem a uma maior amizade com Deus.

Como já foi citado no primeiro capítulo, de acordo com Libânio, “Na idade da juventude, **valorizam-se as relações sociais com iguais** sob a forma de **amizade**... A preferência pela amizade é algo permanente na juventude”<sup>105</sup> (grifo meu). Esta relação é a que parece se dar entre o jovem universitário evangélico a respeito de Jesus, mas será que é saudável para a fé considerar Jesus apenas como um igual?

Na década de oitenta o padre Zezinho já dizia,

Há um grande número de jovens para quem Jesus Cristo é uma noção muito vaga. É impressionante ainda o número de jovens, inclusive dos que dão palestras, que falam de Jesus como se fosse um simples homem, ou uma divindade mágica, ou ainda que o tratam de pai. A cristologia é bastante falha na pastoral de juventude<sup>106</sup>.

Quase quatro décadas se passaram e a cristologia entre os jovens continua sendo bastante falha. A única mudança parece que na década de oitenta se enfatizava a questão da paternidade e agora se enfatiza Jesus como amigo. Parece que os jovens universitários evangélicos estão construindo para si mesmos um Deus pessoal, um Jesus pessoal, porém esse Jesus pode não ser exatamente aquele demonstrado nas Sagradas Escrituras.

Uma vivência da fé por parte de um evangélico que não põe Cristo no centro e que não busca conhecer mais da pessoa de Cristo com certeza trará problemas graves nesta vivência. O jovem universitário evangélico precisa conhecer mais da pessoa de Cristo.

*E1: Jesus para mim, ele é o meu parceiro, é o meu amigo. Assim como converso com você eu converso com ele...*

*E2: Jesus é “Mara”. Jesus para mim, eu acho que acima de tudo, ele é meu parceiro em tudo. Eu não tenho aquela visão de que Jesus é um carrasco, sabe, não sei, eu chamo ele como um amigo mesmo para mim, porque, nossa eu fico até emocionada, porque todo o momento é uma pessoa que eu posso estar conversando, coisas que eu não posso, sei que as pessoas não terão maturidade para entender, as pessoas não vão compreender, eu vou direcionado a ele, a Jesus,*

<sup>105</sup> LIBANIO, J. B., Jovens em tempos de modernidade, p.23.

<sup>106</sup> Pe. ZEZINHO, scj., Meu cristo jovem foi ficando adulto, p.20.

*é uma pessoa que testa as minhas habilidades, me faz crescer, e que eu sei que posso contar em tudo. Ele é demais, demais.*

*E4: Para mim Jesus é o Filho de Deus, é o cara que mudou tudo. Jesus é o cara que o Pai enviou... Jesus é quem me salvou, me redimiou, me deu vida. É uma pessoa com que eu troco ideia todo dia, de quem eu busco a direção e que tem me dado vida, tem ensinado a tomar decisões que trazem vida plena para mim, de verdade, satisfação de verdade, alegria independente do que eu estou passando, alegria e paz.*

*E5: Pow, velho, vou chorar. O cara que eu não sou. O cara que eu quero ser, que é manso, que ama, que me ama, o cara que é exemplo, que teve coragem de pegar pessoas perdidas, podres, e levar para alguém santo, maravilhoso, coragem mesmo, deste amor.*

*E6: Jesus é tudo, é o meu amigo, é o meu psicólogo, porque tem horas que só o travesseiro não adianta. Acho que ele representa o amor.*

*E8: Quem é Jesus para mim? Jesus ele é uma pessoa. Ele vivo está... Ele é amor, é cuidado, é carinho, é paciência, eu acho que ele é tudo isso, e tudo o mais. Ele é aquela pessoa que quando a gente precisa, quando está feliz, na tristeza, a gente pode contar com ele para o que precisar, porque ele não vai nos julgar, ele sempre tem amor para nos dar. Jesus é isso para mim.*

*E9: Que pergunta difícil. Mas é o meu noivo, é a pessoa para quem eu estou me preparando, eu poderia dizer que Jesus é só o meu pai, mas eu enxergo a pessoa de Deus como pai e eu enxergo Jesus como noivo, como esposo, o amado da minha alma mesmo. Se eu pensar nele nesta perspectiva de noivo, então eu penso nele como meu amor, como meu amigo, como tudo que realmente é importante para mim aqui.*

### **3.7 Drogas, aborto e sexualidade**

Se na questão sobre quem é Jesus não há uma posição doutrinária tão clara, nas questões que dizem respeito às drogas, aborto e sexualidade a posição dos jovens universitários é bem conservadora e firme. Provavelmente mais se tem falado destes assuntos atuais do que da própria pessoa de Jesus nas igrejas evangélicas.

Ao mesmo tempo, há dificuldades em explicar os porquês de suas respostas, principalmente em relação à questão do aborto. Em relação às drogas, todos demonstraram que é uma realidade que está bem perto deles. Muitos de seus amigos ou pessoas em sua universidade fazem uso de maconha ou outras drogas mais pesadas. As drogas lícitas, principalmente, o álcool, é incentivado e consumido livremente no meio universitário.

Quanto ao homossexualismo, apenas uma estudante evangélica, recém-convertida, demonstrou que ainda não tem uma posição formada a respeito, todos os outros afirmaram que é uma prática errada, que a Bíblia condena. Ao mesmo tempo tentaram ser muito cuidadosos em suas palavras e buscavam demonstrar que não tinham preconceitos, que não eram homofóbicos, que tinham amigos homossexuais, e que se deve amar estas pessoas e tentar entendê-las.

Também em relação à prática sexual todos afirmaram o desejo de só terem relações sexuais dentro do casamento e consideram esta prática fora do casamento como algo pecaminoso. Uma situação semelhante à que foi encontrada na pesquisa com os jovens universitários da PUC-Rio, “Os jovens defendem uma conduta ética e moral forte ligada ao relacionamento amoroso estável. Assim, são majoritariamente contrários a aventuras fora do casamento (78,3%) e, por conseguinte, à prática do adultério (85,2%)”<sup>107</sup>. Os jovens universitários independentes de sua crença religiosa têm se mostrado muito mais conservadores nesta questão ética e moral ligada ao relacionamento amoroso estável do que a mídia tenta propagar.

Libânio fala da tendência desta juventude de ser adulta no sexo e infantil nos comportamentos:

Processa-se-lhes uma prolongação psicológica da adolescência no sentido de não assumirem responsabilidades nem vínculos definitivos e, ao mesmo tempo, de terem amadurecimento precoce físico com vida sexual ativa. No fundo, sexo sem vínculos e sem responsabilidade. O que antes se julgava como aventura irresponsável e desviada, hoje se tornou normal e aceito pelos lados masculino e feminino<sup>108</sup>.

De acordo com as narrativas dos jovens universitários evangélicos, tanto nas entrevistas como também nos mostra esta pesquisa com os jovens universitários na PUC-Rio, pelo menos no discurso, esses jovens têm desejado uma prática diferente

<sup>107</sup> PEDROSA-PÁDUA, L.; MELLO, Z. (org.), Juventude, religião e ética, p.39.

<sup>108</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p.41.



daquilo que tem sido comumente aceito como verdade. E é necessário levar sempre em consideração suas narrativas. Como afirma o próprio Libânio,

Cada vez mais os jovens aspiram a maior coerência entre o que de fato são e o que mostram de si. Diminui a defasagem entre a imagem e o ser, embora ela permaneça. Reivindicam autenticidade que, em seu linguajar, significa aproximar o aparecer da real verdade de si. Não toleram viver artificialmente para agradar aos pais ou a outra pessoa. Mostram-se sadios ao não querer viver e comportar-se sob olhar externo<sup>109</sup>.

Em 1999, 2000, 2005, 2008 e 2010, a MTV Brasil (Music Television) produziu dossiês chamados de “Universo Jovem”<sup>110111</sup>, onde se pesquisou a juventude brasileira a partir de diversos temas, tais como família, religião, educação, sexo, poder de consumo e hábitos de mídia, sustentabilidade e a preservação do planeta, tecnologia, consumo de conteúdo, paixão por telas, música, etc. No *Dossiê MTV 4*, os jovens afirmam que o maior problema que veem entre eles são as drogas. Como já foi afirmado anteriormente, nesta pesquisa 61% dos jovens acima de 15 anos já experimentaram algum tipo de droga. Em Porto Alegre, esse índice sobe para 80%<sup>112</sup>. Nestas pesquisas mostrou-se que a juventude brasileira encara com naturalidade (e certa experiência) questões referentes à sexualidade e ao consumo de drogas. Porém, o jovem universitário evangélico tem caminhado em direção oposta a isso. Na entrevista com os jovens universitários da UEM foi perguntado a eles somente o que pensavam sobre drogas, sexo, homossexualidade e aborto.

*E1: Eu era muito preconceituosa. Antes eu não tinha contato, então eu era pelo aquilo que a religião falava que era pecado...*

*E2: Bom, eu deixo claro para todo mundo que eu não sou a favor, mas eu tenho muitos amigos que são.*

*E3: Então, eu aprendi a respeitar, por exemplo, porque tem muita gente na igreja que fala que Deus não aprova. Mas, como eu te falei, eu sempre penso, quem sou eu para julgar o outro? E o maior mandamento é o amor.... Aqui na UEM nós temos muito contato com pessoas homossexuais e para mim é uma convivência*

<sup>109</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p.140.

<sup>110</sup> Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf), Acesso em 24 fev 2018.

<sup>111</sup> Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5_Mtv.pdf), Acesso em 24 fev 2018.

<sup>112</sup> Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf), Acesso em 24 fev 2018, p. 13.

*normal, eu não vejo grandes problemas assim e eu procuro não ficar julgando o modo como a pessoa leva a vida.*

*E4: Mano, eu não concordo que seja uma prática bíblica...*

*E5: Eu não vejo sentido no homossexualismo. Eu ainda não consegui entender o homossexualismo, eu não consegui entender. Tem pessoas que falam que nascem com o desejo, mas cara Deus não te criou errado. Você é um acerto de Deus, não um erro de Deus... Tenho amigos que são homossexuais, tenho normal, converso normal, não tenho preconceito, mas se chegar num debate desses eu vou falar que não consigo entender vocês.*

*E7: Não concordo claro... eu tenho muitos colegas de turma homossexuais e eu os trato normalmente, com muita tranquilidade, mas eu não aceito esta prática.*

*E8: Eu sou contra o homossexualismo porque está na Bíblia.... Sou contra, mas eu não julgo, não faço discriminação e também não tenho preconceito.*

*E1: Eu acho algo muito pesado, drogas. Apesar de ter entrado na universidade e ter visto que é a realidade dos jovens.*

*E2: Eu fico pouco pasma, de em festas, ainda mais na Engenharia, que as festas são bem grandes, são bem pesadas, que a droga rola solta, de forma normal.*

*E3: Ahh, isso eu não aceito com muita naturalidade não... aqui na universidade a gente tem muito, inclusive, eu vejo amigos, pessoas inteligentíssimas que você vê usando maconha, meio abobada, ou tem pessoas que usam drogas mais fortes, e assim, eu fico pensando, poxa, as pessoas têm tanto para fazer e estão perdendo tempo com isso, mas eu também não fico apontando dedo.*

*E1: Quanto a certo e errado, sexo antes do casamento é errado, é pecado, eu não faria, mas eu não posso dizer isso as pessoas, esta é a minha concepção, é a minha fé, o que eu acredito. O que posso fazer é orientar elas a se proteger de doenças.*

*E5: A relação sexual foi instituída por Deus, mas hoje parece que não tem valor algum, parece que a relação sexual não foi instituída por Deus, porque a relação sexual foi instituída por Deus para a continuação da espécie, para continuar o ser humano na Terra, e aí não está havendo essa valorização, vem sendo feito só por prazer. O sexo deve ser feito dentro do casamento.*

*E6: É uma entrega para outra pessoa, é ser, num único momento, ser um com o outro. O homem transformou isso em outras coisas, mas a relação é um presente de Deus para a gente. É um cuidado do Pai para a gente, ele fez a gente um para*

*o outro. Eu tenho amigas que vão para a balada e acabam transando com todo mundo, mas não é o que eu tenho para mim. É um momento de entrega, é um momento único... e para mim é este momento de entrega e é uma prova de amor para a outra pessoa. E esta entrega deve ser dentro do casamento.*

*E1: Sou totalmente contra o aborto, contra, contra... se bem que isso é algo que vai contra a fé no meu curso, porque muitos professores apoiam o aborto.*

*E3: Esse é um tema que na escola a gente já discutia muito, eu nunca tive uma opinião muito bem formada. Na verdade, eu tenho, porque eu acho errado, e independente de qualquer coisa é uma vida.*

*E5: É um tema pouco discutido na minha vida, não tenho estabelecido em minha cabeça, fechado em minha cabeça. Por que pensa comigo, o aborto é proibido no Brasil, mas tem mulheres morrendo por abortar ilegalmente, por abortar em qualquer clínica. Qual é a lógica de deixar a mulher morrer? Ao mesmo tempo tem toda esta questão da vida, é uma vida, o bebê não tem culpa de nada do que passa para fora do mundo, está ingênuo, está sem entender, é um bebê, é uma vida nova, que está crescendo. E é algo que penso muito, penso muito.*

*E8: Aborto é uma coisa bem complicada de se dizer. Querendo ou não está bem em pauta.... Eu não tenho uma opinião definida sobre o aborto.... Eu não tenho uma opinião concreta sobre o aborto. É difícil, é um tabu ainda para todos em geral, tanto para cristãos como para quem não é.*

*E9: Aborto para mim não é aceitável em nenhuma situação, de nenhuma forma, de nenhum jeito, não importa se foi a partir de um ato de violência, ou se a pessoa não vai poder lidar com isso depois que o bebê nascer. É um problema também muito social. Para mim é a única coisa até agora de tudo o que você falou que realmente é intolerável.*

### **3.8**

#### **Casa universitária: um espaço físico para a vivência da fé do universitário evangélico**

Na pesquisa feita com os jovens universitários evangélicos quase todos eram de cidades próximas a Maringá e deixaram suas cidades para estudar na Universidade Estadual de Maringá por ser uma referência para eles. Ao virem de outras cidades, deixam famílias, amigos e igrejas e têm que se adaptar a um novo ambiente, muitas vezes hostil a eles. Principalmente, no início de seus cursos

universitários, como mencionado anteriormente, muitos desses universitários que vêm de outras cidades, se encontram isolados, sozinhos, sem amigos e se sentem perdidos.

A solidão é um dos principais desafios que enfrentam no início de sua vida universitária. Diante disso, se faz necessário um espaço para que os universitários possam se refugiar, encontrar um conforto, estudar a Bíblia, orar, buscar uma direção, se divertir, fazer novos amigos, conhecer mais a Deus e se envolver na evangelização de seus colegas de turma. Isto pode ser uma realidade, caso seja criado um espaço físico que pode também ser inicialmente uma ponte entre o jovem universitário e as igrejas locais.

O padre Enzo Campos Gusso ao se referir a uma pastoral universitária afirma que “a inexistência de sede sempre se constituiu num dos pontos maiores de estrangulamento da pastoral universitária: sobrevive-se, mas não se consegue viver nem crescer”<sup>113</sup>. Portanto, para uma atuação e ajuda na vivência da fé do jovem universitário evangélico faz-se necessário uma sede que será denominado aqui como Casa Universitária.

Nesta Casa Universitária pode-se oferecer aconselhamento pastoral *in loco* aos universitários, realizar estudos bíblicos, reuniões de oração, ter pequenos grupos de discipulado, treinamento específico para evangelização dos universitários. Pode também ser um espaço de lazer, ou oferecer ao universitário um suporte jurídico ou mesmo apoio para conseguir uma boa moradia, tratamento psicológico ou assistência social. O objetivo é a Casa Universitária ser um espaço de convivência que permita o jovem universitário evangélico ter todo o suporte que necessita para viver sua fé na universidade.

A Casa Universitária pode também ser uma ótima ferramenta capaz de unir as igrejas locais, seus pastores e líderes, e dar a oportunidade de muitos outros jovens e adultos contribuírem no fortalecimento da fé do jovem universitário com suas habilidades, dons, tempo e recursos. Um importante fator é que a casa universitária deve estar localizada em uma área bem próxima da universidade para que o estudante possa facilmente ir até ela.

---

<sup>113</sup> GUSSO, Pe. E. C. Pastoral Universitária, p.17.

### 3.8.1

#### **Aconselhamento pastoral *in loco* aos universitários**

“Quando Jesus saiu do barco e viu uma grande multidão, teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Marcos 6.34). “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue” (Atos 20.28).

Através das parcerias entre as igrejas e os movimentos estudantis cristãos os pastores, missionários, adultos e líderes de jovens podem dedicar algumas horas na semana para atender os jovens universitários que procuram a Casa Universitária. É importante estabelecer uma agenda para que sempre tenha alguém disponível para aconselhar o jovem universitário em caso de alguma necessidade. A Casa Universitária pode ser o espaço de escuta e diálogo que o jovem tanto necessita para a vivência de sua fé, e o mais importante é que este atendimento pode ser feito de maneira bastante rápida, pois a casa universitária se encontra bem próxima da universidade.

### 3.8.2

#### **Estudos bíblicos**

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16,17). “Cada palavra de Deus é comprovadamente pura; ele é um escudo para quem nele se refugia” (Provérbios 30:5). Não cabe aqui fazer uma defesa da autoridade das Escrituras ou da inspiração do Antigo e Novo Testamento, os cristãos entendem que a Bíblia é a Palavra de Deus e é nela que se busca a direção para suas vidas e para cumprir o chamado de Deus.

A espiritualidade cristã tem como propósito a aproximação de Cristo e de transformar as pessoas à sua imagem e semelhança, e as Escrituras têm parte importante neste processo. Toda espiritualidade que vai contra os ensinamentos das Escrituras não pode ser considerada cristã. A espiritualidade cristã está centrada na Palavra de Deus e os jovens universitários evangélicos devem ser levados ao conhecimento, estudo e meditação da Palavra. A casa universitária pode ser um

lugar tranquilo e muito útil para se conhecer mais da Palavra de Deus. Devem ser criados espaços tranquilos e adequados para o estudo da Palavra. Pode-se também agendar espaços para estes estudos.

Uma estratégia interessante que tem sido feita por alguns universitários evangélicos da UEM para se estudar a Bíblia é o que eles têm chamado de Cumbuca. Esta estratégia é facilmente aplicada em qualquer outro lugar. O Cumbuca é um grupo de 3 a 5 pessoas que se comprometem a estudar a Bíblia ou algum livro que ajude na espiritualidade cristã.

O encontro se dá uma vez na semana em dia e horário combinado e só acontece caso todos possam ir. Se uma pessoa faltar, o encontro não é realizado. Isso traz compromisso ao universitário porque ele sabe que se por algum motivo não estiver na reunião, o encontro não se dará por causa da ausência dele. Outro compromisso que assumem é a de todos estudarem o texto designado para o dia e estarem prontos para dirigir a discussão. Não há um líder do grupo, todos podem liderar o estudo bíblico, e sempre precisam estarem prontos para liderarem a discussão, caso seja a vez deles. A escolha de quem vai dirigir a reunião é feita somente no início do encontro. São colocados os nomes de todos os membros do grupo dentro de uma cumbuca, daí deriva-se o nome, e ocorre o sorteio. O nome sorteado é quem vai liderar a discussão. Toda a semana ocorre o sorteio, sempre incluindo todos os nomes, independente se a pessoa já liderou na semana anterior.

O compromisso que eles assumem em estarem sempre presentes no encontro e estudarem anteriormente os materiais, tornando-os preparados para liderar a discussão traz um grande impacto no aprendizado e no crescimento da Palavra de Deus.

### **3.8.3 Reuniões de oração**

A Casa Universitária deve ter um espaço disponível para que os universitários possam realizar reuniões de orações. Deve-se criar um ambiente favorável para que seja um local onde os universitários possam se sentir confortáveis e desejarem estar por períodos prolongados de tempo. Poltronas, sofás ou pufes são boas opções para dar conforto aos universitários. O local deve também ser reservado e silencioso para

que o universitário possa se concentrar e não ser perturbado pelo barulho externo, enquanto se está na reunião de oração.

Na Casa Universitária pode-se também ajudar na preparação e divulgação de outras formas de se reunirem em oração. De maneira prática, isso pode acontecer de diversas maneiras. Uma reunião pelo menos uma vez na semana é uma ótima opção. Esses encontros semanais dentro do ambiente universitário onde o estudante pode se juntar a outros e parar para estar conscientemente na presença de Deus ajuda bastante na vivência da fé.

Esses encontros não podem durar muito, devido ao pouco tempo que em geral o universitário tem dentro de sua rotina acadêmica. Trinta a sessenta minutos é um bom tempo para se ter este encontro semanal de oração. Música, leitura da Palavra, momento de silêncio e oração intercessória são fundamentais neste tempo de oração. Deve se evitar neste tempo que se gaste muito tempo falando sobre pedidos de oração, prejudicando assim o falar diretamente com Deus e também é bom que se evite que este tempo seja somente para se pedir por boas notas e sucesso na caminhada acadêmica. Vale o alerta de Souza:

Nossas orações, normalmente, são monólogos que estabelecemos com Deus. Apresentamos nossas listas com as necessidades mais diversas, nossas súplicas, muitas vezes com exigências absurdas e esperamos que Deus as cumpra, revelando assim seu poder e amor por nós<sup>114</sup>.

Pode ser reservada uma sala ou algum outro ambiente fechado para se ter um clima mais acolhedor para a realização deste encontro de oração. Ou mesmo pode-se utilizar de um espaço externo onde este encontro chamará mais a atenção dos outros estudantes que passam pelo *campus*, servindo assim como um fator de divulgação para que outras pessoas saibam que dentro do ambiente universitário é possível parar alguns minutos para se estar na presença de Deus.

Retiros de oração também são ótimas oportunidade para que os universitários possam estar na presença de Deus. Pode-se pensar em um retiro de apenas um dia, em um sábado, por exemplo, ou em um final de semana ou buscar se aproveitar de um feriado prolongado. Os retiros dão mais trabalho para serem realizados, mas são uma ótima forma de gerar mais engajamento entre o grupo de universitários e de se ter um clima de maior amizade entre eles.

---

<sup>114</sup> SOUSA, R. B., O Caminho do Coração, p. 168.

### 3.8.4 Pequenos grupos de discipulado

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” (Mateus 28.19,20).

Os pequenos grupos de discipulados são uma maneira de desenvolver um relacionamento com os jovens universitários evangélicos onde eles se sintam seguros e aceitos, sem medo de serem rejeitados pelas coisas que pensam ou dizem. O objetivo é desenvolver um relacionamento entre eles onde haja liberdade para se falar a verdade em amor, elogiando sinceramente, confrontando com sensibilidade e desafiando amavelmente.

Pastores, missionários ou líderes de jovens devem estar dispostos a discipular os jovens universitários evangélicos. Este discipulado pode ser feito também por estudantes universitários mais sadios na fé que têm totais condições de ajudar outros estudantes a também serem discípulos de Jesus. Nos pequenos grupos de discipulados o desejo é desenvolver relacionamentos saudáveis e ser modelos para que os universitários evangélicos aprendam através daqueles que têm caminhado na fé por mais tempo.

O propósito dos pequenos grupos de discipulado é influenciar a vida destas pessoas e ajudá-las a se tornarem mais parecidas com Cristo. O discípulo é um seguidor de Jesus que ao obedecer à sua Palavra vai levar outros também a segui-lo, buscando ensinar todas as coisas que Ele ensinou.

Neste processo de discipulado, os líderes muitas vezes são chamados de discipuladores. Este é um termo que não se encontra na Bíblia e é uma maneira errônea de se referir a estes líderes. A ênfase do líder não é ter seus discípulos ou ser um discipulador de alguém. A ênfase deve ser que cada atitude deste líder ajude o universitário a ser um seguidor de Jesus, um discípulo.

Em nenhum momento na Bíblia, os discípulos fazem seus próprios discípulos, mas sempre estes discípulos fazem discípulos de Jesus. Pedro não teve discípulos, mas ajudou a fazer muitos discípulos de Jesus. Paulo também não teve seus próprios discípulos, mas levou muitas pessoas a serem discípulos de Jesus. Paulo até mesmo repreendeu os coríntios quando eles começaram a dizer, “Eu sou de Paulo” ou “Eu



sou de Apolo” (I Coríntios 3.4), porque todos eram na verdade discípulos de Jesus.

Bonhoeffer diz:

O discípulo vê apenas aquele a quem segue. Aquele que, no discipulado, carrega a imagem do Cristo encarnado, crucificado e ressurreto, que foi feito imagem de Deus, dele pode-se finalmente dizer que foi chamado para ser “imitador de Deus”. O discípulo de Jesus é o imitador de Deus. “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados” (Ef 5.1)<sup>115</sup>.

Ainda que Paulo tenha dito para os coríntios para que eles o imitassem, assim como ele imitava Cristo (I Coríntios 11.1), Paulo nunca os fez discípulos dele próprio, mas fez deles, discípulos de Jesus.

O discipulado é um estilo de vida. Não é um programa, não é uma série de estudos, não é uma classe, ainda que essas coisas possam ajudar no processo de discipulado. Antes dos seguidores de Jesus serem chamados de cristãos, eles eram reconhecidos apenas como discípulos (Atos 11.26; 1.15; 6.2,7; 9.1,10,19,25,26; 13.52; 14.28 e muitas outras passagens). Discípulos e cristãos eram a mesma coisa.

Hoje há cristãos que não são discípulos e isso é uma total contradição com o Evangelho e não poderia existir ou ser aceito no meio evangélico. Para tanto é preciso que os jovens universitários evangélicos sejam discípulos de Jesus e com suas atitudes ajudem a outros a também serem discípulos de Jesus, pois “Deus não nos perguntará se fomos evangélicos, a ele interessa se fizemos sua vontade”<sup>116</sup>.

Na casa universitária, com o grupo de jovens universitários evangélicos que irão frequentar, os pastores, missionários, adultos e os próprios estudantes devem escolher pelo menos um ou mais pessoas para levá-los a serem discípulos de Jesus. Essa escolha deve ser feita sempre em oração buscando aqueles que tenham um coração sensível, ensinável e tenham disponibilidade de tempo, características estas dos discípulos de Jesus.

### **3.8.5 Treinamento de evangelismo**

Como já foi visto, no anúncio da fé se fortalece a própria fé. A vivência da fé passa pelo anúncio da fé às outras pessoas. E isso pode e deve ser incentivado pela Casa Universitária através da realização de treinamentos de evangelismo aos

<sup>115</sup> BONHOEFFER, D., Discipulado, p.254.

<sup>116</sup> BONHOEFFER, D., Discipulado, p.114.

estudantes. Há vários materiais sendo desenvolvidos pelos movimentos estudantis, como aplicativos e sites, folhetos evangelísticos, ferramentas para iniciar conversas e dialogar sobre a fé, e estas ferramentas podem ser ensinados aos universitários para que eles possam compartilhar sua fé aos outros, através de diálogos, sem imposição da fé. No quarto capítulo será tratado com mais detalhes estas ferramentas.

É importante que esses treinamentos aconteçam no início do período letivo, quando os estudantes estão com maior tempo livre e podem se capacitar melhor para alcançar, principalmente, os calouros que estão chegando na universidade e possivelmente mais abertos a conversarem e dialogarem sobre qualquer que seja o assunto. O dia de sábado no período da manhã e tarde geralmente é o melhor momento para a realização desses treinamentos. Mas, cada local saberá o que é melhor, devido às suas especificidades.

### **3.8.6 Espaço de lazer**

A Casa Universitária deve ser um local atrativo e prazeroso para o universitário. Espaços de lazer devem ser oferecidos neste ambiente para que o universitário possa se divertir e também é um meio para que eles possam se conhecer mais e fazer boas amizades. Jogos de mesa, baralho, xadrez, dominó, sinuca, pebolim, tênis de mesa ou um vídeo game são boas opções de diversão para os universitários. Com as parcerias entre os movimentos estudantis e as igrejas locais é possível conseguir doações desses materiais e proporcionar um espaço de lazer saudável para esses universitários. Este acolhimento inicial será fundamental para a integração do jovem universitário evangélico no meio acadêmico e na vivência de sua fé, inclusive servindo de testemunho até para a família destes universitários, visto que muitas vezes se preocupam bastante com este início de faculdade de seus filhos.

### **3.8.7 Apoio para conseguir uma boa moradia**

Conforme já foi visto no primeiro capítulo, muitos estudantes saem de suas cidades, deixam suas casas, chegam na universidade para estudar e precisam

rapidamente encontrar uma boa moradia. O universitário evangélico deseja encontrar e morar com outros evangélicos, pois já possuem afinidades, devido à fé que têm em comum. A casa universitária pode auxiliar esses estudantes nesta busca por uma boa moradia.

Uma boa solução é já cadastrar os universitários veteranos que desejam dividir uma moradia para diminuir seus custos e quando esses novos universitários chegarem procurando uma moradia, realizar o encontro desse universitário veterano com o calouro para ver se há empatia entre ambos e o desejo de dividirem a moradia. Também se pode já cadastrar e selecionar alguns locais que servem como boas moradias onde o calouro possa se hospedar sozinho, como quitinetes ou repúblicas estudantis.

O apoio das igrejas locais nesse sentido é fundamental, pois os pastores e líderes conhecendo sua membresia podem indicar até mesmo pessoas de suas igrejas, ainda que não sejam universitários, que desejam alugar um quarto e receber um estudante universitário. É possível haver viúvas ou famílias que têm condições de receber um calouro e alugar um quarto e isso vai ajudar no custeio das despesas da casa, servindo como benefício tanto para quem recebe como para o universitário que está chegando.

### **3.8.8 Apoio psicológico**

Muitos estudantes se encontram sozinho, como mencionado, e muitas vezes não conseguem lidar adequadamente com os problemas enfrentados nesta caminhada universitária, necessitando em alguns momentos de ajuda terapêutica. Na membresia das igrejas locais há sempre muitos profissionais de Psicologia que podem voluntariamente ajudar esses universitários. O objetivo é que a casa atenda o jovem universitário de maneira integral, atuando e cuidando do corpo, da alma e do espírito.

É interessante ter na Casa Universitária uma sala para atendimento psicológico. Esses voluntários podem dedicar algumas horas em sua semana e fazer esta boa obra ajudando os universitários com sua formação e experiência. A parceria entre os movimentos estudantis e as igrejas locais é fundamental neste processo. Desta maneira, há o envolvimento de mais adultos na ajuda aos

universitários, dá-se a possibilidade de eles servirem de maneira voluntária e os benefícios para o jovem universitário são enormes, já que muitas vezes ele não teria condições de arcar com um tratamento deste tipo. Isso o ajuda em seu crescimento pessoal, e conseqüentemente também em sua vivência da fé.

### **3.8.9 Assistência social**

O universitário apesar de ter o privilégio de se fazer um ensino superior, considerando que ainda poucos jovens no Brasil têm acesso a este tipo de ensino, também passam por dificuldades econômicas e precisam de uma assistência social. Prova disso é que o Ministério da Educação tem um Programa Nacional de Bolsa Permanência, no qual oferece ao aluno com renda familiar per capita de no máximo 1,5 salário mínimo e de R\$900 para universitários indígenas e quilombolas, o valor de R\$400 mensais.

Também nas universidades públicas há restaurantes subsidiados que oferecem refeições aos alunos com valores bem acessíveis ao estudante. Percebe-se que quando há uma paralisação de um restaurante universitário, estudantes mais carentes passam por grandes dificuldades. Iniciativas como essas dão tranquilidade ao aluno que passa por dificuldades econômicas e o ajudam na permanência na universidade.

O ser humano é um ser integral e toda prática cristã deve envolver seu cuidado de uma forma integral. A Casa Universitária em parcerias com as igrejas locais e os movimentos estudantis deve estar atenta às necessidades físicas do estudante, pois isso ajudará também em sua vivência da fé. Auxílios como cesta básica ou roupas são práticas simples que podem ajudar bastante o universitário neste período de necessidades.

## **Conclusão**

Ao longo das respostas dos jovens universitários evangélicos sobre a escolha dos cursos, sobre como e quando se tornou cristão, sobre quem é Jesus, se tinham algum medo de entrar na universidade, se viveram ou estavam vivendo algum conflito na fé no período da faculdade, dentre outras, percebeu-se como este

jovem vivencia a sua fé, ou seja, como ele articula sua fé com as questões a respeito da universidade. A falta de conhecimento sobre quem é Jesus preocupa e deve chamar a atenção daqueles que se preocupam com a vivência da fé do jovem universitário evangélico. Uma proposta de uma casa universitária, local que pode servir de grande ajuda para a vivência da fé deste jovem deve ser levada em conta pelas Igrejas locais, principalmente aquelas próximas de uma universidade. Com isso, entra a questão da relação do jovem universitário com sua igreja local. A questão da vivência da fé do jovem universitário evangélico envolve também sua relação com a Igreja, com seus pastores e líderes, e sendo universitário existe a possibilidade deste se envolver com algum Movimento Estudantil cristão. Neste sentido, pretende-se observar esta relação do jovem universitário evangélico com suas igrejas, pastores e líderes, e com estes movimentos estudantis cristãos.



## 4

### A relação do jovem universitário evangélico com a Igreja

A vivência da fé passa pela relação da juventude universitária evangélica com a Igreja, com os irmãos e irmãs da mesma fé e com seus pastores e líderes. Neste capítulo será abordado, especialmente, a questão da relação do jovem universitário evangélico com a Igreja, enfatizando a relação destes jovens com os pastores e líderes e a relação destes nos movimentos estudantis cristãos.

Na pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, intitulada *Perfil da Juventude Brasileira*<sup>117</sup>, conforme relatado no primeiro capítulo, os jovens demonstraram que ir à missa/igreja/culto é algo que eles gostam muito de fazer em seu tempo livre, mesmo que só façam de vez em quando<sup>118</sup>. Todos os entrevistados da pesquisa com jovens universitários evangélicos confirmam o que foi dito na pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*. O jovem universitário evangélico gosta de ir na igreja. E não somente isso, os jovens universitários evangélicos demonstraram que são praticantes da fé evangélica e que pertencem a uma igreja local. Eles participam de cultos, grupos, ministério ou celebrações dentro da igreja evangélica. Alguns demonstraram ter problemas e críticas à igreja, aos seus pastores ou a doutrinas, mas todos estão filiados a uma igreja local e participam de suas atividades podendo ser considerados como evangélicos praticantes.

Nas entrevistas também ficou constatado a afirmação de Regina Novaes que, ao analisar a pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, diz que os evangélicos só frequentam atos religiosos de sua própria religião<sup>119</sup>. Os jovens universitários evangélicos aderem exclusivamente sua pertença religiosa. Somente em um caso, uma jovem universitária evangélica declarou que participa ocasionalmente de atividades religiosas do budismo, mas somente por ser membro de uma família japonesa e para manter a harmonia na família acaba participando, mas sem aderir a esta religião.

Em alguns pouquíssimos casos, esta participação em cultos que não seja de origem evangélica acontece também na igreja católica. Como alguns desses familiares de estudantes universitários evangélicos são de origem católica, estes

---

<sup>117</sup> A pesquisa *Perfil da Juventude no Brasil* foi publicada sob o título “*Retratos da Juventude Brasileira*”, pela Editora Fundação Perseu Abramo em 2005.

<sup>118</sup> ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M., *Retratos da juventude brasileira*, p. 418.

<sup>119</sup> FONSECA, A. B. e NOVAES, R., *Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade*, p. 146.

acabam participando de uma ou outra missa ocasionalmente como missa de sétimo dia ou casamento católico para manter em harmonia as relações familiares. Mas, todos eles demonstraram um grande envolvimento e adesão à sua própria igreja local.

Nos finais de semana, principalmente, quando estes jovens universitários evangélicos voltam para suas cidades ou têm mais tempo livre eles estão bem envolvidos nas atividades de suas igrejas locais, como cultos jovens, células e cultos aos domingos, além de chamar a atenção o fato de que grande parte dos jovens universitários evangélicos entrevistados estão envolvidos na área de música, dança e teatro na igreja. Essa religiosidade emocional e espetacular<sup>120</sup> talvez esteja levando muitos desta parcela da juventude a buscar tais experiências nestes que são chamados de ministérios na igreja.

Apesar deste jovem universitário evangélico estar tão comprometido com sua igreja local percebe-se um trânsito deles nos cultos de outras igrejas evangélicas, apesar de alguns pastores tentarem proibir essa prática devido ao medo de perder seus jovens para outras igrejas. Uma jovem que tinha um ministério de dança em sua igreja era abertamente proibida por seu pastor de exercer este ministério em outras igrejas quando era convidada para uma participação especial em algum evento ou culto em outras igrejas evangélicas.

Essa prática abusiva não tem sido mais aceita por esta parcela da juventude que aprendeu a questionar e está aberta e deseja estar juntos com outros jovens evangélicos, pois aprendeu em sua própria caminhada universitária a estar juntos com outros evangélicos dentro das universidades, principalmente no primeiro ano de curso onde eles sentem mais dificuldades na adaptação da vida acadêmica. Esta juventude universitária opta por relações interpessoais e horizontais. Buscam uma relação democrática, de tolerância horizontal e aberta com seus pastores, tendo uma grande repulsa e impaciência com autoridades despóticas.

Esta realidade de que o jovem universitário evangélico está tão comprometido com sua igreja local e que se percebe um trânsito deles nos cultos de outras igrejas evangélicas é uma situação bem diferente da que foi constatada na pesquisa com os universitários da PUC-Rio. Nesta pesquisa foi observado que

---

<sup>120</sup> RIBEIRO, C., *Religiosidade jovem*, p. 83.



Pouco mais da metade dos jovens não participa da própria religião (53,1%). Dentre os que participam, 24,9% declararam frequentar eventualmente, denotando pouco engajamento na instituição religiosa; 13,3% participam semanalmente; e há baixíssimas taxas de frequência anual e mensal: 2,2% e 2,1%, respectivamente. Pode-se considerar, portanto, que os jovens que estão mais ativos junto às suas Igrejas ou grupos religiosos totalizam 13%<sup>121</sup>.

Walter Kasper em sua análise sobre a Igreja Católica, mas que pode ser observada sob o olhar das igrejas evangélicas também diz que “o ser cristão e a membresia na igreja não são mais sustentados pelo ambiente e não são mais algo quase natural; eles são assunto de decisão pessoal”<sup>122</sup>. E os jovens universitários evangélicos parecem estar decididos a participar ativamente de suas igrejas locais. Eles têm desempenhados diferentes ministérios, seja com crianças ou liderança da própria juventude, seja na música, dança ou qualquer outra expressão artística.

De acordo com uma pesquisa sobre juventude do Projeto 18/34 do Núcleo de Tendências e Pesquisas Espaço Experiência FAMECOS/PUCRS<sup>123</sup>, apenas 25% dos jovens entrevistados não se sentem sobrecarregado com suas responsabilidades. 77,4% dos jovens de 18 a 24, principal faixa etária dos universitários, se sentem sobrecarregados com os estudos, além de trabalho (37,9%), projeto pessoais (38,3%), família (31,1%), afazeres de casa (29,8%), relacionamentos amorosos (20%) e amigos (7%). E uma problemática que aparece explicitada em alguns relatos dos jovens universitários evangélicos nas entrevistas é a dificuldade de estar na igreja de segunda a sexta por falta de tempo. Por isso, muitos deles têm procurado grupos religiosos que se reúnem durante a semana na universidade para orar, ler a Palavra, cantar louvores e compartilhar de suas experiências.

Ao mesmo tempo chama a atenção o fato de que muitos deles estão envolvidos em alguma célula de jovens, geralmente na sexta à noite, estão presentes em cultos jovens, geralmente sábado à noite, e estão dominicalmente a noite em suas igrejas. Uma das entrevistadas, ao ser questionada sobre o porquê ela precisava estar em grupo cristão na universidade se ela tinha sua própria igreja, afirmou claramente que a igreja era uma coisa que iniciava no sábado e acabava no domingo à noite e não tinha pessoas que a auxiliassem durante a semana, enquanto estava na faculdade. De acordo com esta universitária, ela precisava de alguém a auxiliando

<sup>121</sup> PEDROSA-PÁDUA, L.; MELLO, Z. (org.), Juventude, religião e ética, p.27.

<sup>122</sup> KASPER, W., A Igreja católica, p. 411.

<sup>123</sup> Disponível em: [file:///C:/Users/Mauricio%20e%20Carol/Downloads/Projeto\\_18-34\\_Modelo\\_de\\_Pais\\_2017.pdf](file:///C:/Users/Mauricio%20e%20Carol/Downloads/Projeto_18-34_Modelo_de_Pais_2017.pdf). Acesso em 24 de fev de 2018.

no dia a dia e a Comunidade Evangélica Universitária (CEU) – grupo religioso que se reúne dentro da UEM tinha cultos nos intervalos das aulas, então todos os momentos que podia ela procurava estar neste ambiente, pois isso a ajudava a lidar com a rotina universitária. Ela finaliza dizendo que agora sua igreja tem algumas tarefas durante a semana e isso a ajuda a se relacionar com os cristãos de sua igreja e já não vê a CEU como tão necessária.

O documento 93 dos estudos da Conferência Nacional de Bispos no Brasil com o tema “Evangelificação da juventude. Desafios e perspectivas pastorais” diz:

Muitos jovens ligados às instituições religiosas dispõem generosamente de seu tempo livre para desenvolver as atividades de seu grupo... nessas ocasiões costumam estar em contato com outros jovens e se alegram nesta convivência. Tal disponibilidade fica reduzida quando os jovens iniciam os estudos universitários ou a vida profissional ou, ainda, quando associam trabalho e estudo<sup>124</sup>.

Realmente esses jovens universitários evangélicos dispõem generosamente de seu tempo, apesar de se sentirem sobrecarregados com os estudos, também costumam estar em contato com outros jovens e se alegram nesta convivência e têm tempo reduzido quando iniciam os estudos profissionais ou quando trabalham e estudam.

Porém, este mesmo jovem tem uma outra característica de sua geração que é o de ser multitarefa. E realmente chama a atenção nas entrevistas a grande quantidade de atividades que estes jovens estão envolvidos. Participações em várias atividades da igreja local, especialmente nos finais de semana, participação nos grupos religiosos dentro da faculdade, aulas, estudos, monitoria, iniciação científica, alguns ainda mencionaram o fato de que ajudam os pais em alguma atividade de trabalho nos finais de semanas. Libânio diz que os jovens “facilmente fogem de responsabilidades importantes, ao apelar para a falta de tempo”<sup>125</sup>. Ao mesmo tempo, ele diz que “a pós-modernidade, por motivos diferentes, frisa o presente. Carece de consciência histórica e utópica e então só pensa em fruir do presente” e aborda, como já vimos no primeiro capítulo, uma pedagogia do tempo<sup>126</sup>.

---

<sup>124</sup> CNBB, doc. 93, **Evangelificação da juventude**. Desafio e perspectivas pastorais. Editora Paulus: São Paulo, 2007, p.21.

<sup>125</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p.172.

<sup>126</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p.172.

Os jovens universitários evangélicos, devido ao fato de serem multitarefas, realmente necessitam de uma pedagogia do tempo, necessitam administrar bem o seu tempo, mas o que se percebe é que não estão apelando para a falta de tempo nas questões importantes, mas sim estão realizando muitas atividades, fruindo do presente intensamente.

Voltando à questão da relação do jovem universitário evangélico com suas igrejas e a participação em grupos religiosos dentro da universidade durante a semana vale a recomendação do documento da CNBB,

Para alimentar constantemente a espiritualidade cristã, o jovem necessita encontrar instrumentos, pessoas e momentos que o marquem profundamente, provocando nele o desejo de verdadeira mudança. Estes meios colocam o jovem num processo constante de revisão de vida e de discernimento vocacional diante de Deus e diante do mundo. Além disso, o jovem que, ao optar pelo Senhor, assume uma nova postura diante da vida é, naturalmente, percebido, notado, admirado e seguido pelos seus companheiros: “jovens evangelizando jovens<sup>127</sup>.”

O documento continua destacando os meios para este exercício cotidiano de crescimento na fé, tais como: oração pessoal e comunitária, participação na comunidade, leitura orante da Sagrada Escritura, diversos encontros espirituais e leituras e reflexões. Estas atividades os jovens universitários evangélicos têm buscado durante a semana nos grupos religiosos presentes no campus universitário e nos finais de semana em suas igrejas locais.

*E1: Eu participo de um grupo de louvor lá, muito frequente. Todo sábado, todo domingo, eu vou mais aos sábados que é culto de jovens. Só que todo sábado tem célula às 10h. E toda célula eu vou. E todo domingo a gente toca. Tem escola dominical, monto algumas coreografias. Estou sempre lá.*

*E3: A relação com a igreja acho que aumentou bastante de uns meses para cá, porque como eu falei, eu comecei a participar mais, eu comecei a me colocar mais a disposição de fazer isso ou fazer aquilo, antes não, antes eu ia lá e só ficava de fora, então acho que aumentou bastante esta relação com a igreja e a igreja me ensinou a ter mais empatia, a ter um olhar mais missionário, um olhar de ajudar mais o próximo...*

---

<sup>127</sup> CNBB, doc. 93, **Evangelização da juventude**. Desafio e perspectivas pastorais. Editora Paulus: São Paulo, 2007, p.45-49

*E4: Eu gosto muito de igreja, de ir na igreja, se eu pudesse passaria todo o final de semana na igreja... E estou bem envolvido, eu sou líder no ministério de música da igreja, líder dos jovens também, então constantemente estou lá participando, organizando as coisas e tudo mais.*

*E5: Eu vou nas reuniões de jovens e adolescentes na sexta à noite e no culto de domingo à noite.*

*E6: Eu vou aos domingos, participo da ceia, mas é mais como membro do que como alguém que está ali na obra mesmo, na frente de alguma coisa. É mais como um ouvinte da Palavra. E vou também no culto de jovens ao sábado que acontece uma vez por mês e vou todo domingo à noite com a família. Durante a semana é difícil para mim participar, por causa da faculdade, meus pais até vão na quinta e na segunda em uma célula, mas é difícil para mim participar, porque é bem corrido.*

*E8: Gosto muito daquela igreja, ela tem regras que alguns não concordam muito, como toda igreja tem regras, algumas vamos concordar outras discordar, mas tem que ter regras, porque se não tiver vira uma desordem. Mas eu gosto muito de lá, gosto muito da pregação, gosto muito do louvor, das palavras, do ensino.*

*E9: Meu vínculo é muito maior com a igreja do que com a faculdade, já deixei de participar de eventos importantes da faculdade, porque eu tinha outros eventos que nem eram tão importantes assim na igreja... A maioria das vezes o meu sábado é inteirinho cheio na igreja, eu tenho o grupo das meninas de manhã, tem o grupo de teatro que tem ensaio à tarde, depois o grupo de louvor ensaia um pouquinho mais tarde...*

#### **4.1**

#### **A corresponsabilidade dos pastores/líderes e do jovem universitário evangélico**

A Igreja com seus pastores e líderes precisa conhecer seus jovens, e, principalmente, ouvir suas opiniões e sentimentos. Mario de França Miranda em seu artigo “Universidade Católica hoje” afirma:

Faltam espaços de escuta e de diálogo no interior da Universidade para conhecermos melhor o nosso público, suas indagações, seus preconceitos, seus anseios, suas representações e seus questionamentos. Naturalmente ouviremos o que não nos agrada, o que nos choca, o que talvez nos obrigue a pensar, o que nos force a estudar.

Urge uma mudança de mentalidade por parte dos responsáveis que mais fomentasse a liberdade de expressão e a cultura do diálogo no interior do campus universitário<sup>128</sup>.

Estes espaços de escuta e diálogo deve haver também no interior das igrejas, principalmente por parte de seus líderes. Em sua Regra, São Bento recomendava aos líderes (abades) consultar os mais jovens diante de uma escolha importante, porque “muitas vezes é exatamente aos mais jovens que o Senhor revela a melhor solução”<sup>129</sup> (Regra de São Bento, 3,3). Jurgen Moltmann afirma que “uma igreja que não muda para estar à disposição da humanidade do homem em novas circunstâncias fossiliza-se e morre”<sup>130</sup>. Walter Kasper diz que “a igreja só poderá ter futuro se refletir Jesus Cristo e sua mensagem do Reino de Deus vindouro”<sup>131</sup>.

Esta mudança da igreja parte dos seus líderes que devem se abrir à juventude universitária, pois o jovem universitário tem uma grande importância na atuação da Igreja em seu serviço ao mundo. Desde sempre foram os jovens os grandes responsáveis por importantes mudanças em nossa sociedade e este jovem universitário tem legitimado pela sociedade um período de cerca de 4 anos para preparação ou formação. Porém, muitas vezes, esta parcela da juventude não tem recebido um preparo adequado de seus pastores para aprender a vivenciar sua fé dentro do ambiente universitário, e com isso, o tempo que o jovem passa na universidade o tem levado a um afastamento da fé. O padre José Oscar Beozzo alerta:

A Igreja falha, porém, ao não se aproximar da universidade como terra de missão, ao não acreditar no potencial do universitário. A pastoral da juventude não prepara os jovens que ingressam na universidade para enfrentar o novo meio e está praticamente ausente da vida dos que vivem na universidade<sup>132</sup>.

A juventude é vista como uma etapa de transição para a vida adulta, um processo que prepara o jovem para assumir o papel de adulto na sociedade. A falta de atuação dos líderes, ao não se trabalhar com esse público, e a ausência ou distância destes que vivem na universidade, contribui para o afastamento desta

<sup>128</sup> MIRANDA, M. F. in **Atualidade teológica**: Revista do Departamento de Teologia PUC-Rio. – Ano XIX, n. 49 (jan./abr. 2015), - Rio de Janeiro: PUC-Rio, Dep. Dep. Teologia/Letra Capital, 2015, p. 18.

<sup>129</sup> **Regra de São Bento**. Disponível em: <http://www.osb.org.br/regra.html> . Acesso em: 26 jun. 2017.

<sup>130</sup> MOLTSMANN, J., O Deus crucificado, p.29.

<sup>131</sup> KASPER, W., A Igreja católica, p. 421.

<sup>132</sup> BEOZZO, J. O., Cristãos na universidade e na política, p. 177.

juventude de sua missão, e perde-se a chance de se formar bons cidadãos para esta sociedade. A igreja sofre, a sociedade sofre.

Se os pastores não conseguirem ensinar ou lidar com essa juventude de hoje dificilmente se conseguirá mudar esta situação depois, porque o tempo de vivência da fé durante a caminhada universitária é um ótimo momento para formar esta juventude para a responsabilidade da vida adulta e para sua atuação como Igreja no serviço ao mundo. Devido ao grande potencial que o universitário tem na sociedade e no afastamento da fé deste jovem no período universitário faz-se necessário entender a corresponsabilidade dos pastores e universitários na vivência da fé. De acordo com Libânio:

Os jovens abandonados a eles mesmos dificilmente manterão a fé tradicional, especialmente aqueles que entram na Universidade[...]. Muitos jovens, ao entrar especialmente na Universidade e defrontar com as críticas ferrenhas da modernidade à religião, perdem toda referência de fé por falta de preparação<sup>133</sup>.

Os pastores precisam ajudar os jovens universitários. O documento *Apostolicam Actuositatem*, elaborado no Concílio Vaticano II, afirma a respeito dos jovens que “por um lado, cresce cada vez mais a sua importância social e até política; por outro, parecem incapazes de assumir convenientemente as novas tarefas” (AA 3,12). Com isso, o documento afirma a importância dos pastores e dos adultos de ajudar este jovem a assumir seu apostolado, ou seja, afirma a força que o jovem tem para atuar como Igreja no serviço ao mundo. “Finalmente, os religiosos e as religiosas tenham em apreço as obras apostólicas dos leigos; consagrem-se de boa vontade a promover as obras destes, segundo o espírito e normas dos próprios Institutos; e procurem apoiar, auxiliar, e completar as funções sacerdotais” (AA 5,25). E para tanto:

Os adultos devem procurar estabelecer com os jovens um diálogo amigo que permita a ambas as partes, superando a distância de idades, conhecerem-se mutuamente e comunicarem uns aos outros as próprias riquezas. Estimulem os adultos a juventude ao apostolado, primeiro pelo exemplo e, dada a ocasião, por conselhos prudentes e ajuda eficaz. (AA 3,12).

O Papa Francisco em uma carta aos jovens por ocasião da apresentação do documento Preparatório da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos fala da importância de guias especializados que ajudem o jovem a empreender um

<sup>133</sup> LIBANIO, J. B., *Jovens em tempos de modernidade*, p.44.

itinerário de discernimento para descobrir o projeto de Deus sobre a vossa vida. É por meio dos jovens que a Igreja poderá perceber a voz do Senhor que ressoa também hoje. Neste documento preparatório diz, “várias pesquisas mostram como os jovens sentem a necessidade de figuras próximas, credíveis, coerentes e honestas [...] Buscam figuras capazes de exprimir sintonia, encorajamento e ajuda para reconhecer os limites, sem fazer pesar o juízo”<sup>134</sup>. Há uma ausência na vida dos jovens de adultos que testemunhem uma vida autenticamente cristã.

Porém, tensa tem sido muitas vezes a relação entre o leigo universitário e as lideranças eclesiais. Com sua formação o universitário cristão torna-se mais preparado para criticar os desvios e os abusos da fé que podem acontecer por parte dos líderes eclesiais, tendendo a rebelar-se contra a estrutura e seus líderes, afastando-se do convívio eclesial. Os líderes, para livrarem-se de possíveis problemas devido a esses questionamentos, permitem que estes jovens saiam até mesmo para não contaminar outros. Perde-se o papel profético dentro das igrejas. Com isso, o pecado se enraíza.

Os líderes preferem jovens que não questionam, que se acomodam, que sejam dependentes deles. Porém, para esta geração questionar é uma forma de se conectar. Estes jovens dão menos valor para cargos e posições sociais, eles consideram todo relacionamento um processo de integração. Estes jovens cresceram questionando seus pais a respeito de tudo, e como, universitários, onde são ainda mais estimulados a questionarem a realidade, certamente irão fazer isso com seus pastores também.

Porém, esses mesmos pastores precisam considerar que estes jovens foram formados assim e que este questionamento não é contestação ou desafio à sua liderança, mas apenas um desejo dos jovens de colaborar. Deve haver por parte dos líderes eclesiais uma maior valorização do leigo universitário.

As lideranças eclesiais precisam promover a responsabilidade do leigo universitário na Igreja. Bruno Forte, falando sobre a relação entre os ministérios ordenados ou não diz: “não há relação de superioridade de uns sobre os outros, mas de complementaridade na diversidade de serviço recíproco, na irreduzível diferença<sup>135</sup>”. P. 35 Essa deve ser a atitude dos pastores para com os jovens universitários. Como afirma a *Lumen Gentium*:

<sup>134</sup> SÍNODO DOS BISPOS. XV Assembleia Geral Ordinária. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, p.23.

<sup>135</sup> FORTE, B., A Igreja – Ícone da Trindade, p.35.

Os sagrados pastores conhecem, com efeito, perfeitamente quanto os leigos contribuem para o bem de toda a Igreja. Pois eles próprios sabem que não foram instituídos por Cristo para se encarregarem por si sós de toda a missão salvadora da Igreja para com o mundo, mas que o seu cargo sublime consiste em pastorear de tal modo os fiéis e de tal modo reconhecer seus, serviços e carismas, que todos, cada um segundo o seu próprio modo, cooperem na obra comum (LG n. 30).

Os pastores não podem assumir uma atitude paternalista, buscando dar respostas prontas, ignorando a capacidade e o esforço do jovem para pensar e andar por si mesmo. Não podem colocar o jovem numa postura de apenas escutar e obedecer, como se o papel do jovem não fosse o de falar, nem de pedir explicações, muito menos o de tomar decisões e de assumir responsabilidades. No passado, a função dos jovens era “serem vistos, mas não ouvidos”. A juventude era uma simples etapa de transição.

Hoje essa atitude paternalista afasta o jovem da Igreja. Não pode haver o silêncio dos líderes das igrejas aos jovens. É preciso que as lideranças aprendam a dialogar com seus jovens. Os pastores precisam se aproximar dos jovens. Os jovens respondem ignorando ou alienando-se de uma Igreja que os ignora e os aliena.

Os pastores também precisam conhecer seus universitários. Muitos pastores são de gerações diferentes destes universitários, com valores e atuações diferentes, e não podem esperar que seus membros universitários atuem da mesma forma que eles agiram em sua época. Os pastores precisam entender que esta nova geração não é pior nem melhor do que as outras, apenas diferente. Esta geração possui fraquezas e virtudes como qualquer outra geração. Cada geração possui luzes e sombras e os pastores precisam conhecer as características desta geração de universitários.

Esta geração atual de universitários não se preocupa com hierarquias. Os jovens da atual geração não se preocupam com hierarquias, pois muitos dos pais procuraram ser mais amigos do que impor ordem ou disciplina aos seus filhos. Provavelmente um jovem desta geração irá tratar seu pastor como trata um colega de turma e muitas vezes isso pode ser considerado uma falta de respeito por parte deste líder, pois não era assim que ele quando jovem tratava o seu pastor.

Os conflitos de gerações são bem percebidos no ambiente de trabalho e também acontecem no espaço eclesial. Conforme já foi dito, esta juventude universitária opta por relações interpessoais e horizontais. Buscam uma relação



democrática, de tolerância horizontal e aberta com seus pastores, tendo uma grande repulsa e impaciência com autoridades despóticas. O apóstolo Pedro fez um apelo em sua primeira carta aos que também exerciam a função pastoral dizendo,

Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho (1 Pedro 5:1-3).

Cabe aos pastores empoderar os seus jovens universitários para que estes transmitam e vivenciem sua fé por onde forem. Empoderar é um processo estrutural, cultural e de atitude em que os jovens (ou qualquer população) ganham habilidade, autoridade e agência para tomar decisões e implementar mudanças para além de suas próprias vidas.

Os jovens são capazes de tomar decisões informadas sobre suas vidas, portanto não se pode relegar seu potencial de contribuição ao futuro. Os pastores e líderes muitas vezes têm uma visão bem-intencionada, porém errônea de que “um dia os jovens serão o futuro”. No entanto, essa visão não só minimiza a contribuição da juventude, como passa a ideia de que os jovens ainda não estão preparados para lidar com as questões do presente, quando, de fato, isso ocorre em seu cotidiano.

Esta geração de universitários é de jovens colaborativos e com necessidade constante de reconhecimento. Esta é uma característica que pode muito ajudar o jovem universitário evangélico em sua relação com a Igreja e serviço ao mundo. Mais do que qualquer outra, esta geração é altamente colaborativa. O fato de serem colaborativos, não se preocupando com hierarquias, faz com os jovens possam se aliar por causas comuns sem necessidade de lideranças. Para estes jovens, o importante é dar a sua contribuição.

O jovem se sente valorizado quando pode participar e sente que sua intervenção foi útil. Importa para eles perceberem que o que fazem contribui de alguma maneira na transformação da sociedade. Seja qual for a colaboração, este jovem precisa sentir que sua atuação está tendo significado. “Esta é uma geração que gosta de aprender com os mais velhos e de ser orientada por eles”<sup>136</sup>.

<sup>136</sup> LANCASTER, L. C.; STILLMAN, D., O Y da questão, p. 239.

Os jovens desta geração precisam ver sentido no que estão fazendo. Para perceberem isso faz-se necessário para aqueles que atuam com essa geração enfatizarem sempre a importância da colaboração deles, pois é característica dessa juventude a necessidade de constante reconhecimento. Reuniões onde somente uma pessoa fala e os outros passivamente escutam não estimulam a participação dos jovens e estes precisam receber *feedbacks* constantes para continuarem motivados e engajados em seu serviço ao mundo.

A falta de *feedback* por parte daqueles que trabalham com essa juventude leva os jovens a não sentirem e não perceberem que seus esforços ou contribuições são significativos, e com isso, esses jovens acabam se distanciando e indo participar de alguma outra atividade ou causa para se sentirem úteis. Ter um trabalho significativo é uma necessidade para esta juventude, e não apenas algo bom ou importante. Um simples *feedback* dos mais velhos faz com que a força desta juventude seja canalizada para a participação da *missio Dei* e serviço ao mundo.

Outra característica desta geração de universitários é a de ser multitarefas. É importante que os pastores entendam que uma importante característica desta juventude é sua capacidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Ser multitarefa é uma característica desta geração que ajuda o jovem a lidar bem com a questão do tempo. Estes jovens gostam de estar envolvidos em muitas atividades, eles são multitarefas. Desde cedo aprenderam a estar ocupados durante todo o dia com muitas atividades ao mesmo tempo.

Ser multitarefa ajuda o universitário no seu serviço ao mundo e o leva a entender que é exatamente participando das situações do cotidiano que se pode exercer influência na sociedade. Pastores costumam reclamar de uma falta de compromisso desta juventude. Porém, como eles são multitarefas, eles estão sempre envolvidos com muitas coisas, com isso não conseguem se comprometer com alguma coisa durante muito tempo. A questão não é que eles não têm compromisso, a questão é que eles já estão fazendo outra coisa.

Na corresponsabilidade entre pastores e universitários na missão faz-se necessário que os líderes entendam a importância da amizade para esta geração. Conforme já sinalizado, são os amigos que representam as questões mais importantes para os jovens, à frente da universidade e do trabalho. Libânio aborda esta questão afirmando que “na idade da juventude, valorizam-se as relações sociais com iguais sob a forma de amizade... A preferência pela amizade é algo permanente

na juventude<sup>137</sup>”. Esta é uma abertura que precisa ser aproveitada por quem deseja trabalhar e acompanhar a juventude atual.

O documento preparatório da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos com o tema “os jovens, a fé e o discernimento vocacional” mostra alguns elementos que ajudam a traçar o perfil ideal de quem acompanha um jovem:

O olhar amoroso (a vocação dos primeiros discípulos, Jo 1,35-51); a palavra com autoridade (ensinava na sinagoga de Cafarnaum, Lc 4,32); a capacidade de fazer-se próximo” (a parábola do Bom Samaritano, Lc 10,25-37); a escolha para “caminhar ao lado” (os discípulos de Emaús, Lc 24,13-35); o testemunho de autenticidade, sem medo de ir contra os preconceitos mais difusos (o lava-pés na última ceia, Jo 13,1-20). No compromisso de acompanhamento das jovens gerações, a Igreja acolhe o seu chamado a colaborar na alegria dos jovens mais que tentar apoderar-se da sua fé (2Cor 1,24). Este serviço está enraizado, em última instância, na oração e no pedido do dom do Espírito que guia e ilumina todos e cada um<sup>138</sup>.

Os universitários precisam também reconhecer sua própria responsabilidade na missão de Deus e no seu serviço ao mundo. Para tanto, o universitário precisa participar ativamente em sua Igreja. Para Carlos Josaphat, “a sociedade civil tem a ganhar assim, se a Igreja se define em referência aos seus verdadeiros objetivos e à missão de seu divino Fundador que a constituiu”<sup>139</sup>. Sendo assim, a carta aos Hebreus afirma para ninguém deixar de se reunir como Igreja (Hb. 10.25). E como diz o *Apostolicam Actuositatem*, “esta vida de íntima união com Cristo na Igreja é alimentada pelos auxílios espirituais comuns a todos os fiéis e, de modo especial, pela participação ativa na sagrada Liturgia” (AA 1,4).

Conforme já visto, as pesquisas mostram que os jovens gostam de ir à igreja. Com tantos jovens na população brasileira, com o aumento do número de evangélicos, juntamente com o fato do jovem gostar de ir à igreja, era de se esperar que o número de jovens nas igrejas evangélicas também aumentasse significativamente. Porém, várias são as razões que podem levar os universitários a não se reunirem mais como Igreja.

Em primeiro lugar, vive-se hoje em uma sociedade fortemente marcada pelo consumo e o jovem acaba pensando a Igreja também numa forma de consumo. O pensamento é: o que posso ganhar lá? O que posso consumir? Mas esta ideia é totalmente contrária ao Evangelho de Cristo. O jovem universitário evangélico

<sup>137</sup> LIBANIO, J. B., Jovens em tempos de modernidade, p.23.

<sup>138</sup> SÍNODO DOS BISPOS. XV Assembleia Geral Ordinária. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, p.41.

<sup>139</sup> JOSAPHAT, C., Vaticano II, p.74.

precisa pensar onde ele pode servir e não naquilo que ele pode consumir. Esta mudança de mentalidade é essencial para sua relação com a Igreja em seu serviço ao mundo. Jesus não veio para ser servido, mas para servir (Mateus 20.28), e a espiritualidade cristã é uma espiritualidade do serviço e não do consumo.

Em segundo lugar, existe a questão do hedonismo, de uma cultura do prazer. A questão não é negar totalmente o prazer ou a alegria, mas o jovem precisa entender que seguir a Cristo e se relacionar com a Igreja no serviço ao mundo exige renúncia, sacrifício, negar o próprio eu, tomar a cruz diariamente e segui-lo, ou como diz Walter Kasper, “é preciso amar a igreja com todas as suas manchas e rugas, assim como Cristo amou a igreja e se entregou por ela (Ef. 5,25)”<sup>140</sup>.

Outra questão importante é o problema da falta de tempo. Sabe-se que a rotina de um universitário é bastante intensa. Tantas atividades como aulas, estágios, iniciação científica, dentre outras coisas, faz com que o universitário evangélico acabe não priorizando muitas vezes sua relação com a Igreja e o seu serviço no mundo. Porém, apesar das inúmeras tarefas realizadas pelo universitário, o que determina seu tempo é a sua prioridade. Aqui retomamos a Libânio quando fala sobre a necessidade de uma pedagogia do tempo. Para ele, o primeiro princípio desta pedagogia é que “não existe falta de tempo. Trata-se de prioridade. Para as realidades a que atribuímos importância, temos tempo. À medida que a deslocamos para grau de menor relevância, então o tempo disponível não alcança”<sup>141</sup>. Ser cristão é estar envolvido na missão de Deus e servir no mundo. Não se pode fugir de tamanha responsabilidade apelando para falta de tempo.

Em quarto lugar, o universitário cristão desta geração precisa ter coerência entre o que acredita e o que pratica, especialmente para uma melhor atuação e serviço no mundo. No documento preparatório da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos com o tema, “os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, diz que:

Os jovens apreciam a possibilidade de combinar a ação em projetos concretos por meio dos quais possam medir a própria capacidade de obter resultados, o exercício de um protagonismo dirigido a melhorar o contexto em que vivem, a oportunidade de adquirir e aperfeiçoar no campo competências úteis para a vida e o trabalho<sup>142</sup>.

<sup>140</sup> KASPER, W., A Igreja católica, p. 424

<sup>141</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p. 172.

<sup>142</sup> SÍNODO DOS BISPOS. XV Assembleia Geral Ordinária. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, p.27.

Na pós-modernidade o que vale é o presente. Pesa sobre esta geração o fato de serem imediatistas: a ênfase está em se viver o presente buscando experimentar o momento. Em uma pesquisa feita por Leomar Antônio Brustolin com jovens universitários, o autor afirma que “é na juventude que se pode constatar de modo mais claro a extrema preocupação com a realização imediata, com a felicidade e o prazer a qualquer custo, não tanto como uma busca e uma construção, mas como uma conquista do momento”<sup>143</sup>. Ao analisar as respostas dadas pelos entrevistados, o autor chega à conclusão que raras são as referências a algo a ser buscado a longo prazo.

Essa fruição do presente, sem olhar para o passado ou o futuro, leva a uma dissolução da ética. Os jovens desta geração buscam viver intensamente cada experiência, são transitórios e ambíguos em suas decisões e escolhas, possuem necessidade de constante reconhecimento, buscam intensamente a ampliação da rede de relacionamentos, optam por padrões informais e flexíveis, e buscam a individualidade como forma de expressão.

O individualismo é a consequência da superproteção e de um padrão de vida e consumo que favorece o individual, o *tailormade*, o feito para cada consumidor. A ideia do coletivo ficou de lado, o que prevalece é a vontade de cada um, a opinião de cada um. Pensar em quem está do lado é uma tarefa bastante incomum para esta geração<sup>144</sup>.

Os jovens universitários de agora pertencem à geração que passou mais tempo na educação formal, além de serem mais flexíveis e adaptáveis do que qualquer outro grupo para lidar com os desafios apresentados pelo nosso mundo globalizado<sup>145</sup>.

Porém, devido à intensa vivência do presente busca-se anular o tempo, com isso, “predomina a dificuldade de aceitar a responsabilidade que a vida adulta lhes impõe. Eles evitam, o máximo que podem assumir compromissos vinculantes”<sup>146</sup>. São transitórios e ambíguos, não levando adiante suas decisões, tendo muitas

<sup>143</sup> BRUSTOLIN, L. A. O futuro em questão: a esperança entre os jovens universitários. In: Anais do Congresso da SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. *Mobilidade religiosa. Linguagem – Juventude – Política*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2012, p. 2014.

<sup>144</sup> Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf), Acesso em 17/01/2013, p. 64.

<sup>145</sup> Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat (DESA). **The Millennium Development Goals Report 2011**. New York, 2011. Disponível em: [http://www.un.org/millenniumgoals/11\\_MDG%20Report\\_EN.pdf](http://www.un.org/millenniumgoals/11_MDG%20Report_EN.pdf). Acesso em 15 de set de 2017.

<sup>146</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p. 18.

dificuldades com projetos de longo prazo, acomodando-se com facilidade, e a *missio Dei* é algo para ser vivido durante toda a vida. Os próprios jovens afirmam que a acomodação é uma das características de sua geração. Mas, ainda de acordo com Libânio, “o ser humano, por mais acomodado que esteja, possui orientação para a Transcendência. A ela se prendem os idealismos. E na idade jovem tal dinamismo se acentua”<sup>147</sup>.

Ocorre, porém, que os principais atributos que os próprios jovens usaram para descrever sua geração foram vaidade, consumismo e acomodação, de acordo com o *Dossiê Universo Jovem 4*. Estas mesmas informações foram obtidas na pesquisa anterior<sup>148</sup>. Eles pensam que podem mudar o mundo, mas suas práticas não condizem com aquilo em que acreditam. Há um hiato muito grande entre aquilo que se diz e pensa daquilo que exatamente se pratica. Essa realidade ambígua e conflitante precisa ser diferente em relação ao jovem universitário evangélico, pois como afirma René Padilla:

A cruz não é somente a negação da validade de todo esforço do homem para ganhar o favor de Deus por meio das obras da lei; é também a exigência de um novo estilo de vida caracterizado pelo amor, totalmente oposto a uma vida individualista, centralizada em ambições pessoais, indiferente frente às necessidades do próximo. O significado da cruz é ao mesmo tempo soteriológico e ético<sup>149</sup>.

Vaidade, consumismo e acomodação não podem fazer parte do estilo de vida de um jovem universitário evangélico, pois o prejudica em sua vivência da fé e em sua relação com a Igreja no serviço ao mundo. Este precisa entender que para participar da *missio Dei* e propagar o Evangelho para a transformação da sociedade é necessário a renúncia do seu próprio “eu”. A evangelização requer renúncia por parte do jovem universitário evangélico.

Se Deus realizou a reconciliação a partir da situação humana, a única evangelização que cabe é aquela em que a palavra se encarna no mundo e o evangelista se torna “escravo de todos” para ganhá-los para Cristo (I Co. 9.19-23). A primeira condição de uma evangelização genuína é a crucificação do evangelista. Sem ela o evangelho se converte em verborragia e evangelização, em proselitismo<sup>150</sup>.

<sup>147</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p. 22.

<sup>148</sup> **Dossiê Universo Jovem 4**. Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf). Acesso em: 17 mar. 2015, p. 14.

<sup>149</sup> PADILLA. R. C., Missão integral, p. 36.

<sup>150</sup> PADILLA. R. C., Missão integral, p. 37.

O grande desafio para esta juventude universitária é entender como ser Igreja dentro do ambiente estudantil. O jovem precisa vivenciar sua fé em Cristo neste ambiente universitário. E os movimentos estudantis cristãos que atuam nas universidades preparando e auxiliando estes jovens cristãos a vivenciarem a fé dentro deste ambiente acadêmico podem servir de grande ajuda, especialmente aqueles que possuem adultos que se dispõem a ajudar os jovens. De acordo com Libânio:

Faz-se sempre importante a presença de adultos dedicados e com qualidades para trabalhar com jovens. É ela que garante a constância. Os grupos de jovens entregues a eles mesmos costumam nascer como cogumelo depois de chuva e fenecer como erva no final de dia ensolarado<sup>151</sup>.

## 4.2 Conflitos de geração

A questão geracional é importante no relacionamento dos universitários com seus pastores. De acordo com Sidnei Oliveira, “é a primeira vez que cinco gerações diferentes de pessoas convivem mutuamente, em números significativos, de forma consciente, interferindo e transformando a realidade”<sup>152</sup>. Cada geração possui valores e características que levam a conflitos no relacionamento entre pessoas de diferentes gerações. Muita literatura foi produzida nos últimos anos a respeito da entrada da chamada *Geração Y*<sup>153</sup> no mercado de trabalho e os conflitos que começaram a surgir por causa disso. Na relação entre os jovens universitários evangélicos e seus pastores também há conflitos e situações particulares. De acordo com Libânio, “a idade deixou de ser critério para a juventude confiar nos mais velhos”<sup>154</sup>.

Os jovens universitários evangélicos entrevistados demonstraram pouco relacionamento com seus pastores que são de gerações diferentes e uma aproximação maior com os pastores mais novos e mais próximos de suas gerações. Apesar desta geração ser de jovens que gostam de aprender com os mais velhos e de ser orientados por eles, os pastores titulares que geralmente são de gerações mais

<sup>151</sup> LIBANIO, J. B., Jovens em tempos de modernidade, p.94.

<sup>152</sup> OLIVEIRA, S., Geração Y, p. 40.

<sup>153</sup> A *Geração Y*, que reúne nascidos entre 1980 e 1999, recebeu esse nome porque a antiga União Soviética (URSS), que exercia grande influência sobre os países comunistas, definia a primeira letra dos nomes que deveriam ser dados aos bebês entre 1980 a 1990 com o *Y*. Surge assim o nome *Geração Y*.

<sup>154</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p.57.

velhas não estão aproveitando esta abertura proporcionada pelos jovens universitários evangélicos.

Nos últimos anos, muitas igrejas evangélicas começaram a contratar pastores jovens para pastorearem os próprios jovens. Os jovens universitários evangélicos se sentem mais próximos e se relacionam melhor com pastores ou lideranças mais jovens. A figura do pastor principal ou titular é distante para os jovens universitários evangélicos. Os entrevistados relataram medo da figura do pastor e, principalmente, distanciamento pela falta de tempo que seus pastores têm. A contratação de um pastor jovem para um grupo de jovens é boa no sentido de ajudar no pastoreio desta parcela da sociedade, mas não pode o pastor titular terceirizar este pastoreio e se afastar totalmente destes jovens.

Como já abordamos, alguns jovens universitários evangélicos de maneira espontânea comentaram na entrevista que ouviam de seus pastores nas pregações, nos púlpitos de suas igrejas, que eles perderiam sua fé ao entrarem na universidade. Na entrevista estes universitários evangélicos foram questionados se suas igrejas possuíam algum tipo de preparação específica quando eles entrassem na faculdade ou algum tipo de preparação específica para a permanência deste jovem na universidade. Todos, sem exceção, afirmaram que suas igrejas não possuíam nenhum tipo de preparação neste sentido. Uma universitária disse que achava interessante que tivesse um trabalho específico para os universitários cristãos. E segundo ela, “seria muito interessante se eles pudessem ser preparados para isso, nem precisaria ser uma coisa muito elaborada, só uma orientação mesmo seria bom” (E9).

Do púlpito alguns pastores têm demonstrado medo de que estes jovens percam sua fé na universidade, mas não há nenhum tipo de preparação quando estes ingressam em uma faculdade. Conforme já relatamos, uma das entrevistadas que teve muita dificuldade em sua fé e de adaptação em seu primeiro ano de curso disse que gostaria simplesmente que seu pastor dissesse a ela que estava orando por ela. Uma atitude simples e pessoal já ajuda em muito a vida deste universitário.

Muitos dos pastores titulares ou principais nas igrejas evangélicas têm pastoreado apenas através dos púlpitos e precisam estar mais próximos dos jovens universitários evangélicos. Eles desejam esta aproximação. De acordo com a pesquisa do Projeto 18/34, mesmo em tempos de hiperconexão, os jovens, em



muitos casos, têm preferência por se comunicarem pessoalmente<sup>155</sup>. Rocca em seu estudo sobre resiliência, espiritualidade e juventude afirma o que pode também ser verdade para os pastores em sua relação com os jovens universitários evangélicos. Ela diz,

A Igreja, através das pessoas, das comunidades e das variadas instituições que possui, pode ser um ambiente propício para que os jovens encontrem pessoas e grupos que os ajudem a se fortalecer. Seja pela presença de qualidade, isto é, pela escuta e pela acolhida, pelo testemunho de vida, pela disponibilidade para ajudá-los nas suas necessidades concretas (educação, saúde, etc.) como na busca de sentido e de narrativa. Às vezes, não se trata de grandes ações nem gestos demasiado originais. Basta estar presente ou fazer demonstrações de carinho, de companhia, um intercâmbio sincero de ideias ou dizer palavras oportunas que orientem, por vezes, uma colaboração em necessidades físicas ou materiais<sup>156</sup>.

Espera-se que isso seja ouvido pelos pastores, pois “a juventude é a fase do ciclo de vida em que se concentram os maiores problemas e desafios, mas é, também, a fase de maior energia, criatividade, generosidade e potencial para engajamento”<sup>157</sup>. E os jovens universitários evangélicos precisam e esperam o apoio de seus pastores e líderes. Os pastores devem olhar com muito amor e confiança para os jovens universitários evangélicos. Os pastores têm muito a dizer para os jovens, assim como os jovens têm tantas coisas a dizer para os pastores. É necessário haver um diálogo recíproco, com cordialidade, atenção, clareza e coragem. Esta atitude irá favorecer este intercâmbio de gerações entre os pastores mais velhos e os jovens universitários evangélicos.

*E8: Eu não tenho tanta relação com o pastor principal, com ele, às vezes a gente chega uns vinte minutos antes do culto, ele passa cumprimentando, mas não dá para ter aquele vínculo. Eu acho que eu tenho um pouquinho mais com o pastor de jovens.*

*E1: A minha melhor amiga é filha do pastor, então estou sempre na casa dela, então estou sempre na casa do pastor. É tipo assim, é super, é entre aspas, porque para algumas coisas eu tenho certo medo, o pastor tem assim uma cara fechada, todo mundo acha que ele é brabo e tal, se vê no dia a dia ele não é, mas a*

<sup>155</sup> Disponível em: <http://projetos.eusoufamecos.net/espacoexperiencia/wp-content/uploads/2017/01/projeto-18-34-edicao-futuro-020916.pdf>. Acesso em 10 dezembro de 2018.

<sup>156</sup> ROCCA, S. M., Resiliência, espiritualidade e juventude, p.207.

<sup>157</sup> CNBB, doc. 93, **Evangelificação da juventude**. Desafio e perspectivas pastorais. Editora Paulus: São Paulo, 2007, p.15.

*gente sabe que ele não é, ele é muito gente fina, mas muitos jovens têm medo. Minha relação com ele é boa.*

*E6: Tem acompanhamento pastoral, mas é até difícil conseguir um horário com o pastor.... Eu não tenho tanta proximidade, até porque eu participo mais só aos domingos.*

*E6: (em relação ao pastor de sua igreja anterior) Eu vi ele tirar bastante dinheiro dos dízimos, pequenas coisas na igreja, por exemplo, esta cadeira a igreja comprou e é da igreja, mas ele levava para casa para ele usar para ele. O pessoal estava dando seu dízimo e eu via ele desviar. Por mais que fosse pouco, não era certo, não era correto fazer isso, e isso foi me entristecendo, e uma pessoa cobrar honestidade quando ela estava fazendo algo tão assim, seria feio, e aquilo me incomodou...*

*E7: A minha relação com ela (pastora) é menor do que com a minha líder, mas é normal isso, eu acho, ter mais entrosamento com a líder que está mais perto de você. Mas a minha pastora é um amor, mas eu acho que a gente se distancia muito porque tem medo de pastor. A líder tem um papo mais gostoso de amiga. Eu nunca tive um papo assim cara a cara com o pastor. Acho que era muita gente e o pastor não tem que dar atenção a todo mundo. Então nunca me passou pela cabeça conversar com o pastor.*

*E5: Então, o pastor ele mudou no começo deste ano. O pastor anterior a relação era muito boa, porque ele era mais jovem, ele estava muito envolvido com os jovens.... Eu estava muito empolgada, o pastor dava sempre muito apoio, sempre lá junto e de repente trocou de pastor. E é o pastor mais velho, tem uns filhos mais novos, mas o pastor é mais velho e está mais na liderança dos adultos e aí a gente ficou meio de lado os jovens. Consequentemente eu falo para ele para a gente marcar e conversar, mas até hoje, desde janeiro ele ainda não marcou. Com esse pastor de agora eu sinto muita diferença da relação que eu tinha com meu pastor anterior. Não sei porque ele era mais jovem.... Mas, com esse meu pastor de agora eu não sou muito próxima, mas também não sou afastada, eu sento, converso e tal.*

### **4.3**

#### **Forte sentido de missão**

Nas entrevistas ficou evidenciado a preocupação dos jovens universitários evangélicos em serem exemplos para seus colegas. De acordo com seus discursos essa preocupação em serem exemplos em todo tipo de conduta parte também dos seus próprios colegas não cristãos. E também a igreja incentiva essa diferenciação na conduta de um cristão e de um não cristão e é esperado isso do universitário evangélico.

Essa preocupação tem levado esses jovens universitários evangélicos a se distanciarem de outros universitários não cristãos e também a buscarem dentre os universitários aqueles que também são evangélicos para poderem conviverem no ambiente acadêmico. É comum que universitários evangélicos só morem com outros universitários evangélicos. Uma das entrevistadas afirmou que morava com três meninas evangélicas, porque evangélico gosta de estar com outro evangélico. Segundo ela, é mais fácil manter uma conversa com quem é da mesma fé e também porque o evangélico não leva ninguém diferente para dentro de casa, não faz festa ou barulho.

Desde o momento que iniciam sua jornada universitária, esses jovens buscam grupos religiosos de origem evangélica para poderem se refugiar e conhecer outros que tenham a mesma fé, principalmente no primeiro ano de seus cursos. O engajamento no grupo de jovens serve muitas vezes de justificativa para a ausência do meio universitário.

Essa dificuldade de alguns destes universitários evangélicos de se relacionarem com outros que não são da mesma fé tem levado esses jovens a olharem para suas universidades como um ambiente hostil de onde querem logo sair. O universitário evangélico passa em média oito horas por dia em sua universidade de segunda a sexta, porém o vínculo destes jovens universitários evangélicos é muito maior com a igreja do que com a universidade.

De acordo com uma universitária do último ano de seu curso que participou da entrevista, ela diz que não pode abrir mão das coisas que faz na igreja. Já na UEM ela pode deixar de fazer algumas coisas. Ela sai uma hora mais cedo da aula na sexta à noite, pois tem célula da igreja às vinte e três horas. Há conferências ou congressos na UEM aos sábados que duram todo o dia ou encontros literários e ela afirma que não vai, pois tem ensaio do coral ou ensaio do seu grupo de dança. Para ela é mais importante estas atividades na igreja do que as coisas na UEM, mesmo reconhecendo que isso ajudaria no Lates. Durante os quatro anos na universidade

viveu assim e tem orgulho disso. O padre Enzo Campos Gusso em seu livro publicado lá no final da década de setenta já dizia que,

Ora, sem a existência da comunidade acadêmica, sem convivência com os colegas, não há, para o estudante cristão, a possibilidade de uma atuação apostólica, não há como difundir a mensagem do Pai. A convivência na amizade, no contato constante e fraterno é pressuposto indispensável<sup>158</sup>.

Ao mesmo tempo, de acordo com Libânio, há uma tendência nos grupos juvenis de discriminação dos que não se enquadram nos seus moldes<sup>159</sup>. Isso é o que o parece que o jovem universitário evangélico vive por parte de outros universitários cristãos, ao não se enquadrarem nos moldes propostos pelos não cristãos, os jovens universitários evangélicos acabam sofrendo algum tipo de discriminação, porém essa discriminação não pode nunca haver pelo lado dos universitários evangélicos em relação aos outros não cristãos. “Podemos, enfim, considerar o próprio meio universitário como o ambiente providencial em que Deus colocou o cristão com fermento, luz e sal. Da sua atuação cristã nele, Ele pedirá contas”<sup>160</sup>.

*E9: Olha eu não vou mentir, falar que é super “easy”, “facinho” (ser cristão em uma universidade), que a gente se acostuma, porque é uma luta diária se você quiser se manter da forma como é esperado de um cristão, se você quiser ser testemunha, se você quiser realmente estabelecer a vida do reino na sua universidade através da sua vida é uma luta diária.*

*E8: Eu creio que viver na universidade e ser cristão é complicado, muitos são contra, muitos às vezes zombam, muitos falam o que não devem, mas eu creio que quando a gente está firme a gente não se afasta, vai buscar força para perseverar, porque nunca vai ser fácil, em qualquer lugar que a gente esteja vai ter pessoas que vão te julgar.*

*E4: Eu tive que me privar às vezes de, por exemplo, “cervejada”, o interesse dos caras é vender o convite para você. Eles querem que você vai lá e que você fique louco, essas coisas... neste sentido social isso me prejudicou um pouco ou me poupou de eu ter amizades e de viver coisas que eu estava em outros lugares que para mim foram mais proveitosos.*

<sup>158</sup> GUSSO, Pe. E. C., Pastoral Universitária, p.16.

<sup>159</sup> LIBANIO, J. B., Jovens em tempos de modernidade, p.32.

<sup>160</sup> GUSSO, Pe. E. C., Pastoral Universitária, p.28.

Apesar do grande envolvimento do jovem universitário evangélico em sua religião, em suas igrejas locais e de seu forte sentido de missão, percebe-se uma enorme dificuldade deles de enxergarem a própria universidade como um campo de missão. Walter Kasper diz que

Numa situação em que para muitos Deus parece estar morto e na qual muitos acreditam poder passar sem Deus, é preciso ter coragem para falar de Deus de maneira nova e testemunhá-lo como fundamento e alvo de toda a realidade, como realização plena da aspiração e do anseio humano e como verdadeira felicidade da vida<sup>161</sup>.

É isso que se espera de um jovem universitário evangélico em seus quatro ou cinco anos de jornada universitária, sem contar os muitos que têm entrado no mestrado e doutorado passando às vezes toda sua fase de juventude neste ambiente acadêmico.

Como já abordamos no primeiro capítulo, sabe-se que a rotina de um universitário é bastante intensa e não se espera grandes atividades dentro deste contexto estudantil, mas sabe-se também que este jovem universitário tem como característica ser multitarefa e que ele é capaz de fazer muito mais quando enxerga a universidade como um campo de missão. Cabe aqui novamente o sábio conselho de Walter Kasper, “não se trata de realizar coisas extraordinárias, mas de fazer as coisas ordinárias com dedicação e fidelidade extraordinárias”<sup>162</sup>.

Antônio José de Almeida em seu comentário sobre o *Apostolicam Actuositatem* diz que “O cristão não deve fugir de um mundo que se lhe tornou hostil, mas dedicar-se à transformação desse mundo, imprimindo nele a sua orientação “natural” para Deus”<sup>163</sup>. Essa é a atitude que se espera do jovem universitário evangélico dentro do seu contexto estudantil. Ou como diz o padre Enzo Campos Gusso, “Podemos, enfim, considerar o próprio meio universitário como o ambiente providencial em que Deus colocou o cristão com fermento, luz e sal. Da sua atuação cristã nele, Ele pedirá contas”<sup>164</sup>.

#### **4.4 Os movimentos estudantis cristãos**

<sup>161</sup> KASPER, W., A Igreja católica, p. 419.

<sup>162</sup> KASPER, W., A Igreja católica, p. 422.

<sup>163</sup> ALMEIDA, A. J., *Apostolicam Actuositatem*, p.17.

<sup>164</sup> GUSSO, Pe. E. C., *Pastoral Universitária*, p.28.

Nas entrevistas verificou-se que vários dos jovens universitários evangélicos buscam um Movimento Estudantil cristão em sua universidade como forma de fortalecer ou pelo menos de manter sua fé. Foram citados dentro da Universidade Estadual de Maringá movimentos como a da *Comunidade Evangélica Universitária – CEU*, *Dunamis Pockets* e um grupo denominado de *40 minutos*. Um outro exemplo de um movimento estudantil universitário de cunho evangélico é a *Cru Campus*<sup>165</sup> que têm contribuído para o fortalecimento da fé destes jovens evangélicos e, conseqüentemente, têm favorecido o engajamento destes na *missio Dei* e serviço no mundo. Como afirma Walter Kasper, “quem está convicto de sua fé também se torna testemunha da fé, testemunha não só pela palavra, mas também pela ação e pela vida”<sup>166</sup>.

Anunciar a alegria do Evangelho é a missão que o Senhor confiou à sua Igreja. A fé se fortalece no anúncio do Evangelho. Porém, Kasper alerta que “o saber religioso e, desse modo, a capacidade de falar e testemunhar da maioria dos cristãos chegou a um nível muito baixo”<sup>167</sup>. Diante disso é muito importante a presença desses movimentos que ajudam os jovens universitários a vivenciarem sua fé.

A *Cru Campus* é um movimento dirigido pelos próprios estudantes. Os jovens, principalmente os universitários, não se percebem como uma categoria desfavorecida e não querem ser passivos de programas pastorais. Esses estudantes querem ter voz ativa e participar dos processos de mudanças. Na *Cru Campus*, os jovens universitários são os protagonistas, mas também existem missionários adultos ajudando a esses jovens universitários a vivenciarem sua fé dentro dos seus *campi*.

As pessoas que trabalham com juventude percebem que os jovens necessitam do apoio dos adultos e que é necessário uma pastoral voltada para fora da igreja. Libânio cita algumas dificuldades apontadas pelas lideranças das Pastorais da Juventude, e dentre elas, ele cita:

Falta de apoio e credibilidade dos adultos, falta de lideranças para o trabalho junto dos jovens... a falta de escuta e formação dos adultos que trabalham no dia-a-dia com os jovens; pastoral, muitas vezes, fechada em si mesma, em sua organização e sem estratégias para ir ao encontro dos jovens; dificuldades na implementação de uma pastoral de processos em uma Igreja que valoriza mais uma pastoral de eventos; resistência de muitos da hierarquia a uma proposta de pastoral que forma lideranças

<sup>165</sup> Veja em: <http://rio.crucampus.org.br>

<sup>166</sup> KASPER, W., A Igreja católica, p. 424.

<sup>167</sup> KASPER, W., A Igreja católica, p. 426.

com capacidade de tomar decisões, gerando enfrentamento do clero, que, não poucas vezes, estimula apenas uma postura infantil por parte dos leigos e leigas<sup>168</sup>.

Por isso, de acordo com Libânio, os movimentos deste tipo têm tido mais sucesso que as paróquias para manter grupos de jovens, precisamente porque dispõem de um fio condutor mais claro, o mesmo ocorre no segmento evangélico. Porém, cabe o desafio a esses movimentos estudantis de ajudar o jovem universitário evangélico a viverem sua fé na universidade e não se transformar em um gueto dentro deste rico e complexo ambiente universitário.

Os movimentos estudantis cristãos não devem segregar, mas ajudar o universitário a viver sua fé dentro deste ambiente acadêmico levando-o a transmitir sua fé, dando testemunho de seu encontro e seguimento a Cristo. Os universitários são os que mais participam de organizações sociais e os grupos religiosos são ou podem vir a ser importantes instrumentos de envolvimento dos jovens nas lutas por transformações sociais.

Os evangélicos, mais do que qualquer outro grupo religioso, valorizam sua adesão religiosa frequentando atos religiosos somente de sua própria igreja. Em certo sentido, eles são mais fiéis às suas comunidades de fé do que outros, o que fortalece a relação com a Igreja e o seu serviço no mundo. Não obstante, observou-se que ir à missa/igreja/culto é o que o jovem mais gosta de fazer em seu tempo livre.

Porém, apesar dos grupos da igreja serem os mais frequentados entre os jovens, as igrejas evangélicas não têm conseguido preparar seus membros para a vivência universitária, e verifica-se que muitos deles têm se afastado da fé cristã em seus anos de estudos na universidade<sup>169</sup>. Por estes motivos, percebe-se a enorme importância desses movimentos estudantis que atuam dentro das universidades públicas e privadas de nosso país ao contribuírem na formação da mente e coração desses estudantes.

É preciso perceber que o engajamento destes jovens universitários nesses movimentos não pode servir de justificativa para se ausentarem do próprio meio universitário que estão inseridos. Muitos buscam a participação nestes movimentos como uma fuga da vivência do próprio meio universitário, principalmente por medo

---

<sup>168</sup> LIBANIO, J. B., *Jovens em tempos de modernidade*, p.198.

<sup>169</sup> Disponível em: <http://www.pulpitocristao.com/2013/01/por-que-os-jovens-evangelicos-estao-se-desviando-na-universidade>. Acesso em: 15 fev. 2013.

de perderem a fé ou simplesmente pelas dificuldades encontradas em conciliar aquilo que creem com as novas descobertas em suas áreas de conhecimento.

A *Cru Campus* se define como uma comunidade acolhedora de estudantes apaixonados por conectarem pessoas a Jesus. Esse e outros movimentos têm por finalidade a apresentação da mensagem e da vida de Deus a todo o mundo universitário. Padre Enzo Campos na década de setenta numa proposta de uma Pastoral Universitária já dizia:

Tudo o que é universitário interessa ao cristão universitário e tudo deve ser por ele assumido e vivido, exceto o pecado e suas consequências. Sua missão supõe a participação na vida concreta de seu meio ambiente: ele é fermento que só atua quando misturado à massa. “Viver” o meio é o pressuposto de sua ação pastoral no meio<sup>170</sup>.

O Padre Enzo, ao focar nos principais problemas que a pastoral universitária precisa enfrentar, começa dizendo da estranha falta de interesse do universitário pela própria vida universitária. Ele afirma:

É provavelmente esse desinteresse que explica o fato da falta de presença do universitário cristão na vida universitária, como também a pouca força de atração exercida pela pastoral universitária sobre estudantes cristãos já engajados em grupos paroquiais. A convivência da comunidade de jovens lhes é mais importante do que a comunidade universitária<sup>171</sup>.

Uma das possibilidades apresentadas pelo Padre Enzo Campos para o desinteresse do universitário cristão em vivenciar e de transmitir sua fé neste contexto dá-se pela própria cultura presente na mentalidade da sociedade brasileira, onde só se valoriza a questão econômica e a universidade acaba sendo vista somente como um meio de se instrumentalizar para que após seu curso este jovem esteja mais preparado para adentrar no mercado de trabalho conseguindo um bom emprego que garanta sua sobrevivência de maneira confortável, sustentando o desejo de consumo desenfreado proposto por nossa cultura. Diz o Padre Enzo,

É bem possível que a explicação desse dado seja preponderantemente cultural: a universidade, na mentalidade atual brasileira, instrumentalizou-se e se comercializou de tal maneira que só podia ser assumida dessa forma pelo estudante. Só se valoriza, neste país, o desenvolvimento econômico: tudo o mais é instrumento ou consequência. A vivência em si da vida e do espírito e da cultura, assim como a própria competência profissional, foi instrumentalizada pela civilização do lucro e do poder<sup>172</sup>.

<sup>170</sup> GUSSO, Pe. E. C., Pastoral Universitária, p.54.

<sup>171</sup> GUSSO, Pe. E. C., Pastoral Universitária, p.15.

<sup>172</sup> GUSSO, Pe. E. C., Pastoral Universitária, p.16.



Porém, “o universitário cristão, se quiser levar a seus colegas, à sua universidade, à vida universitária a mensagem do Pai, terá de assumir seu meio, terá de viver a sua realidade humana, seu nível cultural e científico, suas estruturas, sua responsabilidade social e histórica”<sup>173</sup>.

Esses movimentos estudantis não se podem transformar num feliz e autossuficiente gueto cristão, à margem da vida universitária e sem nenhum compromisso com ela, tendo os seus membros como que estranhos aos seus colegas universitários. Padre José Oscar Beozzo diz, “entendemos que o papel da Igreja é evangelizar e que a universidade é também terra de missão. Evangelizar é levar vida para o outro, não como discurso, mas como vida realmente”<sup>174</sup>. Ou como diz Antônio José de Almeida em seu comentário da *Apostolicam Actuositatem*, “O cristão não deve fugir de um mundo que se lhe tornou hostil, mas dedicar-se à transformação desse mundo, imprimindo nele a sua orientação “natural” para Deus”<sup>175</sup>.

Ao mesmo tempo, vale ressaltar a importância das igrejas locais na permanência deste jovem em sua participação na *missio Dei*. A Igreja é santa, formada pelos santos, mas que continuam pecadores, santos que são marcados pela realidade do pecado. Igreja que possui seu lado divino, mas também humano. Continuamente a Igreja cristã é tentada a se afastar da própria pessoa e do modelo de Cristo. Existe nela o trigo e o joio e nesta geração há uma forte tendência de se crer sem necessariamente aderir a uma igreja local, “o crente moderno não se contenta mais em escolher sua fé: ele quer escolher, ao mesmo tempo, sua comunidade, ao menos quando sente necessidade de pertencer a alguma”<sup>176</sup>.

Os jovens universitários se achegam a esses movimentos por causa das redes de afinidades que possuem. Todos são jovens, universitários, vivem muitos dilemas parecidos, mesmos gostos, há muitas afinidades. Já nas igrejas locais há muitas diferenças, de idades, de gerações, hierarquias, pensamentos, problemas. Mesmo assim, os jovens evangélicos ao aderirem a esses movimentos estudantis não podem desvincular-se de suas igrejas de origem ou deixar de frequentar uma igreja local.

---

<sup>173</sup> GUSSO, Pe. E. C., Pastoral Universitária, p.55.

<sup>174</sup> BEOZZO, J. O., Cristãos na universidade e na política, p.177.

<sup>175</sup> ALMEIDA, A. J., *Apostolicam Actuositatem*, p.17.

<sup>176</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.176.

Na igreja ouve-se a Palavra de Deus, tendo a convicção de que é a mensagem que o Senhor enviou. Na igreja os irmãos e irmãs encontram-se com o Senhor. Na igreja aprende-se a viver em comunhão, a exercer o principal dom de Deus, o amor que provém dele. A beleza da igreja está no fato de cada um poder oferecer o que é seu para o enriquecimento dos demais. Como afirmou o Concílio Vaticano II a respeito desta relação entre Igreja e juventude:

A Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja. Este diálogo recíproco, que deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil<sup>177</sup>.

Portanto, a participação na *missio Dei* é para a vida toda e é necessário haver parceria entre as igrejas locais e os movimentos estudantis. As igrejas locais devem incentivar seus jovens universitários a participarem dos movimentos estudantis dentro das universidades, e os movimentos estudantis devem incentivar e ensinar a importância da igreja local para a vivência da fé deste jovem e seu serviço ao mundo. Isto em termos de princípio. Resta saber como esta relação – por vezes difícil e tensa entre jovem e igreja local – se dá na realidade das nossas igrejas. “Para um, a participação fortuita em uma concentração de jovens particularmente entusiasta é o ponto de partida da integração em um grupo, dentro do qual ele adquire progressivamente uma cultura religiosa”<sup>178</sup>.

Este é alerta de Jonathan Menezes ao falar sobre missão no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no campus:

A missão ou igreja que não vê a importância estratégica de levar o evangelho à universidade carece de sentido prático; todavia a que não demonstra interesse algum em comunicar a mensagem de vida aos estudantes, ou pelo menos a apoiar decididamente àqueles que se dedicam a comunicá-lo, carece de verdadeira (e como tal, bíblica) visão missionária [...] fato inegável é que a inserção cristã no contexto estudantil – enquanto estratégia evangelística, como oportunidade de transformar vidas e relacionamentos, discipular pessoas e direcionar vocações e talentos para o serviço do Reino de Deus no mundo – aparece como uma tarefa secundária e até terciária para a maioria dos estudantes que ali ingressam<sup>179</sup>.

<sup>177</sup> CNBB, doc. 93, **Evangelização da juventude**. Desafio e perspectivas pastorais. Editora Paulus: São Paulo, 2007, p.36.

<sup>178</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.73.

<sup>179</sup> MENEZES, J., Missão no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no campus, in KOHL, M. W.; BARRO, A. C. **Missão integral transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005, p. 227.

Infelizmente, para Menezes, os estudantes estão prioritariamente preocupados em ter desempenho louvável e excelência na vida acadêmica, enquanto que a participação na *missio Dei* é deixada de lado. Menezes faz um breve relato histórico mostrando como estudantes universitários participaram na *missio Dei* e vivenciaram sua fé. João Wycliffe, João Huss, Lutero, Calvino, Zinzendorf, Charles e John Wesley em seu famoso “clube santo”, são exemplos de universitários que participaram da *missio Dei* e causaram grandes transformações na sociedade. A própria Reforma Protestante nasce no contexto de labor estudantil, embora estudar no século XVI numa universidade fosse algo muito diferente do que acontece hoje em dia nas sociedades democráticas<sup>180</sup>.

Ser cristão é participar da missão de Deus no mundo, seja em que lugar esta pessoa venha a viver, trabalhar, constituir família ou realizar sua vocação profissional. E esta característica cristã é testada a cada momento e em cada circunstância histórica. Esses movimentos estudantis entendem que todos os cristãos são chamados a se envolverem integralmente com a missão de Deus e não somente os pastores, por isso e também por trabalharem com futuros líderes de nosso país, podem causar um impacto poderoso servindo em nossa sociedade e tem ajudado a muitos cristãos a redescobrirem sua religião de origem, no caso o próprio Cristo.

Danièle Hervieu-Léger fala da tríplice figura do convertido<sup>181</sup>. A primeira e mais básica é a do indivíduo que muda de religião. A segunda é a do indivíduo que nunca pertenceu a qualquer tradição religiosa e em um dado momento se reconhece e decide integrar-se a uma. E a terceira é daquele que redescobre sua própria religião de origem, é o “refiliado”, o “convertido de dentro”. É aquele que descobre a importância de sua própria tradição para si mesmo, reforçando ou intensificando de maneira radical sua identidade religiosa. “É a metamorfose religiosa do indivíduo que constitui a demonstração última de sua presença no mundo<sup>182</sup>”.

A relação entre as igrejas locais e os movimentos estudantis ajudam o jovem universitário a vivenciarem sua fé neste importante período de suas vidas e também tem levado muitos desses universitários a redescobrirem o próprio Cristo.

<sup>180</sup> MENEZES, J. Missão no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no campus, in KOHL, M. W.; BARRO, A. C. **Missão integral transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005, p. 231.

<sup>181</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.108-115.

<sup>182</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p.130

## 4.5 A importância das parcerias

Parceria é uma relação de colaboração entre duas ou mais pessoas com vista à realização de um objetivo comum. Para a vivência da fé do jovem universitário evangélico é necessário haver parceria entre as próprias igrejas e entre as igrejas e organizações missionárias.

Existem várias razões para se buscar fazer parcerias. Mas, a principal delas é que o próprio Deus se alegra quando seus filhos estão juntos. O salmista diz o quão bom e agradável é quando os irmãos convivem em união. E diz ainda que é nesta união que o Senhor concede a bênção da vida para sempre. (Salmos 133:1,3). O coração de Deus se agrada quando seus filhos se dispõem a caminharem juntos e esse é um grande desafio para os estudantes evangélicos nas universidades.

Em segundo lugar, fazer parcerias é importante entre as igrejas locais ou igrejas e organizações missionárias, porque nenhuma igreja local ou movimento estudantil tem todos os recursos, dons e habilidades para ajudar o jovem universitário evangélico a vivenciar sua fé. Nenhuma igreja ou movimento estudantil que deseja trabalhar seriamente para ajudar na vivência do jovem universitário evangélico pode caminhar sozinho.

Em terceiro lugar, ao se entender que não se pode caminhar sozinho, é preciso entender que toda igreja ou organização missionária precisa sempre do outro. A Bíblia afirma que “*é melhor serem dois do que um, porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas*”. (Eclesiastes 4.9). Juntos sempre se é mais forte.

Em quarto lugar, ao se andar em parceria com outras organizações e pessoas assume-se uma atitude humilde. “*Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos*”. (Filipenses 2.3) Sabe-se que Deus se opõe aos orgulhosos e que concede graça aos humildes (Provérbios 3.34; Tiago 4.6; I Pedro 5.5). Se uma Igreja ou movimento afirma que não precisa de parcerias adota-se com isso uma posição orgulhosa que desagrada a Deus. E ao fazer parcerias a igreja ou movimento estudantil entende que elas não são os melhores, nem os mais fortes, mas considera os outros como superiores a si mesmos.

Em quinto lugar, fazer parcerias mostra que o objetivo das Igrejas não é proselitismo, mas sim que o compromisso delas é com o Reino. Tem havido iniciativas de igrejas desenvolvendo grupos nas universidades somente com o objetivo de crescimento de sua membresia. A parceria leva a Igreja a se libertar deste proselitismo. Conforme diz a Palavra, há maior felicidade em dar do que em receber (Atos 20.35). Ou aquele que quer ser o primeiro deve ser o último e servo de todos (Marcos 9.35). No Reino de Deus o maior é o menor. As parcerias são uma ótima forma das Igrejas demonstrarem isso.

E em último lugar, é importante fazer parcerias, porque sempre há o que melhorar e o que aprender com o outro. Uma das grandes dificuldades de se fazer parcerias é que não é fácil caminhar com outras pessoas ou organizações. Em geral, as pessoas pensam e agem diferentes e isso quase sempre incomoda, mas mesmo não sendo fácil, com certeza será o melhor para o Reino de Deus.

Diante disso as igrejas que desejam trabalhar e ajudar o jovem universitário evangélico na vivência da fé precisam aprender a caminharem juntas. Neste caso o aprendizado acontece à medida que a preocupação maior seja com o Reino e não com seu crescimento ou identidade denominacional. Especialmente em uma cidade como a de Maringá, onde mais de dez por cento de sua população é de universitários, todas as igrejas precisam olhar para as universidades presentes como um verdadeiro e importante campo missionário. É preciso juntar suas forças, seus dons, suas habilidades, recursos, e se colocarem à disposição de servir.

As parcerias podem ser iniciadas através da oração. Todo grande movimento espiritual inicia-se com oração. Em todas as igrejas dos jovens universitários entrevistados nesta pesquisa há um culto jovem semanal. Uma iniciativa que pode gerar grandes resultados é a de se realizar pelo menos uma vez por mês uma vigília de oração e neste dia todas as igrejas que desejem caminhar juntas se reúnem num mesmo local para uma celebração em conjunto e a melhor maneira de se prover esta celebração é através de oração.

Neste dia previamente agendado, as igrejas deixariam de ter seu culto jovem local e se reuniriam para fazer uma celebração em conjunto, onde podem orar uns pelos outros, orar pelas universidades de Maringá, além de ouvirem a Palavra de Deus e louvarem a Deus através de músicas ou outras expressões artísticas. Nas semanas seguintes, em seus cultos jovens locais, estas igrejas podem incluir em sua liturgia um momento de oração pelos universitários e universidades.

É importante que esta celebração em conjunto seja sempre bem previamente agendada para que as igrejas não estabeleçam outras programações que venham atrapalhar os jovens de estarem todos reunidos. Importante também escolher um local neutro, talvez um teatro da cidade ou um auditório da própria universidade para ser realizada esta celebração em conjunto. Ou cada mês utilizar as dependências de uma igreja que faz parte desta parceria e se revezarem ao longo do ano para que todas as igrejas tenham o privilégio de serem hospedeiras desta importante celebração.

Uma outra importante iniciativa pode partir dos pastores locais em suas reuniões e encontros de também orarem pelos universitários e motivarem a juventude de suas igrejas para esse compromisso.

A aprendizagem vai acontecer à medida que caminhem juntos e poderão caminhar na certeza de que irão experimentar da presença e direção do Espírito, pois o próprio Jesus orou para que todos fossem um, assim como Ele e o Pai são um, e assim todos saberão que Jesus é o enviado do Pai (João 17:20,21).

Conforme já vimos, outro importante ator nesta ajuda ao jovem universitário evangélico são os movimentos estudantis cristãos. De maneira geral estes movimentos estão muito mais preparados do que as igrejas locais para desempenharem o importante papel de ajudar na vivência da fé do jovem universitário. Gusso afirma que:

A formação do cristão universitário é específica e não pode confundir-se com a formação genérica do jovem cristão. É indispensável, portanto, reavivar a consciência dessa especificidade, se não quisermos continuar a ver esvaziarem-se na Universidade os jovens que formamos em nossos movimentos de juventude, por falta de adequação de sua formação ao nível universitário.<sup>183</sup>

Os movimentos estudantis cristãos possuem pessoas especializadas para trabalharem com este público. Nestes movimentos são criadas ferramentas específicas para o fortalecimento da fé dos jovens universitários evangélicos e também ferramentas que auxiliam na transmissão de sua fé. Estes movimentos têm mais tempo para trabalharem especificamente com estes jovens. Diferentes das igrejas locais, estes movimentos não precisam cuidar de crianças, adolescentes, adultos ou idosos. O público alvo destes movimentos é o jovem universitário.

---

<sup>183</sup> GUSSO, Pe. E. C., Pastoral Universitária, p.29.

Também estes movimentos, diferentemente das igrejas, atuam somente com aqueles que estão dentro do movimento. Já as igrejas dedicam tempo e recursos também com pessoas que estão afastadas. Essa dedicação integral e específica ao jovem universitário evangélico faz com que de maneira geral os movimentos estudantis estejam mais preparados para atuarem com este público.

Porém, como já foi dito, estes movimentos não podem caminhar sozinhos, e as igrejas podem se beneficiar muito do trabalho já feito por estes movimentos, utilizando destas ferramentas e conhecimento que os movimentos possuem. Com isso, as igrejas não precisam, por exemplo, dedicar tanto tempo na elaboração de materiais e ferramentas e podem simplesmente utilizar os recursos já produzidos pelos movimentos.

Uma parceria entre os movimentos estudantis e Igrejas ajuda na utilização de tempo e recursos financeiros e humanos, evitando assim um trabalho dobrado, gerindo de maneira eficaz todos os recursos que são utilizados para ajudar o jovem universitário na vivência de sua fé. Parceria entre movimentos e Igrejas é benéfico para ambos.

Cada igreja ou movimento estudantil precisa entender que fazer parcerias agrada ao coração de Deus e é o desejo de Deus. Por mais forte que possa parecer a Igreja ou o movimento estudantil, sempre haverá a necessidade do um do outro. Fazer parcerias não é o mais fácil, mas será sempre o melhor e demonstrará uma atitude humilde que Deus requer de seu povo.

## **Conclusão**

Diante do que foi visto neste capítulo percebe-se a importância do jovem universitário evangélico estar inserido em uma igreja local e cabe aos pastores e líderes ajudarem a este jovem na vivência de sua fé. Os pastores e líderes têm responsabilidades em relação à vivência da fé do jovem universitário evangélico e este, por ser um sujeito autônomo, precisa se responsabilizar pela sua própria vivência de fé e participar do processo de mudança que deseja ver em sua igreja.

Os conflitos muitas vezes vivenciados entre pastores, líderes e jovens universitários evangélicos estão muito ligados à questão geracional. Também os valores de uma sociedade altamente marcada pelo consumo, sociedade hedonista, e uma geração com problemas da falta de tempo e que enfatiza demasiadamente o

presente têm dificultado o jovem universitário evangélico a se relacionar com a Igreja e em seu serviço ao mundo, pois este acaba absorvendo estes valores.

Ainda assim, na vivência da fé deste jovem há um forte sentido de missão, de atuação no mundo. E neste processo da vivência da fé do jovem universitário evangélico e na sua relação com a Igreja, os movimentos estudantis são fundamentais, e é preciso as igrejas e movimentos atuarem em parcerias para o serviço da Igreja no mundo.



## 5 Reflexões teológico-práticas

*Não tenho alegria maior do que ouvir que meus filhos (jovens universitários evangélicos) estão andando na verdade. 3 João 1.4*

Neste quarto e último capítulo desta pesquisa o objetivo é apontar caminhos para as igrejas locais e movimentos estudantis, pastores e missionários, líderes de juventude e adultos, e a todos que desejam atuar junto aos universitários evangélicos. Há muito o que se pode fazer neles, para eles e junto a eles. Alguns destes caminhos já estão sendo trilhados e devem ser aperfeiçoados e outros esperase que sejam colocados em prática por aqueles que desejem ver os jovens universitários evangélicos vivenciando de maneira sadia sua fé neste período de suas vidas.

Neste capítulo se abordará a importante questão do uso das estratégias digitais para a vivência da fé do jovem universitário evangélico; a importância deste jovem estar reunido em igreja local, participando da celebração semanal, se expressando através de louvores, ouvindo a Palavra de Deus e dando e recebendo abraço; o ensino das disciplinas espirituais para o fortalecimento da fé do jovem; o suicídio que é uma realidade que não pode ser ignorada; e a questão da vocação como uma importante descoberta para a perseverança e caminhada da fé do universitário.

### 5.1

#### **O uso das estratégias digitais para a vivência da fé do jovem universitário evangélico e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo**

Conforme abordado no primeiro capítulo, o jovem universitário possui uma total intimidade com as novas tecnologias, acessam diariamente a internet, se relacionam através das redes sociais e até a participação política foi afetada através desta geração altamente tecnológica. E o uso das estratégias digitais altera também significativamente a vivência da fé do jovem universitário evangélico e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo, podendo, ou melhor, devendo ser usada massivamente para ajudar este jovem a viver sua fé.

### 5.1.1

#### **As redes sociais e as relações entre os universitários evangélicos pelo Brasil e mundo**

Redes sociais como Facebook ou Instagram ajudam os universitários evangélicos a se conhecerem e se relacionarem à distância. Percebe-se que o universitário evangélico tem muita dificuldade, principalmente no primeiro ano, de viver sua fé na universidade. Prevenir sempre é a melhor solução. Não é preciso esperar que o jovem universitário evangélico entre na universidade para que ele conheça outros jovens universitários evangélicos de diferentes igrejas e denominações vindos de diversos lugares.

Muitos dos estudantes evangélicos entrevistados eram de outras cidades, além de Maringá, e de diversas igrejas, de denominações diferentes, alguns pentecostais, outros tradicionais. Uma das soluções encontradas por eles para vivenciarem sua fé neste período tem sido buscar amizades com pessoas da mesma fé logo que entram na universidade, independente da denominação ou se é de origem tradicional ou pentecostal. Com estas redes sociais é possível conhecer e desenvolver amizades antes mesmo de entrarem na universidade. Essa interação evita ou diminui o estranhamento facilitando o acesso e a vivência deste universitário evangélico no primeiro momento que chega à universidade.

Da mesma forma, movimentos estudantis cristãos como a *Cru Campus* já têm se utilizado destas redes sociais para conseguirem uma maior expansão de suas atividades. Ao desejarem iniciar um movimento em uma universidade, a *Cru Campus* se utiliza destas redes sociais para buscar conhecer estudantes evangélicos que ali se encontram. Antes mesmo de chegarem à universidade, os líderes deste movimento já conhecem, se relacionam e ajudam universitários evangélicos na vivência de sua fé.

Treinamentos com diversos assuntos referentes à vivência da fé do universitário evangélico também têm sido preparados e disponibilizados através das redes sociais, alcançando um número expressivo de universitários, ajudando-os bastante em sua caminhada universitária e levando a Igreja a ter uma atuação mais significativa no mundo.

### 5.1.2 A prática da hospitalidade

Até mesmo a prática da hospitalidade pode ganhar uma nova forma através do uso das redes sociais. O apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos orienta os cristãos a praticarem a hospitalidade (Romanos 12:13). Da mesma forma o faz o apóstolo Pedro em sua primeira carta dizendo para que os cristãos “sejam mutuamente hospitaleiros, sem reclamação” (I Pedro 4:9). E a carta aos hebreus diz para os cristãos não se esquecerem da hospitalidade, pois praticando a hospitalidade, alguns sem o saber, acolheram anjos (Hebreus 13:2). A prática da hospitalidade favoreceu em muito a expansão do Evangelho nos primeiros séculos da era cristã.

De acordo com Halvor Moxnes, a função da hospitalidade no interior de um grupo é “manter mecanismos de sociabilidade entre pessoas do mesmo nível. Através dessa hospitalidade, o grupo é conservado na sua identidade de grupo; suas lealdades de grupo e seus laços internos são fortalecidos”<sup>184</sup>. E Rodolfo Gaede Neto apresenta uma importante característica da hospitalidade apresentada por Jesus dizendo:

A modalidade alternativa de hospitalidade apresentada por Jesus inclui pessoas que estão nos limites da aldeia ou fora dela (pobres, aleijados, coxos e cegos), aquelas que não têm com que retribuir. Propõe a ruptura com o modelo que se fecha em torno da mesa dos iguais. Numa sociedade marcada pela desigualdade, Jesus desafia a uma hospitalidade que traz em si o potencial de desconstruir as diferenças: quem tem recursos convida quem não tem. Quem tem mais reparte sem esperar retorno<sup>185</sup>.

Nos dias atuais as redes sociais favorecem também a prática da hospitalidade entre os universitários evangélicos. Muitos desses estudantes de diferentes localidades e ramos do protestantismo se conhecem, por exemplo, através de Congressos realizados por movimentos estudantis, Igrejas ou na própria universidade, e eles se relacionam posteriormente através das redes sociais. O fato de pertencerem à mesma fé, em muitos casos também por pertencerem ao mesmo movimento, cria um clima de confiança ajudando-os na prática da hospitalidade.

No movimento da *Cru Campus*, por exemplo, há um grupo no Facebook chamado “Sofás Cru” onde um membro do grupo pode colocar seu nome e endereço

<sup>184</sup> MOXNES, H., A economia do reino, p.125.

<sup>185</sup> NETO, R. G., Estudos Teológicos, p. 315, 316.

disponibilizando sua casa para quem precisar por algum motivo. Isso geralmente acontece quando vão para outras cidades devido a um congresso e precisam de hospedagem gratuita. É comum mensagens no grupo como essa de uma estudante de fisioterapia de Belém do Pará procurando um lugar em Fortaleza para um congresso de sua área. “*Olá amigos, bom dia! No período de 19 a 24 de setembro estarei indo ao Congresso de Fisioterapia em Fortaleza, que será no Centro de Eventos do Ceará. Será que tem algum sofá disponível para mim nestes dias próximo a este lugar (rs)? Agradeço desde já*”. Na semana seguinte a esta mensagem, um cearense, que faz mestrado em São Paulo, estava procurando um local para ficar em Petrópolis – RJ e colocou a seguinte mensagem, “*Sofá em Petrópolis para os dias 26 e 27 de julho! Quem tem?*”

A prática cristã da hospitalidade tão comum no primeiro século tem sido exercida pelos universitários evangélicos por meio do uso das redes sociais e deve ainda mais ser explorada e valorizada pelas igrejas e movimentos estudantis.

### 5.1.3

#### **Sites: um lugar seguro para explorar quem Deus é**

O uso das estratégias digitais passa pelo uso dos sites e é uma ótima forma da Igreja atuar no mundo. Dois bons exemplos de sites que ajudam o jovem universitário na vivência da fé foram feitos pela *Cru Campus*.

O site SuaUniversidade.com<sup>186</sup> é um site que ajuda um universitário a iniciar um movimento cristão em sua universidade. Neste site há dicas simples, mas que são bastante úteis para ajudar o jovem universitário a vivenciar sua fé no *campus* e levar outros a desenvolverem sua fé também. Há também recursos disponíveis para serem baixados e usados em pequenos grupos, em uma reunião ou no desenvolvimento do movimento. Também é possível se conectar com um *coach*, alguém que vai ajudar de maneira online este universitário neste propósito de iniciar o movimento em sua universidade, ajudando assim na vivência e transmissão da fé deste jovem.

Um outro site desenvolvido pela *Cru Campus* é o SuaEscolha.com<sup>187</sup>. Este site foi denominado por este movimento como um lugar seguro para explorar quem

<sup>186</sup> Disponível em [www.suauniversidade.com](http://www.suauniversidade.com) . Acesso em 17 ago 2018.

<sup>187</sup> Disponível em [www.suaescolha.com](http://www.suaescolha.com) . Acesso em 17 ago 2018.

Deus é. No *SuaEscolha* há vários artigos sobre diversos assuntos que interessam ao jovem universitário e que o ajudam a conhecer mais de Deus e a vivenciar e transmitir sua fé. Assuntos que abordam a existência de Deus, a pessoa de Jesus, questões da vida em geral (sexo, pornografia, amor, distúrbio alimentar, aborto, drogas, álcool, etc.), e outras dúvidas, tais como: por que coisas ruins acontecem ou onde está Deus no meio da tragédia?

Neste site também há um “Fale Conosco” onde é possível entrar em contato com um missionário deste movimento e fazer perguntas sobre questões relacionadas à fé. Para se ter a ideia da importância de um site como este e do interesse que o jovem tem nestas questões, o *SuaEscolha* do dia 29 de agosto de 2017 a 30 de agosto de 2018 teve 1.518.360 - um milhão, quinhentos e dezoito mil, trezentos e sessenta acessos. Isso significa em média 126.530 – cento e vinte seis mil, quinhentos e trinta acessos mensais ou cerca de 4.137 – quatro mil, cento e trinta e sete acessos diários na página.

Com uma juventude que está tão conectada na Internet é imprescindível o uso de sites para a vivência e transmissão da fé na universidade.

#### **5.1.4 Aplicativos**

Assim como praticamente todo jovem universitário possui uma rede social e acessa diariamente a internet, ele também possui um aparelho de celular e tem neste vários aplicativos, desde um para acessar sua conta no banco como outro para navegar por GPS. São milhares de aplicativos que os jovens podem acessar, muitas vezes gratuitamente, em seus celulares. E os aplicativos podem ser também boas ferramentas para ajudar o jovem universitário a vivenciar e transmitir sua fé.

Um aplicativo muito útil para o jovem universitário ou para as igrejas, pastores e líderes de juventude que desejam atuar junto a este público de maneira atrativa e relevante é o *Jesus Film*. Este aplicativo possui uma biblioteca completamente digital com mais de duzentos filmes completos, minisséries e curtas, produzidos para ajudar as pessoas a conhecer melhor sobre a vida de Jesus. Todo o conteúdo do aplicativo pode ser assistido, baixado e compartilhado gratuitamente com qualquer pessoa. Os filmes, minisséries e curtas levantam

questionamentos pertinentes e trazem diálogos muito construtivos que abrem boa margem para falar do Evangelho de Jesus.

Aplicativos como esse chamam a atenção do jovem, justamente por usar a tecnologia para ajudá-lo em sua vivência da fé e servem como uma estratégia para ajudar o jovem universitário a dialogar com seu amigo ou qualquer outra pessoa a respeito de sua fé. O site *SuaEscolha.com* também é disponível em aplicativo. Outros aplicativos atraentes para o jovem universitário são o *Soularium*, onde o jovem pode dialogar com outro a respeito de vários assuntos, incluindo sua fé, e o *GodTools*, uma forma simples de partilhar com os outros sobre a pessoa de Jesus. Apesar dos nomes em inglês o conteúdo destes aplicativos está em português e foi desenvolvidos por brasileiros.

Sites e aplicativos como esses citados mostram a importância de ter movimentos pensando e trabalhando diretamente com este público, produzindo ferramentas atuais e relevantes que ajudam o jovem universitário evangélico a vivenciar e transmitir sua fé. As igrejas trabalhando em parcerias com estes movimentos podem beneficiar muito suas juventudes trazendo enormes e importantes contribuições para o Reino de Deus.

## 5.2 A importância da celebração semanal

A Bíblia é clara afirmando para ninguém deixar de se reunir como Igreja (Hebreus 10.25). E o salmista diz, “Como é bom e agradável quando os irmãos convivem em união! ... Ali o Senhor concede a bênção da vida para sempre” (Salmos 133:1,3). Stott em seu livro “A igreja autêntica” se dirigindo aos cristãos diz, “não somos só um povo cristão, somos também povo da igreja. Não estamos só comprometidos com Cristo, estamos também comprometidos com o corpo de Cristo”<sup>188</sup>. E ele chama os cristãos fora da igreja de uma anormalidade grotesca.

Bonhoeffer diz que “estar em Cristo quer dizer estar na Igreja”<sup>189</sup>. Já Eugene Peterson diz que “nossa membresia na igreja é um corolário da nossa fé em Cristo. Não podemos ser cristãos e não ter nada em comum com a igreja, assim como não podemos ser pessoas e não pertencer a uma família... Essa é uma parte integrante

<sup>188</sup> STOTT, J., A Igreja autêntica, p.17.

<sup>189</sup> BONHOEFFER, D., Discipulado, p.195.

da redenção”<sup>190</sup>. A espiritualidade cristã tem como marca a vida comunitária de homens e mulheres cristãs, vivendo sob o senhorio de Jesus, em um só corpo. Para Julio Zabatiero,

A espiritualidade cristocêntrica é comunitária, pois é através dos relacionamentos pessoais (v. Cl 3:12s) e do exercício mútuo dos dons e ministérios (v. I Co 12; Ef 4:7s), que nos tornamos mais e mais conhecedores de Deus e seu projeto para a criação, nos aproximando dele em oração e adoração. Deus, então, dá o crescimento, tanto em quantidade quanto em qualidade, de modo que o alvo da missão (v. Cl 1:28,29) seja cumprido<sup>191</sup>.

A salvação em Cristo Jesus é pessoal e individual, mas a caminhada do cristão é comunitária e coletiva. Ser cristão é fazer parte de um corpo, o corpo de Cristo (I Coríntios 12.12,13; Romanos 12.4,5). A juventude universitária, até mesmo por causa de sua formação, possui um olhar crítico para com a Igreja, e faz-se necessário mesmo ter este olhar crítico. Esta atitude crítica deve ser feita também pelos adultos, pastores e líderes. Mas, o olhar crítico deve ser feito a partir de dentro da Igreja e não a partir de fora dela. O jovem universitário evangélico deve estar dentro dela e ter um olhar crítico a partir de dentro dela e nunca de fora dela. E este olhar crítico de dentro deve ser sempre feito com muito amor.

Como já foi visto no primeiro capítulo, as pesquisas mostram que os jovens gostam de ir à igreja, e com tantos jovens na população brasileira, com o aumento do número de evangélicos, juntamente com o fato do jovem gostar de ir à igreja, era de se esperar que o número de jovens nas igrejas evangélicas também aumentasse significativamente.

Não há dados que constatem se houve aumento ou diminuição no número de jovens nas igrejas evangélicas, mas se percebe nas entrevistas desta pesquisa que há uma preocupação dos pastores, pais e líderes destes jovens universitários evangélicos com sua frequência na igreja. Porém, de acordo com o que já foi abordado no segundo capítulo, os jovens universitários evangélicos pesquisados frequentam assiduamente suas igrejas desenvolvendo várias atividades nelas.

Como a Bíblia é clara afirmando que não se deve deixar de se reunir como igreja, já fica explícito que a Bíblia entende também a importância das celebrações em conjunto. No Brasil, como em muitas outras partes do mundo, o domingo é o principal dia para essas celebrações. Em relação aos jovens, muitas igrejas têm

<sup>190</sup> PETERSON, E. H., O pastor contemplativo, p.17.

<sup>191</sup> ZABATIERO, J., Fundamentos da teologia prática, p.88.

desenvolvidos cultos específicos para reunir a juventude. Sábado à noite tem sido o dia mais escolhido pelas igrejas para realizarem essas celebrações, porém algumas poucas escolhem a noite de sexta-feira. E é sobre o que acontece nesta celebração semanal que será tratado esta parte do estudo.

### 5.2.1

#### A importância de se expressar através dos louvores

De acordo com Stott,

A verdadeira adoração é congregacional. É claro que algumas pessoas ainda nos dizem que acham mais fácil cultuar a Deus sozinhas do que numa multidão. Certamente há lugar para a adoração particular e individual, até mesmo no Saltério. Mas, o Salmista concentra-se mais na adoração coletiva... Além disso, a adoração que agrada a Deus é oferecida pelo seu povo reunido, que se juntou para adorá-lo. Os reformadores compreenderam as implicações desse princípio, a saber, que todos devem participar. Enquanto a missa medieval celebrada pelo sacerdote no altar-mor e os leigos eram espectadores, os reformadores levaram deliberadamente a ação da área reservada ao clero para a nave e asseguraram que os leigos não fossem meros espectadores, mas participantes<sup>192</sup>.

Dentro da celebração semanal ou da adoração congregacional no meio evangélico a música possui um papel fundamental. O livro de Salmos é uma coletânea de músicas, de hinos escritos, de vários textos poéticos que foram elaborados inicialmente para serem cantados pelo povo de Israel. O livro de Salmos é também conhecido como saltério ou hinário de Israel. São 150 capítulos de músicas. Os salmos são cânticos para serem seguidos por instrumentos de corda. Só isso já demonstra a importância dos cristãos se expressarem através dos louvores. E ainda há vários outros cânticos registrados na Bíblia, tais como o cântico de Moisés (Êxodo 15:1-18), o cântico de Débora (Juízes 5:1-31), o cântico de Davi quando Deus o livrou dos seus inimigos, inclusive do rei Saul (I Samuel 16:14-23), o cântico de louvor de Ezequias (Isaías 38:10-20), o famosíssimo cântico de Maria (Lucas 1:46-55), o cântico de Zacarias (Lucas 1:67-79), o cântico dos anjos (Lucas 2:13,14), o cântico de Simeão (Lucas 2:29-32), etc.

Não há dúvidas de que a música pode desempenhar um papel importante para a vivência da fé do jovem universitário evangélico e a participação destes nas celebrações semanais ajudam bastante em sua caminhada. A música tem vários benefícios. A música alivia a ansiedade, promove o bom humor, ajuda a curar as

<sup>192</sup> STOTT, J., A Igreja autêntica, p.37.



dores emocionais, melhora o sono, potencializa o desempenho, dentre tantos outros benefícios. E uma das mais importantes é que é uma maneira de ensinar doutrinas, perpetuar o conhecimento bíblico e espalhar o conteúdo bíblico de maneira mais eficaz. Lutero se utilizou muito da música na propagação do Evangelho na Reforma Protestante.

A música como toda arte ajuda a mexer com as emoções. No relacionamento com Deus as emoções são importantes. Isso ajuda os jovens a ficarem mais abertos para tomarem importantes decisões como, por exemplo, a ter mais compromisso com Deus. É comum na liturgia das igrejas evangélicas o uso da música em um momento de apelo após a mensagem.

Diante do que foi dito sobre a música na celebração semanal e o do uso dela para a vivência da fé do jovem universitário evangélico é importante atentar para um interessante alerta que Stott faz a respeito do lugar da música no culto público, “tanto a música vocal como a instrumental podem ser veículos maravilhosos para louvar a Deus, mas também podem levá-lo a clamar: “Afastem de mim o som das suas canções e a música das suas liras” (Amós 5.23) ”<sup>193</sup>.

Também é necessário enfatizar a importância de se expressar através dos louvores musicais na celebração dominical, pois é quando se reúnem para a adoração a Deus tantos os jovens, como os adultos, os velhos e as crianças e no corpo de Cristo todas estas faixas etárias estão presentes. As celebrações específicas para a juventude têm o seu valor, mas elas não devem nunca substituir o encontro para adorar a Deus junto com as outras faixas etárias.

### 5.2.2

#### **O abraço e a importância dos relacionamentos entre os irmãos da mesma comunidade de fé**

O abraço é uma forma simples e universal de se manifestar afeto. Muitas pessoas adoecem pela falta de um toque humano ou de um simples abraço. O ato de abraçar faz bem à saúde, reduz o estresse, o medo e a ansiedade, promovendo o bem-estar, até melhorando a memória ou auxiliando no tratamento da depressão.

Em 2004, começou a se propagar a campanha dos abraços grátis (*Free Hugs Campaign*), um movimento social que envolve pessoas oferecendo abraços para

---

<sup>193</sup> STOTT, J., A Igreja autêntica, p.41.

estranhos em locais públicos. A campanha começou por um homem australiano conhecido pelo nome de Hugo Lloris que a criou com o objetivo de abraçar pessoas em Pitt Street Mall, uma rua de Sydney, apenas para alegrá-las e incentivá-las a fazer o mesmo com outros.

Os abraços são um exemplo de um ato de bondade e humanitário executado por alguém cujo objetivo é apenas fazer as pessoas se sentirem melhores. Não é incomum no Brasil, algumas igrejas ou grupos religiosos, se utilizarem desta estratégia para demonstrar afeto às pessoas e buscar abertura para um diálogo sobre sua fé.

Interessante é que esta prática do abraço é muito comum dentro das igrejas evangélicas, principalmente no momento inicial da celebração dominical. Nestas igrejas locais há vínculos familiares e de amizades, em alguns casos, que são de anos e anos. E diante da vida agitada que muitos possuem nas grandes cidades, muitas vezes o único momento de encontro desses familiares e amigos, que se entendem como irmãos e irmãs no Senhor, é na igreja aos domingos no culto. E é muito comum ver que as pessoas ao chegarem no templo da igreja antes do início da celebração se abraçam afetuosamente. No final da celebração isso também ocorre, mas é mais perceptível no início, porque ao final, diante do horário e da falta de segurança das grandes cidades, muitos têm que sair rapidamente para suas casas.

Há várias razões para o cristão participar ativamente de sua igreja local e estar presente nas celebrações com outros irmãos e irmãs em Cristo e o abraço é uma das expressões mais significativas que acontecem neste período e uma das grandes razões para o jovem universitário não deixar de frequentar uma igreja.

### **5.2.3 A importância de ouvir a Palavra de Deus**

A fé vem por ouvir e ouvir a Palavra de Deus (Romanos 10:17). E os jovens universitários evangélicos precisam ouvir mais da Palavra de Deus, principalmente a respeito da pessoa de Cristo. Os cristãos são chamados a serem uma expressão de Jesus. Mas, conforme foi visto no segundo capítulo, o conhecimento dos jovens a respeito da pessoa de Jesus é bem limitado.

Oscar Cullmann em sua *Cristologia do Novo Testamento* afirma que aos olhos dos primeiros cristãos “era impossível imaginar o mundo sem relacioná-lo à

sua fé em Jesus Cristo”<sup>194</sup>. John Stott, um dos grandes teólogos evangélicos do século XX, falando a respeito da centralidade de Jesus diz que (1) Jesus é o centro da história, pois grande parte da raça humana continua dividindo a história em a.C. e d.C., e quase um terço da raça humana professa segui-lo; (2) Jesus é o eixo das Escrituras, o próprio Jesus disse que “as Escrituras ... testificam de mim” (João 5:39); (3) Jesus é o coração da missão, muitos cristãos entendem que Jesus é um ser sem igual, arriscam suas vidas e atravessam terras e mares, continentes e culturas, não para propagar uma civilização, instituição ou ideologia, mas sim uma pessoa, Jesus Cristo<sup>195</sup>. Ele é o centro de tudo.

Walter Kasper ao falar sobre as prioridades do ser igreja hoje e em como ser testemunha da mensagem de Deus diz que “precisamos começar de novo a partir de Jesus Cristo”<sup>196</sup>. Ele relembra que Deus aparece para nós concretamente na face humana de Jesus Cristo e que todos os movimentos de renovação e reforma no curso da história da igreja passou por colocar Jesus Cristo como fundamento. O futuro da igreja está nas mãos de quem coloca Jesus no centro de tudo e o busca como a pérola ou o tesouro escondido (Mateus 13, 44-46).

Os primeiros seguidores de Jesus foram chamados, na cidade de Antioquia, muito provavelmente de maneira pejorativa, de cristãos, pequenos cristos, tamanha eram a sua semelhança com Jesus Cristo (Atos 11:26). Eles estavam tão identificados com a pessoa de Jesus, eles eram tão parecidos com Jesus, em seu estilo de vida, que foram então taxados de pequenos cristos. Hoje, ironicamente, os evangélicos são chamados de crentes, mas pouco conhecem de Jesus Cristo, pois o que se percebe entre os jovens universitários evangélicos é que sua Cristologia é bastante limitada. E se para um cristão o conhecimento é limitado a respeito da pessoa de Jesus, quanto mais sobre outros importantes assuntos da Palavra de Deus. E uma das maneiras de ajudar nesta situação é ouvindo frequentemente a Palavra de Deus e isso também é possível nas celebrações dominicais.

Entretanto, os pastores devem expor a Escritura do púlpito e toda pregação deve levar as pessoas às Escrituras, “os pastores não alimentam suas ovelhas. Pelo contrário, eles as levam para pastagens verdes, de qualidade, onde as ovelhas se

---

<sup>194</sup> CULLMANN, O., *Cristologia do Novo Testamento*, p.18.

<sup>195</sup> STOTT, J., *O incomparável Cristo*, p.11 e 12.

<sup>196</sup> KASPER, W., *A Igreja católica*, p. 420.

alimentam sozinhas. Assim, toda pregação deve levar as pessoas até as Escrituras e incentivá-las a pastar ali por si mesmas”<sup>197</sup>.

Porém, a centralidade da pregação da Palavra de Deus nos púlpitos evangélicos perdeu sua força nas últimas duas décadas e hoje o que é mais visto na liturgia das igrejas é uma forte ênfase na expressão musical, muitas vezes apelando não para a razão com boas letras, o que ajudaria no aprendizado da Palavra, mas simplesmente focando em uma questão sensorial através da manipulação das emoções. Isso prejudica muito o jovem universitário evangélico de ouvir e aprender da Palavra. Cabe aos pastores também rever as mensagens propagadas no púlpito de suas igrejas e colocar Cristo no centro de suas exposições, levando as pessoas a se encontrarem com o Verbo, com aquele que é a Palavra (João 1.1).

Também se sabe que por causa do acesso que o jovem tem hoje às diferentes tecnologias disponíveis, o mesmo, caso deseje, pode ouvir a Palavra em uma pregação disponível no Youtube, por exemplo, ou em qualquer outro meio digital, não necessitando estar em uma igreja local participando presencialmente de uma celebração para ouvir uma exposição da Palavra. Ainda assim, se entende a importância de o jovem universitário evangélico ir com frequência às celebrações dominicais, pois isso alimenta sua fé.

Faz-se necessário que o jovem universitário evangélico procure uma igreja onde Cristo seja honrado através da pregação da Palavra, na certeza de que ao ouvir esta Palavra, Deus fará sempre algo especial na vida dele, pois como diz a própria Palavra, “assim também ocorre com a palavra que sai da minha boca: Ela não voltará para mim vazia, mas fará o que desejo e atingirá o propósito para o que a envie!” (Isaías 55:11).

#### **5.2.4 A importância da oração pública**

Em um ambiente onde a secularização se mostra de maneira bem acentuada, o jovem universitário evangélico precisa estar em constante oração. Oração é um dos principais temas da mística cristã e ninguém sobrevive cristãmente sem experiência com Deus e quem tem experiência com Deus sem oração?

---

<sup>197</sup> STOTT, J., A Igreja autêntica, p.101.

Jesus conta uma parábola para mostrar aos discípulos que eles deviam orar sempre e nunca desanimar. De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus se levanta, sai de casa e vai para um lugar deserto onde fica orando (Marcos 1:35). Jesus orou uma noite inteira antes de andar sobre o mar (Mateus 14:23), antes de escolher seus discípulos (Lucas 6:12) e antes de seguir para a morte na cruz (Mateus 26). O apóstolo Paulo em suas cartas escreve para os cristãos orarem continuamente (I Tessalonicenses 5:17), a dedicarem-se à oração (Colossenses 4:2), a perseverarem na oração (Romanos 12:12), a não andarem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentar os pedidos a Deus (Filipenses 4:7) e também diz para orarem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica, perseverando na oração por todos os santos (Efésios 6:18). Tiago diz que, se há alguém sofrendo, então que ele ore (Tiago 5:13). Na Bíblia encontramos Epafras, um servo de Cristo Jesus, que batalha em oração pelos santos (Colossenses 4:2), ou Daniel que em sua casa, no andar de cima, tinha o costume de três vezes por dia se ajoelhar e orar, agradecendo e pedindo ajuda a Deus (Daniel 6:10,11) e tantos outros personagens que demonstraram em suas vidas e práticas sobre a responsabilidade de estar em oração. Também na Bíblia se encontram lindas orações como as dos salmistas, expressas aqui nestes dois exemplos: “Conceda-me o Senhor o seu fiel amor de dia; de noite esteja comigo a sua canção. É a minha oração ao Deus que me dá vida” (Salmo 42.8);

Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te busco intensamente; a minha alma tem sede de ti! Todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água. Quero contemplar-te no santuário e avistar o teu poder e a tua glória. O teu amor é melhor do que a vida! Por isso os meus lábios te exaltarão. Eu te bendirei enquanto viver, e em teu nome levantarei as minhas mãos. A minha alma ficará satisfeita como de rico banquete; com lábios jubilosos a minha boca te louvará. Quando me deito lembro-me de ti; penso em ti durante as vigílias da noite. Porque és a minha ajuda, canto de alegria à sombra das tuas asas. A minha alma apega-se a ti; a tua mão direita me sustém. (Salmos 63:1-8)

A oração muitas vezes é entendida de maneira simplista como falar com Deus. Entretanto, oração é muito mais do que falar com Deus. Falar com Deus pode estar presente na oração, mas não necessariamente tem que estar sempre presente. A respeito da oração, Jesus ensina seus seguidores a irem para seus quartos, fecharem a porta e orarem ao Pai, que está em secreto. Então o Pai, que vê no secreto, os recompensará (Mateus 6:6). É interessante observar que o Pai vê a

oração e não simplesmente ouvir. Palavras não são sempre necessárias na oração e Deus é aquele que vê as orações.

Talvez uma das grandes crises que vivemos hoje seja a crise do silêncio. Não sabemos mais ouvir, e conseqüentemente não sabemos mais orar. No entanto, é no silêncio que nós nos encontramos com Deus, quando tudo aquilo que não é Deus silencia para que possamos ouvi-lo. Para os cristãos ortodoxos, a oração é muito mais uma questão de ouvir do que de falar. É nossa resposta à voz de Deus, e não o contrário.<sup>198</sup>

Wayne Grudem em sua Teologia Sistemática define oração como comunicação pessoal com Deus<sup>199</sup>. Esta é uma definição bem mais abrangente do que a de simplesmente entender oração como falar com Deus. Espera-se que na oração aconteça realmente uma comunicação pessoal com Deus, onde a pessoa através ou não de palavras, se comunique com Deus e que Ele se comunique com a pessoa, principalmente através de Sua Palavra. Porém, nem sempre esta comunicação realmente acontece.

Para Teresa de Ávila a oração é mais do que comunicação com Deus. Ela define de maneira bela e poética que a oração é um trato de amizade com Deus. A oração é quando intencionalmente se busca uma comunicação com Deus e onde se espera que Deus se comunique com a pessoa. Nesta interação desenvolve-se um relacionamento de amizade.

Diante dessas definições, pode-se pensar a oração como o estar conscientemente na presença de Deus. A definição de oração que será abordada aqui é estar conscientemente na presença de Deus. Portanto, mais do que falar ou se comunicar, oração é estar conscientemente na presença de Deus. E este é o grande problema da oração. Esta é a grande dificuldade em orar.

O ser humano tem muita dificuldade de estar na presença de Deus, por causa do pecado. Uma das graves conseqüências do pecado é que o ser humano está sempre fugindo de Deus. Em Gênesis, no relato da queda, logo após o homem e a mulher pecarem, Deus vai na direção dos dois, porém, homem e mulher se escondem de Deus, fogem de Deus (Gênesis 3:8). O povo de Israel assim que recebeu os dez mandamentos, se viu diante da presença de Deus e resolveu ficar à distância, dizendo a Moisés que ele falasse com o povo, mas não Deus. Moisés diz ao povo para não ter medo, pois Deus veio para prová-los, para que o temor Dele

<sup>198</sup> SOUSA, R. B., O Caminho do Coração, p. 169.

<sup>199</sup> GRUDEM, W., Teologia Sistemática, p. 305.

estivesse neles e os livrasse de pecar, mas o povo permaneceu à distância e somente Moisés se aproximou para encontrar-se com Deus (Êxodo 20:18-21).

O povo de Israel não queria estar na presença de Deus, preferindo antes que Moisés fosse encontrar com Deus e que ele falasse ao povo aquilo que ouvira de Deus. O povo de Israel fugiu da presença de Deus. Também o apóstolo Pedro ao perceber que estava diante da presença de Deus, após o milagre de pescarem uma grande quantidade de peixes seguindo à ordem de Jesus de lançarem as redes onde as águas eram mais profundas, teve a reação de se afastar de Jesus e disse, “afastate de mim, Senhor, porque sou um homem pecador” (Lucas 5:8). Pedro teve a intenção de fugir de Deus.

O pecado tem sempre levado o ser humano a se afastar, fugir, se esconder de Deus. E esta é a principal razão do homem ter tanta dificuldade com a oração. A oração é estar conscientemente na presença de Deus, mas o pecado leva o ser humano a desejar exatamente o contrário. Porém, pela fé em Jesus, a consciência culpada do ser humano é purificada e o autor da carta aos Hebreus mostra que se deve entrar com ousadia na presença de Deus, no lugar santíssimo (Hebreus 10:19-23).

A morte de Cristo na cruz do calvário proporcionou o perdão dos pecados e acesso direto à presença do Pai, mediante a pessoa de Jesus, “pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo” (I Timóteo 2:5).

Teresa de Ávila, em seu livro *Castelo Interior* ou *Moradas*<sup>200</sup>, compara a oração como o adentrar em um castelo. Quando se está em oração, você entra em um castelo. Estar em um castelo é sempre bom, você está protegido, mesmo que esteja somente no pátio do castelo. Porém, o melhor é ir adentrando no castelo e chegar ao quarto do rei, o local principal, mais belo e mais prazeroso.

O jovem universitário evangélico precisa aprender a estar em oração, a estar constante e conscientemente na presença de Deus, a desfrutar da presença do Pai, a crescer em intimidade com o Pai, a ter este trato de amizade com Deus, e pela fé entrar com ousadia no lugar Santíssimo e ter o prazer do relacionamento com o Pai.

---

<sup>200</sup> Cf. SANTA TERESA DE JESUS, *Castelo interior ou Moradas*. 4. Ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

Entender que oração é estar conscientemente na presença de Deus significa que é possível pensar a oração também como uma antecipação da eternidade. A oração é uma antecipação da eternidade. Na eternidade será experimentada, em toda a sua plenitude, a presença de Deus. João em seu evangelho diz que “Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). Durante toda a eternidade se estará conhecendo a Deus e a Jesus Cristo. Durante toda a eternidade o ser humano estará na presença de Deus. No livro de Apocalipse, João mostra que “A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia” (Apocalipse 21:23). João traz esta ideia da presença de Deus por toda a eternidade e na oração já é possível experimentar um pouco daquilo que será experimentado em toda a sua plenitude na eternidade.

Há um predomínio no mundo do barulho e da agitação. Poucos são aqueles que dedicam tempo para ouvir a voz de Deus. E esta é a realidade de muitos dos jovens universitários evangélicos e estes precisam ser ensinados, desafiados, encorajados, motivados a estarem na presença de Deus, a estarem em oração. A promessa de Jesus aos seus seguidores é a de que eles nunca estariam sozinhos (Mateus 28:20; Hebreus 13:5) e é na oração que o universitário evangélico pode experimentar desta presença amorosa de Jesus.

A consequência de o jovem universitário evangélico estar em oração é ele se envolver na missão de Deus. O jovem universitário entra com ousadia na presença de Deus, pela fé ele entende que seus pecados foram perdoados, sua consciência culpada foi purificada e ele então começa a participar da missão de Deus. Este é o mesmo processo que passa o profeta Isaías. Quando experimentou a presença de Deus, quando se viu diante de Deus e contemplou Sua santidade, ele busca se afastar da presença de Deus por reconhecer que era pecador, mas um dos serafins toca seus lábios e o seu pecado é perdoado e sua culpa é removida. Imediatamente ele ouve a voz do Senhor dizendo, “Quem enviarei? Quem irá por nós? E o profeta Isaías responde, “Eis-me aqui. Envia-me a mim”. (Isaías 6.1-8).

Todo encontro com Deus é um chamado para participar de sua missão. Os discípulos de Jesus são chamados a participar de sua missão. O apóstolo Pedro em sua carta diz que os cristãos são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz (1 Pedro 2:9).



Stott diz que uma das características da igreja primitiva é que eles se dedicavam “às orações, significando não oração em particular, mas reuniões de oração e cultos de oração”<sup>201</sup>. Eugene Peterson diz que “a oração comunitária é mais importante e depois a individual”<sup>202</sup>. Na Igreja se aprende a orar e é no compromisso deste jovem de participar ativamente de sua igreja local, estando presente nas celebrações semanais, que ele pode aprender a orar. E orar é o que o jovem precisa para sua vivência na fé nesta era secularizada em que se vive.

### 5.3 Realidade que não se pode ignorar - suicídio

Um assunto que se faz importante abordar diante de sua gravidade é a questão do suicídio. Uma das jovens entrevistadas mencionou que tentou o suicídio na tentativa de acabar com a angústia que vinha sentindo. Alguns dos entrevistados também mencionaram a questão da depressão por parte dos pais ou de algum familiar, e uma entrevistada relatou que um aluno de seu curso cometeu suicídio, causando uma grande comoção na faculdade. O número de suicídios tem aumentado significativamente entre a população jovem e esta é uma realidade que não pode ser ignorada pelos jovens universitários e por todos aqueles que atuam junto deles e para eles.

Na entrevista ao ser perguntado sobre “como e quando se tornou cristão?”, a jovem relatou que nasceu em um lar evangélico, mas aos 16 anos começou a se afastar de Deus. Ela já havia se batizado na igreja evangélica no início de sua adolescência, mas segundo suas palavras, “*eu não tinha a dimensão deste amor. Tinha vários ministérios na igreja, tudo o que precisava eu estava pronta para ajudar. Coreografia, teatro, crianças, adolescentes...*” A jovem relata que sempre conversava com os pais, mas quando surgiu uma dificuldade para entender o porquê Deus permitia tanta maldade no mundo, os pais disseram que ela estava blasfemando contra Deus e não houve diálogo. Isso levou a um afastamento desta jovem em sua espiritualidade. Em seguida, ela entrou em depressão e chegou a tentar o suicídio, “*eu queria acabar a angústia*”, disse ela. Ao fazer ingestão excessiva de remédios e perceber que sua vida estava em risco, clamou a Deus por

<sup>201</sup> STOTT, J., A Igreja autêntica, p.26.

<sup>202</sup> PETERSON, E. H., O pastor contemplativo, p. 17.

misericórdia e após o susto de ter quase perdido sua vida, afirma que ali entendeu o amor de Deus.

No mapa da violência elaborado pela Secretaria-Geral da Presidência da República, juntamente com a Secretaria Nacional de Juventude e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, surpreende a evolução significativa das taxas de suicídio a partir dos 17 ou 18 anos de idade, geralmente a idade de início do período universitário, com taxas bem acima da média nacional, em torno de cinco suicídios a cada cem mil habitantes. O suicídio mata mais pessoas entre 15 e 29 anos do que o HIV em todo o mundo e tem taxas maiores do que a maioria dos tipos de câncer. Os suicídios no país vêm aumentando de forma progressiva e constante: na década de 1980 praticamente não teve crescimento (2,7%); na década de 1990 o crescimento foi de 18,8%, e daí até 2012, de 33,3%. Entre 1980 e 2012, as taxas de suicídio tiveram um crescimento de 62,5%.

Embora esteja crescendo o número de suicídios entre os jovens, no Brasil isso não tem tido a atenção devida e esse tem sido um mal silencioso. As taxas de mortes violentas como a dos acidentes de trânsito e dos homicídios é de quatro e seis vezes maiores e os suicídios vêm crescendo à sombra desses dados e talvez essa seja uma das causas para a falta de atenção a esse também importante problema em nossa sociedade. Porém, dessas três causas violentas, comparando os anos de 2002 e 2012, a taxa de suicídio foi a de maior crescimento, superando largamente os homicídios e a mortalidade nos acidentes de trânsito.

De acordo com Julio Jacob Waiselfiz, talvez a falta de atenção aconteça pelo fato de que há um tabu existente na mídia em divulgar questões relativas ao tema, pelo temor do “Efeito Werther<sup>203</sup>”, ondas de suicídio por imitação ou indução<sup>204</sup>. E de acordo com a Organização Mundial da Saúde, nove em cada dez casos poderiam ser prevenidos. E o que já é comprovado é que falar é a melhor solução para evitar casos de suicídio. Uma boa iniciativa tem sido a da campanha do “Setembro Amarelo”.

Setembro Amarelo é uma campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio. Tem o objetivo direto de alertar a população a respeito da realidade do

---

<sup>203</sup> Personagem da novela “Os sofrimentos do jovem Werther”, de Goethe, publicada em 1774, em que o personagem se suicida com um tiro devido a um fracasso amoroso. A novela teria originado um surto de suicídios de jovens usando o mesmo método, em diversos locais.

<sup>204</sup> Cf. WASELFSZ, J. J. **Os jovens do Brasil**: mapa da violência 2014. Secretaria-Geral da Presidência da República. Brasília, 2014.

suicídio no Brasil e no mundo e suas formas de prevenção. O nome deriva do fato das ações acontecerem no mês de setembro. Essas ações são feitas por meio de identificação de locais públicos e particulares com a cor amarela e ampla divulgação de informações<sup>205</sup>.

Os movimentos estudantis cristãos presentes nas universidades podem aderir a esta campanha do Setembro Amarelo e ajudar bastante nesta campanha de prevenção. Em relação ao suicídio, há várias ações que podem ser feitas para ajudar os estudantes e também podem servir para o jovem universitário transmitir sua fé aos outros estudantes. Essas ações podem ser feitas em qualquer época do ano, mas o ideal é aproveitar o mês de setembro que, por causa da campanha do setembro amarelo, tem sido o mês no qual esse assunto está mais em voga.

Os movimentos estudantis em parceria com as igrejas locais podem, através destas campanhas, ajudar os jovens universitários a conhecerem e experimentarem da vida abundante que Jesus oferece (João 10:10). Uma grande parcela da população universitária ainda não experimenta desta vida abundante que Jesus veio oferecer e muitos têm sofrido por diversos motivos. Jovens universitários têm atentado contra a própria vida. Cabe às igrejas e os movimentos estudantis darem sua parcela de contribuição oferecendo algum tipo de suporte para estes universitários.

Todas as ações devem ser feitas para levantar esta temática do suicídio, pois tem se entendido que falar é a melhor solução para a prevenção deste mal. As ações devem criar oportunidades das pessoas se relacionarem, demonstrarem afeto e também criar oportunidade dos universitários evangélicos apresentarem a vida abundante que Jesus veio oferecer aos outros estudantes.

Uma primeira ação que pode ser feita nesta campanha é produzir centenas ou milhares de corações amarelos, espalhando-os por toda a universidade. Quando qualquer estudante chegar ao *campus*, os corações amarelos chamarão a atenção e o levará a se perguntar qual o motivo disso. Na parte de trás dos corações amarelos deve-se escrever uma mensagem como do exemplo a seguir:

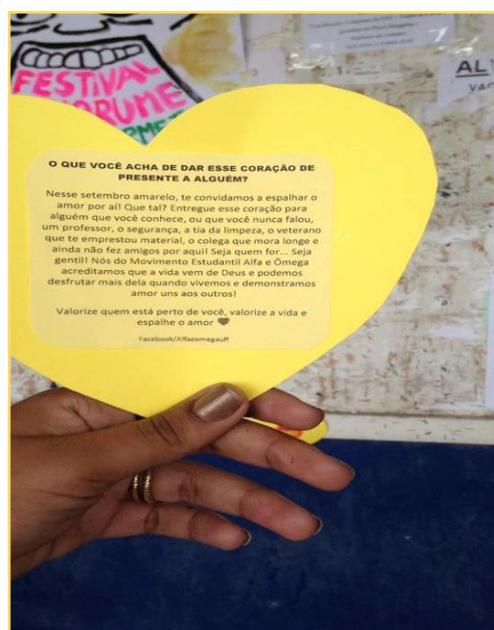
**O que você acha de dar esse coração de presente a alguém?** Neste setembro amarelo te convidamos a espalhar o amor por aí. Que tal? Entregue esse coração para alguém que você conhece, mas também pode ser para alguém que você nunca falou, um professor, o segurança, a tia da limpeza, o veterano que te emprestou o material,

<sup>205</sup> Disponível em: <http://www.setembroamarelo.org.br> . Acesso em 16 de maio de 2018.

o colega que mora longe e ainda não fez amigos por aqui! Seja quem for... seja gentil. Acreditamos que a vida vem de Deus e podemos desfrutar mais dela quando demonstramos amor uns aos outros! Valorize quem está perto de você, valorize a vida e espalhe amor!

Nem todos os corações precisam ter essa mensagem. Pode-se deixar corações amarelos sem a mensagem para estimular os estudantes a escreverem com suas próprias palavras mensagens de afeto a quem eles quiserem. O custo de se produzir materiais como esses corações é baixo e o processo simples, o que dá a oportunidade dos próprios estudantes realizarem esta atividade em seu *campus*.

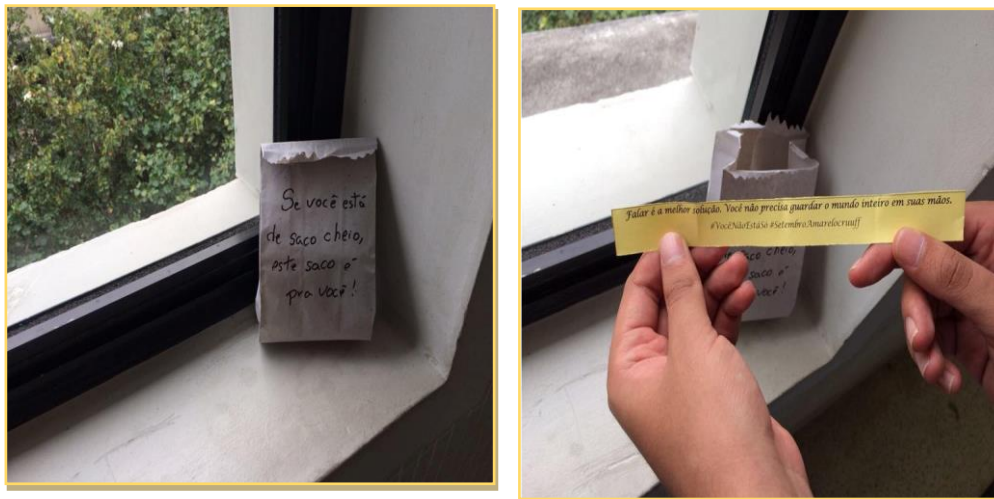
Esta iniciativa de espalhar os corações amarelos por toda a universidade é uma forma de trazer o assunto do suicídio ao debate, ajudando os estudantes a conversarem e pensarem sobre o assunto, e dando a oportunidade de demonstrarem afeto uns aos outros. Veja a seguir o exemplo do que a *Cru Campus* tem feito com esta campanha em algumas universidades públicas pelo país.



Uma outra ação que pode ser feita e, de preferência, acontecendo simultaneamente com a primeira ação, é a de espalhar cartazes pela universidade sobre o assunto. Cartazes com versículos bíblicos, com pesquisas a respeito da temática do suicídio ou com dados da Organização Mundial da Saúde, são boas opções. Cartazes já têm um custo mais elevado para se produzir, mas com parcerias entre as igrejas e os movimentos estudantis isso pode ser facilmente providenciado, como nos modelos desenvolvidos pela *Cru Campus* a seguir:



Outra ação semelhante a primeira é a de espalhar saquinhos de papel nas mesas dos blocos e espaços do *campus* com frases motivacionais, trechos bíblicos, músicas, folheto evangelístico ou algum panfleto para a divulgação do movimento estudantil cristão. Para chamar a atenção dos universitários e os instigarem a pegar estes materiais, pode-se escrever mensagens como: *se você está de saco cheio, este saco é para você!* O custo desta ação também não é alto e um dos maiores benefícios é que neste saquinho pode-se colocar materiais mais elaborados para ajudar os jovens universitários na prevenção do suicídio e também a terem acesso a porções da Palavra de Deus.



Uma outra ação que pode ser feita é o uso das expressões artísticas que sempre chamam bastante atenção e atraem os jovens, sendo uma maneira de falar sobre o assunto ou levar uma mensagem de forma atrativa. Conforme foi visto no segundo capítulo, os jovens universitários evangélicos têm desempenhados diferentes ministérios, seja na música, dança ou qualquer outra expressão artística. Músicas e shows são boas opções para serem feitas na universidade, mas nem todo movimento teria condições de se fazer isso, por causa dos custos, assim como pela liberação da universidade. Uma opção simples e de baixíssimo custo pode ser a realização de um teatro mudo. Um grupo entre 5-8 pessoas fazem personagens comuns do ambiente universitário, sendo um deles um suicida, por exemplo. E assim podem desenvolver uma encenação baseada na realidade do *campus* ou da temática. Esta peça deve ter uma curta duração, no máximo três minutos. Depois da atuação teatral pode ter alguém incentivando as pessoas a compartilharem os corações amarelos com outros.

Uma ação que pode também ser desenvolvida é a realização de uma pesquisa a ser feita pelos jovens universitários evangélicos com os outros estudantes de seu *campus*. Esta pesquisa ajudará o jovem universitário a entender mais sobre o suicídio, a perceber melhor a realidade da situação e dar a oportunidade dele poder compartilhar sua fé nesta conversa. A pesquisa ajuda o jovem universitário evangélico a se aproximar de um outro estudante e iniciar uma conversa. No final da pesquisa, tendo sensibilidade ao que se passou na entrevista, o universitário evangélico se sentirá mais confortável de compartilhar de sua fé e entenderá melhor a situação do estudante entrevistado. Este é um roteiro que pode ser seguido ou adaptado para esta ação:



1. Você conhece alguém próximo que tenha tentado ou cometido suicídio?
2. Dentro de sua experiência, que fatores poderiam contribuir para que alguém em situação de desgaste tome esta decisão?
3. Por outro lado, quais fatores poderiam afastar e evitar que alguém deseje tirar sua vida?
4. (Pergunta opcional) Você pensa que um relacionamento pessoal com Deus pode influenciar positivamente alguém nesse sentido, ou seja, evitar o suicídio?

Todas estas ações podem ajudar na criação de um ambiente acolhedor para o diálogo sobre este triste e grave fenômeno, ajudando na prevenção do suicídio. As igrejas locais e movimentos estudantis cristãos estarão dessa forma também dando sua parcela de contribuição para esta delicada situação. Jesus certa vez disse, “venham a mim, todos os que estão cansados sobrecarregados, e eu lhes darei descanso” (Mateus 11:28).

Cabe às igrejas e aos movimentos estudantis cristãos levarem os universitários a Jesus. Dada à criatividade dos jovens, muitas outras ações podem ser pensadas e realizadas. É importante sempre pensar em ações de baixo custo financeiro e que podem ser reproduzidas nas diversas instituições de ensino superior que há no Brasil.

O suicídio é uma questão teológica e como afirma Cardoso em seu artigo “No sentido da vida. Em diálogo sobre a prevenção do suicídio”,

Parece-nos que na Igreja muito se pode contribuir para a prevenção do suicídio. Pode-se atuar com o anúncio evangélico e a orientação moral no sentido da vida e do amor. Pode-se colaborar diretamente na prevenção conduzindo a buscar o serviço da saúde e apoiando as obras de assistência. Já um modo indireto, mas importante, de contribuir está no que se proporciona de positivo no convívio eclesial, favorecendo a vida: o acolhimento da pessoa e a inserção na comunidade, a comunicação de sentido e de valores, o serviço espiritual, os gestos de amor e de consolação e ajudas diversas na cura e na caridade. Também uma atitude de aproximação e certos cuidados pastorais podem ser valiosos<sup>206</sup>.

#### **5.4 As disciplinas espirituais e o universitário evangélico**

O universitário evangélico precisa aprender aquilo que ele pode fazer sozinho para fortalecer sua fé. As disciplinas espirituais são exercícios espirituais que o jovem universitário evangélico deve praticar frequentemente para fortalecer sua fé. A fé é como um músculo, quanto mais se trabalha, mais forte ela fica. O

<sup>206</sup> CARDOSO, M. “No sentido da vida. Em diálogo sobre a prevenção da vida”. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20327/20327.PDF> . Acesso em 02.05.2019.

fortalecimento da fé passa por estar em comunidade e também individualmente, assim como muitas vezes anonimamente praticar as disciplinas espirituais.

No segundo capítulo observou-se que os jovens universitários evangélicos para fortalecer a fé buscam com maior frequência e intensidade os movimentos estudantis. A busca destes movimentos estudantis é uma tentativa rápida da juventude universitária evangélica de fortalecer sua fé. Ela tem seu valor, mas é também perigosa, pois a fé é desenvolvida de maneira gradual e lentamente. A geração que está acostumada a ter tudo instantaneamente precisa entender e aceitar isso. E mais uma vez a mentalidade consumista deve ser rejeitada.

A busca dos movimentos estudantis não deve se dar somente nos primeiros semestres da faculdade quando se percebe mais fragilidade na fé e ser descartada quando não se precisa mais. E é o exercício das disciplinas espirituais e o estar em comunidade que ajudará o jovem universitário evangélico a buscar servir mais do que somente consumir, sendo mais constante em sua fé.

O ser humano é um ser essencialmente espiritual. Para Tozer, em um escrito sobre as *Características do Homem Espiritual*<sup>207</sup>, 1) a verdadeira espiritualidade tem como característica o desejo de ser santo, antes de ser feliz; 2) a verdadeira espiritualidade quer ver a honra de Deus promovida através da sua vida, mesmo que isto signifique que ele próprio deva sofrer desonra ou perda temporária; 3) o homem espiritual leva voluntariamente sua cruz e esta cruz é aquela adversidade extraordinária que sobrevém como resultado da obediência a Cristo; 4) a verdadeira espiritualidade vê todas as coisas sob o ponto de vista de Deus; 5) o homem espiritual prefere morrer com retidão a viver no erro; 6) deseja ver os outros progredirem às suas custas; e, finalmente, 7) o homem espiritual habitualmente faz julgamentos segundo a eternidade, e não julgamentos temporais. Todas estas coisas são feitas pela operação do Espírito Santo, porque nenhum homem consegue se tornar espiritual por sua própria força. Somente o Espírito Santo de Deus pode tornar espiritual o homem.

Para a vivência da fé do jovem universitário evangélico são necessários o aprendizado e a prática constante das disciplinas espirituais. A espiritualidade cristã é formada em uma longa e lenta jornada. As disciplinas espirituais são para todas

---

<sup>207</sup> TOZER, A. W., *Esse cristão incrível*, p. 106-108.



as pessoas e o jovem universitário evangélico necessita praticar as disciplinas espirituais para que a sua fé seja fortalecida.

O benefício dos exercícios espirituais é a transformação da imagem de Cristo em quem os pratica. Não que por si só os exercícios transformem a pessoa, mas os exercícios espirituais a colocam em condição para o Espírito Santo atuar trazendo transformação de vida, moldando-a o caráter de Cristo. Todos os mestres devocionais ao longo da história afirmaram a necessidade das disciplinas espirituais.

A palavra espiritualidade remete quase que instantaneamente a exercícios espirituais, tais como: meditação, oração, contemplação, silêncio, jejum, etc. Práticas que parecem estranhas ao mundo evangélico de hoje, mas que são muito necessárias ainda ao jovem universitário evangélico atualmente. Disciplinas espirituais são exercícios para o crescimento da espiritualidade e ajudam na vivência da fé do jovem universitário evangélico. As práticas espirituais manifestam e sustentam a espiritualidade.

Mesmo sendo práticas tão antigas, é preciso resgatar o valor destas disciplinas, pois ainda é possível e extremamente necessário ao jovem universitário evangélico praticar essas disciplinas espirituais, pois é o desejo de Deus que os cristãos as pratique em todo o sempre. Para tanto, é necessário orar a Deus e pedir para que o Espírito Santo os ajude nestas práticas. Quando se ora de acordo com a vontade de Deus, Ele ouve. E se Ele ouve as orações que são de acordo com a Sua vontade, pode-se estar certo de Ele atenderá essas orações. É o que afirma a primeira carta de João, “Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a sua vontade, ele nos ouve. E se sabemos que ele nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que temos o que dele pedimos” (I João 5:14,15).

As disciplinas espirituais são exercícios que devem ser praticados no dia a dia da pessoa, em meio a todos os seus afazeres e responsabilidades. Não basta somente ter força de vontade para praticá-las. São necessários a dependência e o poder do Espírito Santo para a prática destas disciplinas espirituais.

Os exercícios espirituais são práticas que demonstram o amor a Deus. Com atos concretos demonstra-se o quanto se ama. São as atitudes práticas que comprovam o amor. A graça não anula o esforço, mas o mérito. O esforço é fundamental para cultivar uma relação de amor a Deus.

De acordo com Richard Foster, “Deus nos deu as Disciplinas da vida espiritual como meios de receber sua graça. As Disciplinas permitem-nos colocarmos diante de Deus de sorte que ele possa transformar-nos<sup>208</sup>”. Como afirmou Dietrich Bonhoeffer, não se pode baratear a graça<sup>209</sup>. A graça exige o discipulado. Conforme já afirmado, a graça anula o merecimento, mas não o esforço.

Diante da crise que atinge a nossa sociedade e que perpassa até mesmo o interior das igrejas cristãs, faz-se necessário pessoas que sejam verdadeiramente transformadas à imagem de Cristo e isto só será possível através da prática das disciplinas espirituais.

A espiritualidade cristã reconhece a fraqueza humana e ao mesmo tempo o senhorio de Cristo. Não adianta querer mudar a sociedade, a Igreja, as pessoas, é preciso mudar a si mesmo. Eduardo Rosa Pedreira, pastor presbiteriano, presidente do RENOVAR Brasil<sup>210</sup>, diz que “formação espiritual cristã é o processo de cultivar cotidianamente uma relação de amor com o Pai, por meio da prática de exercícios espirituais, que irá naturalmente nos transformar na imagem do Filho, sob o poder do Espírito Santo”.

Há inúmeras práticas que podem ser aplicadas aos jovens universitários evangélicos, mas destaca-se aqui estas:

#### **5.4.1 Meditação**

"Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a Tua face, SENHOR, Rocha minha e Redentor meu!" (Salmos 19.14)

A. W. Tozer afirma que “entre os cristãos de todas as épocas e dos vários matizes de ênfase doutrinárias têm havido pleno acordo numa coisa: Todos creem que é importante que o cristão que tem sérias aspirações espirituais deve aprender a meditar muitas vezes e demoradamente em Deus”<sup>211</sup>.

<sup>208</sup> FOSTER, R. J., Celebração da disciplina, p. 16.

<sup>209</sup> BONHOEFFER, D., Discipulado, p.19-31.

<sup>210</sup> O Renovare é um movimento de formação espiritual cristã. Basicamente hoje o movimento acontece a partir de uma jornada de formação pastoral, pequenos grupos que se reúnem semanalmente e de um clube de leitura. Jornada, comunidade e relacionamentos são três palavras-chave que definem este movimento. Conheça mais em [www.renovare.org.br](http://www.renovare.org.br).

<sup>211</sup> TOZER, A. W., Esse cristão incrível, p. 130.

Apesar do grande número de cristãos em nosso país, é de comum acordo que a igreja cristã vive atualmente em crise e isso acontece também devido ao pouco tempo que os cristãos se dedicam ao conhecimento de Deus. Faz-se necessário meditar na pessoa de Deus. O jovem universitário evangélico necessita pensar em Deus de maneira prolongada para conhecê-Lo bem. Isto é meditação.

A meditação é uma antiga forma de conhecimento, mas o ativismo moderno reprimiu esta disciplina. O grande teólogo protestante alemão Jürgen Moltmann afirma:

Desde que “a prática” foi elevada à categoria de critério da verdade, a meditação, passou a ser considerada como uma coisa distante da realidade, isto é, uma coisa especulativa. Desde que a verdade tem que ser “sempre concreta” (B. Brecht), a meditação é vista como “abstrata”, ou seja, como fuga da realidade e da ação. Nas sociedades que impelem à vida ativa e que só recompensam os êxitos e os resultados, o meditar é considerado como coisa inútil e supérflua<sup>212</sup>.

#### 5.4.2 Jejum

Atualmente poucos são os cristãos que jejuam regularmente, mas o jejum sempre foi uma prática da igreja cristã. Quando Jesus fala sobre o jejum, ele parte do pressuposto que esta era uma prática comum dos judeus de seus dias. Jesus não discute se as pessoas deveriam ou não jejuar, mas diz,

Quando jejuarem, não mostrem uma aparência triste como os hipócritas, pois eles mudam a aparência do rosto a fim de que os homens vejam que eles estão jejuando. Eu lhes digo verdadeiramente que eles já receberam sua plena recompensa. Ao jejuar, ponha óleo sobre a cabeça e lave o rosto, para que não pareça aos outros que você está jejuando, mas apenas a seu Pai, que vê no secreto. E seu Pai, que vê no secreto, o recompensará". Mateus 6:16-18

Com isso, era prática da Igreja primitiva o jejum. A *Didaquê*, uma obra do primeiro século, foi muito utilizada pelos cristãos nesta época da Igreja cristã, sendo lida em muitas igrejas. Clemente de Alexandria chega a citar a *Didaquê* como Escritura, mostrando como era comum a prática do jejum nesta época. O capítulo oitavo aborda a questão do jejum e diz no primeiro versículo, “Vossos jejuns não tenham lugar (não sejam ao mesmo tempo) com os hipócritas; com efeito, eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana; vós, porém, jejuai na quarta-feira e na sexta (dia de preparação)” (*Didaquê* 8,1). A *Didaquê* também

<sup>212</sup> MOLTSMANN, J., O espírito da vida, p. 190.

mostra que era exigido o jejum como uma preparação do batismo. Os monges também praticavam o jejum.

A Regra de São Bento também aborda bastante esta questão do jejum. Muitos monges comiam apenas de dois em dois dias. Nos dias anteriores à Páscoa era exigido abstinência total dos alimentos. Anselm Grün, monge beneditino e doutor em Teologia afirma,

O jejum não tem nenhuma finalidade em si mesmo. Junto ao redescobrimto dessa prática, enterrada durante tanto tempo, houve ocasionalmente tendências de considerá-la absoluta. No entanto, o jejum é um meio comprovado de ascese espiritual que, juntamente com a prática da oração e da caridade, pode nos conduzir à atitude correta diante de Deus e dos seres humanos. Decisivo para a compreensão correta do jejum é que ela não seja considerada isoladamente, mas que seja sobretudo vinculado à oração. Jejuar é rezar de corpo e alma. [...] No jejum, estendemo-nos de corpo e alma para Deus, adoramo-lo de corpo e alma. O jejum é o grito do corpo por Deus, um grito a partir das profundidades, a partir do abismo no qual nós expomos nossa impotência, nossa vulnerabilidade e nossa insatisfação mais profundas, para nos deixar cair inteiramente no abismo de Deus<sup>213</sup>.

### 5.4.3 Oração intercessória

Abordamos a oração anteriormente, porém sob a perspectiva da oração pública. Neste ponto destacamos a oração intercessória como disciplina espiritual indispensável à vivência da fé do jovem universitário evangélico.

Jesus frequentemente orava. (Lucas 22.39-41; 11.1; Mt 14.23; Lc 5.16). Orar não é virtude. Orar é necessidade. Em um mundo tão individualista, é preciso enfatizar a questão da oração intercessora. Interceder pelos outros, principalmente pelos outros que não são tão próximos, é uma atitude que faz parte da espiritualidade cristã.

Jesus ensinou, “eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos. Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa receberão? Até os publicanos fazem isso! E se vocês saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo demais? Até os pagãos fazem isso!” (Mateus 5:44-47). Orar por si mesmo é bom, orar pelos familiares e pelas pessoas queridas é ótimo, mas orar pelos inimigos é atitude exclusiva de quem pratica a espiritualidade cristã.

---

<sup>213</sup> GRÜN, A., Jejuar, p.123.

Foster diz que devemos mudar o mundo pela oração. Eugene Peterson diz que a oração é subversiva.

A oração é uma atitude subversiva. Ela envolve um ato praticamente franco de desafio contra qualquer reivindicação do regime em vigor. [À medida que oramos], lenta, mas seguramente, nem cultura, nem família, governo, emprego, ou mesmo o ego tirânico pode resistir ao poder silencioso e à influência criativa da soberania de Deus. Cada laço natural de família e raça, cada compromisso deliberado com pessoas e a nação é finalmente sujeito ao governo de Deus. - Onde o Seu Tesouro Está<sup>214</sup>

Muitas são hoje em dia as dificuldades para a oração, a tensão nervosa, a pressão da vida, do tempo, que não nos deixa tranquilos para sequer achar que é importante estar com Deus. Também a dificuldade de irmos ao fundo de nós mesmos, pois a oração revela quem nós somos. Mas, assim como em toda as disciplinas espirituais, “jamais devemos esperar até que sintamos disposição de orar antes de orarmos pelos outros”<sup>215</sup>, como afirma Foster. Na oração, muitas vezes, a situação não muda, mas nós mudamos.

Muitos universitários evangélicos buscam com a prática da oração somente satisfazer seus próprios interesses. Buscam orar para tentarem ser bem-sucedidos em sua jornada universitária. É comum nas reuniões de oração entre os universitários, estudantes pedindo para ser abençoados em suas provas e em seus estudos. A disciplina da oração intercessória deve ser incentivada por todos aqueles que trabalham junto aos universitários. E como diz Bonhoeffer, “a oração verdadeira não é uma obra, um exercício, uma atitude piedosa, mas o pedido de um filho ao coração do Pai”<sup>216</sup>.

#### 5.4.4 Estudo

“E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (João 8.32).

Através do estudo adquire-se conhecimento e o conhecer modifica quem conhece. Esta é uma disciplina espiritual que o jovem universitário evangélico conhece muito bem ou pelo menos deveria conhecer. Todo universitário sabe que é necessário muito estudo para ser bem-sucedido em sua área de atuação e na vivência

<sup>214</sup> PETERSON, E. H., O pastor contemplativo, p. 19.

<sup>215</sup> FOSTER, R. J., Celebração da disciplina, p. 60.

<sup>216</sup> BONHOEFFER, D., Discipulado, p.127.

da fé não é diferente. Entretanto, esta disciplina espiritual do estudo, mesmo entre os universitários, tem perdido a sua importância.

Não são poucos os universitários que chegam ao final dos seus cursos tendo estudado muito pouco, tendo realizado muito pouca leitura e muito pouca reflexão. E faz-se necessária a prática da disciplina espiritual do estudo para que o jovem universitário evangélico possa vivenciar sua fé. Através do conhecimento adquirido amplia-se a visão de mundo, muda-se os pensamentos, e o cristão é chamado para amar a Deus de todo o coração, de toda a sua alma e com todo o seu entendimento (Mateus 22.37).

#### **5.4.5 Simplicidade**

Vivemos em uma sociedade de consumo onde muitas vezes compram-se coisas que não se desejam, ou que se desejam e não poderiam ser compradas, ainda que para impressionar pessoas das quais não se gosta ou nem se tem algum grau de relação. Há um apego insano a coisas, a ter, possuir. Esse tipo de relação tem destruído até mesmo o nosso habitat natural, trazendo graves prejuízos para a sociedade, principalmente para os mais pobres.

Até algum tempo atrás o ter se sobressaía ao ser. Hoje, isso está ainda mais banalizado nesta sociedade da imagem onde o que aparenta ter já é mais importante do que ter e ser. É a geração da ostentação. Diante disso, é preciso se falar a respeito da disciplina da simplicidade. Como diz Foster, “a conformidade com uma sociedade enferma significa que estamos enfermos”<sup>217</sup>.

O universitário vive em um meio onde se valoriza demasiadamente o status e a posição que se ocupa. As pessoas são definidas pelo quanto podem produzir ou por quanto elas ganham. A prática da disciplina da simplicidade liberta as pessoas da cobiça do status e da posição, de se buscar aparentar algo para o outro na tentativa de ser aceito e valorizado. É preciso buscar novos e mais humanos modos de viver e a Bíblia tem muito a dizer sobre isso.

O exemplo bíblico mais emblemático, mas pouco percebido, é a do rei Salomão. A recomendação da Lei do Senhor ao povo de Israel era de que ao entrassem na terra prometida e resolvessem escolher um rei, este deveria ser

---

<sup>217</sup> FOSTER, R. J., Celebração da disciplina, p.101.

escolhido dentre os próprios irmãos israelitas e este rei (1) não deveria adquirir muitos cavalos, nem fazer o povo voltar ao Egito; (2) não tomar para si muitas mulheres; (3) não acumular muita prata e muito ouro (Deuteronômio 17.14-17).

O livro de Reis descreve que o rei Salomão fez tudo ao contrário disso (I Reis 10.23-11.3). Salomão tomou para si muitos cavalos, doze mil de acordo com o relato bíblico, inclusive os que eram importados do Egito. Acumulou muito ouro e muita prata, a prata se tornou tão comum quanto as pedras. Além de se casar com setecentas princesas e trezentas concubinas.

É comum em um meio moralista somente ressaltar o erro de Salomão de se casar com mulheres estrangeiras que o levaram a se desviar, mas todo o reinado de Salomão foi um desastre. A orientação bíblica tinha tudo a ver com a questão da simplicidade, não acumular muito ouro e prata, distribuir as riquezas ao povo. Ele não precisava ter doze mil cavalos e mil e quatrocentos carros para aparentar aos povos vizinhos que tinha força, pois seria o próprio Deus que cuidaria e protegeria o povo de Israel (Salmo 20.7).

Após a morte de Salomão, assume em seu lugar Roboão, seu filho, e o primeiro pedido do povo ao novo rei foi que ele diminuísse o trabalho e o jugo pesado que Salomão havia colocado neles (I Reis 12.3,4). O rei, que tinha tanto ouro e tanta prata, deixou o povo na miséria. Acumulou o que não devia e não distribuiu para quem precisava. Faltou a disciplina da simplicidade.

A simplicidade liberta o jovem universitário evangélico de uma vida somente preocupada com os bens materiais e a liberdade gera alegria<sup>218</sup>. A melhor forma de praticar a disciplina da simplicidade é sendo generoso (Provérbios 11.24,25; 22.9; II Coríntios 8.1,2; 9.11; I Timóteo 6.17-19; Salmos 112.5; 37.25,26). A generosidade libera do acúmulo, o ter mais do que o necessário.

O jovem universitário evangélico deve aprender isso desde cedo. O mandamento bíblico é para ser fiel no pouco (Mateus 25.21). Aquele que não é fiel no pouco terá muitas dificuldades de ser fiel quando tiver muito. Não se trata aqui de praticar o ascetismo, mas sim de viver uma vida simples. É importante, portanto, observar a distinção entre simplicidade e ascetismo,

---

<sup>218</sup> São muitos os textos bíblicos que falam a respeito do perigo das riquezas e ressaltam a importância da simplicidade. Alguns exemplos: Lucas 16.13; 6.20-24; 12.15,33; 12.16-21 (parábola do fazendeiro rico chamado de louco; 6.30; Mateus 6.21; I Timóteo 6.9,17-19; 3.3,8; Hebreus 13.5; Tiago 4.1,2; Efésios 5.5; I Coríntios 5.11.

O ascetismo renuncia às posses. A simplicidade coloca as posses na devida perspectiva. O ascetismo não encontra lugar para uma terra que mana leite e mel. A simplicidade pode regozijar-se nesta graciosa provisão da mão de Deus. O ascetismo só encontra contentamento quando humilhado. A simplicidade conhece o contentamento tanto na humilhação como na abundância (Filipenses 4.12)<sup>219</sup>.

#### 5.4.6 Solitude

As pessoas não gostam mais do silêncio, porque o silêncio faz você olhar para si mesmo. Tozer em um excelente texto sobre a importância da meditação em Deus faz uma direta crítica ao ativismo exagerado na rotina diária das igrejas e afirma que “nossas atividades religiosas devem ser ordenadas de tal maneira que deixem bastante tempo para o cultivo dos frutos da soledade e do silêncio”<sup>220</sup>. Tozer reafirmando a importância da solitude, de um tempo de silêncio, de estar só, diz, “para manifestar-se a nós, Deus esteve esperando por uma ocasião como essa, quando o barulho e a atividade sossegaram o bastante para Ele se fazer ouvido e sentido por nós”<sup>221</sup>.

É nesta hora que se deve com todo o coração e entendimento se voltar para a Trindade. Richard Foster diz que “na quietude aprenderemos não somente quem é Deus, mas como seu poder opera”<sup>222</sup>. No entanto as pessoas não suportam ficar sozinhas e para o jovem universitário evangélico, assim como para muitos jovens e adultos desta geração, a solidão tem se tornado uma tortura. O isolamento é experimentado como uma “morte social”. Moltmann afirma,

Aquele que pretender agir em favor dos outros sem haver aprofundado sua compreensão de si próprio, sem haver sensibilizado sua capacidade de amar e sem ter encontrado a liberdade para consigo mesmo, este não há de encontrar em si mesmo coisa alguma que possa dar aos outros [...] Só quem encontrou a si mesmo é capaz de se doar a si mesmo. Só quando sabe que se aceitou a si mesmo é que ele pode aceitar os outros sem dominá-los. Quem passou a ser livre em si, este pode libertar os outros e compartilhar seus sofrimentos<sup>223</sup>.

O cristão não precisa ter medo de ficar sozinho, pois nunca o ficará (Mateus 28:20; Hebreus 13:5). O ser humano precisa de equilíbrio entre a vida ativa e a vida contemplativa. Para haver solitude é necessário o silêncio. É preciso aprender a existir na presença do Deus ausente ou no distanciamento do Deus presente e

<sup>219</sup> FOSTER, R. J., Celebração da disciplina, p. 106.

<sup>220</sup> TOZER, A. W., Esse cristão incrível, p. 130.

<sup>221</sup> TOZER, A. W., Esse cristão incrível, p. 132.

<sup>222</sup> FOSTER, R. J., Celebração da disciplina, p. 54.

<sup>223</sup> MOLTSMANN, J., O espírito da vida, p. 192.



suportar a “noite escura da alma” (São João da Cruz), pois todo o cristão um dia passará por este processo.

Como já foi visto no primeiro capítulo, uma das características desta juventude é o fato de serem multitarefas. Os jovens estão constantemente realizando inúmeras tarefas e isso dificulta ainda mais a prática desta disciplina da solitude. Entretanto, a prática desta disciplina espiritual levará o jovem universitário evangélico a refletir sobre o que está fazendo e o ajudará a priorizar aquilo que é o mais importante a ser feito. Isso com certeza trará uma maior realização a este jovem e o ajudará em sua vivência da fé.

A prática desta disciplina espiritual também ajuda o jovem universitário evangélico a valorizar mais suas amizades, o estar junto com outras pessoas, característica que é tão significativa para esta geração, conforme já foi visto no primeiro e segundo capítulos. Quem valoriza a solitude valoriza com mais qualidade o estar com outras pessoas. A própria Bíblia diz que há tempo para todas as coisas, tempo para abraçar e tempo para se conter (Eclesiastes 3.5). Quem não consegue estar só não conseguirá também estar de maneira saudável com outras pessoas.

#### **5.4.7 Submissão**

“Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo” (Efésios 5.21).

A vida de Cristo foi uma vida de sujeição a Deus, à vontade do Pai e aos seres humanos. Cristo se esvaziou de si mesmo, veio a ser servo, e se humilhou até a morte de cruz (Filipenses 2.6-8). Por isso, Paulo diz que se deve ter a mesma atitude de Cristo (Filipenses 2.5) e conclama aos cristãos a sempre humildemente considerarem os outros como superiores a si mesmos (Filipenses 2.3). Este é um grande desafio ao jovem universitário evangélico.

O universitário, devido à sua formação, torna-se mais apto a conseguir um melhor emprego podendo exercer liderança sobre muitas pessoas. E ao universitário evangélico cabe o desafio de ser um servo, mesmo atuando em uma posição de liderança, pois esta sempre foi a atitude de Jesus Cristo que não veio para ser servido, mas para servir (Mateus 20.28).

De acordo com Foster,

A Disciplina da submissão tem sido terrivelmente mal interpretada e difamada por aqueles que falham em ver este contexto mais amplo. Submissão é um tema ético que percorre todo o novo testamento. É uma postura obrigatória a todos os cristãos: homens e mulheres, pais e filhos, senhores e servos. Ordena-se que vivamos uma vida de submissão porque Jesus viveu uma vida de submissão, e não porque estamos num determinado lugar ou posição na vida. A autonegação é uma postura que se ajusta aos que seguem o Senhor crucificado<sup>224</sup>.

Apesar de ser uma disciplina terrivelmente mal interpretada, sua prática quando aplicada de maneira correta traz uma verdadeira revolução nas relações humanas, gerando grandes benefícios para a sociedade. A prática desta disciplina pelo universitário evangélico traria uma importante contribuição para seu testemunho de fé.

Submissão significa estar livre e pronto a servir ao outro, não importando sua classe social, a autoridade que possa ter, sua religião, gênero, raça ou cor. A submissão leva a um olhar sempre positivo da outra pessoa, mudando a maneira como se vê a outra pessoa. Na submissão valoriza-se esta outra pessoa.

#### **5.4.8 Confissão**

“Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás”. (Salmos 51.17)

Deus está sempre disposto a amar e perdoar. A cruz é o maior ato de amor e de perdão de Deus ao ser humano. A cruz mostra que o propósito de Deus sempre é amar e perdoar. A morte de Jesus não foi um incidente em sua trajetória terrena devido à oposição dos líderes religiosos e políticos da época. Jesus entregou de maneira espontânea sua vida em favor da humanidade (João 10.18; Gálatas 1.4; Mateus 20.28; Atos 2.23; Apocalipse 3.18; Romanos 8.32; Efésios 5.2; João 19.30)

A Bíblia ordena a confissão dos pecados ao próprio Deus, porque ele é fiel e justo para perdoar o ser humano e também para o purificar de toda injustiça (I João 1.9). Devido ao seu amor, perdão e fidelidade é possível a

---

<sup>224</sup> FOSTER, R. J., Celebração da disciplina, p.143.

confissão dos pecados tendo a certeza de que Ele sempre vai deixar as 99 ovelhas em favor da única que foi perdida (Lucas 15.4-7), e Ele sempre estará esperando de braços abertos para perdoar e dará uma festa para receber o pecador, assim como fez com o filho pródigo (Lucas 15.11-32).

A Bíblia também ordena a confissão uns aos outros (Lucas 5.16). Confessar os pecados uns aos outros traz comunhão e cura no meio da Igreja. Em uma sociedade de relações tão frágeis, esta é uma grande disciplina que deve ser praticada. Foster diz que:

Achamos a confissão uma Disciplina tão difícil em parte porque vemos a comunidade dos crentes como uma comunhão de santos antes de vê-la como uma comunhão de pecadores. Chegamos a sentir que todos os outros progrediram tanto em santidade que nos encontramos isolados e sozinhos em nosso pecado. Não suportaríamos revelar nossas falhas e deficiências aos outros. Imaginamos que somos os únicos que não puseram os pés na estrada do céu. Portanto, escondemo-nos uns dos outros e vivemos em mentiras veladas e hipocrisia<sup>225</sup>.

Porém, a confissão pressupõe honestidade. Na confissão é preciso concordar com Deus que aquilo em que se está confessando é realmente algo errado. O medo e o orgulho devem ser deixados de lado. Na confissão mútua há a liberação do poder que cura e os jovens universitários evangélicos precisam aprender esta Disciplina e a prática dela pode causar uma grande revolução no meio evangélico.

Depois de abordar todas estas disciplinas cabe o importante alerta de Foster que diz:

O propósito das Disciplinas é a liberdade. Nosso objetivo é a liberdade, não a disciplina. No momento em que fazemos da disciplina nosso foco central, tornamo-la em lei e perdemos a correspondente liberdade. As disciplinas não têm em si mesmas nenhum valor. Elas só têm valor como meio de colocar-nos diante de Deus de sorte que ele possa dar-nos a libertação que buscamos. A libertação é o alvo; As Disciplinas são meramente os meios. Elas não são a resposta; apenas nos conduzem à Resposta. Devemos entender com clareza esta limitação das Disciplinas se quisermos evitar a escravidão. Não só devemos entendê-la, mas precisamos sublinhá-la para nós mesmos, repetidas vezes, tão grave é nossa tentação de concentrar-nos nas Disciplinas. Concentremo-nos sempre em Cristo e consideremos as Disciplinas Espirituais como um meio de aproximar-nos mais do coração do Mestre<sup>226</sup>.

<sup>225</sup> FOSTER, R. J., Celebração da disciplina, p. 176.

<sup>226</sup> FOSTER, R. J., Celebração da disciplina, p. 135 e 136.

## 5.5 Vocação

Por último, para uma boa vivência da fé do jovem universitário evangélico, é necessário que ele entenda e exerça sua vocação. Vocação é a maneira natural em como Deus se expressa através de uma pessoa. As igrejas locais, os movimentos estudantis, pastores, missionários e líderes precisam ajudar os jovens universitários a descobrirem e a exercerem sua vocação.

Levar o jovem universitário evangélico a descobrir sua vocação significa ajudá-lo a entender quem ele é e qual é a sua causa, ou seja, o que caracteriza o jovem em sua natureza peculiar, quais são os seus dons, talentos, habilidades, competências e capacidades, qual é a paixão deste jovem, o que toca o seu coração, o que causa mais alegria ou tristeza, seu temperamento, gostos e como ele irá usar tudo isso para a glória de Deus no serviço ao mundo.

Na história bíblica, Davi quando foi lutar com Golias entendeu que precisava lutar do jeito que ele estava acostumado, precisava lutar sabendo quem ele era. Saul ao tentar ajudar Davi, colocou nele sua própria túnica, colocou sua armadura e um capacete de bronze na cabeça, mas quando Davi tentou andar não conseguia, pois não estava acostumado com todos estes artefatos. Então, tirou tudo aquilo, pegou seu próprio cajado, colocou cinco pedras em sua bolsa e foi lutar contra Golias, com sua própria e simples atiradeira (I Samuel 17.38-40). Davi sabia quem ele era e entendeu que só poderia vencer Golias se fosse ele mesmo.

Cada jovem foi formado por Deus de uma maneira exclusiva (Salmo 139.14) e é desta maneira que Deus usa o jovem universitário evangélico em seu Reino e cabe a todos aqueles que querem ajudar na vivência da fé deste jovem levarem-no a descobrir quem ele é, ou seja, a descobrir sua vocação. Esta geração precisa estar consciente de sua vocação para poder exercê-la de maneira significativa em sua caminhada cristã na sociedade e serviço ao mundo.

Vocação significa estar consciente e ter uma profunda convicção de chamado e propósito. Conforme foi abordado no primeiro capítulo a respeito das boas obras, o cristão é salvo para praticar as boas obras que Deus já preparou para eles (Efésios 2.10). Todo cristão é vocacionado para servir a Cristo. Cada jovem universitário evangélico possui uma vocação dada por Deus e é chamado para praticar as boas obras que Ele mesmo já preparou.

O entendimento de sua própria vocação ajuda o jovem a ter o discernimento sobre a vontade de Deus para sua vida e perseverar no cumprimento dessa vontade. Um jovem universitário evangélico que entende sua vocação conseguirá se manter firme em sua vivência da fé, suportando todas as dificuldades que possam surgir neste período, por muitas vezes difíceis em suas vidas.

É importante ressaltar aqui que os pastores, missionários, líderes de jovens, igrejas e movimentos estudantis que desejam trabalhar com esta juventude precisam também ter a vocação para atuar junto deles. É necessário ter paixão pela juventude, amar os jovens, ter prazer em estar no meio de jovens, é preciso conhecê-los, saber a linguagem deles, conhecer suas angústias e alegrias, suas habilidades e fraquezas, seu potencial e suas limitações. Somente quem entende e exerce sua própria vocação pode ajudar outros a entenderem e a também se empenharem em exercer esta vocação. Espera-se que este estudo ajude a todos aqueles que têm e queiram exercer esta vocação.

## **Conclusão**

Neste último capítulo através de uma reflexão teológica-prática procuramos mostrar algumas importantes estratégias para a vivência da fé do jovem universitário e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo. Diante de uma geração de jovens altamente tecnológicos, as Igrejas, os movimentos estudantis cristãos presentes nas universidades, os pastores e líderes, e todos aqueles que desejam atuar junto aos jovens, precisam usar as estratégias digitais, e, através de ferramentas, algumas já disponíveis, podem dar uma grande contribuição para o serviço da Igreja no mundo e ajudar o jovem em sua vivência da fé.

Com o mesmo objetivo, esta juventude precisa ser ensinada e encorajada a participar das celebrações semanais para desenvolver o espírito de corpo, de comunidade, de unidade, que pode e deve ser vivido e experimentado através da comunhão da família de Deus nas celebrações. Os benefícios são muitos ao se comprometerem nesta prática de celebrar a Deus junto com seu povo.

Também esta geração de jovens universitários evangélicos necessita aprender e praticar as disciplinas espirituais para a sua vivência da fé. Por último, a questão do suicídio merece atenção diante de sua gravidade e há alternativas simples que

podem ser feitas nas universidades pelos próprios universitários para prevenir uma situação que ninguém quer que um jovem ou qualquer ser humano passe.

## 6 Conclusão Geral

A juventude universitária evangélica é uma das muitas juventudes presentes em nosso país. Esta parcela da juventude tem crescido a cada dia com o aumento da própria juventude brasileira, aliada ao crescimento dos evangélicos em nosso país, mas ainda é um objeto de estudo muito pouco explorado. O presente trabalho tem como objetivo ajudar a todos os interessados a conhecer mais do rosto do jovem universitário evangélico e a refletir sobre a vivência da fé destes muitos jovens que têm adentrado nas universidades, muitas vezes sem nenhuma preparação para vivenciarem sua fé no meio acadêmico.

Verificou-se nesta pesquisa que os próprios jovens não têm medo de ingressar na faculdade, por causa da fé, mas principalmente nos primeiros semestres têm muita dificuldade de vivenciarem sua fé neste novo meio em que se encontram. Se estes jovens não possuem este medo, mas têm estranheza quando adentram na universidade, os adultos ligados a eles demonstram medo destes jovens perderem sua fé durante este período. Porém, paralelamente a isso, os adultos, os pastores, familiares, e as igrejas destes jovens pouco têm feito para ajudá-los nesta vivência.

A superficialidade com que se relacionam ou demonstram conhecer da pessoa de Jesus Cristo tem contribuído para que estes jovens esmoreçam na fé ou os têm levado a viver uma dicotomia entre o sagrado e o profano, fazendo com que não proclamem sua fé na universidade, quando o anúncio da fé os levaria a fortalecer a própria fé. O universitário evangélico brasileiro não pode viver esta dicotomia entre fé e vida. Ele precisa conciliar ambos. Ele não pode ser um simples frequentador de igreja.

O universitário evangélico brasileiro precisa ser um cristão verdadeiro atuando tanto na igreja quanto no mundo. Muitos têm encarado a universidade como um mal necessário, quando muito se isolando nos movimentos estudantis cristãos presentes nas universidades, ou nos finais de semana se envolvendo nas múltiplas reuniões e atividades eclesiais. Há uma grande dificuldade do jovem universitário evangélico de ver a universidade como campo de atuação de sua missão e de enxergar o relacionamento pessoal com Jesus Cristo como a melhor coisa que possuem (João 17.3).

Percebe-se que as igrejas estão mais preocupadas em fazer proselitismo e em envolver seus jovens em suas atividades eclesiais do que em levá-los a uma vivência sadia de sua fé no ambiente onde estes jovens passam a maior parte de seu tempo, alguns chegando a passar catorze horas do seu dia na universidade. Faz-se necessário as igrejas entenderem seu papel missionário e entenderem a benção de levar os jovens a viverem em união com outros cristãos.

Neste sentido, os movimentos estudantis cristãos podem dar uma grande parcela de contribuição para ajudar estes jovens a caminharem juntos e ajudá-los a transmitirem sua fé dentro de uma proposta dialogal com as pessoas. A participação do jovem universitário evangélico nos movimentos estudantis tem contribuído para o fortalecimento de sua fé e, conseqüentemente, tem favorecido sua vivência da fé neste período da universidade, porém, estes jovens não podem perder o vínculo com suas igrejas de origem.

Defendemos que tanto as igrejas locais como os movimentos estudantis devem atuar em parceria. Percebe-se que o jovem gosta de participar das atividades no templo e as igrejas precisam aproveitar este interesse estruturando processos e programas específicos e bem articulados para capacitar o jovem em sua vivência da fé.

O universitário evangélico brasileiro precisa ser um sinal e uma testemunha de Cristo na universidade, lugar este onde a igreja institucionalizada não consegue e não deve penetrar. Todos são chamados a viver intensamente o Evangelho, a seguir a Cristo e anunciá-lo por todo o mundo. Ser cristão é ter convicção da fé e através de palavras e obras compartilhar esta fé ao mundo.

Esta geração é bastante relacional e valoriza a amizade. Verificamos que os amigos são pessoas muito importantes para esta geração e a melhor maneira para propagar o Evangelho livremente dentro das universidades é o jovem universitário evangélico fazer amizades com os não cristãos ou com pessoas que não têm clareza sobre sua fé, que se encontram confusas ou distanciadas de uma vivência comunitária religiosa. Para tanto, é preciso que o jovem universitário evangélico imite o modelo de Jesus e aprenda a interagir com todos.

O jovem universitário evangélico não pode se isolar convivendo somente com os que praticam a mesma fé, mas precisa ter a coragem e a ousadia de fazer amizades com quem quer que seja. Cabe aos próprios jovens, aos adultos, líderes e pastores, ajudarem esta parcela da juventude a desenvolver esta amizade com o



próprio Cristo e levar outros a experimentarem deste relacionamento com Aquele que é o autor e consumidor de sua fé (Hebreus 12.2).

O jovem universitário evangélico precisa aprender a amar a Jesus Cristo e a própria universidade como Deus amou o mundo e tudo o que neles há (João 3.16; Atos 17.24). Qualquer perspectiva eclesiológica que rejeita o mundo é contrária a Deus, pois Ele amou o mundo a ponto de dar seu Filho para morrer na cruz para tirar o pecado do mundo (João 1.29).

As parcerias entre as próprias igrejas evangélicas e com os movimentos estudantis devem ser buscadas para auxiliar estes jovens, além é claro de ser necessário uma atuação mais ecumênica. A juventude é uma preparação para a vida adulta e o período na universidade pode ser a última oportunidade para que as Igrejas ajudem estes jovens a se prepararem para uma vivência sadia na fé quando adultos. Nesta fase de vida quando estão adquirindo tanto conhecimento faz-se necessário buscar também o conhecimento na Palavra de Deus.

Na conclusão deste trabalho entende-se ser necessário mais estudos e reflexão desta importante parcela da juventude. O rosto do jovem universitário evangélico e a vivência da sua fé devem ser cada vez mais parecidos com o próprio Cristo e Sua missão. Deve haver mais crescimento na prática de boas obras e na missão de buscar e salvar o que havia se perdido (Lucas 19.10). Aqueles que vivem devem viver mais para aquele que por eles morreu e ressuscitou (II Coríntios 5.15).

Uma Cristologia com aquilo que já é revelado na Palavra precisa ser buscada e estudada. Este tempo de quatro ou cinco anos, ou até mais, caso o jovem ingresse em um mestrado ou doutorado, pode e deve ser aproveitado para se viver e conhecer mais a Deus. Mais importante do que ser um universitário, é ser cristão. Como cristão o jovem universitário evangélico brasileiro precisa se comprometer com o corpo de Cristo e com sua participação no mundo.

Este conhecimento adquirido na universidade pode e deve ser muito útil ao papel da Igreja no mundo e o universitário evangélico brasileiro também precisa compreender seu importante papel dentro da Igreja de Cristo. O universitário evangélico brasileiro precisa compreender que todo o conhecimento adquirido em seus anos de estudos deve ser usado também na Igreja de Cristo.

O universitário evangélico brasileiro não pode ser mero observador do que ocorre na igreja ou mero receptor dos ensinamentos. Existem diferenças de atividades e funções dentro do corpo eclesial e o universitário evangélico brasileiro

precisa ser protagonista disto. As ações do universitário evangélico brasileiro são ações da Igreja de Cristo, pois ele é um representante da Igreja de Cristo na terra.

Diante de um jovem altamente tecnológico, as redes sociais e as estratégias digitais devem ser usadas para ajudar o jovem a vivenciar sua fé. O compromisso do jovem universitário evangélico com o corpo de Cristo deve ser incentivado, até mais do que para com as estruturas eclesiais. Tem sido dado mais valor às atividades eclesiais do que ao corpo de Cristo.

Os jovens universitários evangélicos precisam ser mais acompanhados por seus pastores. Estes precisam conhecer as características desta geração de universitários para poder ajudá-los em sua vivência da fé. Os pastores precisam estar mais perto destes jovens, buscando acompanhá-los e aconselhá-los *in loco* a estes universitários, estudando a Bíblia juntos, reunindo-se em oração, desenvolvendo-se em grupos de discipulado, treinando-os a transmitirem sua fé, apoiando-os em suas necessidades e desenvolvendo amizades com estes jovens.

É necessário entender a corresponsabilidade entre pastores e universitários na vivência da fé dos próprios jovens. Ambos têm responsabilidade no processo de caminhada da fé da juventude universitária evangélica dentro do ambiente acadêmico. O jovem universitário tem uma grande importância na atuação na missão de Deus, mas tem encontrado dificuldades de vivenciar sua fé dentro do ambiente estudantil e os pastores precisam ajudar este jovem nesta vivência da fé e em sua relação com a Igreja no serviço ao mundo.

As disciplinas espirituais, práticas que demonstram o amor a Deus, devem ser valorizadas, ensinadas e praticadas pelos jovens. Falta a esta juventude modelos de adultos e de pessoas em seu próprio meio que vivam e pratiquem essas disciplinas. Cada um destes jovens possui dons dados por Deus, talentos especiais, habilidades e capacidades, uma formação que pouquíssimos têm acesso na realidade brasileira, e uma vocação que podem transformar para melhor o mundo em que vivem (Atos 17.6). Este tesouro não pode ficar escondido, esta luz precisa ser colocada no lugar certo para iluminar a muitos (Mateus 5.14-16), o sal não pode perder seu sabor, mas tem a função de não deixar este mundo apodrecer e de dar sabor à vida de tantas pessoas (Mateus 5.13).

É preciso conhecer, ouvir, dialogar, entender e aceitar esta juventude com todas as suas virtudes e fraquezas. As importantes pesquisas sobre a juventude brasileira, elaboradas principalmente a partir do início deste século, os documentos

produzidos a respeito da juventude, principalmente pelos católicos, e os diversos teólogos brasileiros ou internacionais, bastante citados neste trabalho, já têm dado uma grande parcela de contribuição para ajudar a identificar o rosto do jovem universitário evangélico e também ajudar na vivência de sua fé e em sua relação com a Igreja no serviço ao mundo. Porém, ainda falta por parte dos evangélicos uma maior produção de estudos em relação ao jovem universitário evangélico.

Espera-se que mais este trabalho possa trazer luz e ajudar neste objetivo. Diante de tão pouco material produzido pelas pós-graduações em Teologia a respeito especificamente da juventude universitária evangélica, a intenção é que esta tese ajude no conhecimento, entendimento, diálogo e aceitação desta juventude. Esta tese assume a óptica da pastoral e o desejo é que muito mais publicações possam ser feitas para que o rosto do jovem universitário seja cada vez mais conhecido e estas publicações ajudem este jovem a vivenciar de maneira mais sadia sua fé e se relacionar melhor com a Igreja no serviço ao mundo.



## Referências Bibliográficas

ABRAMO H. W.; BRANCO, P. P. (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania e Fund. Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. São Paulo: UNESCO, 2007.

\_\_\_\_\_; CASTRO, M. G. **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006.

ALMEIDA, A. J. **Apostolicam Actuositatem: texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1979.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BEOZZO, J. O. **Cristãos na universidade e na política**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

BOFF, L. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BONHOEFFER, D. **Ética**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

\_\_\_\_\_. **Discipulado**. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

\_\_\_\_\_. **Life together**. A discussion of Christian fellowship. New York: Harper Jubilee Books, 1976.

BOSCH, D. J. **Missão transformadora**. Mudanças de paradigma na teologia da missão. Trad. Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

BOUYER, L. **Introduzione ala vita spirituale**. Roma: Edizione Borla, [19--].

BROWN, I. C. **Understanding others cultures**. NJ. Prentice-Hall. Englewood Cliffs. NJ. 1963.

BRUSTOLIN, L. A. **O futuro em questão: a esperança entre os jovens universitários**. Anais do Congresso da SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. **Mobilidade religiosa. Linguagem – Juventude – Política**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2012.

CAETANO, L. **Semeando café e disseminando a fé**. Maringá: Caiuás, 2014.

CALDAS, C. **As ondas estrangeiras no Brasil** in WINTER, Ralph D. (Ed.), HAWTHORNE, Steven C. (Ed.), BRADFORD, Kevin D. (Ed.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**: coletânea de textos de autores nacionais e estrangeiros explorando as perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégia no movimento de evangelização mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CAMARA, H. **Família**: missão de amor. São Paulo: Paulinas, 1997.

CARDOSO, M. “**No sentido da vida. Em diálogo sobre a prevenção da vida**”. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20327/20327.PDF> . Acesso em 02.05.2019.

CARRIKER, T. **Missão integral**. Uma teologia bíblica. São Paulo: Sepal, 1992.

COGNET, L. **La Spiritualita Moderna**. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1974  
CNBB. **Evangelização da Juventude**: Desafios e perspectivas pastorais. Documento da CNBB 85. São Paulo: Paulinas, 2007

Conselho Episcopal Latino Americano. **Pastoral da juventude**: sim à civilização do amor. São Paulo: Paulinas, 1987, p.118.

CULLMANN, O. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

DICK, H. **Gritos silenciados, mas evidentes**: Jovens construindo juventude na História. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Neotéfilo**: conversas sobre assessoria para grupos de jovens. São Paulo: Loyola, 2005a.

ESCOBAR, S. **Desafios da Igreja na América Latina**: história, estratégia e teologia de missões. Viçosa: Ultimato, 1997.

FONSECA, A. B. e NOVAES, R. **Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade**: uma primeira aproximação. In: ABRAMOVAY, M. ANDRADE, E. B. ESTEVES, L. C. G. (orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2007.

FORTE, Bruno. **A Igreja – Ícone da Trindade (Breve Eclesiologia)**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

\_\_\_\_\_. *Piccola introduzione alla vita cristiana*. Milano: San Paolo, 1995.

FOSTER, R. J. **Celebração da disciplina**: o caminho do crescimento espiritual. São Paulo: Editora Vida, 2004.

- FRANCISCO, PP. **Laudato Si.** Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si\\_po.pdf](https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf). Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 16:22h.
- \_\_\_\_\_. **Encontro com os voluntários da XXVIII JMJ.** Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papafrancesco\\_20130728\\_gmg-rio-volontari.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papafrancesco_20130728_gmg-rio-volontari.html). Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 16:23h.
- \_\_\_\_\_. **Evangelii Gaudium.** Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost\\_exhortations/documents/papafrancesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium\\_po.pdf](https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf). Acesso em 10 de janeiro de 2017 às 16:25h.
- \_\_\_\_\_. **A Igreja da Misericórdia:** minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.
- FREITAS, M. V. ABRAMO, H. W. LEÓN, O. D. **Juventude e adolescência no Brasil:** referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- GREGO, C. **L'esperienza religiosa.** Essenza valore verità. Unitinerariodi filosofia dellareligione. Torino: Edizione San Paolo, 2004.
- GRÜN, A. **Jejuar:** corpo e alma em oração. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GUSSO, Pe. E. C. **Pastoral Universitária:** uma proposta concreta. São Paulo, Ed. Loyola, 1977.
- HERVIEU-LÉGER, D. **Le pèlerin et le converti:** la religion em mouvement. Paris: Flammarion, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HIEBERT, P. G. **Transforming Worldviews.** US: Baker Publishing group, 2008.
- HOWE, N; STRAUSS, W. **Millenials Rising – The next great generation.** Vintage Books – Random House Inc., Nem York, NY, 2000.
- JOSAPHAT, C. **Vaticano II:** A Igreja aposta no amor universal. São Paulo: Paulinas, 2013.
- KASPER, W. **A Igreja católica.** Essência, realidade, missão. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- LANCASTER, L. C.; STILLMAN, D. **O Y da questão:** como a Geração Y está transformando o mercado de trabalho. São Paulo: Saraiva, 2011.

LÉON, J. A. **A caminho de uma evangelização restauradora**. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

LIBANIO, J. B. **Para onde vai a juventude?** São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. **Jovens em tempos de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004.

LONGUINI NETO, L. **O novo rosto da missão**. Os movimentos ecumênicos e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.

MENEZES, J. **Missão no contexto estudantil**: o desafio de servir a Deus no campus, in KOHL, M. W.; BARRO, A. C. **Missão integral transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005.

MOLTMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André (SP): Academia Cristã, 2011.

\_\_\_\_\_. **O espírito da vida**: uma pneumatologia integral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MENEZES, R. (org.). **As religiões no Brasil**. Continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, S. **Geração Y**: o nascimento de uma nova versão de líderes. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

PADILLA, R. C. **Missão integral**: ensaios sobre o Reino e a igreja. São Paulo: FTL-B e Temática Publicações, 1992.

\_\_\_\_\_. **O que é missão integral?** Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009.

PEDROSA-PÁDUA, L.; MELLO, Z. (orgs.). **Juventude, religião e ética**: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa 'Perfil da Juventude na PUC Rio. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2010.

PETERSON, E. H. **O pastor contemplativo**: voltando à arte do aconselhamento espiritual. Rio de Janeiro: Textus, 2002.

RAHNER, K. **Saggi sulla Chiesa**. Roma: Edizioni Paoline, 1966.

RAMOS, R. L. **Lições aprendidas na Universidade da Babilônia**: o "crente" e o mundo universitário. *Vox Scripturae*, Vol./No. 4/1.

RIBEIRO, J. C. **Religiosidade jovem**: pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola, 2009

ROCCA, S. M. **Resiliência, espiritualidade e juventude**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.



SANTA TERESA DE JESUS. **Castelo interior ou Moradas**. 4. Ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013**. Brasília, 2013.

SIMELL, G. **La religione**, em Saggi di sociologia della religione. Roma: Borla, 1992.

SÍNODO DOS BISPOS. XV Assembleia Geral Ordinária. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**. São Paulo: Paulinas, 2017.

SPELLER, P; ROBL, F; MENEGHEL, S. M. **Desafios e perspectivas da Educação Superior Brasileira para a próxima década**. Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012.

STEUERNAGEL, V. **A missão da igreja**: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão, 1994.

STOTT, J. **A Igreja autêntica**. Viçosa, MG: Editora Ultimato; São Paulo: ABU Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **A missão cristã no mundo moderno**. Trad. Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010.

\_\_\_\_\_. **O incomparável Cristo**. São Paulo: ABU, 2006

TAYLOR, C. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

TAPSCOTT, D. **Grow up digital**: How the Net Generation is Changing Your World. McGraw-Hill, New York, 2008.

TILICH, P. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

TOZER, A. W. **Esse cristão incrível**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínica-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VELASCO, J. M. **La transmisión de la fe em la sociedade contemporânea**. 2. ed. Santander: Sal Térrea, 2002. (Col. Pastoral 67)

ZABATIERO, J. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo cristão, 2005.

Pe. ZEZINHO, scj. **Meu cristo jovem foi ficando adulto**. Edições Paulinas. São Paulo, 1982.

ZWETSCH, R. E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

CRUZ, E. C. P. **A nova velha juventude**: modernidade, mudança social e questões geracionais nas representações dos *Millenials*. Dissertação de Mestrado –

Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MACHADO, J. V. V. **Juventude Batista Brasileira**: a mobilização e o preparo de líderes de ministério de juventudes batistas no Brasil. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MABILLE, F. **Religions e mondialisation**: nouvelle configuration, nouveaux acteurs. Archives des Sciences Sociales, 2003. Disponível em <http://assr.revues.org/1500?file=1>. Acesso em 28 de jun de 2017.

## 8 Anexo

### **Transcrição das entrevistas com os estudantes evangélicos da Universidade Estadual de Maringá**

*As frases em negrito são as perguntas feitas pelo pesquisador. As respostas estão registradas em seguida.*

Entrevistado 1

Idade: 19 anos

Solteiro

Curso: Enfermagem, segundo ano

Igreja: Assembleia de Deus

Cidade: Paysandu/PR

#### **O que levou você a escolher o seu curso?**

E1: Tantas coisas... Mas, bom, mais foi por vivência com minha família. Teve uma época quando era mais adolescente, com 14 anos, que meus avós ficaram muito doentes, e era só eu que ficava com eles em casa. Então eu cuidava deles, fazia todo procedimento de curativos, limpeza, e tal... Minha avó sempre falava que eu seria enfermeira. Eu falava: “Deus me livre”! Mas, depois que eles faleceram foi alguma coisa assim tipo muito forte, fez com que eu... ahh Enfermagem. Depois eu fui ver o trabalho de enfermeira como que era e eu comecei a gostar e me apaixonar. Daí fiz vários vestibulares e aí consegui passar. Uma coisa também muito legal foi quando descobri como a Enfermagem moderna foi fundada, através de Florence Nightingale, foi um chamado de Deus para ela. E quando eu vi isso, daí eu pensei, “ah meu Deus, acho que é isso mesmo que o Senhor quer, eu vou, eu vou tentar”, e estou gostando, graças a Deus.

#### **Por que escolheu a UEM?**

E1: Ah, primeiro quanto à facilidade de não ter que pagar. Seria muito difícil se tivesse que pagar a faculdade, trabalhar e estudar. Eu admiro quem consegue, mas acho que eu não conseguiria. Segundo, porque é uma universidade que tem um

certo nome, tem um certo valor no currículo das pessoas, por ser estadual. Então, quando você fala que faz UEM as pessoas ficam “Uau, você faz o quê?” Enfermagem. Aí as pessoas falam: “Por que vê não faz Medicina?” Aí eu fico: “Ah meu Deus...” Faz diferença.

### **Além de estudar você trabalha?**

E1: Eu não trabalho, mas minha tia, com que eu moro, tem uma empresa que promove, decora festas e eventos e eu a ajudo nesses eventos.

### **Quanto tempo você passa em média na UEM?**

E1: Pelo curso ser integral, eu nunca contei. Vamos ver... A primeira aula é 7h45 e a última aula à tarde termina 17h15. Esse período todo eu fico aqui. E no dia de quarta-feira eu fico até às 10h da noite, pois atendo no museu. Então é muito tempo. Como eu faço parte de um projeto e as horas do projeto não cobrem a bolsa que recebo, então eu faço atendimento no museu da UEM. Tenho bolsa, consegui esse ano. Já atuava no projeto voluntariamente e agora sou bolsista.

### **Como e quando você se tornou cristã?**

E1: Essa história é longa. Minha mãe não era evangélica, meus pais não eram evangélicos. Só que quando tinha 4 anos de idade minha mãe morreu, ela se suicidou, então só tinha eu e meu irmão mais novo e fui morar com meus avós. Meus avós eram cristãos. Dos 4 aos 8 anos de idade eu frequentava a igreja, participava do grupo das crianças, aceitei a Jesus com 7 anos de idade. A igreja era a Assembleia. Só que daí, com 8 anos de idade, meu pai arrumou uma outra esposa e eu fui morar com eles. Daí, dos 8 aos 13 anos eu fiquei muito distante de Deus, porque eles não iam na igreja, eles não gostavam. Acho que essa época moldou meu caráter, porque pegou o final da infância até o começo da adolescência. Eu me recordo muito dessas coisas, dessa época. Foi uma época muito ruim da minha vida, porque meu pai viajava muito, ele trabalhava muito. A gente nunca convivia junto. Meu irmão ficou com minha avó e eu fiquei com meus pais. Eu apanhava muito, fazia o serviço doméstico, se eu não fizesse, eu era espancada. Sabe o conselho tutelar, eles iam muitas vezes lá em casa por denúncias dos vizinhos, porque era feia a situação. Quando eu tinha 12 para 13 anos, eu fugi de casa e voltei para casa dos meus avós. Eu não queria voltar para aquela casa de forma alguma, meus avós

me receberam, cuidaram de mim, daí ficou tudo certinho. E daí eu não voltei mais a morar com meu pai. Aos 13 eu voltei para a igreja e estou lá desde então. Não quero sair, nem pretendo.

### **Você participa de algum grupo religioso na faculdade?**

E1: Assim, eu frequento as reuniões. Eu não sou assim, vinculada. Mas, ano passado eu ia muito na CEU, Comunidade Evangélica, né? Eles fazem ali na capela ecumênica. Eu ia muito. Esse ano os horários não conseguem bater. Daí, começou o Dunamis Pockets, daí bate certinho e eu vou toda semana.

### **O que é a CEU?**

E1: Têm muito anos que tem esta reunião da CEU. Pelo que eu sei, não sei se é o certo, foi o que o líder Diogo me contou. Começou com os professores, reuniões dos professores evangélicos, e eles cantavam, eles compartilhavam a Palavra, daí começou a ir os alunos. Hoje quem lidera é o Diogo, ele é missionário da JOCUM. E ele faz este trabalho, tem duas reuniões semanais.

### **Esta reunião dura quanto tempo?**

E1: É uma hora de reunião, das 18h às 19h.

### **Quantas pessoas costumam participar?**

E1: Ano passado quando eu ia dava bastante pessoas. Entre vinte e quinze, eu considerava bastante. Este ano não está indo o mesmo tanto. Caiu bastante, vai 7, 6, depende do dia.

### **O que vocês fazem nesta reunião?**

E1: A gente chega lá e canta, ele já leva os hinos, as letrinhas prontas, para quem não conhece acompanhar. Tem um violão, a gente canta uns 4 hinos. Depois a gente ora uns pelos outros. De preferência com quem a gente não conhece. Pergunta como foi a semana e tal. Sempre varia as pessoas. Tem aquelas fixas, mas sempre tem alguns visitantes. A gente pergunta como foi a semana, o que ela precisa de oração. A gente ora por elas, elas oram pela gente. Depois tem a palavra, geralmente é o Diogo que traz a palavra, e no final a gente ora de novo.

**E o Pockets, o que é?**

E1: O Pockets é quase a mesma coisa, mas tem uma *vibe* mais evangelística, eu considero, eu acho. Eu vejo muito mais pessoas não cristãs indo. Tem aqueles cristãos que vão sempre, como eu, mas eu vejo muitos visitantes que vão, gostam e voltam. Um pouco diferente da CEU, onde o visitante não volta. Dá mais ou menos 25 pessoas sempre por lá.

**Por que você acha que vão mais pessoas em um e menos no outro?**

E1: Olha, então, não sei, não faço ideia do porquê, mas o Pockets, eu não sei se é porque é um jovem, uma pessoa mais jovem, um universitário que guia, que ministra que é o cara que está treinado para isso. Tem todo um treinamento que precisa fazer, ele vai pra Curitiba, depois volta para poder fazer isso. Ele é um rapaz do terceiro ano de engenharia. Ele conversa de uma forma mais normal, mais natural dele, e eu não sei. Eu gostava mais da CEU. Eu preferia mais a CEU. Lá tinha mais Bíblia. Ali no Pockets tem mais mover do Espírito Santo, mas na Palavra deixa a desejar, sabe. Talvez seja isso, as pessoas sejam mais levadas pelo emocional lá e daqui na CEU não.

**Por que você vai nessas reuniões?**

E1: Porque, primeiro, eu sempre gosto de levar alguém comigo. Eu sempre gosto de levar um amigo meu para conhecer. Talvez eu não consiga falar de Jesus direito e levando lá, ele indo lá, escutando, talvez ele possa ouvir e conhecer Jesus. Mas, também porque eu sinto falta disso dentro da universidade, eu passo a maior parte do meu tempo aqui, e é difícil às vezes você parar e falar com Jesus e tal, e você tendo aquele compromisso todo dia, você vai e é o seu tempo com Ele. Por isso, acho muito importante, e o horário bate, por isso eu vou.

**Você já viveu algum conflito na fé neste período da universidade?**

E1: Assim, na verdade não, não para o lado tipo que a universidade faça. Por exemplo, não é igual a um curso de Filosofia que eu acho que vai mais, que bate mais de frente com a fé e com a religião. Meu curso não tem muito isso, graças a Deus. Então, em questões de teorias não. Amizades, talvez um pouco, porque assim, evangélicos, pessoas que estudam comigo só descobri esse ano que estudavam comigo que eram evangélicos. Eu não sei o que acontece. Se escondem sabe, não

sei, simplesmente, somem, então você não consegue saber quem é, quem não é cristão para você se aproximar e fazer amizades. Então quem está ali você fez amizade com aquele grupo e a maioria, maioria, tipo 80% é só festas, eles só sabem falar dessas coisas, não é nada produtivo, e você fica no meio dessas pessoas e você só ouve falar disso e não tem nada para falar. Se você falar, eu não sei, às vezes você tipo, meu Deus eu estou muito fora, não pode ser, o que que é isso, alguns momentos em fiquei meio que, poxa vida, será que isso tem sentido mesmo, eles estão se divertindo tanto, eu não faço nada, mas aí você para e chega o final de semana e você vai à igreja e você entende que é aqui mesmo que quer estar, mas sim, amizades e influências, só isso mesmo na universidade. Acho que é isso.

**Você tinha algum medo de entrar na universidade, por causa de sua fé?**

E1: Não, nunca tive, mas minha família tinha muito. Eles achavam que eu ia desviar ao entrar aqui, Meu Deus, ainda mais na UEM, porque a UEM é perversa. Eles achavam que eu ia entrar aqui e ia mudar minha mente, mudar minha atitude, mas eu mesmo nunca tive medo. Minha tia ainda falava, eu não sei se fico feliz ou com medo de você ter passado.

**Como é seu vínculo com a igreja local?**

E1: Eu participo de um grupo de louvor lá, muito frequente. Todo sábado, todo domingo. Eu vou mais aos sábados que é culto de jovens. Só que todo sábado tem célula às 10h, e toda célula eu vou. E todo domingo a gente toca. Tem escola dominical, monto algumas coreografias. Estou sempre lá.

**Em sua igreja tem algum tipo de trabalho específico para preparar o jovem para entrar na universidade?**

E1: Não, não tem, tipo assim, de 100% dos jovens que a gente tem lá, 40% é de universitários, mas a gente nunca recebeu nenhum tipo de preparativo, nenhum tipo de aconselhamento para entrar ou durante por parte dos líderes não. A gente tenta, por exemplo, se ajudar. Na célula a gente tenta se ajudar, a gente desabafa muito; então seria mais a célula mesmo. Aí a gente mesmo se ajudando, mas por parte da igreja não.

**Como você descreve sua relação com pastor de sua igreja?**

E1: A minha melhor amiga é filha do pastor, então estou sempre na casa dela, estou sempre na casa do pastor. É tipo assim, é super, é entre aspas, porque para algumas coisas eu tenho certo medo, o pastor tem assim uma cara fechada, todo mundo acha que ele é brabo e tal, se vê no dia a dia ele não é, mas a gente sabe que ele não é, ele é muito gente fina, mas muitos jovens têm medo. Minha relação com ele é boa.

**Qual é a idade dele?**

E1: Ele tem uns 60 anos, eu acho.

**Você já conversou com ele a respeito de alguma coisa da sua universidade?**

E1: Eu não, nunca. Sobre a faculdade não.

**Você frequenta cultos de outras igrejas?**

E1: Sim, eu gosto muito de ir para outras igrejas, quando tem ou quando dá, quando eu não estou tocando no louvor. Eu gosto, qualquer uma que tiver um culto jovem, alguma coisa que chame minha atenção.

**Alguma outra de alguma religião ou sempre evangélica?**

E1: Até hoje sempre evangélica. O único contato que tenho com a igreja católica é nos eventos que trabalho, nos casamentos, então é o único momento ali. Na infância eu ia na Testemunha de Jeová, porque meus vizinhos eram de lá.

**Quem é Jesus para você?**

E1: Jesus para mim, Ele é o meu parceiro, é o meu amigo. Assim como converso com você eu converso com Ele. Só que ao mesmo tempo, sei lá, Ele é meio maluco, porque eu falo com Ele: “ - Você é Deus cara? Por que você fez isso? Não acredito como você veio aqui e morreu por mim! Eu não merecia...” Eu tenho uma relação com Jesus meio assim: umas horas Ele é muito meu amigo, outras horas eu não acredito que você fez isso, é difícil acreditar. Eu queria estar lá, eu queria estar lá naquela época para ver se era verdade mesmo. Sei lá, eu acho que Ele é muito grande, e eu fico meio constrangida de chegar perto dele e tratar Ele de



amigo, mas como eu preciso muito, eu trato Ele de amigo. É meio assim, é meio engraçado isso.

### **O que você pensa a respeito da homossexualidade?**

E1: Eu era muito preconceituosa. Antes eu não tinha contato, então eu era pelo aquilo que a religião falava que era pecado, que era aquilo, e eu não tinha nenhum contato com nenhuma pessoa, então eu discriminava. Eu não quero ser amiga de quem é assim, isso é abominável. Quando comecei a estudar no ensino médio, que eu comecei a viver e conviver com pessoas assim, eu vi que nada haver, são pessoas, muitas vezes, que até são melhores que muitos amigos que estão na igreja. Então a opção sexual, eu sei que não está agradando a Deus, mas eu não sou Deus, então hoje eu vejo totalmente com outros olhos. São pessoas normais, são pessoas tipo que muitas vezes eu até prefiro conversar com eles, porque são mais divertidos, eu não sei se são todos, mas todos os que conheci pelo menos.

### **E drogas?**

E1: Eu acho algo muito pesado, drogas. Apesar de ter entrado na universidade e ter visto que é a realidade dos jovens. Porque alguns lugares que você passa pela UEM você vê, ainda mais quando vai anoitecendo, isso é algo que impacta muito a mim, sei lá, só que, por exemplo, eu tenho casos na família, nunca vi chegar a usar, mas soube. Eu acho errado. Não sei como a pessoa consegue usar, não sei, é algo fora da minha realidade, apesar de como eu disse ter casos na minha família, continuou sendo fora da minha realidade, porque nunca deixaram eu ter contato. Minha tia ficava sempre muito triste, porque eu via ela chorando, porque ela sabia que isso acabaria com a família dela. Eu acho que é algo muito ruim, porque acaba com a vida das pessoas, qualquer droga, lícitas e ilícitas. Então meio que, sei lá, eu teria sim preconceito de ser amigo de alguém que usa, por exemplo.

### **Relação sexual?**

E1: Por eu ser de um curso da saúde, eu vejo como algo natural, tanto que a gente precisa orientar muito cedo adolescentes, mães grávidas muito cedo, é algo que está aí, né? Mas, quanto a certo e errado, sexo antes do casamento é errado, é pecado, eu não faria, mas eu não posso dizer isso para as pessoas, esta é a minha

concepção, é a minha fé, o que eu acredito. O que posso fazer é orientar elas a se protegerem de doenças.

### **Aborto?**

E1: Sou totalmente contra o aborto, contra, contra... se bem que isso é algo que vai contra a fé no meu curso, porque muitos professores apoiam o aborto, eles acham que a criança não deve nascer para não sofrer, mas eu não consigo enxergar desta forma, eu não consigo, aborto para mim é crime, é matar, desde sei lá a concepção, a partir da mórula já, parar aquela vida já é um crime.

### **Você tem alguma pergunta que você gostaria de fazer sobre este assunto ou algum comentário?**

E1: Bom, estou ainda no segundo né, então teria que estar no último ano para ter certeza disso, mas isso que falam de entrou na universidade, que vai se desviar, que isso vai entrar em sua cabeça, não acho que seja concreto, real, estou firme até hoje, não me deixei levar pra nenhum lado, apesar de ter tido influências e tal, é algo que você, se tem a sua fé ali, se você sabe o que é o certo e o que é errado, você não vai deixar se perder do seu caminho, por causa da universidade. Pelo contrário: eu acredito que a universidade foi um presente de Deus para mim, entendeu? Então de forma alguma eu posso desagradar a Ele aqui dentro, porque é um presente de Deus para mim e eu gostaria que todos os cristãos que entrassem aqui pudessem ver isso, ter este entendimento. Mas, infelizmente, não é isso o que a gente vê, e talvez, se a gente tivesse mais dentro das igrejas, mais aconselhamento, talvez isso melhorasse muito, se tivesse gente mais disposta a te ajudar, você pudesse se abrir, por exemplo, como eu me abri para muitos amigos que são cristãos, que estão aqui, de falar, “meu, eles vão para festas, eles fazem tudo, tal, e é legal, e eles tiram notas melhores que as minhas, como isso?” E poder falar, “Não Mika, é diferente...”. Se todas as pessoas tivessem este aconselhamento, acho que menos aconteceria.

### **O que você acha que te ajudou nesses dois anos a manter sua fé?**

E1: Eu acho que primeiro as experiências de vida, pelo fato de ter vivido muita coisa ruim, e depois de ter conhecido a Jesus, poder ter segurança, mesmo acontecendo coisas ruins. Outra coisa que me ajudou foram os outros amigos

cristãos, não os que tenho contato em sala de aula; os outros que são da minha igreja, não só os da UEM, mas de outras faculdades. Poder conversar com eles, ver que eles estão firmes, que é possível sim, isso ajudou muito. E pelo fato do meu curso ser muito tranquilo também, pois eu sei que têm outros cursos que são diferentes do meu, não têm tanta facilidade de lidar, os professores não são aqueles que falam que você tem que amar o próximo, que tem de cuidar do próximo, que tem de dar a vida pelo outro, eles ensinam isso em sala de aula. É um curso que fala mais sobre cuidar do próximo, mais amar o próximo, diferentes dos outros, talvez isso seja uma diferença também. O que mais me ajudou? Eu diria que os grupos que eu vou, mas não sei se ajudaram tanto, acho que sim. Sempre tem um dia que você está meio assim, você vai lá e recebe uma palavra de Deus, se anima, inclusive no grupo mesmo você tem uma convivência com outros jovens que estão vivendo as mesmas coisas que você, então ajudaram sim, tanto o Pockets como a CEU.

Entrevistado 2

Idade: 20 anos

Solteiro

Curso: Engenharia de alimentos – terceiro ano

Igreja: Igreja Batista Ebenézer

Cidade: Nova Esperança/PR

### **Por que escolheu a UEM?**

E2: Acho que a UEM tem um nome bom, acrescenta muito no currículo só pelo nome, não queria pagar uma particular. O pessoal da região estima bastante a UEM. Eu tentei outras faculdades além da UEM, mas acho que não é totalmente confortável, mas é mais confortável do que ficar longe da minha família.

### **Por que escolheu Engenharia?**

E2: Me pergunto todos os dias isso. Bom, na verdade eu tive muita dificuldade, porque gosto de muita coisa, muitas mesmo. A princípio queria fazer Arquitetura, só que eu estava em um propósito com Deus e perguntei se realmente era o curso que Deus queria que eu fizesse e foi um momento que eu tive um confronto muito grande e Deus falou que não era isso que eu devia fazer e era o que eu queria e eu bati o pé por um bom tempo. E Deus me mostrou este curso e eu comecei a pesquisar sobre ele. Eu prestei o vestibular, eu passei e foi quando vi que seria o propósito de Deus para a minha vida. Eu não sei mais o que pode acontecer, mas até então eu acho que está tudo certo. Deus está me capacitando, me ajudando em todas as dificuldades.

### **Então, a fé foi importante para sua escolha de curso...**

E2: Nossa... foi. Desde pequena sempre na igreja meus pais me ensinaram a perguntar pra Deus quais seriam os sonhos Dele, mesmo com as minhas vontades. Porque eu falo: eu sou uma pessoa que planeja tudo, eu planejo daqui a 5 anos, daqui a 10 anos, só que desde que entrei na igreja Deus me pediu para que Ele fizesse parte dos meus planos também. Então eu busco sempre nas minhas decisões, principalmente importantes, né? Que é um curso para a vida toda, para ver mesmo a vontade de Deus. E eu também gosto, não vou dizer que gosto de física, cálculo,

porque é difícil, mas a área em que eu achei interessante, eu me simpatizei. Acho que Deus me conhece mais do que eu mesma.

### **E como é que foi que você se tornou cristã?**

E2: É longa história, viu? Na verdade, não era nem para eu estar no Brasil. Minha família estava bem estável no Japão, a gente estava com uma vida bem estável no Japão. Só que minha mãe estava grávida de 8 meses e meu pai ficou doente. Aí, eles estavam com suspeita de ter câncer ou hepatite, não sei, e eles acharam melhor fazer o tratamento aqui no Brasil e até então nós não conhecíamos Jesus nem nada e aí nós viemos e tivemos um período complicado e nos estabelecemos aqui e meu pai voltou pro Japão pra trabalhar. Ai, ele retornou e o ladrão assaltou nossa casa, na primeira semana que ele voltou. Meus pais entraram em depressão, minha mãe era envolvida com umbanda, ela recebia entidades, era então bem uma “farofa”, tinha macumba, catolicismo, budismo, antepassados japoneses, era bem complicado. Até que chegou um ponto onde meus pais não estavam mais trabalhando, e estávamos vivendo de uma renda de um sítio que meu pai tinha, aí o Senhor falou que ele não ia precisar mais do sítio. Aí minha mãe entrou em desespero e ele falou assim: “- Olha, talvez eu possa apresentar um Jesus que talvez vocês não conheçam”. Foi então que o meu líder hoje começou a discipular minha família, começou uma célula lá em casa e minha família não foi fácil, foi bem difícil, meus pais são muito céticos, eram bem céticos. Até que chegou um ponto que eles tiveram que provar a fé deles por eles mesmos. Nosso líder chegou assim: não vou encher mais linguiça, vocês estão já há um bom tempo, então chegou a hora de vocês decidirem se vocês realmente querem ou não. Foi aí então que começamos a frequentar a igreja. Minha mãe até foi conversar com o padre. Eu acho que foi depois de tudo isso que começamos a ir na igreja. E acho interessante que a minha conversão não foi em momento nenhum obrigada pelos meus pais. Eu ia tanto na igreja católica quanto na evangélica, sabe, na escola dominical. Aí quando eu fui receber minha primeira eucaristia, eu desisti, e resolvi batizar na igreja evangélica. Quando eu fiz a minha escolha. Foi há dez anos atrás, tinha dez anos quando isso aconteceu.

### **Além de estudar, você também trabalha?**

E2: Eu trabalho na empresa júnior da UEM.

### **Quantas horas você passa em média por dia na faculdade?**

E2: Nossa, eu só não durmo na faculdade. Eu acho que umas 4 horas pela manhã, umas 5 horas à tarde, às vezes 9 horas da noite... umas 12 horas eu devo passar. Às vezes até mais, tem dia que é até mais, mas tem dia que eu não vou.

### **Você participa de algum grupo religioso na faculdade?**

E2: Eu estava indo na CEU, do Diogo, só que pela correria assim eu não consigo ir todos os dias, que é terça e sexta, só que quando dá eu vou. E às vezes eu vou no *40 minutos*, grupo da Haysa, que ela mora comigo, então sempre que posso eu estou indo lá.

### **O que é a CEU?**

E2: É uma célula dos jovens da UEM, cristã. Eu vejo assim que não prega a placa da igreja, isso eu acho muito interessante, porque se você perguntar você vai ver que têm pessoas de vários lugares, e a gente consegue compartilhar a Bíblia, ler, orar. Só que eu acho que é um momento bem, não chega a ser profundo sabe? É um momento que a gente está ali para se ajudar mesmo, para a gente não se esfriar, para a gente estar buscando mesmo no meio da correria, estar buscando a Deus.

### **E os 40 minutos?**

E2: Bem, eu acho que os 40 minutos já tem um foco diferente da CEU. Porque a CEU geralmente vai o pessoal cristão, pessoas já convertidas. Mas no *40 minutos* têm muitas pessoas que não conhecem a Jesus, estão tendo o primeiro contato, sabe? São amigos do curso, pessoas de outras religiões que vão para conhecer, eu acho que mais pelo vínculo da amizade assim para estar ajudando, para poder apresentar, porque eu acho que quando é amigo você tem uma barreira menor para você estar apresentando, então eu acho que é isso.

### **Você falou que mora com a Haysa e ela me contou que tem mais duas amigas que moram juntas. Por que você foi morar com outras estudantes evangélicas?**

E2: Um ponto importante foi que um dos meus propósitos foi que se eu fosse mudar eu queria uma pessoa que me ajudasse na questão da fé mesmo. Porque eu vejo assim: longe dos meus pais, eles investem muito em mim espiritualmente aqui

em casa, só que eu estaria por mim, só por mim, e ter um apoio em casa com as amigas sabe, a gente senta e conversa sobre a Bíblia, sobre os casos da semana, acho que isso seria muito importante e por benção de Deus as quatro conhecem, nós quatro conhecemos a Deus, e Deus fez tudo perfeito.

**Você nesses três anos de universidade, você já viveu ou está vivendo algum conflito na fé neste período?**

E2: Nossa, hoje eu vejo que estou melhor, estou bem, porque eu superei, mas eu passei sim. Logo no começo, no meu primeiro ano, era ainda tranquilo, no meu segundo que começou a complicar, porque o círculo de amizades muda muito. Porque no ensino médio, os meus amigos sabiam quem eu era, e eles me respeitavam muito. Eles sabiam os limites que eu tinha. Certos assuntos eles não conversavam comigo. Agora, meus amigos da faculdade eles são... sei lá, são desvirtuados [risadas], eles não têm limites sabe? E chegou a um ponto que tive que colocar na balança algumas amizades ou a fé, algumas atitudes, sabe? Até onde minha mente estava aberta, até onde ela estava sendo corrompida? Então teve um momento em que eu tive que fazer mesmo uma reflexão, tive que parar e pensar o que eu estava fazendo da minha vida.

**Você tinha algum medo ou algum temor de entrar na faculdade, por causa de sua fé?**

E2: Eu tinha, mas eu acho que não pensava tanto. Ah, como eu posso dizer? O meu medo da faculdade era em relação a como eu investiria meu tempo, eu achava que com Deus estaria tudo bem, eu não teria dificuldades, mas algumas coisas que eu me deparei que achei que não teria dificuldades, mas eu tive que pensar sim. Até um certo ponto que eu pensei, na verdade, eu fui pensar neste medo na faculdade. Quando entrei, antes eu queria muito entrar na faculdade, mas eu não tinha certeza do que iria acontecer. Como que funcionavam as coisas, acho que era mais por conta disso.

**E seus pais que são evangélicos, eles tinham algum medo?**

E2: Eles são pastores. Meus pais confiam muito em mim. Até hoje meus pais foram muito rígidos comigo. Meus pais limitavam muito onde eu ia, com quem eu ia. Até o ponto que minha mãe teve uma conversa comigo que ela falou: “- Filha,

até hoje, tudo o que eu podia te ensinar, eu te ensinei, de forma que estou com a mente tranquila de te liberar para o mundo e saber que você vai saber quais serão suas atitudes”. Então, eles cuidam sim de mim, eles ligam para mim, eles sempre pagam um preço muito grande, eles oram, mas eu acho que a tomada de decisão eles deixaram muito livre para mim, minha mãe sempre falou assim, que eu posso aprender com os erros dos outros, mas se eu tiver que aprender com meus erros, que eu vou ter que aprender; então foi mais isso, eles estão sempre cuidando, eles sempre ligam, eu sou sempre aberto com eles.

**Em sua igreja tem algum tipo de trabalho específico para preparar o jovem para entrar na universidade?**

E2: Nossa, eu acho que isso faz falta, viu? Eu mesmo penso em fazer isso com meus amigos, com as pessoas que estão à minha volta. Temos o grupo de jovens, temos os estudos semanais, que nos ensinam sobre a vida em geral. Só que eu vejo em si que o apelo dos jovens da minha igreja à faculdade não é assim muito alto. Têm até muitos jovens que não fazem faculdade, sabe? A igreja está incentivando eles a ter uma perspectiva de vida, mas não tem nada assim espiritualmente preparado. Eu geralmente vou conversar com meu líder, com meus pais, ou com os pastores que cuidam dos jovens.

**E quem são esses líderes?**

E2: Então, são um casal de pastores e têm mais 3 casais que já ajudam com os jovens. A princípio, eu não era muito próximo aos pastores que cuidavam dos jovens, porque muitas coisas eu resolvo mesmo com meus pais em casa e com meu líder de louvor, porque eu canto na igreja também; então eu resolvi muitas coisas com ele, porque é uma pessoa que acompanhou meu crescimento desde pequena, ele me conhece, eu acho mais fácil; já sabe o contexto da minha vida, ele conhece a forma como eu penso, então é mais fácil perguntar as coisas para ele do que com meus pastores.

**Você costuma frequentar cultos de outras igrejas?**

E2: Bom, eu frequento duas igrejas na verdade: a igreja em Nova Esperança e a igreja dos meus pais que é uma igreja filha, só que em outra cidade. Eu ajudo



nestas duas igrejas, da mesma filiação. Eu vou visitar outras igrejas, mas não com tanta frequência.

### **E de outras religiões?**

E2: No colégio eu frequentava porque era obrigada, porque estudava em um colégio de freiras, então acabava frequentando as missas. Na parte budista, às vezes eu me envolvo muito por causa da minha avó, por causa da família, não que eu vá, que acredite, que frequente, mas sempre têm reuniões de família que eles fazem as tradições budistas, as missas de sétimo dia de mortos, sei lá, têm os parentes, então sempre tem, só que eu não frequento muito não. Tem a parte de umbanda que meus pais iam, nós tentamos já ministrar a essas pessoas, mas chegar e ir lá dentro e novamente observar, isso não.

### **Quem Jesus é para você?**

E2: Jesus é “mara”. Jesus para mim, eu acho que acima de tudo Ele é meu parceiro em tudo. Eu não tenho aquela visão de que Jesus é um carrasco, sabe... não sei, eu chamo Ele como um amigo mesmo para mim, porque, nossa... eu fico até emocionada, porque todo o momento é uma pessoa que eu posso estar conversando, coisas que eu não posso, sei que as pessoas não terão maturidade para entender, as pessoas não vão compreender, eu vou direcionado a Ele, a Jesus. É uma pessoa que testa as minhas habilidades, me faz crescer, e que eu sei que posso contar em tudo. Ele é demais, demais! Eu entendi que o laço que eu tenho, a intimidade que eu tenho com Jesus, vai muito além de Ele me dar a salvação; isso é importante, mas a misericórdia que Ele tem para mim a cada dia, isso me faz querer mostrar isso às outras pessoas também.

### **Você falou de mostrar isso às pessoas, como você tem feito isso?**

E2: Nossa, na faculdade, sinceramente, é muito difícil. Em pequenas coisas, em atitudes, exemplo, como os amigos acham que colar não tem problema, coisas como ficar, essas coisas não têm nenhum problema para eles, e eu deixo bem claro quais são os meus ideais, no que eu acredito. Às vezes, quando tenho uma oportunidade eu entro na parte da Bíblia, em Jesus, nos ensinamentos dele, mas eu vejo assim, ao invés de eu socar o evangelho obrigando eles a serem assim, eu tento mostrar de uma outra forma, através de mim. Meus pais sempre falam, para as

pessoas que não conhecem a Bíblia, nós somos o quinto evangelho. A Bíblia é falada através das nossas ações. Então eu busco ser sempre ética, sempre estar buscando as coisas certas, indo contra mesmo as atitudes do mundo.

### **O que você pensa sobre a homossexualidade?**

E2: Bom, eu deixo claro para todo mundo que eu não sou a favor, mas eu tenho muitos amigos que são. Eu trato eles com muito amor, sabe... eu tento entrar no psicológico para ver o porquê de eles serem assim, sou muito curiosa de encontrar as causas de ver o porquê não resolver isso. Isso é muito delicado, as pessoas falam que a gente não deve tratar como doença ou como um problema, mas eu vejo assim, eu conheço casos que são próprios da minha família, que foi através de um trauma, de coisas assim, e hoje estão bem. Não sei para outras pessoas que não conhecem o Evangelho, a forma que eu posso falar pode soar meio preconceituosa, mas eu não concordo, mas eu também não discrimino, sabe? Acho que são ótimas pessoas. Igual eu falo: você tem que odiar o pecado e não o pecador. Eu vejo mais isso.

### **E drogas?**

E2: Droga, eu não tenho contato nenhum. Eu fico pouco pasma de, em festas, ainda mais na Engenharia que as festas são bem grandes, são bem pesadas, que a droga rola solta, de forma normal. Eu, na verdade, era bem leiga sobre isso. Foi neste ano que alguns dos meus amigos vieram me explicar sobre essas coisas. Eu fiquei assustada assim. Eu não concordo, e não tenho contato nenhum. A imagem que eu passo transparece que eu sou o tipo de pessoa que não tem interesse nenhum nesse tipo de coisas.

### **E aborto?**

E2: Aborto... Eu acho que é assim, outro dia eu estava pensando sobre isso. Até conversei sobre isso em minha casa com as meninas que é complicado quando uma pessoa foi por um acidente, de ter filhos assim, não tem o que fazer, porque é uma vida ali e você foi responsável e eu acho que não tem aquele negócio de antes dos 4 meses não é vida, isso é besteira. Eu acho que a partir do momento que está ali não se deve jogar fora como se fosse um objeto, porque poderia ser você ali. Eu não concordo, e eu acho delicado que nem em casos de abusos e eu questionava

muito nesses casos não seria, mas sei lá, poderia ser entregue para adoção depois, mas acho que isso é meio complicado, porque ninguém tem culpa de nascer, de ser gerado, porque a vida é um bem de Deus e a gente não tem o direito de tirar de ninguém.

### **E relação sexual, o que você pensa?**

E2: Bom, eu fiz um propósito com Deus de me guardar, de santidade. Então, eu tenho isso bem estabelecido. Eu namorei uma vez e eu tive que terminar meu namoro, porque Deus começou a me pedir coisas que o meu namoro me impedia. Eu não cheguei a ter relações sexuais, nem nada, mas a forma que... como posso falar assim? Você sabe o que acontece. Meus pais sempre foram bem claros sobre isso também. Até que chegou um ponto que eu tive que escolher, sabe? Eu colocava minhas opiniões, olha, ou evitava de ficar andando em lugar que não tem ninguém, ficar sozinhos em lugares escuros, porque a gente sabe, tipo uma hora, entendeu? Aí até o ponto que escutei que isso era frescura, que quando eu ia parar com essas minhas bizarrices.... Escutei isso de gente cristã, de gente de igreja, de ministério. Foi então que eu percebi que teria que abrir mão. E eu guardo muito isso, eu prezo muito, porque... Eu gosto de ler também e eu li um livro quando Deus escreve sua história de amor e lá fala que nós achamos como a sociedade entrega para a gente que somos felizes quando temos alguém e nós não percebemos que as vezes que a canção mais doce, o momento que mais você pode aproveitar é quando você está solteira, eu acho que este é o momento que eu posso construir, aprofundar meu relacionamento com Deus. Porque quando você está com alguém aquela pessoa vai ter que trazer, vai contribuir com você espiritualmente, vocês vão buscar juntos, só que a busca é individual e este é o momento perfeito para eu estar buscando e isso Deus deixou bem claro, eu guardo meu corpo para o casamento. Para mim isso é muito precioso: este envolvimento com uma pessoa. Tipo, antes mesmo, eu acho, de eu ser evangélica, na minha casa, sempre, sabe? Este sentimento de uma pessoa, um simples beijo para mim é muito importante, tem muito valor, para eu sair por aí distribuindo para todo mundo.

**Dentro deste assunto, de viver a fé, enquanto universitário, você quer falar alguma coisa a mais sobre isso? Alguma coisa que você pensa, alguma pergunta?**

E2: Eu acho que... eu vejo muitos amigos assim que entraram e não conseguiram superar esta fase de esfriamento, para depois você olhar à sua volta e ver onde você está para se reafirmar e eu fico pensando do porquê disso? Se a pessoa não tinha, não estava firmada realmente em Cristo ou porque simplesmente se enfraqueceu e ela não conseguiu se levantar sozinha? E eu vejo assim: eu acho muito importante como a Bíblia fala de andar em dois, porque se um cair o outro levanta, porque muitos eu vejo que não conseguem passar por esta fase e se esfriam de certa forma assim e começam a tomar atitudes que são totalmente contrárias ao que acreditavam antes; e eu já tive experiências de estar em um ponto crítico e pedir a Deus para falar comigo, então Ele usar alguém para falar comigo e minha mãe ligar trazendo uma palavra e eu tipo não falava nada pra ninguém. Minha mãe só jogava e falava, “- Filha, Deus falou comigo, ler tal palavra...”. E eu lia, e era um tapa na minha cara. O jovem tem que estar preparado. Eu acho que as igrejas têm que alertar os jovens disso antes deles entrarem na universidade, destes perigos. Intimidade com Deus não é puramente porque é bonito, é uma necessidade mesmo, porque eu acho que a universidade é como uma selva, é cada um por si e se você não estiver bem equipado você não sai dali.

**Mas, então você conhece pessoas que esfriaram ou abandonaram a fé neste tempo?**

E2: Conheço, eu estou até conversando com uma amiga minha que acabou de entrar este ano e ela mudou muita coisa assim. Ela não está nem indo na igreja. Começou a namorar, ela baixou totalmente os princípios que ela tinha antes. Sabe as peneiras de encontrar uma pessoa para namorar? Ela nem pensou em nada, começou a namorar uma pessoa não cristã. Eu tento alertar, falar umas coisas, mas a partir de um momento as pessoas não escutam, então eu não sei, é só orar mesmo.

**Você saberia me dizer, você costuma ver mais gente esfriando ou abandonando a fé, o que você vê mais na universidade, pensando em evangélico?**

E2: Agente 007 (risadas). Na verdade, nem vejo em meu curso, mas eu não vejo.... Parece que os cristãos não se parecem cristãos. Você não consegue reconhecer quem é ou não é cristão. Só com conversas muito profundas e daí a pessoa revela. Mas, eu vejo muitos cristãos que chegam firmes, ou mais ou menos firmes, e desviam. Só que a maioria já entra sabendo das dificuldades que terão ali para aproveitar as coisas que vai ter. Os jovens sabem que vão ter as festas, a “pegação”, e isso é muito atrativo. E na minha igreja eu vejo gente que faz isso, sabe? Eu não sei se até certo ponto a pessoa entra e esfriou ou se ela já estava assim.

Entrevistado 3

Idade: 19 anos

Solteiro

Curso: História, terceiro ano

Cidade: Nova Esperança/PR

### **Como você se tornou cristão?**

E3: Eu vou me batizar agora, domingo, na igreja Batista lá em Nova Esperança. Na verdade, eu cresci dentro de uma família católica, meus pais eram católicos, tenho somente uma tia que é evangélica, daí têm dois anos que comecei a frequentar a igreja evangélica, por causa do meu namorado. Ele também tinha uma família bastante dividida. A mãe dele é evangélica e o pai católico. Quando a gente começou a namorar eu ia muito na igreja católica e ele era sem igreja. Aí, depois de um tempo, meus pais se separaram e eu fiquei um tempo sem ir, perdi um pouco a fé, não a fé, mas aquela vontade, aquela empolgação que eu tinha. Aí ele começou a frequentar a igreja Batista de novo, porque ele frequentava com a mãe dele quando era criança. Daí ele começou a me chamar, e aí o papel se inverteu sabe, porque quando a gente começou a namorar, eu sempre pedia a Deus para colocar ele na igreja, só que depois eu entendi que a resposta de Deus era diferente do que eu queria. Então, depois de um tempo eu comecei a perceber que talvez o lugar dele não fosse onde eu queria, então, daí ele começou a frequentar lá e daí até eu no início era meio assim, eu não queria ir, mas daí a igreja me acolheu muito no momento que eu mais precisei e o pastor de Nova Esperança também me ajudou muito, conversou muito comigo, e eu sempre ficava assim, “ah, não quero ser batizada, não quero”, porque eu achava assim, sei lá, eu tinha medo de me aprofundar mais na igreja, então por muito tempo eu fiquei só olhando o que as pessoas faziam. Eu sabia que eu podia fazer mais, principalmente no grupo de jovens, mas eu só ficava olhando. Mas, no começo deste ano teve um culto onde o pastor falou e aquilo me tocou muito, que me impactou, e eu fiquei pensando que eu podia fazer tanto, mas não estou fazendo nada. E aí foi a primeira vez que fui conversar de verdade com ele, fui falar que eu quero conhecer mais de Deus, mais de Jesus, e aí ele começou a fazer um estudo comigo, e eu falei para ele que uma das coisas que eu sempre quis era que eu tinha muito medo de ir pela fé dos outros, de começar a seguir a igreja, mas não porque eu queria, mas porque os outros

queriam. Ele falou para mim que admirava isso, porque as pessoas querem se batizar o tempo todo, é o que mais tem, tipo uma pessoa que chega lá um dia, mas quando você tem um encontro verdadeiro com Jesus, não é seu tempo, é o tempo de Deus, então eu demorei muito para acordar mesmo, daí de janeiro até agora a gente vem fazendo o estudo e ele marcou o batismo para esse domingo, dia dos pais, e vou me batizar no domingo.

### **Por que você quer se batizar?**

E3: Já me fizeram esta pergunta. A minha família, por ser católica. eles falam: “- Ah, você já é batizada, não sei o quê...” E sim, eu entendo que dentro da doutrina católica é uma verdade, mas eu sentia esta necessidade. É como nos estudos, o pastor sempre me ensinou, não é o batismo que salva, mas assim, eu acredito é porque... ah, é porque eu acredito que preciso disso para minha vida, preciso ter este momento, eu preciso passar por isso, eu preciso ter este encontro maior com Jesus também e também eu preciso me sentir mais parte da igreja. Claro, não é só por isso, mas pela parte espiritual mesmo. Mas, também é porque eu quero fazer mais parte da igreja, eu quero ajudar mais, contribuir mais, eu não quero mais ficar olhando todo mundo fazer, e eu ficar. Mas acredito que isso seja uma segunda parte, a primeira mais importante realmente é por causa de Jesus, de seguir os ensinamentos e de ter este novo nascimento, de renascer, creio que seja por isso.

### **Quem é Jesus para você?**

E3: Jesus para mim é um cara revolucionário. Eu acho que se as pessoas seguissem mais Jesus e menos doutrinas as coisas seriam melhores, porque às vezes vejo muita gente dentro da igreja fazendo coisas que Jesus reprovava, por exemplo, muito julgamento. É claro que Jesus nunca concordou com o pecado, mas Ele nunca julgou, então às vezes a gente vê isso dentro das igrejas... É que na verdade é complicado, porque a gente faz faculdade e então a gente tem uma visão de mundo maior e quando comecei a fazer História, todo mundo falava que eu não iria mais acreditar em Deus. Realmente, em meu curso têm muitos professores que não acreditam em nada, a maioria, e também muitas pessoas que não acreditam; inclusive eu comecei a fazer a pesquisa, e na pesquisa a gente estuda sobre evolucionismo contra criacionismo. Então é bem complicado, mas eu aprendi a juntar as duas coisas. Eu acredito que muitas coisas da igreja são meio que

ultrapassadas às vezes, porque, por exemplo, igual quando eu estava estudando no batismo, o pastor me falou que não era o batismo que te salva, porque, por exemplo, o ladrão na cruz que foi perdoado, ele não teve tempo de ser batizado e Jesus prometeu que Ele estaria no céu. Também a questão do julgamento é o que mais pesa, porque eu não concordo com as pessoas que julgam as outras, porque para mim não existe pecado pequeno e pecado grande. Todos pecamos, então tem umas coisas assim, mas eu acho que se as pessoas seguissem mais Jesus e o mandamento maior que é o amor, as coisas seriam bem melhores, a gente viveria num mundo bem melhor.

**Agora você disse que iniciou esta caminhada faz dois anos...**

E3: Sim, por volta disso...

**Que é basicamente o tempo que você está na universidade...**

E3: É, sim.

**Então você tinha entrado na universidade e começou a procurar mais a igreja...**

E3: Sim, e a gente tem uma visão de universidade muito errada também, porque as pessoas ficam falando que você não vai mais acreditar, mas na UEM tem muito grupo de oração. Eu ainda não consegui participar de fato de um, mas também têm bastantes igrejas aqui perto e teve um final de semana, que geralmente nos finais de semana a gente volta pra Nova Esperança; teve um final de semana que eu e meu namorado ficamos aqui, e a gente queria ir num culto, então a gente foi na Batista Sião, que é pertinho da minha casa. Apesar de não ser nossa igreja. Daí quando a gente entrou lá tinha muito jovem, muito jovem, e assim, às vezes, as pessoas têm uma ideia de jovem errada, de jovens que só querem curtir, só querem festejar, mas tem muito jovem dentro das igrejas, têm muitos jovens servindo a Deus. Daí foi bem bonito até neste culto, porque as pessoas que estavam dentro da igreja, estava tendo muito barulho em volta e perto dos bares ali e as pessoas começaram a fazer oração de intercessão pelas pessoas que estavam lá fora, e foi um momento que me tocou muito. E ver que era uma igreja na Zona 7, onde têm muitos universitários, era uma igreja repleta de jovens, cheia de células, então as pessoas acham que os jovens não se interessam nada por religião e não é assim. Aqui na



UEM têm vários grupos de oração e eu acho isso muito importante e principalmente a gente que faz curso assim mais de áreas que questionam, realmente as pessoas ficam questionando como você acredita se ao mesmo tempo o curso que você estuda aponta para outras coisas. Mas, eu aprendi a relacionar bem as duas coisas, eu aprendi que ciência e religião podem conversar sim, e o que importa é a sua fé, não importa a pessoa ficar falando na sua cabeça que isso não existe, se você teve um contato com Deus, se você acredita, então acho que a fé é muito particular.

**Então a visão que você tem da universidade é que ela te aproximou de Deus...**

E3: Sim, em certo ponto sim. Eu tenho vários amigos que acreditam e que seguem... Assim, alguns acreditam em Deus, mas não têm religião, o que são bastante até, principalmente porque alguns dizem que se sentiram desiludidos, enfim, por vários motivos. Mas, eu tenho amigos católicos e evangélicos que também fazem parte da universidade que eu conheci aqui.

**Por que você escolheu a UEM?**

E3: A UEM sempre foi um sonho e a História também, né? Ah, não sei, mas acho que escolhi a UEM, por causa da importância que ela tem. A gente sempre ouvia falar. E quando entrei aqui, eu tinha uma visão diferente do que era a UEM, quando eu cheguei aqui e vi como era, a estrutura é meio precária, e eu não imaginava que era tão assim, mas quando a gente começou a ter as aulas e eu vi que o conteúdo era muito bom, então o que entristece a gente é que a UEM está sucateada, mas por outro lado tem gente muito boa, o conteúdo é muito bom, e era mais perto de casa. Eu ia tentar fazer o vestibular pra FACIPA, que na verdade é mais perto, mas daí eu tinha passado na UEM e como eu já passei eu pensei de ficar na UEM mesmo e deixei de lado. Aí também eu já passei aqui no terceiro ano, aí eu nem tentei para outras faculdades. Eu tentei dois vestibulares pra Direito, mas de tantas as pessoas ficarem falando de fazer Direito e não história, mas meu sonho sempre foi de fazer História. Fiz História e passei e eu fiz o vestibular de Direito no final do ano e eu fiquei bem perto de ser chamada, fiquei na lista de espera. Aí eu tinha duas opções, ou eu fazia inscrição para História ou eu não fazia e ficava esperando ser chamada em Direito. Aí eu optei por fazer História, porque daí eu vi que era o que eu queria e não o que as pessoas estavam falando em volta. Então

assim, a universidade também me fez crescer muito, eu comecei a aprender a fazer o que eu queria e não ir pela cabeça dos outros, porque tem muita gente que diz, “ - Ah não faz isso, não faz aquilo, você vai se desviar do caminho da igreja”. E não é assim. O que a gente quer na verdade, se você tiver um pensamento forte, você não vai se desviar, você não deixar de acreditar, e a universidade foi muito importante para mim e me abriu muito a mente, me ensinou a ter empatia maior pelos outros, a reconhecer que as pessoas são diferentes, as pessoas não precisam ser iguais e também a questão de julgamento, que eu já falei. Eu aprendi a não julgar as pessoas, porque a gente não é ninguém para a gente julgar o que o outro faz ou deixa de fazer.

**Você mora aqui em Maringá?**

E3: Uhum.

**Você mora com outras pessoas?**

E3: Sim, moro com uma amiga, a gente divide um apartamento.

**Você já conhecia ela ou veio a conhecer na faculdade?**

E3: A gente estudou junto no Ensino Médio. Ela passou em Letras e eu passei em História. Aí no primeiro ano a gente ainda morava em Nova Esperança, mas quando eu consegui a bolsa aqui, eu falei com ela, porque eu sabia que ela também queria mudar e a gente passou a morar juntas.

**Ela é evangélica?**

E3: Não, ela é católica.

**Quantas horas você passa em média por dia aqui na universidade?**

E3: Muitas, geralmente de tarde e à noite. Porque de tarde eu venho no laboratório para fazer o projeto e à noite eu tenho aulas. Agora que estou de férias e é mais tranquilo.

**Você participa de algum grupo religioso na faculdade?**

E3: Aqui em Maringá não, porque aqui, na verdade é muito corrido, e os horários que geralmente têm os grupos, eu geralmente eu não posso, mas daí como

a gente volta para Nova Esperança geralmente na sexta ou no sábado, eu participo do grupo de jovens lá no sábado em minha igreja.

**Você viveu ou vive algum conflito na fé por estar aqui na universidade?**

E3: Eu acho que sim. Eu sempre fui uma pessoa que questiona tudo, não só na fé, mas.... eu tenho um pensamento muito crítico, às vezes até demais, e eu tive que aprender a controlar um pouco isso, porque se você ficar questionando tudo da sua fé você não vive ela e eu aprendi isso. Às vezes algumas pessoas banalizam o que você acredita, mas diretamente não, ninguém nunca me desrespeitou pela minha religião, nada... tenho até uma aceitação boa.

**Como é seu vínculo com a igreja? Como você descreve sua relação com a igreja?**

E3: A relação com a igreja acho que aumentou bastante de uns meses pra cá, porque como eu falei, eu comecei a participar mais, eu comecei a me colocar mais a disposição de fazer isso ou fazer aquilo, antes não, antes eu ia lá e só ficava de fora, então acho que aumentou bastante esta relação com a igreja e a igreja me ensinou a ter mais empatia, a ter um olhar mais missionário, um olhar de ajudar mais o próximo, não importa onde você esteja, você pode ser um missionário, você pode falar de Jesus, e às vezes você nem precisa falar de Jesus, só suas atitudes já vão mostrar, então a igreja contribuiu bastante para mim neste aspecto, e quando eu entendi isso, acho que minha relação se aprofundou mesmo, eu queria fazer mais e buscar mais.

**Na sua igreja tem algum trabalho específico de preparação para o jovem universitário viver sua fé neste período?**

E3: Acho que não. Dentro do grupo de jovens tem bastante gente da nossa faixa etária, mas também tem pessoas mais novas. Ali a gente abre um espaço para conversar sobre aquilo que a gente vive, então a gente acaba entrando no assunto. Então, de certa forma acaba direcionando, mas não tem um momento específico para falar disso. É que como a gente conta de nossas vivências e de tudo o que a gente passa, de certa forma entra no assunto.

**Você frequenta cultos de outras igrejas?**

E3: Frequento, geralmente quando tem algum evento ou coisa assim. Já fui em bastantes igrejas.

**Mas, sempre em evangélica? Ou você costuma ir em outras?**

E3: Não, não tenho problema de ir na católica também, porque como fui criado lá... É como eu sempre falo: as duas me ensinaram coisas muito importantes, eu tive momentos especiais nas duas, então acho meio hipócrita... seria meio hipócrita de minha parte esquecer tudo o que eu vivi e minha família continua sendo católica. Meu irmão fez a primeira eucaristia e eu estava lá, eu acho importante participar. Mas, fora a igreja cristã, as igrejas cristãs mesmo, eu nunca fui em nenhuma outra.

**O que você pensa sobre homossexualidade?**

E3: Então, eu aprendi a respeitar, por exemplo, porque tem muita gente na igreja que fala que Deus não aprova. Mas, como eu te falei, eu sempre penso, quem sou eu para julgar o outro? E o maior mandamento é o amor, então a gente deve amar as pessoas, a gente deve respeitar e eu procuro não julgar, não fazer julgamentos, e isso é uma coisa que a pessoa vai ter que se entender com Deus, então eu não sei de fato, porque a Bíblia pode falar que condena e não sei o quê, mas eu não sei, porque às vezes o que a pessoa faz de bom... eu conheço pessoas que são homossexuais que são melhores do que outras pessoas, entende? Às vezes fazem muito mais daquilo que Jesus pregou do que as pessoas que estão nas igrejas, então assim não cabem a gente julgar, então eu respeito, eu trato normal, e na verdade eu não vejo muito problema com isso na realidade. Aqui na UEM nós temos muito contato com pessoas homossexuais e para mim é uma convivência normal, eu não vejo grandes problemas assim e eu procuro não ficar julgando o modo como a pessoa leva a vida.

**E em relação a drogas?**

E3: Ah, isso eu não aceito com muita naturalidade não. Já é um assunto que para mim... porque assim, eu vejo... eu nunca me interessei, nunca bebi, nunca fumei nada, mas nem era porque eu era da igreja, mas porque eu não gostava mesmo, eu nunca gostei. E assim, eu acho que isso atrasa a vida das pessoas, eu

sempre achei isso na verdade. Até a cerveja, para mim não precisa ser droga ilícita, e aqui na universidade a gente tem muito, inclusive, eu vejo amigos, pessoas inteligentíssimas que você vê usando maconha, meio abobada, ou tem pessoas que usam drogas mais fortes, e assim, eu fico pensando, poxa, as pessoas têm tanto para fazer e estão perdendo tempo com isso, mas eu também não fico apontando dedo. Não é que não aceito, mas não acho certo, eu acho que você não precisa disso para ser feliz, você tem muitas outras coisas para ser feliz, e você não precisa disso. Mas, também eu tento ajudar as pessoas. Eu tinha uma amiga mais próxima que ela usava bastante maconha e teve um dia que ela reclamou que ela não estava se sentindo muito bem e eu conversei com ela, consegui conversar, mas nunca num tom acusador, sabe? Eu acho que este não é nosso papel, acho que a gente deve procurar ajudar as pessoas de outra forma, mas é uma coisa que eu não faço e que eu também não acho correto, eu não acho que vai te levar para algum lugar, vai te dar alguma coisa, pelo contrário, é um atraso, querendo ou não.

### **E aborto?**

E3: Esse é um tema que na escola a gente já discutia muito, eu nunca tive uma opinião muito bem formada. Na verdade, eu tenho, porque eu acho errado, e independente de qualquer coisa é uma vida, independente de quaisquer circunstâncias, mas eu andei lendo tanto o lado a favor quanto o lado contra e eu entendo um pouco dos dois lados, mas mais o lado contra, porque sim é uma vida, porque sim é uma criança e é uma prática que também eu nunca faria, mas por outro lado, eu andei lendo o lado a favor e eu vi também o outro ponto de vista, que na História a gente também aprende que você não precisa concordar com tudo, mas é importante você buscar saber, porque tem pessoas que defendem os dois lados, então quando eu vi que o índice de mortalidade de mulheres no Brasil é muito alta, por causa das clínicas clandestinas e tal, e têm experiências em países que diminuiu o índice de morte das mulheres, aí eu entendi também um pouco o outro lado que deveria ser descriminalizado, não legalizado, não se tornar um crime, mas por outro lado eu penso que deveriam ter outras políticas de conscientização, não precisaria chegar ao caso extremo, então o extremo, o caso de chegar a fazer o aborto é ruim, então eu acho que deveria ter políticas públicas melhores de conscientização e tal, porque independentemente de você concordar ou não têm pessoas fazendo o aborto, têm pessoas que estão tendo relações sexuais e estão engravidando, então eu acho

assim, o que eu penso é uma coisa, o que está acontecendo é outra. Acho que uma política até mesmo do governo de conscientizar mais as pessoas, mas eu não faria e eu também acho uma prática triste, acho uma coisa muito ruim, porque às vezes pode ser uma gravidez que não foi planejada e tal, mas o que essa criança pode se tornar no futuro, o que esta pessoa pode fazer? E também acho assim, a gente não sabe os planos de Deus para nossas vidas, então às vezes a pessoa não planejou aquele filho, mas talvez aquele filho vai ser uma benção para a vida dela, vai trazer alguma mudança na vida dela, então eu penso mais deste lado. Lá na igreja tem uma menina que é mais velha do que eu e ela engravidou solteira e no começo ela não aceitou muito também, mas o filho dela mudou ela completamente, eu vejo que o filho dela até mesmo aproximou mais ela de Deus, então assim a gente não sabe, a gente não sabe os planos de Deus. Claro, era muito melhor que ela tivesse este filho se estivesse casado, com uma condição mais estável, porque ela passou por dificuldades, mas a gente não tem controle sobre o tempo e o que virá mais para a frente, então eu vejo mais assim.

**E esta questão da relação sexual, você comentou, como você vê...**

E3: Para mim esta é uma questão complicada também. Não sei se eu saberia responder, em que aspecto, se eu acho certo ou errado?

**Você comentou que seria bom se ela tivesse este filho casada...**

E3: Não no sentido de julgar ela, por ter feito a relação sexual antes, mas vejo mais pela questão da estabilidade financeira mesmo, vejo mais por este lado. Não sei se eu saberia responder se é certo ou errado, porque eu acho legal sim a gente esperar para a gente casar, mas eu não sei me posicionar muito bem sobre este assunto.

**Esses são assuntos que você conversa na igreja?**

E3: Acho que na igreja o assunto mais forte é sobre as drogas, até porque tem um grupo que é da Cruz Azul que é para ajudar dependentes químicos, então é um assunto que a gente mais conversa. Acredito que aborto e homossexualismo não tanto, pode aparecer uma vez ou outra, mas não é assunto que está ali. E também a questão da relação sexual que é mais forte. Se diz que sempre é bom esperar até o casamento, que é bom se relacionar somente com seu marido ou só com sua esposa

e não acho esta visão errada, acho certo na verdade, mas eu também não sei se eu diria que é errado. Nós sabemos que é um pecado, mas esta questão de julgar é muito complicada, então eu não sei se eu conseguiria falar, “- Ah, você está indo para um caminho errado. Você está fazendo errado”. Então eu prefiro aconselhar, sem ficar muito apontando o dedo, porque eu sei também que eu tenho meus defeitos, eu sei que eu também erro, eu acho que você ajuda muito mais aconselhando, falando com uma pessoa com calma do que... porque assim: tem muita pessoa que já vem acusando que você vai para o inferno por isso, então é neste ponto que eu não sei se falaria que é errado e tal. Eu acho que é mais fácil e produtivo você ter uma conversa do que você ir com palavras negativas, com palavras de que a pessoa não terá um futuro, de que ela irá para o inferno.

**Você tem alguma coisa que gostaria de falar ou perguntar sobre este assunto de você enquanto universitária evangélica?**

E3: Acredito que não, não sei. Acho que falei sobre tudo de como é a vivência aqui e tal... acho importante quando as pessoas quando vierem para universidade não virem com esta visão negativa, com esta visão errada, inclusive tem muitas pessoas aqui que se mobilizam para ajudar outras pessoas, e isso eu acho muito importante também, até mesmo pessoas que não são de nenhuma religião. Tem um menino da minha sala que ele não segue absolutamente nada e ele fez um trabalho muito lindo, ele arrecadou alimentos, fez comida e fez marmita e entregou para os moradores de rua. Então aqui tem muita mobilização e também pelo lado da fé tem muitas pessoas que acreditam sim, então às vezes a gente tem uma visão que a universidade é um espaço acadêmico que você vai ser sozinho lá com sua fé e não é assim. Tem muita gente aqui que acredita. Teve pessoas que me fortaleceram na fé como eu disse. Eu tenho uma amiga que ela também é evangélica e sempre que eu converso com ela, a gente conversa sobre Jesus de uma forma muito simples, e eu sempre gostei disso, porque você quando fala para outras pessoas sobre Deus, você não precisa falar de maneira difícil, você precisa conversar de uma maneira que a pessoa entenda, então assim, isso é importante de levar a Palavra neste sentido e tem muitas pessoas aqui que agem assim, então, eu meio que também eu me encontrei aqui neste espaço. É claro que você vai encontrar pessoas que não acreditam e eu acho importante você falar de sua fé, você falar do que você acredita, mas eu aprendi que você não deve obrigar a pessoa a seguir o que você segue, então

you said, you did your part, everything is well, that is for the person to accept or not. I think that is more for this path.



Entrevistado 4

Idade: 21 anos

Solteiro

Curso: Engenharia Civil. Terceiro ano

Igreja: Igreja Metodista na Zona 4

Cidade: Maringá/PR.

### **Quais foram as razões que te levaram a fazer Engenharia?**

E4: Desde pequeno eu imaginei fazendo engenharia. Eu ia muito para a fazenda do meu avô e meu avô não era engenheiro nem nada, que eu saiba não tem nenhum curso nesta área, mas sempre vi ele construindo casa, seja para os caseiros, construindo lá as estruturas que ele tinha que construir, seja casa de madeira ou estrutura para tirar leite da vaca e sempre achei muito da hora. Meu pai construiu uma vez uma casinha na árvore para a gente e eu sempre curti muito ver essas coisas, o cara começando do nada, quebrando a madeira ali, cortando, e ver a estrutura sendo feita, então eu não sei, eu sempre falei que ia fazer isso e nunca pensei em fazer nada diferente. E nunca tive crise com isso e sempre que orei nunca senti algo diferente, então acabei vindo e até agora tenho gostado, tenho sentido que este é o caminho.

### **Mas, você disse que orou sobre isso...**

E4: Isso, então, não cheguei a fazer um super jejum sobre isso. Eu sempre tive no meu coração, sempre que eu colocava, colocava meio que neste sentido: Deus sobre a Engenharia, estou pensando em Engenharia, e nunca senti que eu não tinha paz nisso, nunca senti algum indício, alguém falar, ou senti algo diferente. Então para mim sempre foi muito certo de fazer Engenharia.

### **Por que você escolheu a UEM?**

E4: Quando eu era mais novo, quando eu estava no ensino médio, para ser bem simplório, o curso de Medicina na UEM era o melhor do Brasil, pessoal falava muito na UEM. Como eu morava em Campo Mourão, todo mundo falava na UEM. A UEM é referência na região. E no Paraná a UEM, a UEL, a Unioeste, a Federal,

são todas referências. Conforme eu fui chegando no *terceirão*, pareceu um pouco inviável eu passar sem o vestibular, pelo processo seletivo mesmo, meio difícil, então eu meio que desencanei um pouco, pensei em fazer a tecnológica federal em Campo Mourão ou ir para Curitiba para a fazer a Federal lá. Prestei vestibular até para Federal do Paraná. Mas, para ser bem sincero eu não cheguei a olhar há quantos anos o curso existe, ir muito a fundo assim. Sabia que a UEM era uma boa universidade, pela tradição, por todo mundo falar, meu pai se formou aqui, daí quando eu estava fazendo cursinho, eu vim para Maringá que tinha um curso preparatório de qualidade, então onde eu passasse na federal, eu não queria era estudar em particular, né? Para mim estava bom, estava ótimo. Confesso que no dia da semana do vestibular da UEM que eu passei, eu não imaginava ficando em Maringá, fazer UEM, mas seria muito bom se eu passasse, mas eu não imaginava que iria passar, porque é muito difícil o vestibular. E na Federal que eu achei que eu ia super passar, que eu achava que era mais tranquilo, eu não passei... Eu vi muito a mão de Deus para eu estar aqui e hoje isso me ajuda muito a firmar minha fé de que eu estou no lugar onde Deus me colocou, então meio que foi por isso. Até depois que entrei eu descobri que o curso é muito antigo e já passou por tempo de ter muito investimento da Petrobrás, enfim, tem muito laboratório, então o curso é muito bom. Quando eu estava fazendo o cursinho, eu procurava o guia do estudante, e eles colocavam o curso de engenharia na UEM como um dos 6 melhores do Brasil, como um dos 10 melhores do Brasil. Foi bem por aí.

### **Como você se tornou cristão?**

E4: Minha mãe não é muito de ficar contando, de ficar se vangloriando, pela vida longe de cristianismo dela. Vira e mexe ela dá uma tossida mais forte e ela fala, “- Oh, não fuma, porque eu já fumei”. Então eu não sei muito sobre a vida da minha mãe antes dela se converter, porque parece que ela não se orgulha muito da vida passada dela, não fala muito, e eu também nunca fui de conversar muito. Mas, pelo que eu sei, quando eu tinha 3 ou 4 anos de idade, a gente morava em Campo Mourão e um vizinho nosso frequentava uma igreja Metodista lá, começaram a convidar meus pais a irem. Se não me engano, minha mãe logo depois que se casou, teve uma experiência com Jesus e se converteu. Acho que antes o irmão dela teve uma experiência, eles eram todos católicos, minha vó por parte de mãe, meu avô por parte de mãe, a família inteira dela, parte de pai também tem muito católico,

mas esse irmão mais velho dela começou a ter contato com a igreja evangélica, com a Bíblia, e todos eles acabaram tendo um certo contato neste sentido de estar na religião evangélica. Então ela começou a ter este contato e começou a ter certo discernimento quando eles mudaram e tiveram contato com estes vizinhos, eles apresentaram a igreja Metodista, minha mãe era um pouco mais do *reteté*, a Metodista em alguns lugares é muito tradicional, aqui não é tanto, mas em Campo Mourão não era super tradicional, mas era uma igreja de boa, minha mãe queria ir na Presbiteriana Renovada que era uma igreja bem mais avivada, pentecostal, mas meu pai até hoje não tem aquela super experiência de relacionamento com Deus, então ele preferia a igreja Metodista, porque era uma igreja mais tranquila. Na época eles tinham um trabalho muito forte com as crianças e a minha mãe conta que eu e meu irmão gostávamos muito de lá e quando a gente ia na renovada que ela gostava, a gente não gostava. Eu lembro até disso. Então a gente acabou ficando na Metodista. O pastor é bem tranquilo, bem pastorzão e chegou perto dos meus pais e daí a gente ficou nesta igreja e eu sempre me considerei perto de Jesus. Lá pela quarta e quinta série, quando começou aquela parada de ficar e minha mãe nunca foi de proibir, mas eu sempre me senti um seguidor de Jesus, sempre ia na escola dominical, na salinha no domingo, eu sempre me senti seguidor de Jesus e tudo o que Jesus gostava que eu fizesse, eu fazia, então eu sempre me senti evangélico, digamos assim. Então foi bem por aí. Aos 11 anos comecei a estudar instrumento e convidaram eu e meu irmão a fazer parte do grupo de louvor da igreja e a gente ficou. Então sempre me senti evangélico. Na adolescência acabei indo a vários retiros da igreja, a igreja Metodista tem no Brasil todo, então tem muito assim de ter federação, o pessoal que organiza os adolescentes, então comecei a fazer parte de tudo isso. Então sempre me senti parte da igreja, seguidor de Jesus. Aí agora quando eu fiz 17 anos, nesta transição entre adolescente e jovem que eu tive uma experiência mais profunda de um relacionamento íntimo e particular com Jesus, mas falar o dia que se converteu, o dia em que aceitou Jesus, eu lembro de várias vezes quando criança, minha mãe sempre colocou a gente em colégio evangélico, colégio adventista, então eu lembro de várias vezes fazendo uma oração, eu aceitando a Jesus como meu Senhor e Salvador, mas não lembro de ter uma experiência de me arrepender dos meus pecados e de tudo o que eu vivia e agora vou viver diferente.

**E você falou dessas experiências agora de um relacionamento mais sério.****O que te levou a isso?**

E4: Foi num acampamento de carnaval eu lembro de eu buscando a Deus assim... eu estava atrás de estar entendendo o chamado de Deus para minha vida específico, entender qual era o propósito de Deus para minha vida, de maneira bem específica, e eu lembro bem nítido de Deus falar comigo que eu estava atrás de uma coisa super específica para mim, mas todas as coisas básicas e gerais, principalmente, o ide básico, o chamado mais básico de Jesus que tem para todos os cristãos, para todos os filhos meus, você não está vivendo. E aquilo me chocou assim, nossa eu caí em prantos aquele dia e foi uma experiência *cabrera*. E daí quando voltei para a minha casa, aquilo tinha mudado totalmente a minha vida, a minha percepção, meu entendimento de vida mesmo, e fui descobrindo meu relacionamento com Deus e quando entrei na universidade, teve greve, e eu tinha bastante tempo para passar em meu quarto com Deus, aí foi o *boom* mesmo, minha vida mudou completamente.

**Quanto tempo você passa por dia em média na universidade?**

E4: Depende, o ideal que eu gostaria seria mais constante, de acabar a aula e vir estudar, mas até hoje não consegui esta constância. Eu passo muito tempo fora de casa, o dia todo assistindo aula, a noite até umas 4 horas da manhã estudando. Eu passo em média das 8h às 15h30. Às vezes a aula das 15h30 passa para as 17h00. O curso é integral.

**Além de estudar, você trabalha?**

E4: Não, só estudo. No primeiro ano estava envolvido com a empresa júnior, mas agora só estudo.

**Me fale do Dunamis Pocket. Por que você se envolveu?**

E4: Então, eu acho assim que, outra experiência que me marcou muito depois de descobrir um relacionamento com Deus foi descobrir a igreja Metodis. Eu cresci na igreja Metodista, que é um tanto tradicional assim, até hoje eu não vejo meu pastor dando muito enfoque a dons, a mover do Espírito e tal, apesar dele sempre enfatizar todo culto que a gente precisa ter uma experiência com o Espírito Santo que vai mudar nossa vida. Mas eu lembro de um acampamento onde uns amigos

meus, eles tiveram contato com o Dunamis em São Paulo e eles vieram fazer um evento aqui e eles me chamaram para tocar e eu acabei tendo um contato assim com uma menina que era líder do Pockets lá na UMESP de São Bernardo e eu achei muito louco assim, porque eles falavam de mover de dons espirituais, Deus falando pra você da vida de uma pessoa e você orando por uma pessoa e ela sendo curada e para mim aquilo era louco. Eu sempre pensei assim: se eu levar uma pessoa que não crê de verdade, e talvez tenha uma experiência supernegativa com Deus na igreja, talvez ela vai ficar tão crítica, tão fechada, que aquilo vai piorar a situação, mas eu comecei a perceber que se eu chegar numa pessoa, e por exemplo, falar sobre algo que ela não contou para ninguém, sabe este tipo de testemunho louco assim? Tipo chegar na pessoa e falar o nome dela, falar o nome da mãe dela, falar do tipo de problema que ela está passando e orar por ela e a pessoa ser curada na hora, além da pessoa ser tocada pelo Espírito Santo e perceber que algo está acontecendo diferente na vida dela, não tem como ela negar que aquilo não é lógico, então Deus tem que ter feito aquilo. Então quando eu descobri que essas coisas loucas não eram só para aquelas irmãzinhas do coque, pentecostal, muito louca, e que eu poderia ter acesso àquele nível não só de amor e de intimidade com Deus, mas experimentar também do poder de Deus através de mim, aquilo foi um choque para mim e aquilo mudou a minha vida de novo. Me fez ir para um nível mais profundo com Deus, com certeza. E esta menina que ela se movia bem forte, em relação a dons e tal, ela falou muito sobre o Dunamis Pocket neste evento que ela pregou. Eu já conhecia o Dunamis, eu já tinha ouvido falar do Pockets, mas ela falou muito sobre a universidade a gente está indo e a gente está levando o amor de Deus e as pessoas estão sendo curadas, e eu estava entrando na universidade e voltei pra cá e eu queria muito ver um bagulho desses, mas eu fiquei meio, tipo assim... Porque ela contou o testemunho de pessoas tendo sonhos com ela, pregando na universidade, uma coisa muito louca assim e eu comecei a buscar sinais, mas eu não tive estes sinais de Deus, pessoas tendo sonhos ou eu vendo alguma coisa muito louco acontecendo diferente, eu tendo sonhos, eu tenho uma palavra, algo assim. Hoje eu não entendo muito bem se foi Deus me dando um tempo para esperar ou se eu já deveria ter ido lá, mas aí então eu fiquei dois anos ali pensando que seria legal, e aí um menino abriu o Pockets no ano passado em setembro, ele foi a um retiro no meio do ano e abriu o Pockets aqui, e aí eu coleí junto, é uma ferramenta muito louca. Tem até um grupo que se chama CEU aqui que é para evangélicos, mas sei lá, eu entendo que

Deus tem uma parada... Eu entendo muito o valor, vejo que tem muita gente que precisa muito de um grupo evangélico para estar junto para se sustentar, mas eu quero, a parada que eu sinto é de invadir, de ir nas pessoas que não se declaram evangélicas, de ir numa parada que não é fora da igreja, que precisa de igreja, que foi até uma crise que eu tinha, não crise, mas um pensamento que eu tinha, a gente vai lá, a pessoa vai chegar, vai ser impactada pelo Espírito Santo, ela vai entender que Deus é real, mas e daí, sabe? Eu não vou conseguir discipular 60 pessoas, duzentas pessoas na universidade, tendo um contato uma vez por semana de uma horinha com 60 pessoas ao mesmo tempo. Aí eu entendo o papel da igreja. Tipo, você foi impactado pelo Espírito Santo, você entendeu que Jesus é o que você quer viver, agora eu tenho minha igreja aqui e ele tem a igreja dele ali e a minha igreja é desse jeito, a igreja dele é deste jeito e você pode frequentar qualquer uma delas e você vai poder ser discipulado, vai poder caminhar com Jesus perto, então eu entendo a importância da igreja, mas eu senti assim que eu queria uma parada mais fora da igreja mesmo, desprendida de uma religião, de uma doutrina. A gente está aqui para falar de Jesus, sobre a Bíblia, e é isso aqui. Daí quando ele abriu eu achei legal demais. E aí comecei a ir junto, o grupo me chamou também para tocar junto com eles, a fazer o tempo de música ali e no final do ano comecei a me envolver com algumas coisas que eu achava que isso aqui poderia ser melhor, que poderia ser diferente em nossas reuniões, comecei a sugerir para o menino que era líder, e no final do ano ele me chamou e disse que orou e que estava se formando naquele ano e eu queria passar para você e disse para eu orar e conversar com meu pastor, e no começo deste ano eu assumi e daí estou nessa desde então.

### **E como funciona o Pockets, o que vocês fazem?**

E4: O Pockets em inglês é bolso, então de forma bem sucinta o Dunamis Pockets é trazer bolsos ou ser bolsos de avivamento dentro da universidade. O Dunamis entende que avivamento é quando os santos ou as pessoas que caminham com Jesus são despertados em unidade e daí os perdidos são alcançados e a sociedade é transformada. E entende também que isso acontece em sete esferas, tem até a teoria de um cara da JOCUM, você deve saber melhor do que eu, não sei, dividindo a sociedade em setes esferas, política, economia, educação, enfim, e daí o Pockets vem não somente atingir a esfera da educação hoje, mas para instigar e transformar a vida do jovem universitário. Se a gente quer discipular uma nação e

daqui a quarenta anos colher fruto de, talvez por exemplo, se a gente pegar hoje os maiores corruptos do Brasil e olhar para a formação deles, eles provavelmente se formaram na USP, na PUC-Rio, na PUC-SP, na Federal de não sei de onde, nas maiores faculdades do Brasil. Se a gente conseguir entrar nas universidades do Brasil e alcançar este cara que talvez daqui a quarenta anos seria o mais corrupto, mas que agora ele começa a viver os valores da cultura do Reino de Deus, daqui a quarenta anos a gente tem não só o Brasil cada vez mais evangélico, mas um Brasil que cada vez mais vivo esses valores de justiça, de verdade, de igualdade, por causa do que o Pockets faz, então é não só transformar a vida de pessoas e ela ser salva, mas principalmente transformar a sociedade, transformar os valores morais e éticos, os princípios daquilo que a gente vive fora da igreja principalmente.

### **E como funciona, o que vocês fazem aqui na UEM?**

E4: Como estamos começando, a gente tem a reunião semanal, e a gente tem tentado se esforçar para ter uma outra reunião mais de intercessão, mais para a galera que já está, que já é cristã, que já caminha com Jesus.

### **Então são duas reuniões?**

E4: Hoje na verdade é apenas uma, mas estamos nos esforçando para formar esta segunda.

O que acontece hoje que já está firmado é esta reunião semanal na quarta-feira que dura uns 50 minutos e sendo bem básico é meio que um culto: a gente chega, dá uma abertura, chama a galera para estar junta, faz um som, alguém toca um violão ali, a gente adora a Deus junto, e traz uma palavra e no final a gente abre para ministrar na vida das pessoas, seja para entregar uma palavra para elas, ou para elas virem trazer um motivo de oração ou para orar pela cura de alguém, alguma coisa assim, então basicamente é isso o que acontece.

### **Tem mais alguma coisa além desta reunião?**

E4: A gente deseja e a gente tem orado para começar a fazer mais coisas, mas hoje o que acontece é isso. Porque se a gente ficar somente dentro de uma sala fazendo isso a gente vai alcançar pouca gente. O intuito é se juntar onde está o outro para fazer um som fora, fora das salas de aulas, para as pessoas pelo menos começarem a verem, a gente quer começar a divulgar, porque hoje nossa divulgação

é somente no boca a boca mesmo, Facebook, e a gente acaba somente atingindo quem já é crente ou quem é amigo de alguém que vai e agora a gente quer, começando nas aulas, espalhar cartazes pela UEM, mandar no grupo de WhatsApp da sala, dos cursos, e principalmente tem uma estratégia que é bem 'da hora' de evangelismo que se chama Caça ao Tesouro: a gente se reúne para ter um tempo de adoração juntos, para se encher do Espírito Santo, e buscar caçar os tesouros, você pega as pistas e vai atrás de um tesouro lá, e o tesouro nesta estratégia de evangelismo são as pessoas e as pistas são características desta pessoa, então a gente nunca fez aqui, mas a gente já fez na igreja e é um desejo do meu coração fazer isso aqui na UEM... Então a gente busca a Deus e daí a gente vai buscar a palavra específica, o nome de uma pessoa, o lugar onde ela vai estar aqui na universidade, o que ela está vestindo, a situação dela talvez de vida, o que ela está vivendo e o que ela vai precisar ouvir e daí quando Deus falar pra gente, por exemplo, que você vai encontrar o Rafael, ele vai estar perto no bloco B, ele vai estar vestido com a camiseta do curso de Engenharia Mecânica e ele vai estar, sei lá, em crise porque ele está triste por causa de nota ou porque a família dele, beleza, então eu vou pegar isso e vou lá no bloco B, vou encontrar com a pessoa chamada Rafael, com essas características, vou falar para ele, olha, eu orei, eu conversei com Deus, eu sou cristão, enfim, e Deus me revelou isso e isso sobre sua vida e na hora que ele for confrontado pela Palavra de Deus que conhece ele, de um estranho que não tem como conhecer ele, então aí a gente vai chegar com o evangelho para ele e coisas assim, mas principalmente, para gente mudar a educação mesmo a gente é instigado a chegar e entregar a Palavra para os coordenadores de curso, para o reitor, e não somente entregar a Palavra, mas ter influência, tipo nas decisões que são tomadas. O sonho, o melhor cenário, seria o Pockets tendo visibilidade na universidade por parte do reitor, de pessoas influentes, para que eles entendam que, tipo assim, eu aqui sou líder do Pockets, eu sou filho de Deus, do Deus que criou tudo e tem sabedoria e conhecimento para saber o que é melhor, pois a vontade dele é perfeita, eu tenho acesso a Ele, então, eles vão falar, se esse cara tem acesso a esse Deus, então a gente quer que ele faça parte das nossas reuniões, a gente quer que ele esteja perto de nós, porque o rumo que a universidade for tomar, a gente quer que Deus esteja nisso. Então é meio que em grande escala seja por aí.



**E quantas pessoas participam desta reunião hoje aqui na UEM?**

E4: Hoje de 20 a 30.

**Você já viveu ou vive algum conflito na fé ou por causa da fé durante este período?**

E4: Eu até converso com uma amiga da Federal de Santa Catarina e ela faz Biologia, então na Biologia ela fala muito que os professores pegam muito nesta questão da evolução, ela tem muita matéria sobre isso, e vira e mexe a gente conversa, porque ela é bastante confrontada em relação a isso, a evolução, a Bíblia é coisa de idiota, o criacionismo é muito nada haver, então de vez em quando ela vai até em congresso a respeito do criacionismo para se fortalecer, mas meus professores, eu não sei até na verdade o quanto de filosofia, de pensar assim em si mesmo, de questionar sua própria existência, de pensar sua própria função no mundo, eu não sei o quanto eles tem essa maturidade existencial, a gente querendo ou não tendo uma vivência do cristianismo, uma hora ou outra a gente vai pensar nisso, por que eu estou aqui? Por que Deus me criou? Qual o sentido da minha vida aqui? Então nem meus professores me questionam neste sentido, meus amigos muito menos, eles não estão pensando nisso, então eu não sou super confrontado neste sentido. Não sou super instigado a ter crise com isso, acho que o curso que eu frequento acho que até coopera.

**Você tinha algum medo de entrar na universidade por causa da sua fé?**

E4: Não, na verdade sempre me falaram, por exemplo, por parte da família do meu pai, todo mundo era católico, católico daquele jeito, pessoal vai na missa e tal, mas no período de universidade fez como qualquer outro universitário comum faz, festas, drogas, bebidas, então minha mãe já falou pra gente da família do meu pai: “- Ah, não relaxa! Eles estão vivendo essas paradas, enquanto são adolescentes de igreja, mas espera eles entrarem na universidade eles, eu e meu irmão, vão se tornar um jovem normal”. Eu não sei se talvez em um outro curso seria muito difícil, mas hoje o desafio na universidade não é permanecer em Jesus, eu tenho muito claro para mim que eu jamais vou deixar de viver com Jesus, de ter este relacionamento com Jesus, com meu Pai. Acho que o desafio é permanecer numa crescente, num relacionamento que cresce e que influencia pessoas, que muda o

ambiente que está, acho que este é o desafio, mas eu nunca tive muito medo não. Eu me questionava, tipo assim: será que é tudo isso na universidade?

Na igreja vira e mexe a gente ouvia... eu ouvia a amiga da minha comentando: “- Ah, nossa, você viu? Que pena, tal pessoa se perdeu, a pessoa acabou indo para um outro lado ou a pessoa está meio frio na fé, a universidade fez isso com ele”. Da família do meu pai eu nunca ouvi eles falando para mim, na verdade uma única vez eles comentando com minha mãe e eles disseram que a gente acabaria indo para este outro lado, mas eu nunca fui atacado de pessoas falando que eu iria perder a fé na universidade, mas pessoas comentando de outras pessoas e tal, mais por aí.

### **Como é seu vínculo com a igreja local que você faz parte?**

E4: Quando eu era adolescente, eu participava ativamente da igreja local, hoje ainda participo ativamente, mas eu tinha muito de querer estar para fora, de estar viajando, ir para outras igrejas, eu não tinha muito amor que hoje eu tenho muito, eu gosto muito de igreja, de ir na igreja. Se eu pudesse passaria todo o final de semana na igreja. Entendo que eu preciso de igreja, assim como eu posso também acrescentar, que Deus pode me usar para a edificação do corpo da igreja. Eu preciso também estar naquele ambiente. E eu amo estar, amo mesmo. Quando tem um bazar beneficente ou um acampamento ou um curso de um dia inteiro na igreja no sábado, eu me sinto muito bem de estar, gosto muito de estar. E estou bem envolvido, eu sou líder no ministério de música da igreja, líder dos jovens também, então constantemente estou lá participando, organizando as coisas e tudo mais. Acho que é isso.

### **O fato de estar na igreja não atrapalha isso?**

E4: Não, acho que não. Durante a semana de provas é um pouco mais complicado de estar todo dia lá na igreja, mas não sei também se é superinteressante estar todo dia lá na igreja, mas nunca me atrapalhou não, eu sempre tentei, acho que é preciso se organizar.

### **Você costuma ir quais dias na igreja?**

E4: No sábado e domingo eu estou na igreja à noite. Na quarta eu tenho discipulado com o pastor. Então geralmente é quarta, todo sábado e domingo. E

agora a gente está tendo nas sextas-feiras; a gente está indo lá e se reúne para orar, para buscar cura e libertação, o pessoal dos jovens, então daí toda sexta tenho ido nesta temporada de algumas semanas, mas não é lei também.

**Me fala deste seu relacionamento com seu pastor: você está tendo discipulado com ele. Como é o seu relacionamento?**

E4: Eu tinha bastante dificuldade quando eu era mais novo de não ser muito cobrado, mas hoje eu tenho sido bastante ministrado a respeito de submissão, a estar embaixo de uma visão de um pastor, e graças a Deus, Deus tem me ensinado e ele tem me dado a graça de estar debaixo de um pastor que é bem coerente. Que sabe bastante da Bíblia, que não fica espiritualizando demais as coisas, que não fica forçando a barra, então tenho me esforçado um pouco, porque desde pequeno eu estou envolvido na liderança das coisas da igreja, liderança de ministério, e quando eu era mais novo eu era bem solto. Aprendo muito com meu pastor, porque ele tem bastante experiência com liderança, especialmente com Bíblia, ele tem mestrado em Teologia, então sempre questiono ele. Meu pastor é muito coerente, muito sério, eu admiro muito, respeito e honro a vida dele, mas tem bastante coisas assim que eu questiono, então eu posso ouvir dele um lado mais coerente. É um relacionamento muito bom.

**Qual a idade dele?**

E4: Ele deve ter quase 50 anos.

**E você costuma frequentar cultos de outras igrejas?**

E4: Não, principalmente porque eu sou líder de jovens e a gente está começando o discipulado na igreja, então o pastor está trazendo para a igreja e a gente está trazendo para os jovens esta dimensão que todo mundo é discípulo de Jesus, mas a gente precisa de pessoas para caminhar ao lado da gente. E eu prezo bastante para estar sempre presente.

**E cultos de outras religiões?**

E4: Também não.

### **Quem é Jesus para você?**

E4: Para mim Jesus é o Filho de Deus, é o cara que mudou tudo. Jesus é o cara que o Pai enviou, é meio complicado falar deste lance de Deus trino e uno, mas é o cara que Deus enviou para a Terra. Jesus foi o artifício perfeito não para destruir a Lei, mas para cumprir ela, e a partir dele podemos ter este acesso a este Pai. Eu entendo que meu relacionamento é com o Espírito Santo, mas que é Deus também. Jesus é quem me salvou, me redimiou, me deu vida. É uma pessoa com que eu troco ideia todo dia, de quem eu busco a direção e que tem me dado vida, tem ensinado a tomar decisões que trazem vida plena para mim, de verdade, satisfação de verdade, alegria independente do que eu estou passando, alegria e paz.

### **Homossexualidade, o que você pensa a respeito?**

Na igreja Metodista tem uma certa divisão neste sentido. Mano, eu não concordo que seja uma prática bíblica, a Bíblia vai citar várias vezes... eu tenho amigos que eram líderes meus quando eu era adolescente na igreja que hoje se dizem evangélicos e que são homossexuais e particularmente eu não acredito que uma pessoa que tenha um relacionamento com o Espírito Santo e com Jesus te diga de boa que é homossexual sim. Eu entendo que a Bíblia não me chama a ter um papel de julgamento, você está vivendo uma vida certa ou você está vivendo uma vida errada. Mas, eu não concordo que o homossexualismo seja uma prática bíblica, eu não tenho nada contra o homossexual, tenho este meu amigo e tal. Não vejo problema nenhum um homossexual frequentando uma igreja, muito pelo contrário, acho que ajuda até. Eu não acredito que Deus criou pessoas para serem homossexuais, acho que isso responde.

### **E o que você pensa sobre drogas?**

E4: Drogas ilícitas: voltando para Jesus, eu acho que Jesus é satisfação plena, Ele te proporciona satisfação completa, satisfação e felicidade. Este final foi até louco de ver uns caras muito loucos na presença de Deus, talvez tanto quanto ou mais do que eu vejo às vezes amigos meus assim, por exemplo, eu vou estudar e eu estudo com esses meus amigos e deles eu acho que não tem nenhum cristão, que pratique, que tenha relação com Deus, então a gente está aqui estudando e os caras falam que estão cansados, que é preciso dar um *time*, estou com a cabeça cansada, então eles vão fumar, vão, enfim, né. Então eu já vi amigos meus aí. Não costumo

frequentar as festas, até por causa do Pockets na verdade, não que eu acho que é errado você ir em festas, que você é um herege, mas quando eu aceitei ser líder do Pockets a gente assina um termo de compromisso, sendo referência para as pessoas; você pode prejudicar as pessoas indo às festas, então hoje nesta temporada da minha vida sendo líder do Pockets eu não tenho frequentado festas, bar, estes tipos de coisas, mais por isso mesmo, por este compromisso que eu assumi com o Dunamis. Mas, eu acho que drogas ilícitas te prejudicam. Geralmente eu vejo meus amigos falando que vão chapar depois que acabou as provas do semestre, sei lá, não vejo sentido nisso. Eu não acho que você precisa sair de si, porque querendo ou não, aí tanto drogas lícitas e ilícitas, você vai mudar seu estado de raciocínio, você vai sair de si, você vai fazer coisas que você não deveria.

**Como você descreve sua experiência como universitário evangélico até agora?**

E4: Eu tive que me privar às vezes de, por exemplo, *cervejada*, o interesse dos caras é vender o convite para você. Eles querem que você vá lá e que você fique louco, essas coisas. No primeiro ano eu lembro que todo mundo é uma página em branco, você consegue firmar uma nova identidade sua, você consegue ser alguém que talvez você não era até então, porque as pessoas te conheciam. Então no começo é tipo assim, eu não me considero uma pessoa estranha, uma pessoa excluída, então, meus amigos quando o pessoal estava formando as amizades, me chamavam para ir nos bares e tal, e conforme eu fui falando não, neste sentido social isso me prejudicou um pouco ou me poupou de eu ter amizades e de viver coisas que eu estava em outros lugares que para mim foram mais proveitosos. No sentido de provas eu acredito que colar na prova, por exemplo, você pegar a resposta de outro cara que está fazendo a prova ali, a prova é para medir seu conhecimento, então na medida que você pega a resposta de outra pessoa, você está sendo injusto, você está enganando seu professor, e aí são ensinamentos que a Bíblia prega o contrário, ela prega justiça, prega a verdade, e neste sentido com certeza as minhas notas não são tão boas quanto a dos meus amigos que sabem tanto quanto eu, que estudam comigo, e às vezes eles vão melhor que eu nas provas, porque eles colam. Mas, eu nunca tive crise com isso.

**Na tua igreja tinha ou tem algum trabalho específico para preparar o ingresso do jovem na universidade ou algum trabalho específico para a vivência da fé deste jovem na universidade?**

E4: Neste sentido não. Teria, por exemplo, a gente é jovem e uma pessoa vai entrar na universidade, ela vai poder chegar para mim e poder conversar com alguém que já fez parte, então seria este suporte, mas não tem um evento ou um curso para te preparar para entrar na universidade.

Entrevistado 5

Idade: 20 anos

Solteiro

Curso: Enfermagem - terceiro ano

Igreja: Presbiteriana Independente de Nova Esperança

Cidade: Nova Esperança/PR

### **Por que decidiu vir para UEM?**

E5: Sou de Nova Esperança, mas estou morando aqui para poder estudar, desde o começo do ano de 2015. A UEM é uma universidade pública que tem bastante destaque no currículo. É uma universidade pública com qualidade no ensino, qualidade nas pesquisas que são feitas, a UEM está sempre lá em cima.

### **Quanto tempo fica Nova Esperança daqui?**

E5: Fica uns 40 minutos.

### **Mas, você mora aqui em Maringá?**

E5: É.

### **Você mora em alojamento?**

E5: É, numa república com mais 3 meninas, somos em 4, todas evangélicas.

### **A UEM tem alojamento?**

E5: Não, tinha antes, mas agora não tem mais não. A UEM não tem nem bolsa estudante, tem bolsa de projeto, mas bolsa auxílio de estudante não tem.

### **Você já conhecia essas meninas antes?**

E5: Uma já, porque ela é de Nova Esperança e eu estudei com ela no ensino médio e as outras duas eu conheci na faculdade.

### **E foi ao acaso ter 4 evangélicas ou foi pensado?**

E5: Foi pensado. Primeiro eu conheci uma delas aqui na faculdade e logo a gente já se deu bem. Fomos conversando, conversando, e percebemos que nós éramos evangélicas. Evangélico vai juntando evangélico. Essa outra menina que

está morando com a gente, a gente também se conheceu, eu conheci ela aqui na faculdade, eu já sabia que ela era evangélica. Quando eu cheguei aqui em Maringá eu morava com uma dessas meninas e para baixar os custos resolvemos morar nós quatro.

**Você falou que evangélico junta evangélico. Por quê?**

E5: Eu acho que evangélico é mais aberto, é mais fácil manter uma conversa, um bate papo. São pessoas assim mais simpáticas, mais extrovertidas, talvez. Não tem, por exemplo, discriminação de pessoas. É o que eu sinto.

**Você já teve experiência de morar com alguém que não é evangélico?**

E5: Não, nunca tive experiência de morar com quem não é evangélico.

**E moraria?**

E5: Talvez, acho que vai muito do caráter desta pessoa esta questão de morar. Uma pessoa que se apresenta como responsável, com uma boa índole, não necessariamente precisa ser evangélico. Se é uma pessoa que paga as contas em dia, não fica levando gente que não conhece para dentro de casa, sei lá com festas, pessoas que fazem muita bagunça, sem avisar, sem nada, pessoas que não fazem essas coisas, seria tranquilo de morar.

**Por que você escolheu seu curso?**

E5: Eu gosto muito de falar sobre isso, porque foi a Enfermagem que me escolheu. Quando eu era bem criança eu falava que seria médica ou ser pastora. Aí fui crescendo pensei em fazer Medicina Veterinária, pensei em fazer Engenharia Civil, porque era boa em Matemática, pensei em fazer Direito, porque gostava de História, pensei em fazer muita coisa. Fui atrás de teste vocacional com psicólogo, tudo certinho, bem estruturado e deu o resultado dos dois. Aí eu vi lá: Enfermagem. Enfermagem, cuidar de gente, área da saúde, porque quando a gente pensa em área da saúde, a gente só pensa no médico, a gente não pensa que existe o farmacêutico, psicólogo, que existe um técnico de enfermagem, um enfermeiro, a gente só pensa no médico. Daí eu vi Enfermagem, legal! Gosto de Biologia, gosto de Sociologia que eram as específicas. E resolvi fazer o vestibular do meio do ano, porque aqui na UEM tem dois vestibulares, um no meio do ano e outro no final do ano.



Fiz a inscrição para a Enfermagem e comecei a estudar para as específicas e aí passei com uma colocação super boa, no primeiro vestibular que fiz na minha vida, e pensei: vou ingressar, vou tentar este negócio. Entrei no curso e me encontrei, não me vejo fazendo outra coisa.

### **Como você se tornou cristã?**

E5: Quando eu era criança meu pai sempre me levava na igreja. Meu pai é evangélico e minha é católica. Quando eu era bem pequenininha meu pai ainda não tinha se convertido. Ele se converteu eu devia ter uns 5 anos de idade, mais ou menos. Meus pais sempre me deixaram muito livre, eu e meu irmão. A igreja que você desejar ir, comigo ou com seu pai você pode ir. Eu comecei a ir num domingo em um e no outro domingo em outro, mas aí comecei a ter mais vontade de ir na evangélica. A gente começou a ir mais com meu pai, assim como meu irmão também. A questão de ir na igreja foi mais essa, mas a questão de um encontro com Jesus foi em 2015 num encontro espiritual, num retiro, que aí foi quando Jesus me encontrou e até hoje me encontra. Aí foi assim a questão do cristianismo mesmo, mas na igreja foi desde pequenininha.

### **Era um retiro de sua igreja?**

E5: Era um retiro de uma outra igreja, porque a minha lá em Nova Esperança não tem retiros. E naquele ano eu queria ir num retiro, eu já sabia o que era um retiro, e eu queria participar. E eu fui neste retiro desta outra igreja que é muito bom.

### **Qual é a igreja?**

E5: Igreja Batista Ebenézer.

### **Além de estudar, você também trabalha?**

E5: Não.

### **E quantas horas você passa em média na faculdade?**

E5: Umas cinco horas por dia, juntando aula e monitoria. As aulas são à tarde. Eu dou a monitoria e assisto uma monitoria. Estou envolvido também em projetos

de iniciação científica com bolsa e um projeto de extensão que é na sexta-feira à tarde.

**Me conta do *40 minutos* que é o grupo que você faz parte.**

E5: O *40 minutos* começou no primeiro ano da faculdade. Minha amiga, ela até mora comigo, ela sempre teve a ideia de que assim que entrasse na faculdade ela faria uma célula, um grupo pequeno, alguma coisa assim. E montou um grupo chamado ‘Comunique-se’, mas por causa de alguns problemas, ela não estava mais conseguindo lidar com este grupo, daí ela me chamou para comandar o grupo. Agora imagina, eu era recém convertida, tinha me convertido em fevereiro e a menina chega em julho pedindo para eu cuidar e eu disse que não conseguia. Aí o grupo parou. Mas, em abril do ano passado eu fui ao Vocare e lá eu aprendi que Deus sempre nos dá o próximo passo e nisso o Espírito Santo foi muito claro dizendo que o próximo passo era minha família e minha faculdade. E fiquei pensando, que jeito na faculdade? E começou a surgir pessoas falando comigo, pedindo ajuda para mim e eu comecei a falar de Jesus para essas pessoas. Aí pensei em resgatar o ‘Comunique-se’, mas resolvi chamar de 40 minutos para ser algo indireto, um cristianismo indireto, mas traria curiosidade para quem ouvisse este nome. Sempre que eu posto isso no Facebook as pessoas vêm me perguntar sobre o que se trata e aí falo para as pessoas irem lá descobrir, é um grupo de oração e a gente conversa. Começou em maio do ano passado e ano passado foi bem seguidinho, mas este ano foi meio conturbado, porque quando começou meu estágio eu já não conseguia fazer as reuniões e não consigo me organizar para fazer as escalas das reuniões e está meio conturbado ainda. Ele não acabou ainda, não tenho a pretensão de acabar, mas está em um momento difícil de desenvolver, por causa dessas coisas.

**Quantas pessoas fazem parte?**

E5: Cerca de 13 pessoas que vêm na reunião semanal que temos. Ano passado vinha mais gente, estava bombando, mas agora está diminuindo, não sei se é por causa dos horários, porque é um horário fechado, sexta-feira às 11:30h. Aí talvez o pessoal não pode vir mais, isso talvez seja um problema, mas eu não sei.

### **Qual o objetivo do grupo?**

E5: É unir os cristãos, é fortalecer os cristãos, porque muitas vezes como têm muitas pessoas de fora, muitos não conseguem ir num culto no meio da semana, pessoas que são de outras cidades e ainda não se adaptaram na cidade e não conseguiram encontrar uma igreja e aí tem o *40 minutos* para fortalecer, para ser um alimento espiritual. E disseminar Jesus por tudo, as pessoas que vierem a gente pede para chamar os amigos da sua faculdade para estar com a gente. Aconteceu alguns casos assim de pessoas que estavam participando do *40 minutos* com a amizade com outras pessoas elas começaram a passar por dificuldade e começaram a vir no grupo e esta é a intenção também, falar de Jesus para as pessoas que não conhecem.

### **Neste período de três anos na faculdade você vive ou já viveu algum conflito por causa de sua fé?**

E5: Será que já? Olha, eu não lembro. Às vezes acontece sim, a gente é humana e a gente erra, às vezes a gente tem umas escapulidas, então às vezes eu falo as coisas sem pensar, eu sou muito explosiva, e as pessoas me repreendem pelo fato de eu ser evangélica e elas sabem que eu não posso ser assim, mas eu de defender minha fé ou ter um conflito por causa da fé, nunca chegou a acontecer.

### **Como que é ser evangélica dentro de uma universidade?**

E5: É diferente. É diferente porque você é evangélica e o meio da faculdade não é evangélico. Então seus princípios são diferentes do meio da faculdade. Mas, nem por isso você tem que chegar dando “biblada” em todo mundo, chegando com o dedo na cara de todo mundo dizendo que está errado. Eu também não tenho este direito de fazer isso. Então é algo bem diferente, mas, não é conflituoso, não é problemático, você vive sua vida, você vai se destacar ou não vai se destacar, para algumas pessoas vai ser diferente, para outras vai ser indiferente, para algumas pessoas vai ser perguntado do porquê de você ser diferente, para outras não vai ser perguntado, e aí a gente vai vivendo.

**Quando você pensou em fazer Enfermagem e fez o vestibular existiu algum temor de entrar na faculdade pelo fato de ser evangélica?**

E5: Não, porque quando eu passei no vestibular eu ainda não tinha encontrado Jesus, então para mim era tranquilo. Eu frequentava a igreja, mas não tinha os princípios cristãos. Para mim eu ia estar no mesmo meio que todo mundo estava na faculdade, estava de boa. Mas, depois que tive este encontro com Jesus eu fiquei um pouco com medo de não ter amizades, e conseqüentemente, se você não tem amizades, se você não fala com as pessoas, você não fala de Jesus. E eu era muito quadrada quando me converti e eu achava que nada podia, e hoje eu tenho mudado muito isso. Eu converso mais com as pessoas, não excluo mais as pessoas logo.

**Como é seu vínculo com a sua igreja?**

E5: Eu vou nas reuniões de jovens e adolescentes na sexta à noite e no culto de domingo à noite. Mas, como minha igreja tem poucos jovens e adolescentes e poucos que têm realmente compromisso com Jesus, eles me colocam para fazer muitas coisas, tipo, me colocaram na liderança de jovens e adolescentes e eu sinto muita dificuldade porque estou aqui em Maringá, se eu tivesse lá em Nova Esperança eu ia conseguir visitar eles, conversar, então isso tem dificuldade, mas eu monto os estudos de sexta-feira e eu tento conversar com o máximo possível lá no próprio encontro. Agora me chamaram para falar para as crianças na escola bíblica dominical pela manhã. Como eles veem que sou ativa, eles vão me dando coisas, e eu vou fazendo.

**Em sua igreja tem algum trabalho específico de preparação para o jovem universitário ingressar ou viver sua fé durante este período?**

E5: Não tem. Só tem conversa com o pastor mesmo. Se você tem alguma dificuldade, você vai e conversa com o pastor em particular.

**E como é sua relação com o pastor?**

E5: Então, o pastor ele mudou no começo deste ano. O pastor anterior a relação era muito boa, porque ele era mais jovem, ele estava muito envolvido com os jovens. O nosso grupo da Rede, é Rede Extreme o nome do grupo, estava crescendo, estavam empolgados, estavam indo até no culto de domingo, porque a Rede foi criada para os jovens irem e muitos jovens que iam na Rede não iam neste

culto. E isso foi algo muito bom para a igreja, nós começamos a estimular os jovens da Rede a irem no culto de domingo, a conhecerem os outros membros, a conhecerem a igreja, a ser igreja. Eu estava muito empolgada, o pastor dava sempre muito apoio, sempre lá junto e de repente trocou de pastor. E é o pastor mais velho, tem uns filhos mais novos, mas o pastor é mais velho e está mais na liderança dos adultos e aí a gente ficou meio de lado, os jovens. Conseqüentemente eu falo para ele para a gente marcar e conversar, mas até hoje, desde janeiro ele ainda não marcou. Com esse pastor de agora eu sinto muita diferença da relação que eu tinha com meu pastor anterior. Não sei porque ele era mais jovem ou se é porque ele começou a Rede, ou pelo jeito dele de ser mais relacional, tem disso também, né? Mas, com esse meu pastor de agora eu não sou muito próxima, mas também não sou afastada, eu sento, converso e tal.

#### **Você frequenta culto de outras igrejas?**

E5: Sim, vou de vez em quando. Aqui em Maringá eu vou bastante para conseguir ir em um culto no meio de semana.

#### **E de outras religiões?**

E5: Vou só em eventos especiais, fui num batizado esses dias, mas de ir, eu não vou, não tenho o hábito não. Só fui na católica, nunca fui em outra religião.

#### **Quem é Jesus para você?**

E5: Pow, velho, vou chorar. O cara que eu não sou. O cara que eu quero ser: que é manso, que ama, que me ama, o cara que é exemplo, que teve coragem de pegar pessoas perdidas, podres, e levar para alguém santo, maravilhoso, coragem mesmo, deste amor.

#### **O que você pensa sobre aborto?**

E5: É um tema pouco discutido na minha vida, não tenho estabelecido em minha cabeça, fechado em minha cabeça. Por que pensa comigo: o aborto é proibido no Brasil, mas têm mulheres morrendo por abortar ilegalmente, por abortar em qualquer clínica. Qual é a lógica de deixar a mulher morrer? Ao mesmo tempo tem toda esta questão da vida, é uma vida, o bebê não tem culpa de nada do que passa para fora do mundo, está ingênuo, está sem entender, é um bebê, é uma vida nova,

que está crescendo. E é algo que penso muito, penso muito. Por que as mulheres morrem ainda por abortar. Se fosse um aborto seguro, a sobrevivência delas seria mais alta, elas teriam chance de uma vida após o aborto. Assim como a criança não tem culpa e isso seria errado nesta questão. E a questão se vai aumentar o aborto, as mulheres vão banalizar ainda mais o sexo do que já é agora, então...

### **E o que você pensa sobre esta questão da relação sexual...**

A relação sexual foi instituída por Deus, mas hoje parece que não tem valor algum, parece que a relação sexual não foi instituída por Deus, porque a relação sexual foi instituída por Deus para a continuação da espécie, para continuar o ser humano na Terra, e aí não está havendo essa valorização, está sendo feito só por prazer. O sexo deve ser feito dentro do casamento.

### **E drogas?**

E5: Eu não aceito nada daquilo que você vai depender que não seja de Deus. Se você depende do seu namorado, vai ser errado, se você depende das drogas para ser feliz, vai ser errado, se você depende do seu dinheiro para ser feliz, vai ser errado. Tudo aquilo que você depende que não seja Deus, vai ser errado. É o que eu penso. Mas, ao mesmo tempo o tráfico está aí, pessoas que estão devendo no tráfico, o traficante vai lá e mata. Então, eu não sei qual seria um meio para legalizar, para diminuir o tráfico, mas provavelmente, se fosse legalizado, diminuiria o tráfico, mas ao mesmo tempo, teria que ter mais fiscalização, porque se com o álcool não pode dirigir, por que um cara chapado de cocaína poderia dirigir? Então se a fiscalização com o álcool é baixa com as drogas vai ser mais baixa ainda, porque vai ser algo muito maior de entorpecentes que a pessoa vai poder utilizar. Então, é isso que eu penso. O tráfico está aí e não é bom, mata muitas pessoas e leva as pessoas para a miséria, para nojeira, para acabar com a pessoa, na Cracolândia você vê um monte de gente acabada, isso não é bom, não é certo.

### **E homossexualidade?**

E5: Estava até conversando com uma amiga sobre isso. Eu não vejo sentido no homossexualismo. Eu ainda não consegui entender o homossexualismo, eu não consegui entender. Têm pessoas que falam que nascem com o desejo, mas cara Deus não te criou errado. Você é um acerto de Deus, não um erro de Deus. E ainda

tem aquela questão do bissexualismo, que é os dois. Para mim é algo que não consigo entender, qual o fator que leva as pessoas gostarem do mesmo sexo, mas que é errado é, porque não vai haver a união, não vai haver a continuação da espécie. É evidente que é errado, mas é algo que não consigo entender: se a pessoa vira homossexual por questão hormonal, enfim, não consigo entender. Tenho amigos que são homossexuais, tenho normal, converso normal, não tenho preconceito, mas se chegar num debate desses eu vou falar que não consigo entender vocês.

**Quais são as principais dificuldades, se é que tem dificuldade, que um jovem universitário evangélico tem na universidade?**

E5: Dificuldade de um jovem evangélico na universidade... Quanto à religião não é, para mim se você está envolvida com a igreja, em comunhão com Deus, acredito que perder a religião, a fé em Deus, eu acho difícil acontecer. Mas, pensando na minha dificuldade, talvez falar que Jesus não é um cara careta, mostrar que Jesus não é um cara chato, cheio de regras, mas é um cara massa, que só quer ter sua amizade, que só quer estar junto de você, que te dá o colo quando você precisar, que te ajuda quando você precisar, que é o motivo da sua alegria, da sua esperança, eu acho que às vezes você até consegue mostrar, mas fazer com que ele sinte e viva tudo isso, às vezes é difícil, porque não é mais função sua, mas do Espírito Santo de fazer as pessoas terem toda esta experiência. Acho que minha maior dificuldade foi essa.

Entrevistado 6

21 anos

Solteiro

Curso: Enfermagem - segundo ano

Igreja: Presbiteriana Renovada

Cidade: Maringá/PR

### **Como você se tornou cristão?**

E6: Eu me desviei e voltei, daí eu realmente entendi o que é o amor de Jesus, o que é o amor do Pai, o que foi Ele ter se sacrificado por mim. Eu comecei a me olhar um pouquinho do jeitinho que Ele me olha. Foi um encontro de verdade, porque até então eu aceitei, eu me batizei, eu tive encontros com Deus, eu tive pessoas trazendo profecias de Deus sobre a minha vida, mas até então eu não tinha a dimensão deste amor, eu não sabia o quanto este amor era bom para mim, porque na hora que me senti miserável, na hora que me senti descartada pela sociedade, descartada pelas pessoas humanas, e ainda me revoltei, porque na cabeça do meu pai era assim que eu me revoltei com Deus, Ele ainda pela sua misericórdia entendeu o meu lado, curou minhas feridas. Eu passei a conhecer este amor de verdade.

### **Como se deu esta volta que você relatou?**

E6: Eu tinha vários ministérios na igreja, eu trabalhava com crianças e adolescentes e participava do culto dos jovens, mas eu acabava me envolvendo com tudo, círculos de oração, tudo o que vinha eu acabava ajudando a fazer. Se tinha um almoço na igreja e não tinha para ajudar e a cortar o repolho, eu ia lá e ajudava. Eu dava aula para as crianças, com os adolescentes eu tinha o ministério da coreografia e do teatro, então era bem ativa. Até porque os meus pais eram bastante ativos, mas quando eu tinha dez anos eles se desviaram por atrito e conflito com o pessoal da igreja. Aí fomos para outra igreja, mas acabamos voltando, porque meu pai sentia falta da doutrina da nossa antiga igreja. Foi quando eu já estava na adolescência, eu já sentia vontade de cuidar das crianças, era minha aptidão, eu me sentia bem ali com as crianças. Foi o momento que o inimigo mexeu muito com a minha vida, ele mexeu com o meu lar, desestruturou meu lar, eu estava numa mudança de escola e trabalho, eu comecei a trabalhar com menor aprendiz, então foi mudança de escolas,



mudança com adaptações muito bruscas, mudança nunca em si no começo é bom, você sempre sente um pé atrás, então acho que foi tudo onde o inimigo começou a trabalhar, aí começaram as coisas a darem errado, nos ministérios eu comecei a ver coisas que antes eram passadas despercebidas aos meus olhos, eu comecei a ver roubos dentro da igreja, coisas muito pesadas e isso foi entristecendo meu coração, foi me deixando baqueada, e eu parei de olhar pro foco e passei a olhar para o homem e foi a hora que fui desistindo, fui me desestimulando, mas eu ainda tinha vontade de trabalhar para as pessoas e com as pessoas e aí entrei no curso técnico de enfermagem e quando eu passei, eu decidi que eu tinha que me dedicar a algo, então resolvi me desvincular dos adolescentes e jovens. E para mim, deixar as crianças, eu até levaria o curso de técnico com as crianças, mas aconteceu alguns fatos, algumas faltas de confiança, pessoas se levantando falando coisas que não tinham nada a ver, e isso foi chateando meu coração, e quando novos adolescentes e jovens entravam na igreja eles queriam uma mudança muito drástica neles de uma para outra, transformação da água pro vinho de repente, e eu não acreditava naquilo, eu acreditava que Deus trabalhava tão devagar, aos pouquinhos, mas Ele transformava, e isso foi me machucando, até o ponto que eu vi meu pastor, que era meu exemplo fazer coisas que eu não esperava, aí foi o ponto de dizer chega, sair da igreja e toda igreja que eu ia eu me sentia mal, porque eu ficava relembando aqueles momentos e fiquei um período de seis meses sem entrar numa igreja.

**Você gostaria de falar sobre o que exatamente esse pastor fazia?**

E6: Eu vi ele tirar bastante dinheiro dos dízimos, pequenas coisas na igreja, por exemplo, esta cadeira a igreja comprou e é da igreja, mas ele levava para casa para ele usar para ele. O pessoal estava dando seu dízimo e eu via ele desviar. Por mais que fosse pouco, não era certo, não era correto fazer isso, e isso foi me entristecendo, e uma pessoa cobrar honestidade quando ela estava fazendo algo tão assim, seria feio, e aquilo me incomodou.

**Você chegou a conversar com ele alguma coisa?**

E6: Não, não cheguei a conversar. O ponto que mais me entristeceu foi quando fizeram visita na minha casa e minha mãe estava passando por depressão. Então eu estava com problemas dentro de casa e meu refúgio era a igreja, e acabou

que a igreja não sendo mais meu refúgio, porque eu chegava lá na igreja e sempre me perguntavam como estavam meus pais, e aí foram lá em casa e ficaram dizendo que os meus pais eram o motivo da minha tristeza, de eu estar saindo da igreja. Foram na minha casa, entraram na minha casa, e afrontaram meu pai, e isso para mim foi aquele golpe final, eu não precisava passar por isso, então eu fiquei seis meses afastada. Só que eu me perguntava, me questionava muito, e às vezes eram questionamentos que eu não tinha coragem de fazer dentro da igreja, porque era julgada. Comecei a questionar o amor de Deus, eu assisti um filme de Hitler e questionava a Deus como acontecia tanta maldade, e comecei a questionar com Deus, pra Deus, então num momento quando a dúvida estava muito grande em minha cabeça eu resolvi falar com meus pais, meus pais sempre foram meus amigos, sempre conversei com eles, mas para isso meu pai achou que eu estava blasfemando contra Deus, que agora não tinha jeito pra mim, que como pode eu fazer uma pergunta dessa, porque cheguei a dizer que Deus era masoquista, porque Ele permitia o sofrimento, se eu sofria e Ele sofria em meu lugar, então ele estava sentindo a mesma dor que eu, então para mim naquele momento Deus era masoquista, Ele gostava de sentir dor, mas isso porque tudo aquilo que eu estava vivendo me levava a pensar aquilo. Aí a hora que meu pai falou aquilo eu me senti mal. Até então eu não estava me sentindo mal, eu não achava que estava ofendendo a Deus, eu achava que eu estava dialogando com Deus, de colocar os meus pensamentos, sendo sincera, jogar meus pensamentos para ele, dizer o que eu achava, mas para meu pai não, não era isso, e aí eu vi meu pai se afastar e foi o momento que eu também entrei em depressão, aí tive meus problemas, tentei o suicídio, quando eu tentei o suicídio ao ponto de tomar muito remédio, de sentir minha pressão cair, aí foi a hora que eu acho que a gente se remete a Deus, que a gente lembra de Deus, e eu pedi e comecei a clamar pedindo a Deus para que não me deixasse morrer, eu não queria morrer e tomei a consciência do que eu fiz. Num momento eu queria acabar com a angústia, mas na hora que eu senti meu coração batendo fraquinho, que eu sentia que a minha respiração estava muito devagar, eu acho que Deus permitiu isso na minha vida para que eu lembrasse que no momento que eu desisti da vida, Ele disse “- Olha, o fôlego de vida quem te dá sou Eu e Eu decido a hora quem eu vou tomar de você”. Então isso foi muito forte, isso me marcou. E no outro dia eu levantei e chorava muito e escrevi uma carta para Deus pedindo perdão e guardei esta carta, e o meu modo de falar com Deus é muitas

vezes escrevendo, fazendo cartas. Pedi a misericórdia dele. Foi nesta época que uma amiga me chamou para ir numa igreja. Aí aceitei e quando cheguei na igreja, quando eu pisei o pé na igreja, eu disse para Deus: “- Senhor, eu não quero que o Senhor mande ninguém para me dar uma profecia, eu não quero, eu só quero sentir Sua presença, o máximo que eu quero é sentir um abraço muito apertado do Senhor”. Aí eu sentei, teve a hora do louvor, foi uma benção, aí a hora que eu virei pro lado veio uma senhora e ela me abraçou, foi um abraço que eu não sei explicar, foi uma paz, na verdade eu sei, foi o que eu havia pedido para Deus, e ela olhou para mim e me falava que eu era preciosa, e me segurava e falava que eu era preciosa, com se ela soubesse o que eu tinha conversando com Deus, e ela saiu, então eu chorei, chorei tanto que eu precisei sair pro canto para me acalmar, porque aquele momento foi demais. Não precisou ninguém vir apontar o dedo e falar alguma coisa que Deus disse. Aquele momento me marcou, aquele momento foi a minha experiência com Deus. Foi nesse momento que comecei a retornar. A partir daquele momento eu voltei e minha família está na mesma igreja que eu.

### **Quantas horas você passa em média por dia na universidade?**

E6: Das 7h45 até às 17 horas. O dia inteiro aqui, quando não é aqui é no estágio, mas conta como universidade, né?

### **O que levou você a escolher seu curso?**

E6: Eu fiz o técnico e sempre gostei muito da área da saúde, mexer com pessoas, trabalhar com pessoas. Aí fiz o técnico e no primeiro dia de estágio que eu trabalhei com uma pessoa que estava acamada e eu tive que dar um banho no leito nela e para mim aquilo foi gratificante. A hora que eu terminei aquele banho no leito, eu sabia que para aquele paciente não tinha expectativa, ele estava em seus últimos dias, era aquilo que eu podia fazer por ele, dar um banho no leito, e eu brincando com ele no final do cuidado, eu falei pra ele “bate aqui”, aí ele bateu na minha mão, e a hora que ele bateu na minha mão e deu aquele sorriso, aquilo para mim, por mais que eu ganhasse pouco, aquilo para mim foi gratificante e eu pensei que se eu estivesse fazendo aquilo, eu estarei feliz, eu estarei fazendo o que gosto. Eu sei que muitas vezes eu não terei este sorriso, esta gratificação de volta, em saber que fiz algo em prol de alguém e

que isso melhorou a vida dela, isso para mim é o que mais vale. Acho que foi isso mesmo que me fez entrar na faculdade e tentar Enfermagem.

**Você participa de algum grupo religioso aqui na faculdade?**

E6: Só no *40 minutos*.

**O que é o *40 minutos*?**

E6: É um grupo do pessoal da universidade, principalmente o pessoal da enfermagem, vem pessoas de outros cursos, mas principalmente da enfermagem. A gente fala um pouco da Palavra, sempre tem uma moça que traz a Palavra, ela traz um tema específico e a gente conversa sobre isso, não tem uma religião fechada, está aberta a todos e a gente conversa sobre o amor de Deus.

**Por que você participa do grupo?**

E6: Para mim na universidade fazia falta, principalmente no primeiro ano, era bem puxado a faculdade, ainda é, até por ser um curso integral, e quase toda a sexta-feira era o meu alívio. Depois das férias eu tive que parar de ir para o *40 minutos*, por causa do meu estágio com minha orientadora e eu senti falta, porque era o meu gás da semana. Se minha semana tivesse ido bem eu chegava e parecia que Deus estava falando comigo na palavra que a H. trazia. O louvor que a M. trazia, eram coisas pequenas, detalhes pequenos, mas eu percebia que Deus estava vendo, estava me ouvindo, então para mim era minha fonte.

**Você falou que foi muito importante, principalmente no primeiro ano, por quê?**

E6: Porque no primeiro ano, no segundo ano também, mas no segundo ano a gente está mais acostumado, mais calejado, no primeiro ano é um mundo diferente. Os professores são, têm professores e professores, mas a maioria são fechados. Pessoas por terem doutorado se sentem num patamar acima e acham que podem acabar com o aluno. Eu vi muitos alunos chorando, eu cheguei a vomitar antes de prova, então falta um pouco de humanismo, um pouco de amor. Era uma pressão desigual, talvez para algumas pessoas não, mas a maioria da sala sentiu esta pressão. Somos ensinados a ter um cuidado humanizado com os pacientes, mas o cuidado humanizado com a gente não funciona. O primeiro ano foi mais complicado para

mim para lidar com esta falta de paciência, aprender a ignorar este ‘eu sou melhor do que você’, justamente para me adaptar. Foi bem difícil o primeiro ano justamente para me adaptar.

**Você contou desta sua experiência de voltar para Deus, isto aconteceu antes de você entrar na universidade ou quando já era universitária?**

E6: Foi um pouquinho antes de entrar na faculdade. Eu entrei em 2015, foi um pouquinho antes. Mais ou menos dezembro de 2015 e entrei aqui no início de 2016.

**Você já viveu ou vive algum conflito na universidade, por causa de sua fé?**

E6: Não, com a minha fé não, não tive nenhuma oscilação. Eu tive pessoas que me julgaram por não participar da calourada, da cervejada que eles fazem, por não aceitar as bebidas. Algumas coisas assim. Mas, não me afrontaram por ser evangélica e também não tive nenhuma oscilação para deixar a igreja e ir “festar”, até porque pelo que passei.

**Você teve algum medo de entrar na universidade, por causa da sua fé?**

E6: Eu tive bastante, porque quando eu desisti de algumas coisas da igreja para entrar no técnico algumas pessoas que eu considerava como líderes em minha vida, chegaram a falar que Deus pesaria sua mão sobre mim, porque eu estava deixando de fazer a obra Dele por estudar e isso era absurdo. Aquilo me incomodou. Aí quando entrei no técnico isso não aconteceu, mas quando entrei aqui, minha mãe ficou muito receosa, ela ficou com muito medo, porque até então eu tinha acabado de voltar para a igreja e minha mãe ficou muito temerosa, porque minha família já tinha tido esta experiência com minha prima que tinha entrado na faculdade e se desviou. E minha mãe tinha um pouco de medo. E eu tive medo dos professores conseguirem mudar meu pensamento, medo de ter que enfrentar um professor, mas isso nunca aconteceu.

**Agora você tem algum tipo de medo?**

E6: Não, agora não.

**Como é seu vínculo hoje com a igreja local?**

E6: Eu vou aos domingos, participo da ceia, mas é mais como membro do que como alguém que está ali na obra mesmo, na frente de alguma coisa. É mais como um ouvinte da Palavra. E vou também no culto de jovens ao sábado que acontece uma vez por mês e vou todo domingo à noite com a família. Durante a semana é difícil para mim participar, por causa da faculdade, meus pais até vão na quinta e na segunda em uma célula, mas é difícil para mim participar, porque é bem corrido.

**Na sua igreja há algum tipo de trabalho de preparação para o jovem evangélico quando entra na universidade?**

E6: Tem uma certa preocupação com a vinda para a universidade, mas não assim como era na outra igreja de repudiar quem vai para a faculdade, mas sim de incentivar. Nossa pastora mesmo é psicóloga, a líder das adolescentes é pedagoga, então eles incentivam bastante, dão muito apoio. Mas, não tem algo específico para universitários. Tem acompanhamento pastoral, mas é até difícil conseguir um horário com o pastor.

**Como você descreve sua relação com o pastor?**

E6: Eu não tenho tanta proximidade, até porque eu participo mais só aos domingos, eu não participo desta célula, porque para mim durante a semana é complicado, meu curso é integral, e é longe da minha casa, então é mais o contato aos domingos.

**Você frequenta culto de outras igrejas?**

E6: Sim, eu frequento. Eu já fui em alguns congressos de jovens em outras igrejas, quando têm alguns eventos assim, eu vou.

**E de outras religiões?**

E6: Eu fui uma única vez quando eu estava no terceiro ano, eu fui conhecer um templo budista, mas não participei, fui mesmo para conhecer a estrutura e foi um passeio com a escola. Mas, ir em outras para participar, eu nunca participei, acho que nem em uma missa eu participei.

**E quem é Jesus para você?**

E6: Jesus é tudo, é o meu amigo, é o meu psicólogo, porque têm horas que só o travesseiro não adianta. Acho que Ele representa o amor.

**Você considera Jesus como Deus?**

E6: Eu sempre, desde criança, eu sei o que é a Trindade, o Pai, Filho e Espírito Santo. Eu sempre tive dúvidas em relação a isso, apesar de ser evangélica. Eu entendo que Jesus veio e que se fez carne.

**Homossexualidade, o que você pensa como universitária, evangélica?**

E6: Eu considero sim errado, porque se não Deus não teria feito cada um, mas é Deus quem transforma.

**E aborto?**

E6: Eu já tive problemas com isso. E se for uma jovem que é estuprada? Eu já pensei sobre. Ela vai recriminar aquela criança. Não seria melhor aquela criança não nascer? Mas ao mesmo tempo se aconteceu, se esta criança veio ao mundo, hoje a gente tem tantas maneiras da gente cuidar desta criança, ela pode ir para outra família. É uma vida, se ela veio ao mundo, ela tem o direito de viver. É uma questão muito pessoal. Eu tive amigas que abortaram e eu fiquei chocada. Eu estava no ensino médio e a gente estava até planejando fazer chá de bebê, quando minha amiga chegou na hora, falando que tinha abortado sozinha... para mim foi difícil, foi complicado porque ao mesmo tempo que senti um ódio dela na hora que ela estava na minha frente, eu pensei em como ela ia se arrepender depois, como ela ia se sentir depois, como ela ia se sentir culpada depois. Por mais que ela se reestruture, acho que ela nunca mais vai se esquecer disso. Ela fez com o corpo dela. Eu não sabia se eu abraçava ela, eu fiquei extasiada, eu não sabia o que fazer, e aí eu chorei. Eu não sabia como reagir. Ela tinha o apoio da família, não sei o que passou na cabeça dela. Mas, estar na pele de uma outra pessoa é difícil. Mas, quando eu tive uma pessoa perto que fez isso, minha reação foi ter raiva por ter feito aquilo, mas têm momentos complicados também. Num momento de estupro é complicado.

**E drogas?**

E6: Eu acho que antes de uma pessoa ter um primeiro contato com a droga, ela já tinha algo desestruturado dentro dela. Ela já teve algo que desestabilizou ela. Acho que procurar uma droga é uma fonte de escape. E eu vejo que acontece muito isso na universidade. É a fonte de eu estar estressado e acabar usando, “- Ah uma maconha não tem nada”. Eu não sou a favor, acho que é estragar seu corpo, você pode ter prazer em outra coisa. As pessoas que procuram a droga em algum momento estão desestruturadas. Eu tive problemas na família com isso, vi como isso destrói. Na minha sala tem o caso de uma moça que às vezes a gente vê que ela passou dos limites.

**E relação sexual, como você vê?**

E6: É uma entrega para outra pessoa, é ser, num único momento, ser um com o outro. O homem transformou isso em outras coisas, mas a relação é um presente de Deus para a gente. É um cuidado do Pai para a gente. Ele fez a gente um para o outro. Eu tenho amigas que vão para a balada e acabam transando com todo mundo, mas não é o que eu tenho para mim. É um momento de entrega, é um momento único, a minha mãe sempre orientou que a gente vai sempre se lembrar deste momento. E para mim é este momento de entrega e é uma prova de amor para a outra pessoa. E esta entrega deve ser dentro do casamento.

**Por que você escolheu a UEM?**

E6: Na verdade (risos), porque eu passei no vestibular aqui e era perto de casa. Mas, eu não tinha problema se eu passasse no ENEM para alguma outra universidade como a Unicesumar ou Uningá. Não foi pelo status da UEM. Mas, acho que foi Deus que me trouxe para cá. Eu não tinha fixação em ser UEM, mas aconteceu.



Entrevistado 7

Idade: 19 anos

Solteiro

Curso: Artes Visuais, segundo ano

Igreja: Quadrangular indo para Conexão (Participa do Ministério de Danças ADT Arte de Transformar)

Cidade: Sarandi/PR

### **Qual sua Igreja?**

E7: Eu sou registrada na Quadrangular, mas estou me transferindo de igreja. Estou indo para a igreja Conexão que é onde faço meu ministério, o Ministério ADT (Artes de Transformar), porque eu tenho um ministério de dança. Eles começaram numa igreja chamada Comunidade, saíram de lá e queriam formar uma igreja deles, por umas intrigas que eles tiveram lá na outra igreja, mas isso não vem ao caso. Eles eram muito família, pessoas se casaram entre eles, e fundaram esta igreja há 15 anos. Faz 4 anos que eu estou lá. Então, estou mudando para lá, eu vivo lá, sábado, domingo.

### **Porque que resolveu sair da Quadrangular?**

E7: Os meus pais, minha mãe é evangélica, meu pai não é batizado, ele era católico e para poder casar com minha mãe tornou-se evangélico, mas não é batizado, éramos bastante frequentes na igreja e gostávamos muito do pastor, mas depois que mudou o pastor deixamos de ir. E eu fiquei só no meu ministério, aquilo parecia que estava me sustentando, a comunhão que eu tinha com eles no sábado e domingo, sempre antes dos ensaios tinha um período de estudo bíblico e era muito bom. E nos apresentávamos em igrejas porque o ADT é missionário, este ano em abril fomos para o Haiti. Foi maravilhoso, levamos dança, foi muito bom. Então eu fui saindo aos poucos da Quadrangular, deixando de ir, porque eu não tinha mais tempo de ir aos sábados no culto de jovens, então eu ia só nos cultos no domingo e ficava aquela coisa maçante, e eu gostava muito de estar com eles e agora que estou de carro comecei a ir para lá. Então pela comunhão com eles decidi mudar e estar com eles.

**Porque você escolheu a UEM?**

E7: Porque é gratuita, principalmente. É pública. E também pela formação das pessoas. São muito bons os professores. Pelo meu curso, principalmente porque em outras faculdades aqui de Maringá a formação do meu curso é menor. E eu venho para cá todos os dias inclusive nas férias, porque nas férias eu dou aula.

**Quanto tempo em média você passa na Universidade por dia?**

E7: Eu passo 6 horas na universidade. Meu curso não é integral, é vespertino. Antes eu ficava mais tempo aqui porque vinha de ônibus, agora venho de carro e está melhor.

**Porque você escolheu este curso, quais foram as razões?**

E7: Eu levo tudo para o lado bem espiritual. Eu dou aula de ballet, sou formada em ballet, dou aula de dança, no Santa Cruz. Aí eu pensei em ser professora de dança, vou fazer Educação Física porque não tem Faculdade de dança por aqui e eu quero ficar aqui. Eu gosto de ensinar. Gosto de sala de aula de poder conversar com os alunos. Eu comecei a orar e perguntar o que Deus queria para mim, porque eu não tinha passado no vestibular anterior. Eu queria fazer algo em que meus dons pudessem ser utilizados. Aí consegui passar no vestibular e quando cheguei no curso, mesmo com um monte de coisas que está acontecendo no curso, vi que era isso mesmo que eu precisava. A parte que eu me encaixo é a das Artes, não é em outra. Eu escolhi as Artes e fui mais para licenciatura, para eu poder dar aulas que é o que eu gosto. Eu queria uma coisa que eu pudesse usar para transmitir aquilo que Deus queria tanto pelas artes quanto pela licenciatura mesmo para dar aula que é uma coisa que eu gosto.

**Que coisas são essas que você mencionou que estão acontecendo em seu curso?**

E7: O curso tem muito de filosofia e é muito complicado conviver com quem tem outros princípios. Eu e mais uma menina na minha sala de 40 pessoas, hoje está diminuindo bastante deve ter uns 32, só nós duas somos cristãs de verdade. O pessoal fala “vocês têm que aceitar o nosso jeito”, mas eles não aceitam o nosso, então é sempre bate-boca, com professor. Professor às vezes entra em um assunto sem querer, ele realmente não quer discussão sobre isso na sala, mas aí os alunos

começam a falar mal de evangélicos e muitas coisas eu até concordo, porque têm uns evangélicos que é só por Deus, né? Mas não somos assim e é chato o olhar deles ali. E a gente fica incomodada, né, fazer o quê? É mais isso que a gente passa, não têm muitas amizades, o pessoal não quer realmente ser amigo de crente, eles não querem mesmo, principalmente no meu curso. É difícil porque é muita droga, muito cheiro de maconha ali na sala, menina que vai praticamente sem roupa para a sala de aula e a gente fica estranhando isso e a gente não quer achar isso normal, porque daí começa a ficar normal em nossa cabeça. No primeiro ano a gente já vai dizendo olha ali meus colegas de classe fumando maconha e vira normal e parece que a gente é a louca. Então é isso mesmo que é mais difícil para gente.

### **Que outros conflitos você já viveu por causa da sua fé na Universidade?**

E7: É mais esse mesmo de não deixar me acostumar com o modo deles e passar achar que é normal. Eu conheço muitos jovens que eram cristãos, amigos meus, e que deixaram a fé depois de entrar para a faculdade e não consigo me ver assim, eu acho isso muito estranho, se distanciar assim. Eu acho que a gente quando se torna cristão de verdade é difícil a gente se distanciar mesmo. O que mais me deixa mal são as pessoas, o amor que elas não têm pelos outros, pelos crentes, e como os evangélicos distorcem algumas coisas e eles se pegam só nisso. É mais também o conflito de ideias, porque às vezes os alunos colocam alguma coisa, como aborto, por exemplo e você vai achando que pode ser assim, mas não pode. Os professores não opinam muito eles só jogam os temas e os alunos é que polarizam.

### **E como que você se tornou cristã?**

E7: Eu cresci na igreja evangélica. Mas só vim me tornar cristã de verdade aos 14 anos, quando tive algumas experiências. Então eu cresci dentro da igreja, mas quando a gente é criança a gente não entende muito, mas quando vai crescendo a gente vai aprendendo e foi com 14 anos que me converti de verdade, que percebi o que é isso mesmo. Mas acho que este ano está sendo uma nova fase, parece que este ano é que eu me tornei uma crente de verdade, este ano o meu ministério se aprofundou muito no estudo da palavra, então a gente está lendo muito a Bíblia e fazendo jejum juntos e temos muita comunhão uns com os outros e isso ajuda a caminhar, o projeto missionário mudou muito totalmente o meu coração, transbordou mesmo, em janeiro eu tive experiências no acampamento que fui com

eles no Paraguai e Deus deixou muito claro que tem muito para a minha vida e que eu tenho que buscar e não ficar parada. Então, realmente têm acontecido muitas coisas este ano que parece que estou crescendo mais, de verdade.

**Além de estudar, você também trabalha?**

E7: Dou aula no período da manhã, segunda, terça e quarta.

**Você participa de algum grupo religioso aqui na universidade?**

E7: Não. Tem a CEU aqui às 19:30, mas eu não participo.

**Por que você não participa?**

E7: Primeiro, porque era a noite e ficava muito tarde para eu participar, mas mesmo agora vindo de carro ainda não tive vontade.

**Você tinha algum temor de entrar na Faculdade por causa da sua fé?**

E7: Não, verdade, de boa, eu não tinha nenhum temor. Os outros, da minha igreja, é que estavam preocupados. Eu estava despreocupada, mas quando entrei aqui vi uma realidade que eu não conhecia e fiquei bastante assustada, mas por conta do meu ministério não me distanciei. Minha fé cresceu, não pela faculdade, mas por estar focada, acho que se estivesse só frequentando a igreja, sábados e domingos, sem participação ativa em um ministério não daria conta, eu não sei se já teria mudado algumas opiniões.

**Além do ministério, tem alguma outra coisa que você acha importante para você manter a fé aqui na universidade?**

E7: Eu faço um trabalho em uma ONG na periferia de Sarandi. Na periferia tem casas que você não tem noção, parece que é de outra nação, bem pobres, casos de estupro de crianças e de pobreza extrema. Faço isso junto com minha mãe, ela é professora de Geografia e trabalha com jovens. Essa ONG se chama Pescadores de Vidas e os princípios são cristãos. E lá é voluntariado e acho que isso tem fortalecido muito minha fé. Eu dou aula de ballet para as crianças e poder compartilhar amor com eles tem me fortalecido bastante.

**Então agora você dá aula, estuda aqui, passa 6 horas, é voluntária numa ONG, participa de um ministério de dança. Como você consegue tudo isso?**

E7: Boa pergunta. É tenso, eu não paro, mas eu gosto dessa adrenalina. É uma correria, mas eu estou me acostumando.

**Você falou que uma das formas de fortalecer sua fé se dá por causa do seu ministério e da ONG, mas transmitir a sua fé na faculdade, como é?**

E7: Eu e minha amiga, quando professores jogam algum assunto e os alunos falam dos cristãos, nós falamos que eles têm que conhecer primeiro, o que é ser cristão, porque eles se baseiam em grupos fanáticos. Então, eles sabem que somos cristãs e às vezes a gente fala alguma coisa. Mas é só isso. É uma coisa para pensar, porque eu faço coisas para fora, mas na faculdade não tenho feito nada. Eu fico só com essa minha amiga, não tenho muito contato com o pessoal, o pessoal não quer ter contato com a gente. Termina a aula e eu quero ir embora logo. Porque eu não gosto muito deste ambiente. Parece que você não se sente parte deste ambiente e aí você quer ir embora logo.

**Me fala dessa sua amiga, que é evangélica também, qual a importância dela, na vivência da fé aqui?**

E7: Eu acho que é muito bom, porque se tivesse essa amiga eu ia querer conversar com todo mundo, porque eu gosto de conversar. E eu ia me sentir meio excluída, porque eu ia querer ter uma amizade legal, para poder contar todas as coisas e eles não iriam se interessar e eu não iria compartilhar com quem não interessa. E se não fosse por ela e mais uma, ela não frequenta igreja, mas tem princípios. Então somos três e aí a gente conversa entre nós. Elas são muito importantes para mim. Nós temos papos bons, sem falar coisas desnecessárias. O pessoal fala palavrão e se a gente fica no meio de vez em quando pode sair da boca alguma coisa que a gente não quer. Elas são do mesmo curso e da mesma turma que eu.

**Na sua igreja, existe algum trabalho para preparar o jovem para entrar numa universidade?**

E7: Não, nem na Conexão, nem na outra a Quadrangular. Tem reunião dos jovens, mas não com esse objetivo. E agora eu vejo que é preciso. Eu conheci um

rapaz na minha igreja, ele mudou de igreja e eu parei de ter contato com ele, mas eu achava que ele sentia as mesmas coisas que eu, namorava uma menina da igreja e era bonito ver os dois juntos, eu achava que ele tinha muita firmeza na fé, então, ele entrou para a faculdade e mudou da água para o vinho. Eu sigo ele nas redes sociais e vi umas fotos dele, estava bebendo, estava fumando, *descrentizou* total. Aí eu percebi como falta esta preparação dentro das igrejas.

**Você falou deste rapaz, você vê outros?**

E7: Vejo, vejo mesmo. Eu tinha um ministério dentro da igreja Quadrangular, mas era um ministério só dentro da igreja, o pastor não deixava a gente sair. As meninas do ministério cresceram junto comigo, e aí nós fomos para a faculdade e perdemos o contato, porque eu só podia ir lá aos domingos, então não encontro muito com elas. E eu percebi que as amizades delas estão indo para outras, a sensualidade aumentou e eu percebi que estava mudando o caráter mesmo. E eu fiquei assustada, pensando que a igreja tem essa função de ir atrás destes jovens e falar que eles têm que tomar cuidado com a vida aqui na universidade.

**Você vê mais gente fortalecendo ou enfraquecendo a fé?**

E7: Eu vejo mais gente enfraquecendo na fé. No meu meio, o meio que eu frequento, está fortalecendo. Mas, quando eu parto para o outro lado, porque eu falo que eu tenho dois lados, o lado quando eu estou na faculdade e o meu dia a dia, então, tudo o que eu faço, lá onde eu trabalho, a menina que é a líder também faz parte do ADT, então está tudo interligado com o meu viver. Na faculdade parece que falta alguma coisa. Eu vejo mais gente desse lado enfraquecida, entra em outros ritmos de vida e vai enfraquecendo na fé.

**O que você mais gosta na faculdade?**

E7: Para ser bem sincera, a natureza, o ambiente físico.

**E o que você menos gosta, ou não gosta?**

E7: Eu acho que é da universidade, aí engloba tudo, engloba a faculdade, as pessoas, os professores, não gosto desse clima.

**Você falou que seu Pastor não deixa vocês saírem, me explica isso.**

E7: A gente tem que pedir muito para sair e ir se apresentar fora da igreja. Tem uma igreja aqui em Maringá, igreja grande e famosa, tinha um ministério grande para fora de teatro, minha mãe fazia parte, e um deles fez *drad* e aí o pastor já veio conversar, olha você está influenciando os jovens, então não é bom vocês saírem da igreja, não é bom ter ministério fora da igreja, é bom você ficar só dentro da igreja, para você só contagiar os jovens desta igreja, não precisa ir para fora senão, você vai ficar levando as pessoas de fora para a igreja. Então, a preocupação do pastor é esta, tirar os jovens da igreja, levá-los para outros lugares.

**Como você se sente em relação a isso, o que você acha disso?**

E7: Eu não acho nada certo, porque eu acho que eu não sei, porque eu tenho umas coisas na minha cabeça em relação a igreja que eu estou ficando até mesmo assustada. Parece que eu não estou muito satisfeita, parei mesmo de frequentar. No meu ministério que é de sábado à tarde e domingo de manhã, parece que me sustenta.

As pessoas falam, você precisa ir, precisa ofertar, mas eu estou ofertando em outras coisas. Aí eu fico meio receosa, tipo assim, eu parei de ir naquela igreja para ir na Conexão, mas eu não estou indo firme todo domingo à noite. Porque fala que precisa ter comunhão, dar o dízimo, oferta e fazer parte da família da igreja. Eu não estou sentido falta que eu tinha da igreja, aí eu fiquei preocupada comigo. Eu falei com a minha líder, estou saindo da igreja, e ela falou, não você precisa ir à igreja. Então eu estou indo para a Conexão, porque na Quadrangular, eu não estou gostando mais mesmo. Porque agora a gente, no ministério, está tendo umas pregações diferentes, tipo assim, para o povo despertar. Minha líder diz, vocês precisam despertar. Aí eu chego na igreja e as pregações não transbordam em mim, pregações só para falar que pregou. Aí eu fico frustrada com a igreja e vou para o ministério, mil vezes estar lá do que estar na igreja. É estranho, mas é.

**Me fala do seu vínculo com o Pastor da Conexão.**

E7: Da Pastora, é que lá o pessoal é muito família, se tratam como amigos, minha pastora é minha amiga. Ela é a pastora, mas de vez em quando ela fala para algumas pessoas pregarem, a liderança pregar, então não é só ela, mas ela é a líder espiritual. Mas, a minha relação com ela é menor do que com a minha líder, mas é

normal isso, eu acho, ter mais entrosamento com a líder que está mais perto de você. Mas, a minha pastora é um amor. Mas eu acho que a gente se distancia muito porque tem medo de pastor. A líder tem um papo mais gostoso de amiga. Eu nunca tive um papo assim cara a cara com o pastor. Acho que era muita gente e o pastor não tem que dar atenção a todo mundo. Então, nunca me passou pela cabeça conversar com o pastor. Desde sempre eu só chegava para os líderes ou para as minhas amigas. A minha líder atual tem 39 anos e a nossa relação é muito boa.

### **Você frequenta cultos em outras igrejas?**

E7: Não. Só quando a gente vai dançar em outras igrejas, no dia a dia não. Nem em outras religiões. Quando eu era criança frequentava a católica, porque ficava com meus avós e ia com eles.

### **Quem é Jesus para você?**

E7: Quem é Jesus para mim? Falo que é mesmo um amigo, líder, igual eu tenho no ministério. Eu vejo que um líder que é meu amigo, e esse líder não é aquele chefe, aquele carrasco, mas é um líder que vai te ajudar, vai te colocar no caminho certo, você vai caminhar junto a ele. É mais uma relação de ser igual a ele, ser igual ao líder, então não é uma relação distante de Jesus, mas cada vez mais você se parecendo com ele, com esse líder, com esse amigo, porque se eu admiro tanto ele, então, eu tenho que seguir ele. Então é mais uma relação de amizade, de companheirismo, como um líder, não como um chefe.

### **Sua opinião sobre:**

#### **Homossexualidade**

E7: Não concordo, claro, mas a gente teve uma experiência com um homossexual, lá na igreja Conexão, no meu ministério, a minha líder é bem firme nisso, não queremos mesmo, isso está errado. E vai um homossexual lá na igreja e a Michele estava sentindo no coração, no coração não, na mente, dela mudar a sua pregação, porque a pregação era para crente e ali estava um homossexual, mas Deus disse a ela que não teria que mudar, teria que falar o que Ele já tinha colocado no coração dela. Aí ela falou, no final do culto, ele já estava indo embora, e Deus mandou ela dizer a ele que o amava do jeito que ele era, e isso foi um tratamento para ela. Ela disse, como assim, se eu falar isso, ele não vai mudar, porque você o



ama assim mesmo. A minha mãe é uma crente que aceita tudo, é demais ela. Eu estava meio termo, quanto ao homossexualismo eu não apoio o casamento. Eu tenho muitos colegas de turma homossexuais e eu os trato normalmente, com muita tranquilidade, mas eu não aceito esta prática.

### **Drogas**

E7: Aí vem a legalização da maconha, eu vejo muitos crentes apoiando, fazer o quê? Porque pode usar como remédio, não apoio mesmo. Dá uma tristeza. Dá até dor de cabeça, quando falam disso em sala de aula eu já fecho a cara, falo logo, gente vocês estão estragando a vida, pensam do outro lado, pensem no lado cristão. Porque eles acham que são felizes, mas depois que um menino do meu curso se matou, ele estava no quarto ano, e o povo todo ficou chocado, porque ele era do tipo “sou feliz”. Não sabe para onde correr, para a droga não deu certo. Então, o povo não tem muita consciência.

### **Aborto**

E7: Aborto também não. Aborto eu escutei em casa para legalizar, porque não pode legalizar, a gente não vai fazer, mas outras fazem, tem um monte de mulher morrendo. Não consigo aceitar isso, porque se você legalizar é porque você apoia, e as mulheres que vão fazer aborto, elas sabem que estão correndo risco de vida, então elas já vão fazer sabendo.

### **Relação Sexual**

E7: Teve uma onda do “Eu decidi esperar” há uns quatro anos, e eu estava nessa e tinha gente que até mentia, dizia que estava nessa, mas ficava. Aí eu falei, pera aí, eu estou seguindo uma coisa que eu nem fui conhecer a fundo. Então, com 14 / 15 anos, na fase da adolescência, e adolescente quer descobrir as coisas, fui falar com a minha líder e nós tínhamos conversas sobre isso abertamente e aí nós fomos entendendo como é importante se guardar. E aí eu vejo que o mundo está cada vez pior. E são crentes que tem opiniões diferentes, tipo assim, se você está com uma pessoa e sabe que vai casar, por que não? Esquecem a Bíblia.

**Você tem alguma pergunta sobre esse assunto ou algum comentário que gostaria de fazer? De ser evangélico na universidade.**

E7: Acho que não, eu acho que já falei muito.

Entrevistado 8

Idade: 18 anos

Solteiro

Curso: Enfermagem, segundo ano

Igreja: Missionária Central

Cidade: Maringá

### **Porque você escolheu a UEM?**

E8: Meus pais desde pequeninha pagaram colégio particular para mim e o intuito deles era que eu pudesse escolher uma universidade pública. Também pela qualidade excelente do ensino e por não precisarem bancar mais quatro anos. E eu acredito também que todo o conhecimento que eu adquiri me ajudaria a entrar na faculdade pública.

### **Quais as razões que levaram você a escolher enfermagem?**

E8: Eu vou ser bem sincera, até o meu primeiro ano do ensino médio, metade do segundo, eu pensava em escolher medicina, mas aí eu comecei a analisar bem, a dar uma pesquisada e vi que passar em medicina não era uma coisa tão fácil, e que eu não passaria de primeira, teria que ter mais alguns anos de estudo, de dedicação. E eu nunca tinha pensado na enfermagem. Minha mãe tem duas amigas que são enfermeiras e ela sempre gostou. Ela me falou, “filha por que você não pensa em enfermagem?” Eu não sabia a diferença entre enfermagem e o técnico. Ela me falou a diferença, eu comecei a pesquisar no final do segundo ano, e no terceiro ano, eu já tinha decidido a fazer enfermagem. Mas me identifiquei, e eu achei que se encaixou um pouco mais no meu perfil do que a medicina. Mesmo tendo sido no final dos quarenta e cinco minutos, eu não me encontrei, mas me identifiquei com o curso, mas ao longo da graduação, mesmo porque eu ainda estou no segundo ano, eu vou ver se é isso mesmo que eu quero. Mas, por enquanto, eu estou gostando muito do curso e pretendo continuar na área.

### **Como e quando você se tornou cristã?**

E8: Eu fui batizada na igreja católica quando eu era pequeninha. Meu pai era católico, minha mãe era católica, normal. Se eu não me engano, quando eu tinha uns 10, 9 anos, a minha avó, mãe da minha mãe, começou a ir na igreja

missionária, uma igreja evangélica, e ela gostou muito, se batizou ali, e ela sempre foi cristã, sempre foi evangélica. Minha mãe se interessou, minha avó falou desta igreja, minha mãe começou a frequentar, fez tudo o que precisa para se batizar, fez o curso de ideias básicas, eu agora sou membro, se batizou, está até hoje como membro. E ela sempre me levando para a escola, capela da promessa, voltada mais para crianças, eu comecei a gostar, com o ensino da palavra de Deus para crianças, com brincadeiras. E com doze anos você tem que fazer um curso para ver se se batiza ou não, porque a escolha é sua, não dá para forçar. Eu fiz o curso, gostei muito e decidi me batizar. Vi que sem Jesus, a gente não consegue seguir. Minha mãe falou que eu não era obrigada a nada, que a escolha era minha, e eu me batizei e estou na missionária até hoje.

**Com quantos anos mesmo?**

E8: Doze anos, bem novinha.

**E além de estudar aqui, você trabalha?**

E8: Não, não trabalho. Uma porque o meu curso é integral, e para não dizer que não trabalho, eu trabalho com a minha mãe nos finais de semana, mas não são todos os finais de semana, porque a gente é assessora, então, eu trabalho com ela na assessoria de eventos. Não são todos os sábados que a gente tem eventos, mas quando tem, eu trabalho com ela. E de vez em quando, eu ajudo o meu pai que também tem uma firma de eventos.

**E quantas horas você acha que passa em média aqui na faculdade por dia?**

E8: Eu acho que cerca de nove horas.

**Você participa de algum grupo religioso aqui?**

E8: Na UEM, não. Já fui convidada a participar, mas não participo não.

**Convidada para qual?**

E8: A Micaele me convidou, ela falou que acontece toda sexta-feira, é uma reunião para jovens e também tem um pessoal da enfermagem, mas não é dedicado só para enfermagem, tem pessoal de outros cursos. Eles também faziam às sextas-

feiras, acho que era às onze horas, se não me engano. Acabava a aula e elas se reuniam. Não sei o que elas faziam, se liam a palavra, cantavam louvor. E me chamaram, mas eu não pude participar, é porque eu não quis mesmo. Nada contra também, se eu pudesse, eu iria.

**Então me fala mais um pouquinho disso, porque que você nunca se interessou?**

E8: Porque uma que quando começou eu estava assim, acho que começou no final do ano passado, e era na sexta, e assim na sexta é meio corridinho, a gente termina uma aula e já emenda em outra. E o ano passado para mim foi meio estressante, aí eu queria descansar um pouquinho e optei por não ir, porque não quis mesmo, não me chamou atenção. Achei muito legal da parte delas, apoiei, falei nossa, que legal.

**E você falou que ano passado foi meio estressante, por quê?**

E8: Foi o primeiro ano, e creio eu que o colégio que eu vim, por ser um colégio pequeno, você tem mais proximidade com o professor. Eu estudava só um período de manhã, eu acho que foi um baque para mim, porque você está ali acostumada com uma coisa, de repente, chega o primeiro ano da faculdade, tem a pressão da faculdade. O curso é integral, para você se adaptar já é difícil, muitas matérias, muitas coisas para estudar, eu só tinha a noite para estudar, e não saía com o namorado, e o namorado reclamava, eu acho que foi por isso, uma fase de adaptação. Para mim, foi um ano muito difícil, falo mesmo que foi um ano estressante, ainda bem que passou, porque eu não via a hora. Acho que foi mesmo pela questão de se adaptar a outra realidade diferente da minha. Você entra já com aquela pressão, faculdade é totalmente diferente, e eu pensava, nossa, vou reprovar em tudo, vou ficar em DP, já entra com aquela pressão.

**E esse ano?**

E8: Esse ano está bem tranquilo, estou mais calma, tipo assim, vai dar certo, tudo tem um jeito. Esse ano também deixei nas mãos de Deus, falei “Senhor, se for, se acontecer alguma coisa tem como recuperar”. Estou tranquila, porque acho que se estressar não vai levar a nada.

**Além desse estresse, de adaptação, você já viveu ou vive algum conflito nesse período, da sua fé?**

E8: No ano passado, posso te dizer que, de uns três anos para cá, eu estava bem morna. Não estou afastada, frequento os cultos normal, ia a igreja, ia ao meu ministério, mas não estava buscando, não estava pedindo a direção de Deus. E desse ano para cá, o Espírito Santo me tocou, e me mostrou como era importante esta comunhão com ele, e como fazia falta, como fazia diferença, e esse ano eu estou me aproximando mais, me envolvendo com o pessoal da igreja, sendo que eu tinha até amigos na igreja, mas nos cultos de domingo, de sábado, eu não saía com meus amigos. E este ano eu conheci uma galera bem legal, todo sábado a gente sai, tem umas sextas feiras que a gente também sai e eu acho que esta comunhão tem sido bem legal e ajuda muito a gente permanecer ali, você querer buscar mais, porque um está ajudando o outro, ninguém está ali para julgar, está ali para ajudar. E eu acho que foi isso. Porque quando você não está tão próximo, fica meio mais difícil. Mas, esse ano, graças a Deus, a gente está voltando aos poucos, é tudo um processo, mas é isso.

**E essas amizades são de pessoas da sua igreja?**

E8: Sim, são pessoas da minha igreja, tem várias idades, tem gente de 29, tem gente de 18 que é a minha idade, até 30 anos, posso colocar nesta faixa. E quando conheci eles este ano, eu creio que me ajudou a ir mais, porque eu falei, um está ali para ajudar o outro. Porque querendo ou não meus amigos eram divididos, tinha uma galera do sábado e uma do domingo. E no sábado eu não ia, porque em uns sábados eu trabalhava e em outros, quando tinha a oportunidade, eu não queria ir. E ia só para o culto e me sentia um pouco sozinha. E essa galera me acolheu, foi bem legal. A gente não se conheceu no culto, se conheceu num projeto no asilo da igreja, e aí começamos a sair, conversar, me identifiquei bastante. Era uma coisa que eu queria, pessoas que parecessem comigo, e agradeço a Deus por eles estarem na minha vida e estou feliz por isso.

**Dizem que é um senso comum, que este período na universidade acaba afastando o jovem da sua fé, e você está me contando que está no segundo ano e agora está voltando, então isso não está acontecendo com você.**

E8: Tem acontecido, mas eu creio que no ano passado não foi por causa da universidade, foi por causa de anos atrás que eu não estava firme, eu não vou

colocar a culpa na universidade, não posso colocar, porque querendo ou não, quando a gente quer, a gente consegue. Mas como eu disse, foi um ano estressante, e algumas oportunidades de tempo que eu tinha, eu aproveitava para estudar. Mas, eu creio que viver na universidade e ser cristão é complicado, muitos são contra, muitos às vezes zombam, muitos falam o que não devem, mas eu creio que quando a gente está firme, a gente não se afasta, vai buscar força para perseverar, porque nunca vai ser fácil, em qualquer lugar que a gente esteja vai ter pessoas que vão te julgar. Mas eu creio que a universidade em si, eu acho que não, porque este ano mesmo, não é que seja um ano fácil, mas eu estou achando que comparado ao ano passado, está sendo bem menos estressante para mim, está sendo um pouco mais tranquilo e que não está sendo a faculdade que está me afetando na minha fé, entendeu? Tem coisas ali que a gente tem que relevar. A gente tem que pensar no que a gente fala como cristão, porque não somos os donos da razão. Acho que depende muito da pessoa, se ela é influenciável, se ela vai ser influenciada, depende disso.

**E você tinha algum temor de entrar na faculdade por causa da sua fé?**

E8: Não, não tinha medo, só um pouco insegura. Preocupada se alguém perguntasse alguma coisa para mim e eu não soubesse responder. Mas medo mesmo não, nunca tive não.

**E como é o seu vínculo com a sua igreja?**

E8: Gosto muito daquela igreja, ela tem regras que alguns não concordam muito, como toda igreja tem regras, algumas vamos concordar, outras discordar, mas tem que ter regras, porque se não tiver, vira uma desordem. Mas eu gosto muito de lá, gosto muito da pregação, gosto muito do louvor, das palavras, do ensino. Minha mãe aprendeu muito com a Teologia, gosto muito dos ministérios, o ministério infantil. Já fui líder de uma sala de crianças de 3 e 4 anos, gosto muito do jeito que eles ensinam para cada idade. Agora estou em outro ministério, os Anjos da Noite, a gente faz visitas em hospitais. Algum tempo atrás eu tinha algumas dúvidas, será que é isso mesmo? Mas agora posso perceber que eu me encaixei ali. Eu tinha muitas amigas que saíram dali da Missionária. Uma saiu e foi para outra igreja, e eu ficava me perguntando, será que aqui é o meu lugar mesmo? Fico aqui, não fico? Mas eu percebi que não é a igreja que faz a gente, somos nós

que somos a igreja. Independente de qual igreja você estiver, o que importa é a sua fé. Mas eu me identifiquei muito ali com a Missionária, gosto muito dali, gosto muito do pessoal, pessoal muito acolhedor. E eu não penso em sair.

**Esse “Anjos da Noite” é o quê? Vocês vão visitar pessoas no Hospital?**

E8: Isso. Tem os Anjos da Noite, que é o ministério que a gente vai levar café, leva bolo, pipoca, para o pessoal que está ali no UPA, no Hospital Universitário e no Hospital Municipal. E a gente faz assim, as pessoas que estão ali fora, aguardando um parente, a gente oferece um café, um bolo, às vezes são pessoas que estão com fome, às vezes não tem dinheiro para comprar alguma coisa, e pergunta se quer que a gente anote o nome, deles ou do parente que está sendo atendido, para fazer oração. Se a pessoa aceita, a gente anota, senão tudo bem. A gente abençoa, não é uma pregação, a gente está ali para levar o amor de Deus. A gente pode servir com pequenos atos. Tem um livro que a nossa igreja disponibiliza, a gente dá o livro para a pessoa, para aquelas que a gente vê que se abre mais, não são para todas. Também, porque não teria uma quantidade suficiente para todas. E eu acho que por estes pequenos gestos, a pessoa percebe o amor de Deus.

**E isso é uma vez na semana?**

E8: É assim, no mês são duas terças feiras, eu sou da escala das terças feiras, eu vou uma terça sim, uma terça não.

**E além disso você falou num culto aos sábados, foi isso?**

E8: Sim, o culto dos jovens.

**Você costuma ir?**

E8: Costumo. É como eu falei, ano passado eu não ia muito, se fui, foram uma ou duas vezes, mas agora estou indo direto. Os sábados que não vou é porque tem alguma coisa ou porque estou trabalhando.

**E domingo?**

E8: Domingo também vou.

**De manhã e à noite?**



E8: Tem de manhã e à noite, depende, às vezes vou de manhã, às vezes vou à noite.

**Então poderia dizer que são estes três compromissos que você tem o “Anjos da Noite”, o Culto Jovem, aos sábados e Domingo pela manhã ou à noite, ou tem mais alguma coisa?**

E8: Quinta e domingo, são no endereço novo, perto do Bingo. Quartas e sábados, como são cultos menores, é ali perto do Santos Dumont. Ontem mesmo eu fui, a gente costuma ir na quinta, eu, meus pais e minha irmã, e no domingo. E eu costumo às vezes ir aos sábados.

**E essa sua igreja tem algum trabalho específico de preparar o jovem universitário para entrar na faculdade, para viver a fé na faculdade?**

E8: Que eu saiba, não. Tem uma reunião que eles fazem com os adolescentes de doze a dezesseis anos, às terças feiras. Eu participei uma época e eu lembro que eles comentavam que entrar na faculdade não vai ser fácil, vão ter muitos confrontos, é o que eu lembro, mas agora não sei se tem este trabalho.

**E você acha que seria interessante?**

E8: Eu acho que seria bacana, seria um preparativo, porque às vezes surgem perguntas que a gente não vai saber responder, e às vezes tem pessoas ali que não estão querendo saber porque quer, eles estão querendo só confrontar. Mas acho que seria importante saber mesmo, seria um preparo a mais. Porque às vezes elas nos veem como exemplo, nos veem de uma forma diferente. E assim quando elas vierem perguntar, a gente tem que saber responder, saber o que falar, o que não falar, porque às vezes o que a gente fala não está 100% correto. Seria bacana.

**Como você descreve sua relação com o pastor de sua igreja?**

E8: A minha igreja é uma igreja grande. Tem muitos membros, eu não sei dizer quantos mil membros tem. Eu não tenho tanta relação com o pastor principal, com ele, às vezes a gente chega uns vinte minutos antes do culto, ele passa cumprimentando, mas não dá para ter aquele vínculo. Eu acho que eu tenho um pouquinho mais com o pastor de jovens, que é o pastor Lucas agora, antes era o pastor Bernardo, eu tinha uma relação bacana com ele, no tempo em que eu ia, agora ele foi transferido para Marialva. E com o Pastor Lucas que entrou, eu acho que a

gente está tendo uma relação bem bacana, de proximidade, às vezes ele sai com o nosso pessoal, às vezes com outro pessoal, para ele conhecer, é bacana sim, ele está se enturmado, a gente está se abrindo.

**E qual que é a idade deste pastor?**

E8: Vinte e três.

**Novo né?**

E8: Bem novinho.

**E aí ele lidera a juventude?**

E8: Isso, ele que está responsável pelos jovens e pelos adolescentes, mas eu acho que futuramente vai mudar, porque o filho do pastor vai vir, bem as pessoas falam, um vai ficar com os jovens e outro com os adolescentes.

**Você frequenta cultos de outras igrejas?**

E8: Agora recentemente não, mas já frequentei, eu fui em outras igrejas aqui de Maringá. Não tenho problemas de ir, se me chamarem para ir, eu até vou. Se me chamarem para ir a uma missa na igreja católica, sem problemas. Eu acho que a gente tem um Deus só, acho que independente da religião, da igreja, eu vou. Eu tenho parentes, os dos meus pais, principalmente, são católicos, eu já fui recentemente com a minha tia na missa, e se me chamarem eu vou, sem problemas.

**E de outras religiões que não forem cristãs?**

E8: Como assim, você fala espiritismo...

**É espiritismo, budismo, islamismo...**

E8: Olha, eu nunca fui. Budismo também nunca fui.

**Iria?**

E8: Se me chamassem, primeiramente eu ia conversar com meus pais, ver se eles aceitam, se apoiam, e talvez eu fosse sim. Acho que é bom conhecer um pouco, às vezes a gente tem outro olhar, olhar já de julgando, acho que se deve conhecer para depois ter nossa opinião.

### **Quem é Jesus para você?**

E8: Quem é Jesus para mim? Jesus ele é uma pessoa. Ele vivo está. Ele é o pilar que a gente pode contar a todo momento. Ele está sempre de braços abertos, independente se gente cai hoje, a gente pode estar se levantando, porque ele vai estar ali nos apoiando. Ele nos deu a graça. Eu sou grata a Ele por isso. Ele é amor, é cuidado, é carinho, é paciência, eu acho que ele é tudo isso, e tudo o mais. Ele é aquela pessoa que quando a gente precisa, quando está feliz, na tristeza, a gente pode contar com ele para o que precisar, porque ele não vai nos julgar, ele sempre tem amor para nos dar. Jesus é isso para mim.

### **O que você pensa sobre homossexualidade?**

E8: Eu sou contra o homossexualismo, porque está na Bíblia. Deus fez um homem e uma mulher, ambos para se casarem, procriarem, a geração continuar. Sou contra, mas eu não julgo, não faço discriminação, e também não tenho preconceito. Eu sou contra pessoas que batem, que maltratam, que violentam, porque eu acho que acima de tudo é um ser humano, é uma criatura de Deus. Eu acho que do mesmo jeito que Deus nos ama, também pode amar a ele, porque independente da opção que ele escolheu, Jesus o ama acima de tudo, e se Jesus é amor, porque a gente não vai ser. Então, assim, não concordo com o homossexualismo, mas se precisar, eu vou atrás, eu cuido, vou falar da Palavra. Mas, também sou contra a violência e tudo o que discrimina eles, todo o preconceito.

### **E drogas?**

E8: Drogas? Também creio que é algo errado, porque depois que vira o vício, porque é assim, você começa e diz, não eu não vou continuar, mas vira o vício, então, acho que a droga depois que vira vício pode destruir, já destruiu famílias, já destruiu casamentos. Eu acho que é uma coisa que podia ter sido evitada, mas infelizmente aconteceu, a gente não sabe porque aconteceu, a gente não pode julgar, porque a pessoa procurou as drogas, mas eu acho que ela é algo que destrói as pessoas, tanto fisicamente como fisiologicamente, no organismo também faz um estrago e acho que principalmente no emocional deixa a pessoa totalmente diferente. Já ouvi casos de pessoas que tiram as coisas de casa para vender, para comprar drogas. Eu acho que o tratamento é essencial, tem que persistir, tem que

sempre estar na esperança para ajudar, porque infelizmente a pessoa caiu, mas pode se recuperar e creio que se houver pessoas para ajudar, tudo é possível.

### **Aborto?**

E8: Aborto é uma coisa bem complicada de se dizer. Querendo ou não está bem em pauta. A gente não pode dizer se é certo ou errado, porque a gente não sabe a opinião de Deus, se para Deus é certo ou errado. Porque há casos de meninas estupradas. Como a gente pode dizer se é certo ela abortar ou não. Eu não tenho uma opinião definida sobre o aborto. Mas também não posso falar que julgo pessoas por fazerem aborto, tudo tem uma circunstância por trás. Então, eu não sei se o aborto é certo ou errado. Eu penso que tem casos que poderia ser evitado. Existem casos de pessoas não terem se cuidado, querendo ou não foi um erro delas. Eu acho que tem abortos que não precisariam ter ocorrido. Às vezes, eu ouço as pessoas falarem, eu preferia ter abortado do que deixar na rua, às vezes poderia ter tido o filho e dado para um orfanato, não sei, mas eu também não posso julgar, porque eu não sei da vida da pessoa. Eu não tenho uma opinião concreta sobre o aborto. É difícil, é um tabu ainda para todos em geral, tanto para cristãos como para quem não é.

### **E relação sexual?**

E8: Relação sexual antes do casamento? Relação sexual antes do casamento é pecado, a gente sabe disso, mas eu creio que todos nós somos falhos, somos pecadores, às vezes nós erramos, não tem como, a gente é pecador, a gente vai errar. Eu acho pecado, é errado, mas nós não somos perfeitos. Depois do casamento sim, cada um tem sua relação com seu marido, com sua mulher, mas eu sei que é errado ter relação sexual antes do casamento. Depois sim é permitido, mas eu creio que se a pessoa se arrependeu, se ela teve uma relação sexual num namoro, num noivado, aí é só seguir a vida dela que Deus perdoa. Mas está errado.

**Para terminar, você tem alguma pergunta, sobre esse assunto, sobre o que a gente conversou?**

E8: Em mente agora não tenho não.

**E como você descreveria esse tempo que está na universidade, são dois anos, um ano e meio? Como você descreve ser uma universitária evangélica?**

E8: Olha, eu sou uma pessoa que sou bem na minha, bem quieta, sou mais de ouvir do que de falar. Então, para mim, às vezes não é fácil. Tenho amigas que são cristãs que acreditam em Deus, mas não frequentam um grupo, não as julgo de jeito nenhum, mas às vezes a gente ouve determinadas coisas que a gente sabe que está errado. Por eu ser bem quieta, eu não falo minha opinião para não causar intriga, sou bem na minha, tem coisas que eu falo, tem coisas que não falo, outras relevo, mas não é fácil a gente em meio a muitos, entrar com opinião diferente. Mas sempre vi ter isso, quando a gente decidiu ser cristão, a gente sabe que não vai poder agradar a todos, nem Jesus agradou, a gente não vai poder agradar. É um pouco difícil sim. Eu creio que no meu curso, porque a maioria é meninas, a maioria da minha sala é cristã, eu vejo que acreditam em Deus, mas também tem aquelas, não que sejam ateus, mas que não respeitam a nossa opinião, às vezes fazem brincadeiras que a gente tem que ouvir, brincadeiras no grupo de WhatsApp, mas é melhor não falar nada. Porque eu sou assim, não gosto de intrigas, não gosto de brigas, a gente só ouve, ora para Deus mudar o coração, tirar aquele pensamento diferente, entrega nas mãos Dele, porque tem coisas que não vamos conseguir mudar, só Jesus mesmo, mas é bem complicado.

**Entendi, me dá um exemplo de alguma coisa, de alguma brincadeira que você lembre.**

E8: Deixa eu ver se eu lembro. Olha, eu não lembro bem como foi o contexto, mas uma vez uma menina, ela fez uma brincadeira com Jesus ali no grupo do WhatsApp, eu não lembro o que foi, mas eu lembro que eu não gostei, não concordei, mas eu falei assim, vou fingir que eu nem vi isso aqui, mas aí eu falei, será que o Senhor pode mudar o coração dela de pensar desse jeito? Eu não lembro o que foi, mas lembro que zombou da religião.

Entrevistado 9

Idade: 23 anos

Solteiro

Curso: Letras - Habilitação dupla Português/Inglês - Quarto ano

O Curso tem cinco anos - último ano - tradução

Igreja: Assembleia de Deus

Cidade: Paissandu

**Por que você escolheu a UEM?**

E9: Primeiramente pelo fato de ser pública. Como é a única universidade pública estadual aqui da região, as escolas, desde o comecinho do ensino médio, já estão incentivando os alunos a prestarem vestibular na UEM, porque é uma universidade boa, é uma das melhores do Brasil, é o que dizem, foi a primeira e única opção que eu vi que era viável para mim, deu certo. Foi bom.

### **E por que você escolheu Letras?**

E9: Essa é uma pergunta mais complicada, porque eu realmente não sabia o que eu queria fazer, porque você sair do ensino médio, eu fiquei dois anos sem estudar, só trabalhando, não tinha pretensão naquele momento de cursar uma faculdade, eu comecei a pesquisar sobre os cursos, sobre as estrelinhas do MEC de cada curso, a história de cada curso. Eu queria na verdade fazer Jornalismo. Mas, na UEM não tinha Jornalismo na época, tinha um curso que era Comunicação em Múltiplos Meios que englobava um pouquinho de Jornalismo, mas era uma coisinha assim de seis meses, então não era o que eu queria. Eu sempre gostei de escrever, sempre fui de fazer “Blog”, de tentar escrever livro, essas coisas. Eu entrei na graduação com a ilusão de que eu ia aprender a escrever muito bem, e escolhi Letras por causa disso. Depois que entrei, tive a surpresa de que não era nada daquilo. Letras é muito mais teórico do que simplesmente aprender a escrever, mas graças a Deus no finalzinho do primeiro ano eu já sabia que tinha escolhido certo que eu ia gostar. Agora, no quarto ano, eu posso dizer que eu fiz uma escolha acertada, eu poderia ter me dado muito mal por ter escolhido uma faculdade sem gostar daquilo, baseada numa ideia totalmente errada do que era o curso, mas graças a Deus eu entrei, e depois de algum tempo, eu percebi que eu gosto bastante do curso.

### **E além de estudar você trabalha?**

E9: Trabalho, durante os três primeiros anos da graduação eu trabalhei fora da universidade, no mesmo emprego que eu já trabalhava há dois anos antes, então fiquei cinco anos nesta empresa. Agora esse ano, já no quarto ano, resolvi sair para trabalhar na minha área, consegui um estágio na UEM e já faz sete meses que eu trabalho na UEM.

### **Quanto tempo você passa diariamente na UEM?**

E9: Então, é complicado, porque o meu estágio comporta apenas 6 horas presenciais e o restante das horas eu posso fazer de casa ou de qualquer lugar, porque é “on-line”. Então, eu tenho a opção de vir ou não para a UEM. Dependendo do meu dia, normalmente, eu passo entre cinco e seis horas na UEM, mas tem dia que eu fico das seis da manhã até às seis da tarde e à noite fico também para aula o dia inteiro.

### **Você participa de algum grupo religioso na Universidade?**

E9: Eu participo da comunidade evangélica da UEM e do Pockets.

### **Comunidade Evangélica é a CEU e o Pockets me explica o que é.**

E9: Os dois são bem parecidos, são reuniões de universitários cristãos. A gente se reúne para compartilhar um pouquinho da Palavra, cantar alguns hinos. Eu acho que só o foco é um pouco diferente, porque na CEU é mais evangelístico, para pessoas não cristãs e o Pockets não, também claro, querendo ou não vai englobando, mas o foco maior ali é o fortalecimento dos próprios jovens cristãos que estão dentro da universidade, porque a gente conhece a dificuldade que é estar num ambiente acadêmico para um cristão, então, predomina mais para dar uma força mesmo.

### **E por que você participa?**

E9: Na CEU eu entrei no primeiro ano, e entrei justamente porque eu precisava de alguma coisa cristã dentro da universidade. Já o Pockets, eu entrei já esse ano, foi com a intenção de compartilhar mesmo. Sabe, porque enquanto na CEU era, não vou falar mal da CEU aqui, mas era bem raso. No Pockets, eu sinto um pouco mais de profundidade. Os dois foram para me ajudar mesmo, para me auxiliar na minha relação entre toda a minha fé e a universidade, que são coisas que se chocam bastante diversas vezes dentro do meu curso, mas o Pockets acho que para compartilhar mesmo momentos com pessoas que conheci e viraram amigos ali, querendo ou não dá um apoio para a gente.

### **Me fala mais um pouquinho desse conflito que você falou.**

E9: Acho que cada curso deve ter uma coisinha que dificulta. No meu apareceu logo no primeiro ano. Nas aulas de literatura tinha um professor, que é de longe o melhor professor que a gente tem no curso, melhor professor do



departamento, o mais graduado, e assim, maravilhoso, esplêndido. Um dia ele trouxe a Bíblia para a gente e começou a citar um trecho, porque ele sabe a Bíblia de trás para frente, de frente para trás, cada vírgula, cada detalhe e ele vê a Bíblia como um livro literário e ele começou a contar algumas histórias sobre a Bíblia e ele começou a falar sobre Noé, sobre a arca, depois sobre Moisés, sobre os quarenta anos no deserto, etc. E ele falou tudo muito detalhado. Eu estava achando a aula muito legal, parecia uma aula de Teologia. Depois ele parou, trouxe outros livros mais antigos do que a Bíblia, segundo ele, e livros que contavam exatamente as mesmas histórias que a Bíblia. E ele começou a ensinar a gente sobre plágio, usando a Bíblia como um exemplar que plagiou outros livros mais antigos. E aí para mim começou um grande problema, porque a partir dali ele começou a usar constantemente nas aulas exemplos bíblicos como peças literárias e eu analisando os livros literários e analisando a Bíblia para os trabalhos dele, comecei a me perder entre o que era uma coisa sagrada e o que era só literatura. Então foi um ponto difícil para mim, eu estava lendo e estudando a Bíblia como eu leio e estudo um livro qualquer. Foi para mim o primeiro grande problema.

**Isso foi já no primeiro ano, e foi por isso que você procurou o grupo?**

E9: Não, não tem relação, mas querendo ou não uma coisa ajuda a outra, porque se aproximando mais do relacionamento com Deus, a gente percebe que a leitura da Bíblia pode sim ser feita como o professor faz, literariamente, se você quiser, se você não tiver buscando uma inspiração do Espírito Santo, uma leitura baseada no que o Espírito Santo vai te revelar ali, exclusivamente para você, então você vai analisar a Bíblia como um livro literário. Esses encontros eram terça feira a tarde e essa aula com o meu professor era terça feira à noite, então para mim era muito bom, passar uma hora com Deus, e depois ir para essa aula analisar a Bíblia como um livro literário qualquer.

**E além desse conflito, você já viveu ou vive algum outro tipo de conflito na universidade?**

E9: Eu tenho muita sorte de estar ali num ambiente no meu curso onde as pessoas são muito politicamente corretas, então, ninguém vai te julgar ou te tratar mal por conta da sua religião. Conheço pessoas que sofrem na universidade, porque as pessoas consideram a pessoa que é cristã como uma pessoa retardada, que

acredita em algo que não existe, então, pelo meu ambiente ser um pouco diferente e as pessoas serem assim, não pode existir preconceito, tudo é paz e amor. Então comigo não acontece isso, nesse sentido eu não sofro. O que eu já sofri algumas vezes foi coisa do dia a dia, como me convidarem para algumas coisas que eu não posso ir, que eu não me sinto bem, então, às vezes eu não vou, ou então aquela cobrança sábado e domingo, você só vai para a igreja, esse tipo de coisa, mas não é algo que eu considere muito grande. Coisas normais que eu até considero benéficas para mim, porque eu acredito que de alguma forma, eu estou fazendo o certo.

**Você disse que no primeiro ano você procurou um desses grupos, foi a CEU, porque estava precisando e você é de uma igreja. Por que que você, sendo já de uma igreja, precisava do grupo?**

E9: Porque naquele momento, há três anos atrás, eu tinha a presença de uma pessoa que pudesse me ajudar, me auxiliar, apenas nos finais de semana. A igreja era uma coisa que começava no sábado e acabava no domingo. Na segunda todo mundo ia viver sua vida, eu ia para a faculdade, e eu estava na UEM, então, eu precisava de alguma coisa ali que pudesse ser naquele momento, e a CEU, naquela época, também tinha encontros nos intervalos, nos blocos, e eu também ia lá frequentar em todos os momentos que eu podia para procurar algo desse tipo durante a semana. Agora, nesse momento, eu posso dizer que já está um pouco diferente, porque a minha igreja começou a determinar algumas tarefas semanais para o grupo de jovens da igreja, a gente se vê com mais frequência durante a semana, é mais tranquilo, mas naquela época foi essencial para mim.

**Pensando nessa trajetória, já são três anos, quatro anos, onde você acha que mais precisou de um grupo como esse, onde teve mais conflito, teve algum período ou não?**

E9: O começo, o início da faculdade é a época que a gente mais conhece pessoas e tem mais oportunidades, tudo o que você considera correto na sua vida, eu acho que mais nessa fase. Acredito também, porque eu era bem mais nova, olhando o tempo, parece muito pouco tempo para amadurecer, mas eu acho que eu amadureci bastante, talvez seja por isso que hoje eu não vejo mais tanta necessidade assim, enquanto as primeiras anistas do meu curso estão desesperadas para ir na CEU e no Pockets.

**E você tinha algum medo de entrar na faculdade por causa da sua fé?**

E9: É uma resposta parcial, por que ao mesmo tempo que eu tinha medo pelo que as pessoas falavam lá, quando as pessoas entram na faculdade acabou, era o que eu ouvia, ou a pessoa se perde e sai da igreja ou a pessoa vive um relacionamento frio com Deus e já não acredita mais em nada, depende muito do curso também.

**Você ouviu isso de quem?**

E9: Nossa do púlpito, quantas vezes, as pessoas falam isso, vai entrar na faculdade, cuidado, vê se não esquece que Jesus lá está, vai começar a ir para barzinhos, vai sair com seus amigos e quando você vê, pronto, já saiu da igreja. Mas, por outro lado, a minha família me deu uma base muito boa, eu sabia que isso não ia acontecer. Eu tinha um medinho pelo que as pessoas diziam e via também que acontecia com alguns jovens que entravam na universidade, mas pela base que eu tinha, pelos meus pais, eu sabia que era bem complicado, só se eu me rebelasse muito mesmo para acontecer alguma coisa comigo.

**E como foi que você se tornou cristã?**

E9: Bem pequenininha, na verdade, meus pais são pastores. Então, eu cresci na igreja. Quando eu nasci, meu pai já pastoreava. Acho que minha fase de conversão foi lá pelos sete, oito anos, mais ou menos, quando eu comecei a me definir, mas, antes disso, eu já era crente e não sabia.

**E como é o seu vínculo com a igreja?**

E9: São muitas responsabilidades para uma pessoa só, porque em tudo que eu possa estar ligada a minha igreja, de uma certa forma eu estou. Estou ligada no louvor, nas células, nos grupos de orações, nos grupos de meninas, nos grupos de teatro de dança, eu faço tudo. Eu costumo até dizer para o pessoal da minha sala que o meu vínculo é muito maior com a igreja do que com a faculdade. Já deixei de participar de eventos importantes da faculdade, porque eu tinha outros eventos que nem eram tão importantes assim na igreja. Mas, a minha prioridade é lá e o segundo momento da minha vida é aqui, então, o meu vínculo é bem forte lá. Até porque, eu

não sei, querendo ou não, eu não posso abrir mão do que eu vivo lá e eu posso abrir mão de algumas coisas aqui na UEM, então, eu priorizo realmente a igreja.

### **E o que você não pode abrir mão lá?**

E9: Digamos que eu tenha um evento na célula, eu dirijo célula e nossas células são as sextas feiras às onze horas e eu sempre saio da UEM uma hora mais cedo, perco uma hora de aula e vou. Esse tipo de coisa que eu não abro mão de lá, entendeu? Já tentei fazer célula em horários que eu não precisasse sair mais cedo, mas fica difícil para as pessoas. A maioria também estuda, trabalha o dia inteiro e o horário que a gente tem é esse sexta feira, onze horas, então, eu não posso abrir mão da minha célula ou de deixar de liderar uma célula, por causa de uma hora de faculdade sexta-feira à noite. São coisas assim, ou conferências na faculdade que duram o sábado inteirinho, começam de manhã e vão até à noite. Geralmente as conferências aqui, congressos e encontros literários, essas coisas, eu ganho horas por participar, eu ganho informações no LATES que é importante, mas a maioria das vezes o meu sábado é inteirinho cheio na igreja. Eu tenho o grupo das meninas de manhã, tem o grupo de teatro que tem ensaio à tarde, depois o grupo de louvor ensaia um pouquinho mais tarde, então, se eu participar de uma conferência, acaba três grupos lá, porque são poucas pessoas participando. A gente tem em média quinze a vinte jovens em cada grupo, uma pessoa faltar não vai ser apenas uma para o grupo, mas uma pessoa que quebra aquele ensaio com a falta dela. Então, a minha presença lá é muito mais importante do que aqui por algumas horas. Ou alguma coisa do tipo, então é bem difícil eu abrir mão lá, só quando eu realmente preciso. Já aconteceu várias vezes de eu não abrir mão, de eu ficar na igreja sabendo que eu precisava, depois Deus dar algum jeitinho, é impressionante, acontecem milagres mesmo e dá tudo certo no final aqui na faculdade. Então, durante esses quatro anos tem dado certo.

### **E na sua igreja tem algum trabalho específico de preparar o jovem universitário para ingresso na universidade? Para a vivência dele?**

E9: Não, não tem nenhum trabalho, a igreja até poucos anos atrás nem tinha universitários. Era uma igreja que a maior parte era de senhores. Era uma igreja mais velha e as pessoas que entravam na faculdade saíam da igreja, ou as pessoas no ensino médio já casavam, formavam família e não entravam na faculdade. Faz

mais ou menos uns sete anos que a gente teve o primeiro universitário e a partir daí começou todo mundo a ingressar na faculdade. Realmente não tem nenhum preparo, a gente não faz ideia mesmo, entra só com algumas concepções bem vagas não sabendo diferenciar o que vale a pena realmente e o que não.

**E você acha interessante?**

E9: Com certeza, ainda mais considerando a quantidade de adolescentes que a gente tem lá agora que estão se formando no ensino médio e estão fazendo o processo seletivo da UEM. Não sei se você conhece o PASE. O PASE é um processo seletivo da UEM que dá uma prova no ensino médio, uma no primeiro ano, uma no segundo ano, uma no terceiro ano e ao final dessas três provas ele não precisa fazer vestibular. Se ele tiver uma média positiva que dê para entrar na faculdade, ele já entra direto na UEM. Então, a maioria dos nossos adolescentes não está mais tendo essa fase de vestibular, a maioria quer a UEM, então passa no primeiro, no segundo e no terceiro, e já entra na faculdade. Então seria muito interessante se eles pudessem ser preparados para isso, nem precisaria ser uma coisa muito elaborada, só uma orientação mesmo seria bom.

**O seu pai é o pastor da sua Igreja? Tem outro Pastor?**

E9: Sim, meu pai é o pastor. Tem outro pastor, mas não pastor de jovens.

**Eu ia te perguntar como você descreve a sua relação com o pastor da sua igreja...**

E9: Digamos que a minha relação com o meu pai, ok. Não tenho nenhum tipo de problema, mas sou suspeita em falar, acho ele um ótimo pastor. Mas o meu contato mais direto é com os meus líderes, porque a gente não tem pastor de jovens, mas tem o líder de jovens, que é líder geral de jovens e adolescentes e líder das células. Tem um supervisor. A minha célula é uma célula filha que veio de uma célula mãe, então, eu sou submissa ao líder da célula mãe. A minha relação é direta com ele no dia a dia, na verdade não é nem com o meu pai.

**Entendi, então me fala dessa relação...**

E9: Ele é, digamos, um grande referencial para mim. É uma pessoa que eu respeito demais, é a pessoa para quem eu corro, em qualquer momento, em qualquer problema. Ele é aquela pessoa que jejua comigo, ora comigo, faz tudo comigo, não só comigo, com todos os liderados dele. É um grande auxílio para mim, inclusive, ele faz faculdade também. Ele começou um ano depois de mim e depois que ele entrou na universidade começaram a rolar alguns papos a mais na igreja sobre o ambiente universitário, mais especificamente nas células. Os temas que ele vem inserindo para serem comentados nas células foram abordando mais este ambiente. Ele é uma grande referência para mim.

### **E qual a idade dele?**

E9: Ele tem vinte e oito, ele não é muito velho, ele é novo.

### **Você costuma frequentar cultos de outras igrejas?**

E9: Sim, sempre que eu posso. Como eu tenho compromisso com o louvor é complicado eu sair. Nós cantamos praticamente todo sábado, domingos não, domingo eu tenho livre, domingo geralmente eu saio, quando eu posso, eu costumo frequentar a Batista São.

### **Você tem costume de frequentar outras religiões?**

E9: Não, não tenho, eu não me lembro da última vez que eu fui a uma igreja, nem que seja a uma igreja católica.

### **Quem é Jesus para você?**

E9: Que pergunta difícil. Mas, é o meu noivo, é a pessoa para quem eu estou me preparando, eu poderia dizer que Jesus é só o meu pai, mas eu enxergo a pessoa de Deus como pai e eu enxergo Jesus como noivo, como esposo, o amado da minha alma mesmo. Se eu pensar nele nesta perspectiva de noivo, então eu penso nele como meu amor, como meu amigo, como tudo que realmente é importante para mim aqui. Eu não posso dizer que é tudo porque eu englobaria também a pessoa do pai dele e do Espírito Santo. Os três são tudo, mas Jesus especificamente é meu noivo.

### **O que você pensa sobre homossexualidade?**

E9: O que eu penso? Não penso nada diferente do que eu pensaria de uma pessoa que tem qualquer outra característica que a minha religião considera pecaminosa. Se você me perguntasse o que eu acho de uma pessoa mentirosa, eu diria que o pecado dela, infelizmente, irá afastar ela do reino de Deus no céu, mas que como qualquer outra pessoa, ela pode ser restaurada, se ela assim quiser. Da mesma forma o homossexual, ele tem um pecado e Deus não aceitaria ele para a vida eterna, Jesus não o consideraria Noiva, mas, a partir do momento que ele resolver ou aceitar que é um erro que ele precisa corrigir diante de Deus, eu não poderia nem dizer que é uma pessoa normal, porque não existe nada anormal para eu considerar uma pessoa normal. Sei lá, eu considero o homossexual uma pessoa que está sujeita a qualquer momento receber a graça de Deus e ter uma vida transformada, assim como qualquer outra pessoa.

### **E drogas?**

E9: Drogas? Quando a gente fala de drogas a gente tem que analisar todo o contexto. Toda uma questão social. Toda uma questão de como essa droga vai chegar na vida daquela pessoa, vai destruir a vida daquela pessoa, como a sociedade interfere nisso. E para mim o mais importante quando você pensa em drogas é pensar na função da Igreja, porque a igreja deveria ser o grande “point” de escape, ponto de fuga para essas pessoas que tem problema com este tipo de coisa, mas, infelizmente, a gente não vê isso. É muito raro a igreja ter algum programa que auxilie pessoas viciadas. Então, a droga é um vício, como qualquer outro vício, mas que interfere muito mais na vida da pessoa, ainda mais dependendo do tipo de droga. Então, a partir do momento em que este vício está interferindo e prejudicando a vida dessa pessoa, alguém tem que fazer algo para ajudar, alguém precisa interferir positivamente, porque se aquela pessoa está passando por um momento difícil com relação a drogas, provavelmente ela esteja recebendo coisas negativas na sua vida de todos os lados. Então, eu como cristã vou me esforçar para ser ponto de luz para aquela pessoa, que ela possa olhar e falar, eu sei que nesse momento eu estou perdida, eu estou aqui na sarjeta, mas existe alguém ali que pode me ajudar, talvez me levar para um centro onde eu possa ser recuperada ou talvez simplesmente vamos orar por aquela pessoa e torcer para que Jesus de alguma forma trabalhe na vida dela.

**E as drogas lícitas, álcool ou fumo, você vê algum problema?**

E9: Eu nunca tive problemas, não tenho também nenhum problema na família, eu acho que eu vivo num ambiente muito ideal até, mas quanto as drogas lícitas, bom elas são lícitas né, então, desde que o bem-estar daquela pessoa que está consumindo essa droga, não interfira, não tire, não prive nenhum direito de outra pessoa, então é uma escolha da pessoa.

**Mas na sua fé, naquilo que você acredita, que faz você ser evangélica, você considera que a droga sendo lícita pode ser usada normalmente?**

E9: Eu sou muito adepta daquela visão de que a minha religião, a minha fé, e o que eu acredito seria bom, seria plausível que ela não interferisse na liberdade de outra pessoa, eu particularmente não usaria e aconselharia um amigo a não usar, eu diria para uma pessoa com quem eu converso, com quem eu tenho alguma intimidade, olha eu não uso e acho legal que você também não use, porque isso faz mal para sua saúde, isso é uma coisa que você está usando sabendo que vai te prejudicar, assim, Deus não proibiu, a Bíblia não proíbe isso à toa, não tem como causar contenda. E como eu disse, se a pessoa escolhe isso para a vida dela é muito difícil pela sua religião você julgar a atitude de outra pessoa.

**Porém, você disse que, no seu comentário você falou que a Bíblia, eu não me lembro exatamente o termo que você usou, mas que a Bíblia condena...**

E9: Não, a Bíblia não condena, o que a Bíblia fala, o único trecho que eu me lembro é, “Não se embriague com o vinho, mas com o Espírito Santo”. A Bíblia condena qualquer tipo de vício, não importa qual seja o seu vício. A Bíblia condena vícios no geral, então existem pessoas que usam o termo de que bebem socialmente e existem pessoas que são viciadas, então acho que a diferença aí é notável. Eu, particularmente, a minha visão, como da minha religião, é não fazer em nenhum dos casos, nem socialmente, muito menos como vício.

**Aborto como você vê?**

E9: Aborto para mim não é aceitável em nenhuma situação, de nenhuma forma, de nenhum jeito, não importa se foi a partir de um ato de violência, ou se a pessoa não vai poder lidar com isso depois que o bebê nascer. É um problema



também muito social. Para mim é a única coisa até agora de tudo o que você falou que realmente é intolerável.

### **Relação Sexual?**

E9: É até muito clichê o que eu vou dizer, mas as pessoas que escolhem fazer isso só depois do casamento, entendem que depois do casamento a recompensa vai ser muito maior, o selo que vai sendo estabelecido ali é uma questão de fé, é uma questão espiritual. É impossível você prender alguém de fazer isso, você não consegue, vai depender muito da consciência e do nível de intimidade que ela tenha e do seu entendimento do que Deus está preparando para ela no futuro. Eu, particularmente, optei por me guardar até o momento que eu achar que é necessário, mas eu não vou em momento algum condenar uma pessoa que fez isso, porque é uma questão de entendimento seu, espiritual com Deus, e com o que ela considera. É complicado, bom eu escolhi esperar.

### **E esse escolher esperar, você falou até onde for necessário significa casamento ou não necessariamente?**

E9: Para mim significa casamento, senão vai ser uma espera perdida, porque esperar até um pouco antes de casar, ou até namorar sério, para mim é a mesma coisa de não esperar.

### **Então a relação sexual deveria ser feita no casamento.**

E9: Só no casamento.

### **Tem alguma coisa que você gostaria de falar sobre ser universitária evangélica, tem alguma pergunta? Como você enxerga?**

E9: Olha eu não vou mentir, falar que é super “easy”, “facinho”, que a gente se acostuma, porque é uma luta diária se você quiser se manter da forma como é esperado de um cristão. Se você quiser ser testemunha, se você quiser realmente estabelecer a vida do Reino na sua universidade através da sua vida, é uma luta diária. É impressionante, porque você mantém uma visão e você estabelece aquilo e faz todos os dias da forma correta e um dia que você deixa de fazer é o suficiente para as pessoas se perguntarem e te perguntarem porque um cristão fez daquele jeito. Então ao mesmo tempo que nós estamos sendo olhadas por toda a

universidade, sim porque é esperado que um cristão seja diferente, e eu acredito que isso seja importante de se manter na universidade e ter um comportamento diferente em relação a tudo, é complicado, mas é muito vantajoso, é tipo, as recompensas que a gente recebe por ser cristão e por ser fiel dentro da universidade é muito gostoso, é algo que vale a pena. A coisa mais legal que eu já ouvi na faculdade foi um amigo meu que falou *“você tem uma coisa de atrair as pessoas para perto de você que não é normal, é algo como uma luz divina que está sobre você, porque as pessoas quando estão chorando, quando estão tristes, enfim, as pessoas quando estão perdidas em relação a alguma coisa, quando não sabem como agir é para você que elas vem, eu acho muito interessante porque é nítido que não é algo seu, porque há momentos em que você está triste, que você está acabada, mesmo assim você tem algo a oferecer”*. Isso foi assim no finalzinho do segundo ano e foi um incentivo a continuar sendo essa pessoa, apesar de parecer não ter nada para oferecer para alguém, uma pessoa sabe que no momento que ela precisar, uma pessoa que é cristã, que tem uma luz divina vai ter alguma coisa para oferecer, é suficiente, é gratificante.

**Você vê a universidade como um local que ajuda ou dificulta?**

E9: Já dificultou, já foi complicado, mas hoje ajuda, porque é o lugar onde eu encontro pessoas que podem me ajudar, não assim na minha vida universitária, mas são pessoas que me ajudam no contexto espiritual, em toda a minha vida mesmo. São amigos que eu fiz e hoje eles são grandes auxílios para mim.

**E quando você fala desses amigos, são todos evangélicos?**

E9: São amigos que eu conheci no Pockets e na CEU, que eu conheci em algumas igrejas e estudam na UEM e agora nós temos os nossos projetos juntos, eles me ajudam.

**Além desses amigos que você já citou que te ajudam nessa caminhada de fé tem mais alguma outra coisa?**

E9: Que me ajudam? A igreja, a minha família, claro, até mais que a igreja, a minha família, e eu acho que o objetivo, eu quero me formar para quê? Sabe, eu vou ser professora, eu vou atuar dentro de um contexto que vou poder influenciar muita gente, muitos adolescentes, então essa ideia de chegar no final da faculdade, para ali sim começar alguma coisa me ajuda bastante a me manter focada.